

UM ASSASSINATO NOS JARDINS DE MONET
UMA OBRA-PRIMA DESAPARECIDA
SÓ TRÊS MULHERES SABEM O QUE ACONTECEU...

MICHEL BUSSI

3,5 milhões de livros vendidos



NINFEIAS NEGRAS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

UM ASSASSINATO NOS JARDINS DE MONET
UMA OBRA-PRIMA DESAPARECIDA
SÓ TRÊS MULHERES SABEM O QUE ACONTECEU...

MICHEL BUSSI

3,5 milhões de livros vendidos



NINFEIAS NEGRAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



UM ASSASSINATO NOS JARDINS DE MONET
UMA OBRA-PRIMA DESAPARECIDA
SÓ TRÊS MULHERES SABEM O QUE ACONTECEU...

MICHEL BUSSI

3,5 milhões de livros vendidos

**NINFEIAS
NEGRAS**



**NINFEIAS
NEGRAS**



Clube Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-

2008) começou sua carreira aos 17 anos,

quando foi trabalhar com seu pai, o célebre

editor José Olympio, publicando obras

marcantes

como *O menino do dedo*

verde, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra

com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo de se o briu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou

em

um

dos

maiores

fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou.

Com seu desejo de ajudar o próximo,

Geraldo desenvolveu diversos projetos

sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias

empolgantes, tornar os livros cada vez

mais acessíveis e despertar o amor pela

leitura, a Editora Arqueiro é uma

homenagem a esta figura extraordinária,

capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não

perder o idealismo e a esperança diante

dos desafios e contratempos da vida.

MICHEL BUSSI

NINFEIAS
NEGRAS



Título original: *Nymphéas Noirs*

Copyright © 2011 por Presses de la Cité,

divisão da Place des Editeurs

Copyright da tradução © 2017 por Editora

Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado originalmente em francês por Presses de la Cité

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Juliana Romeiro

revisão: Flávia Midori e Luis Américo Costa

diagramação: Abreu's System

capa: Mark Swan

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagens de capa: água © Fancy/ Image

Source; flor © RF Company/ F349/

Alamy/ Latinstock

adaptação para ebook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA

PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS

EDITORES DE LIVROS, RJ

B986n Bussi, Michel

Ninfeias negras [recurso

eletrônico]/ Michel Bussi;

tradução de Fernanda Abreu.

São Paulo: Arqueiro, 2017.

recurso digital

Tradução de: Nymphéas

noirs

Formato: epub

Requisitos do sistema:

adobe digital editions

Modo de acesso: world

wide web

ISBN 978-85-8041-633-

6 (recurso eletrônico)

1. Ficção francesa. 2.

Livros eletrônicos. I. Abreu,

Fernanda. II. Título.

CDD: 843

16-31512

CDU: 821.133.1-3

Todos os direitos reservados, no Brasil,

por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 –

Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-

5818

E-mail:

atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

À memória de Jacky Lucas

“Com Monet não vemos o

mundo real,

mas sim apreendemos suas

aparências.”

F. Robert-Kempf, *L'Aurore*,

1908

“Não! Não! Nada de preto

para Monet, ora!

Preto não é cor!”

Georges Clemenceau, junto

ao caixão de

Claude Monet (Michel de

Decker, *Claude Monet*,

2009)

Nas páginas a seguir, as

descrições de Giverny tentam manter

a maior precisão possível. Os

lugares existem, quer se trate do
Hotel Baudy, do córrego Ru, braço
do rio Epte, do moinho de
Chennevières, da escola primária de
Giverny, da igreja de Sainte-
Radegonde e seu cemitério, da Rue
Claude-Monet, do Chemin du Roy,
da ilha das Urtigas e, naturalmente,
da casa rosa de Monet e seu
laguinho de ninfeias. O mesmo vale
para lugares vizinhos, como o
Museu de Vernon, o Museu de
Belas-Artes de Rouen e o povoado
de Cocherel.

As informações sobre Claude
Monet são autênticas, quer digam
respeito a sua vida, sua obra ou seus
herdeiros. O mesmo vale para as
que
evocam
outros
pintores
impressionistas,
em

especial

Theodore Robinson e Eugène Murer.

Os roubos de obras de arte

mencionados são ocorrências reais.

Todo o restante eu inventei.

Num

vilarejo,

viviam

três

mulheres.

A primeira era má; a segunda,

mentirosa; a terceira, egoísta.

O vilarejo tinha um belo nome

de jardim. Giverny.

A primeira morava num grande

moinho à beira de um regato, na

estrada chamada Chemin du Roy, o

“caminho do rei”; a segunda

ocupava um apartamento sobre a

escola primária, na Rue Blanche-

Hoschedé-Monet; a terceira vivia

com a mãe numa casinha de paredes

descascadas, na Rue du Château-

d'Eau.

As três tampouco tinham a mesma idade. De modo algum. A primeira tinha mais de 80 anos e era viúva. Ou quase. A segunda tinha 36 e nunca havia traído o marido.

Ainda. A terceira estava prestes a completar 11 anos e todos os meninos de sua escola queriam ser seu namorado. A primeira só usava preto, a segunda se maquiava para o amante, a terceira enfeitava os cabelos para que voassem ao vento.

Vocês já entenderam. As três eram bem diferentes. Tinham, porém, um ponto em comum, um segredo, de certa forma: todas elas sonhavam em ir embora. Sim, ir embora de Giverny, esse vilarejo tão famoso que provoca em tantas pessoas a vontade de atravessar o mundo inteiro só para ali passear por algumas horas.

Vocês bem sabem por quê. Por causa dos pintores impressionistas.

A primeira, a mais velha, era dona de um belo quadro, a segunda se interessava muito por artistas, e a terceira, a mais jovenzinha, pintava bem. Muito bem, aliás.

Estranho querer ir embora de Giverny, vocês não acham? Todas as três consideravam o vilarejo uma prisão, um grande e belo jardim, mas cercado por grades. Como a área externa de um asilo. Uma ilusão de ótica. Um quadro no qual seria impossível ultrapassar os limites da moldura. A bem da verdade, a terceira, a mais jovem, procurava um pai. Em outro lugar. A segunda buscava o amor. A primeira, a mais velha, sabia coisas sobre as outras duas.

Uma vez, no entanto, por treze dias apenas, as grades do jardim se abriram. Muito precisamente, de 13 a 25 de maio de 2010. As grades de Giverny se abriram para elas! Para

elas apenas, como acreditavam. Mas a regra era cruel: somente uma poderia escapar. As outras duas precisavam morrer. Era assim que tinha de ser.

Esses treze dias transcorreram em suas vidas qual um parêntese. Muito breve. E também impiedoso.

Esse parêntese começou com um assassinato, no primeiro dia, e terminou com outro, no último.

Estranhamente, os policiais só se interessaram pela segunda mulher, a mais bela; a terceira, a mais inocente, teve de investigar sozinha.

A primeira, a mais discreta, pôde observar

todo

mundo

com

tranquilidade. E até matar!

Isso durou treze dias. O tempo de uma fuga.

Três mulheres vivendo num

vilarejo.

A terceira era a mais talentosa; a
segunda, a mais esperta; a primeira,
a mais determinada.

*Na sua opinião, qual delas
conseguiu escapar?*

A terceira, a mais novinha,
chamava-se Fanette Morelle; a
segunda era Stéphanie Dupain; a
primeira, a mais velha, era eu.

QUADRO UM

Impressões

PRIMEIRO DIA

13 de maio de 2010, Giverny

Tropel

1

A ÁGUA CLARA DO rio se tinge de
rosa em pequenos filetes, como a
efêmera cor pastel de um jato d'água
no qual se limpa um pincel.

– Netuno, não!

Ao longo da correnteza, a cor
vai se diluindo, se agarrando ao
verde das plantas que pendem das

margens, ao ocre das raízes dos
choupos, dos chorões. Um sutil
dégradé lavado.

Gosto bastante.

Só que o vermelho não provém
de uma paleta que um pintor
houvesse lavado no rio, mas sim do
crânio esmagado de Jérôme Morval.
Gravemente esmagado, aliás. O
sangue escorre de um talho profundo
no alto da cabeça, nítido e limpo,
lavado pelo Ru, onde a cabeça se
encontra mergulhada.

Meu pastor-alemão se aproxima,
fareja. Torno a gritar, dessa vez com
mais ênfase:

– Netuno, não! Para trás!

Imagino que não vão demorar a
encontrar o cadáver. Mesmo sendo
apenas seis da manhã, alguém com
certeza vai passar por aqui; um
pintor, alguém praticando corrida,
um catador de escargots... um
passante que vai dar de cara com o

corpo.

Tomo cuidado para não avançar
mais. Apoio-me na bengala. A terra
à minha frente está enlameada;
choveu muito nos últimos dias, as
margens do curso d'água estão
instáveis. Aos 84 anos, não tenho
mais idade para bancar a náíade,
ainda que seja em um regato de
nada, com menos de 1 metro de
largura, do qual metade do volume
d'água é desviado para alimentar o
lago dos jardins de Monet. Aliás,
parece que não é mais o caso, que
hoje existe uma fonte subterrânea
para abastecer o laguinho de
ninfeias.

– Vamos, Netuno. Em frente.

Ergo a bengala na direção do
cão como que para impedi-lo de
encostar
o nariz
no
buraco

escancarado do paletó cinza de

Jérôme Morval. A segunda ferida.

Em cheio no coração.

– Saia daí! Não vamos ficar

aqui.

Olho

pela

última

vez

o

lavadouro logo em frente e continuo

a seguir o caminho. Não resta

dúvida de que ele está conservado

com perfeição. As árvores mais

invasivas foram serradas na base.

As margens estão livres de ervas. É

preciso dizer que alguns milhares de

turistas frequentam diariamente esse

caminho. Dá para passar um

carrinho de bebê, uma cadeira de

rodas, uma velha de bengala. Eu!

– Vamos, Netuno, venha.

Viro um pouco mais adiante, no

ponto em que o Ru se divide em dois

braços fechados por uma barragem e
por uma cascata. Do outro lado é
possível antever os jardins de
Monet, as ninfeias, a ponte japonesa,
as estufas... Estranho: nasci aqui em
1926, ano em que Claude Monet
faleceu. Por anos depois de sua
morte, quase cinquenta, os jardins
ficaram
fechados,
esquecidos,
abandonados.

Hoje

a

situação

mudou e, todo ano, dezenas de
milhares de japoneses, americanos,
russos e australianos atravessam o
planeta só para flunar por Giverny.

Os jardins de Monet viraram um
templo sagrado, uma Meca, uma
catedral... Aliás, esses milhares de
peregrinos não vão demorar a
aparecer.

Consulto o relógio de pulso:

6h02.

Algumas

horas

de

tranquilidade ainda.

Prossigo.

Entre os choupos e as *Petasites* imensas, a estátua de Claude Monet me encara com um olhar perverso de vizinho zangado, o queixo devorado pela barba, o crânio oculto por um chapéu que lembra vagamente um chapéu de palha. O pedestal de marfim informa que o busto foi inaugurado em 2007. A placa de madeira fincada ao lado informa que o mestre está observando “a pradaria”. A sua pradaria! Os campos, do Ru até o rio Epte, do Epte até o Sena, as fileiras de choupos, os aclives arborizados a ondular feito um mar manso. Os lugares mágicos que ele pintou.

Invioláveis. Envernizados, expostos
por toda a eternidade!

É verdade: às seis da manhã, o
lugar ainda permite uma ilusão.

Observo à minha frente um horizonte
virgem de trigais, milharais e
campos de papoulas. Mas não vou
mentir para vocês. Na realidade,
durante quase todo o dia, a pradaria
de Monet é um estacionamento.

Quatro
estacionamentos, para ser
mais exata, que se espalham ao
redor de uma faixa de calçamento
como um nenúfar de asfalto. Na
minha idade, posso me permitir
dizer isso. Já vi a paisagem se
transformar muito, ano após ano. A
zona rural de Monet é hoje um
cenário de hipermercado!

Netuno me segue por alguns
metros, então começa a correr.

Corre na minha frente, atravessa o
estacionamento,

faz

xixi

num

cavelele de madeira, continua pela
campina em direção à confluência
do Epte com o Sena, esse pedaço de
campina imprensado entre dois rios
e curiosamente batizado de ilha das
Urtigas.

Dou um suspiro e prossigo pelo
caminho. Na minha idade, não vou
correr atrás do cão. Observo-o
afastar-se e voltar depressa, como
se quisesse zombar de mim. Hesito
em chamar seu nome. Está cedo. Ele
torna a sumir no meio do trigo.

Netuno agora vive fazendo isso.

Vive correndo 100 metros na minha
frente! Todos os moradores de
Giverny conhecem esse cachorro,
mas poucos, acredito eu, sabem que
ele é meu.

Margeio o estacionamento e sigo
na

direção

do

moinho

de

Chennevières. É lá que eu moro.

Prefiro entrar antes da multidão. O

moinho de Chennevières é de longe

a mais bela construção próxima aos

jardins de Monet, a única erguida às

margens do Ru, mas, desde que a

pradaria foi transformada em campo

de chapas metálicas e pneus, lá me

sinto como uma espécie enjaulada e

em vias de extinção que os curiosos

vêm observar, espionar, fotografar.

Só existem quatro pontes sobre o Ru

ligando

o

estacionamento

ao

vilarejo; uma delas atravessa o

regato bem em frente à minha casa.

Fico praticamente sitiada até as seis

da tarde. Depois disso, o vilarejo

torna a se apagar, a pradaria é
devolvida aos choupos e Claude
Monet pode reabrir os olhos de
bronze sem ficar tossindo por causa
do cheiro de gás carbônico dos
escapamentos.

Na minha frente, o vento agita
uma floresta de pendões verde-água
salpicada
pelo
vermelho
das
papoulas
esparsas.

Se
alguém
contemplasse a cena do outro lado
do Epte, com certeza ela evocaria
um
quadro
impressionista.

A
harmonia das cores alaranjadas sob
o sol nascente com apenas um leve

toque de luto ao fundo, um pontinho
preto diminuto.

Uma velha de roupas escuras.

Eu!

A nota sutil de melancolia.

Torno a gritar:

– Netuno!

Demoro-me ali saboreando a
calma efêmera, não sei quanto
tempo, vários minutos no mínimo,
até que chega um corredor. Ele
passa por mim com o MP3 enfiado
nos ouvidos. Camiseta de malha.
Tênis. Surgiu na pradaria feito um
anacronismo. É o primeiro do dia a
estragar o quadro; os outros ainda
estão por chegar. Faço-lhe um leve
movimento de cabeça, ele me
retribui e se afasta em meio a um
chiado de cigarras eletrônicas que
sai de seus fones de ouvido. Vejo-o
virar na direção do busto de Monet,
da pequena cascata, da barreira.
Imagino-o a voltar margeando o

regato, tomando cuidado ele também
para evitar a lama à beira do
caminho.

Sento-me em um banco. Aguardo
a continuação. Inelutável.

Ainda não há nenhum ônibus no
estacionamento da pradaria quando

a
van

da
polícia

para
atabalhoadamente no acostamento do

Chemin du Roy, entre o lavadouro e
o meu moinho. A vinte passos do
corpo afogado de Jérôme Morval.

Levanto-me.

Hesito em chamar Netuno mais
uma vez. Suspiro. Afinal de contas,
ele conhece o caminho. O moinho de
Chennevières fica logo ao lado.

Lanço um último olhar na direção
dos policiais que descem da van e
me afasto. Volto para casa. Da torre

do moinho, no quarto andar, por trás da janela, pode-se observar bem melhor tudo o que acontece em volta.

E de maneira bem mais discreta.

2

O INSPETOR LAURENÇ SÉRÉNAC começou por delimitar um perímetro de alguns metros em volta do cadáver, prendendo uma larga fita de plástico cor de laranja nos galhos das árvores sobre o regato.

A cena do crime permite prever uma investigação complicada.

Sérénac se tranquiliza, pensando que teve o reflexo certo quando o telefone da delegacia de Vernon tocou: vir acompanhado por três outros colegas.

No presente

momento, a principal missão do primeiro, o agente Louvel, é manter afastados os curiosos que começam a se aglomerar ao longo do regato. Chega a ser inacreditável. A van da polícia atravessou um vilarejo deserto e, em poucos minutos, é como se todos os moradores estivessem convergindo para o local do assassinato. Pois é disso que se trata: um assassinato. Não é preciso ter feito três anos de academia de polícia em Toulouse para confirmar. Sérénac observa outra vez a ferida aberta no coração, o alto do crânio rachado e a cabeça mergulhada na água. O agente Maury, ao que parece, o melhor especialista em criminalística da delegacia de Vernon, está ocupado identificando com cuidado os vestígios de passos na terra, bem em frente ao cadáver, e tirando o molde das impressões digitais com um gesso de secagem

rápida. Foi Sérénac quem lhe deu a ordem de imortalizar o solo lamacento antes mesmo de avançar para examinar o corpo. O sujeito está morto; não vai se salvar nem ressuscitar. De forma alguma se deve pisotear a cena do crime antes de ter registrado tudo em fotos e posto em sacos plásticos.

O inspetor

Sylvio

Bénavides

aparece na ponte. Recupera o fôlego.

Alguns

moradores

de

Giverny se afastam para deixá-lo passar. Sérénac lhe pediu para correr até o vilarejo logo ali adiante com uma foto da vítima na mão, de modo

a

colher

as

primeiras

informações,

quem

sabe

até

identificar o homem assassinado.

Não faz muito tempo que o inspetor

Sérénac trabalha em Vernon, mas

entendeu rapidamente que Sylvio

Bénavides é muito bom em obedecer

a ordens, o que faz com zelo; em

organizar as coisas; e em arquivar

com minúcia. De certa forma, o

assistente ideal. Bénavides talvez

padeça de uma leve falta de

iniciativa... Mesmo assim, Sérénac

tem a intuição de que se trata mais

de excesso de timidez do que de

falta de competência. Um sujeito

dedicado!

Enfim,

dedicado...

dedicado ao seu trabalho de

policial.

Pois,

na

realidade,

Bénavides deve considerar seu

superior hierárquico recém-saído da

academia de polícia de Toulouse

uma espécie de objeto policial não

identificado. Apesar de Sérénac ter

sido alçado a chefe da delegacia de

Vernon quatro meses antes, sem ter

sequer a patente de delegado, é

possível levar a sério ao norte do

Sena um policial que ainda não

completou 30 anos, que se dirige aos

bandidos com um sotaque provençal,

como se fossem colegas, e que já

supervisiona cenas de crime com um

cinismo desiludido?

Sérénac acha que talvez não. As

pessoas ali são tão estressadas... e

não só na polícia. Por toda parte! É

pior ainda ali em Vernon, aquele

subúrbio

parisiense

distante

disfarçado de Normandia. Ele

conhece

o

mapa

de

sua

circunscrição: a fronteira com a Île-

de-France passa por Giverny, a

poucas centenas de metros dali, do

outro lado do curso principal do rio.

Mas o povo ali é normando, não

parisiense. E não abre mão disso.

Uma espécie de esnobismo. Um cara

lhe disse seriamente que, ao longo

da história, a fronteira entre a

França e o reino anglo-normando

marcada pelo Epte, aquele pequeno

regato ridículo, já matou mais gente

do que o Meuse ou o Reno.

Que idiotas!

– Inspetor...

– Me chame de Laurenç, porra...

Já falei.

Sylvio Bénavides hesita. O inspetor Sérénac disse isso na frente dos agentes Louvel e Maury, de uns quinze curiosos e do cadáver mergulhado no próprio sangue.

Como se fosse hora de discutir formas de tratamento.

– Ahn. Certo. Bom, chefe... acho que vai ser preciso muito tato. Não tive dificuldade para identificar a vítima. Pelo visto, é um cara importante. Todo mundo o conhece por aqui. Jérôme Morval. Um cirurgião oftalmologista famoso. Tem consultório na Avenue Prudhon, em Paris, no *arrondissement* XVI. Mora em uma das casas mais bonitas do vilarejo, no número 71 da Rue Claude-Monet.

– Morava – corrige Sérénac.

Sylvio não reage. Tem a cara de quem acabou de ser convocado para

lutar na frente russa. De um
funcionário público lotado na região
mais remota do país. De um policial
enviado
para
trabalhar
na

Normandia. A imagem faz Sérénac
sorrir. Quem deveria estar de cara
feia é ele, não seu assistente.

– OK, Sylvio – diz ele. – Bom
trabalho. Por enquanto não é preciso
se preocupar. Mais tarde vamos
examinar os detalhes do currículo.
Sérénac solta a fita laranja.

– Ludo, as impressões estão
prontas? Podemos chegar perto sem
colocar os protetores de sapato?

Ludovic Maury confirma. O
agente se afasta levando vários
moldes de gesso, enquanto o
inspetor crava os pés na lama da
margem do regato. Segura-se com
uma das mãos no galho de freixo

mais próximo e, com a outra, aponta
para o corpo inerte.

– Chegue mais perto, Sylvio.

Olhe. Não acha curioso o *modus
operandi* deste crime?

Bénavides se adianta. Louvel e
Maury também se viram, como se
estivessem assistindo à prova de
admissão
de
seu
superior
hierárquico.

–

Rapazes,
observem
o

ferimento que atravessa o paletó.

Morval visivelmente foi morto com
uma arma branca. Uma faca, algo
assim. Em pleno coração. Sangue
seco. Mesmo sem o parecer dos
legistas, dá para lançar a hipótese de
que a causa da morte é essa. Quando

examinamos os vestígios na lama,
porém, percebemos que o corpo foi
arrastado por alguns metros até a
beira do regato. Por que fazer isso?
Por que mudar um cadáver de lugar?
O assassino então pegou uma pedra,
ou algum outro objeto pesado de
tamanho semelhante, e se deu ao
trabalho de esmagar o alto do crânio
e a têmpora. Mais uma vez, por quê?
Louvel levanta a mão, quase
timidamente.

– Morval talvez ainda não
estivesse morto?

– Bem... – diz Sérénac com voz
melodiosa. – Pelo tamanho da ferida
no coração, não acredito muito
nisso. E, se ele ainda estivesse vivo,
por que não dar uma segunda facada
ali mesmo? Por que arrastar a vítima
para depois esmagar o crânio?

Sylvio Bénavides não diz nada.

Ludovic Maury observa o local. Na
margem do regato, uma pedra do

tamanho de uma bola de futebol está coberta de sangue. Ele já coletou na sua superfície todas as amostras possíveis. Tenta dar uma resposta:

– Porque havia uma pedra por perto. Ele pegou a arma que estava ao seu alcance.

Os olhos de Sérénac brilham.

– Não concordo com você, Ludo. Olhem bem para esta cena, rapazes. Tem uma coisa ainda mais estranha. Olhem para o regato, numa extensão de uns 20 metros. O que estão vendo?

O inspetor Bénavides e os dois agentes acompanham as margens com os olhos, sem entender aonde Sérénac quer chegar.

– Não há nenhuma outra pedra! – exclama o chefe da delegacia, triunfal. – Não existe pedra nenhuma em toda a extensão do rio. E, se observarmos esta aqui um pouco de perto, não resta dúvida de que

também foi transportada. Não tem

terra

seca

grudada,

a

grama

amassada debaixo dela está fresca...

Então o que esta pedra providencial

está fazendo aqui? O assassino a

trouxe também, é óbvio.

O agente Louvel tenta fazer os

moradores de Giverny recuarem até

a margem direita do regato, em

frente à ponte, no lado do vilarejo.

O público não parece incomodar

Sérénac. O inspetor continua:

—

Rapazes,

para

resumir,

estamos diante da seguinte situação:

Jérôme Morval é esfaqueado aqui no

caminho, um golpe provavelmente

mortal. Em seguida, o assassino o

arrasta até o rio. A 6 metros de distância. Depois disso, como se trata de um perfeccionista, vai buscar uma pedra por perto, um troço que deve pesar quase 20 quilos, e volta para esmagar a cabeça de Morval. E ainda não acabou... Observem a posição do corpo no regato: a cabeça está quase totalmente submersa. Esta posição lhes parece natural?

– O senhor acaba de dizer, chefe
– responde Maury, quase irritado. –

O assassino acerta Morval com a pedra, na beira da água. Depois a vítima escorrega para dentro do regato.

– Que coincidência – ironiza o inspetor Sérénac. – Uma pedrada e a cabeça de Morval vai parar debaixo d'água... Não, gente, estou disposto a apostar com vocês. Peguem a pedra e esmaguem o cérebro de Morval. Ali, na margem do regato.

Nem por um decreto a cabeça do
cadáver vai parar debaixo d'água,
impecavelmente submersa a 10
centímetros
de
profundidade.

Senhores, acho que a solução é bem
mais simples. Estamos, por assim
dizer,
diante
de
um
triplo
assassinato
na
mesma
pessoa.

Primeiro eu o mato. Depois esmago
sua cabeça. Por fim, o afogo.

Um esgar surge em seus lábios.

– Estamos diante de alguém
motivado. Obstinado. Alguém muito,
muito bravo com Jérôme Morval.

Laurenç Sérénac se vira sorrindo

para Sylvio Bénavides.

– Querer matá-lo três vezes não é muito legal em relação ao nosso oftalmologista, mas pelo menos é melhor do que matar três pessoas diferentes, não?

Ele pisca para um inspetor

Bénavides

cada

vez

mais

incomodado.

– Não gostaria de semear o pânico no vilarejo, mas nada nesta cena de crime me parece se dever ao acaso – continua. – Não sei por quê, é quase como se isto aqui fosse uma composição, um quadro montado. Como se cada detalhe houvesse sido planejado. Este lugar específico, Giverny.

A

sequência

dos

acontecimentos. A faca, a pedra, o afogamento...

– Uma vingança? – sugere

Bénavides. – Uma espécie de ritual?

É isso que o senhor acha?

– Não sei – responde Sérénac. –

Veremos. Por enquanto não parece fazer o menor sentido, mas com certeza faz para o assassino.

Louvel afasta os curiosos na ponte sem muita energia. Sylvio

B é n a v i d e s se

mantém

calado,

concentrado, como se tentasse discernir, na enxurrada de palavras de Sérénac, entre o bom senso e a provocação.

De repente, uma sombra escura surge do pequeno bosque de choupos da pradaria, passa debaixo da fita laranja e pisoteia a lama das margens. O agente Maury tenta contê-la, sem sucesso.

Um pastor-alemão!

Animado, o cachorro se esfrega
na calça jeans de Sérénac.

– Vejam só – diz o inspetor. –

Nossa

primeira

testemunha

espontânea.

Ele se vira para os moradores de
Giverny na ponte.

–

Alguém

conhece

este

cachorro?

–

Sim

–

responde,

sem

hesitação, um sujeito de certa idade
vestido de pintor, com calça de
veludo e paletó de tweed. – É
Netuno. O cachorro de Giverny.

Todo mundo aqui cruza com ele.

Persegue as crianças do vilarejo. Os turistas. Faz parte da paisagem, por assim dizer.

– Venha cá, grandão – diz

Sérénac, agachando-se para ficar da mesma altura do cão. – Quer dizer que é a nossa primeira testemunha?

Me diga uma coisa: você viu o assassino? Sabe quem é? Depois quero seu depoimento. Agora ainda temos um pouco de trabalho aqui.

O inspetor parte um galho de chorão e o atira alguns metros mais adiante. Netuno reage. Vai buscar o galho, volta. Sylvio Bénavides observa com espanto a brincadeira do superior.

Por fim, Sérénac se levanta.

Demora-se algum tempo examinando o entorno: o lavadouro de tijolo de adobe bem em frente ao regato, a ponte e, logo atrás, aquela estranha e extravagante

construção

de

enxaimel, dominada por uma espécie

de torre de quatro andares, cujo

nome se pode ler gravado na parede:

MOINHO DE CHENNEVIÈRES. Não

podemos ignorar nada, anota num

canto da mente, precisamos falar

com todas as testemunhas em

potencial, mesmo que o assassinato

tenha sido cometido por volta das

seis da manhã.

– Michel, mande o público se

afastar. Ludo, me passe as luvas.

Vamos

ver

o

que

o

nosso

oftalmologista tem no bolso, ainda

que tenhamos de molhar os pés para

não mudar o corpo de lugar.

Sérénac tira os tênis e as meias,

arregaça o jeans até o meio das
canelas, calça as luvas estendidas
pelo agente Maury e entra descalço
no regato. Com a mão esquerda,
mantém o equilíbrio do corpo de
Morval, enquanto a outra vasculha
seu paletó. Pega uma carteira de
couro, que estende para Bénavides.
Seu assistente abre e confere os
documentos de identidade.
Não resta dúvida, é de fato
Jérôme Morval.

A mão continua a explorar os
bolsos do cadáver. Lenços de papel.
Chaves de carro. Tudo vai passando
de mão enluvada em mão enluvada
até
parar
dentro
de
sacos
transparentes.

– Cacete. Mas que porra...

Os dedos de Sérénac extraem do

bolso exterior do paletó do cadáver
uma cartolina amassada. O inspetor
baixa os olhos. Trata-se de um
simples cartão-postal. A imagem é
um *Ninfeias* de Monet, um estudo em
azul, uma daquelas reproduções
vendidas aos milhões mundo afora.
Sérénac vira o postal.

O texto é curto, escrito em letras
datilografadas. ONZE ANOS. FELIZ
ANIVERSÁRIO.

Logo abaixo dessas quatro
palavras, há uma fina faixa de papel
que foi cortada e depois colada no
postal. Dessa vez são nove palavras:
*O crime de sonhar eu consinto que
seja instaurado.*

Porra...

Como duas algemas de aço, a
água do regato congela de repente os
tornozelos do inspetor. Sérénac grita
para os curiosos parados ali em
frente, aglomerados em volta do
lavadouro como se esperassem o

ônibus:

– Morval tinha filhos? Um filho
de 11 anos, digamos?

O pintor vestido de veludo e
tweed é novamente o mais rápido na
resposta:

– Não, senhor delegado. Com
certeza não!

Porra...

O cartão de aniversário é
transferido para as mãos do inspetor
Bénavides. Sérénac ergue a cabeça,
observa. O lavadouro. A ponte. O
moinho. O vilarejo de Giverny que
vai despertando. Os jardins de
Monet, um pouco mais adiante. A
pradaria e os choupos.

As nuvens que se prendem às
colinas arborizadas.

Aquelas nove palavras que se
prendem ao seu pensamento.

*O crime de sonhar eu consinto
que seja instaurado.*

De repente, ele tem certeza de

que alguma coisa não está no devido
lugar naquela paisagem de cartão-
postal impressionista.

3

DE CIMA DA TORRE do moinho de
Chennevières, observo a polícia. O
de calça jeans, o chefe, ainda está
dentro d'água; os outros três estão
na margem, rodeados por aquela
multidão idiota, umas trinta pessoas
agora, que não perdem nada da cena,
como no teatro, num teatro de rua.
Num teatro de rio, aliás, para ser
mais precisa.

Sorrio para mim mesma. Que
idiotice fazer jogos de palavras sem
ninguém para testemunhá-los, não
acham? E por acaso sou menos
idiota do que aqueles curiosos pelo
fato de estar na sacada? É o melhor
lugar de todos, acreditem. Ver sem
ser vista.

Hesito. Rio também porque
hesito. Um riso nervoso.

O que devo fazer?

Os policiais estão tirando um grande saco plástico da van branca, sem dúvida para colocar o cadáver.

A pergunta continua a martelar em minha cabeça. O que devo fazer?

Devo ir à polícia? Contar tudo o que sei aos policiais da delegacia de Vernon?

Será que vão acreditar nos delírios de uma velha louca? A melhor solução não seria me calar e esperar? Esperar alguns dias, só alguns dias. Observar, como se fosse um ratinho, para ver como os acontecimentos evoluem.

Além disso, também vou ter de falar com Patricia, a viúva de Jérôme Morval; sim, isso devo fazer, claro.

Mas quanto a falar com a polícia...

Lá embaixo, perto do regato, os

três agentes se abaixaram e estão
arrastando o cadáver de Jérôme
Morval até o saco, como se fosse um
grande naco de carne descongelada
do qual escorrem água e sangue.

Estão

penando,
coitados.

A

impressão que tenho é de que são
pescadores
inexperientes
que
acabam de pegar um peixe grande
demais. O quarto policial, ainda
dentro d'água, os observa. De onde
estou, é quase como se estivesse
rindo. É, pelo que posso ver, está no
mínimo sorrindo.

No fim das contas, talvez eu
esteja me torturando a troco de nada:
se for falar com Patricia Morval,
todo mundo corre o risco de ficar
sabendo,

isso

é

certo.

Principalmente a polícia. A viúva é uma fofoqueira... Já eu ainda não sou viúva, não de todo.

Fecho os olhos, talvez por um minuto. Quase isso.

Tomei minha decisão.

Não, não vou falar com a polícia! Vou me transformar num ratinho preto, invisível. Pelo menos por uns dias. Afinal de contas, se a polícia quiser me encontrar, na minha idade, isso é possível, não corro muito depressa. É só seguir Netuno... Abro os olhos e fito meu cachorro.

Deitado

a

algumas

dezenas de metros dos policiais, no meio das samambaias, ele também não perde nada da cena do crime.

Sim, está decidido: vou esperar
uns dias, pelo menos o tempo de
ficar viúva. É essa a regra, não? Um
mínimo de decência. Depois disso,
sempre vai haver tempo para
improvisar, para agir no momento
certo.

De
acordo
com
as
circunstâncias. Li faz tempo um
romance
policial
totalmente
inacreditável.

A
trama
era
ambientada numa chácara inglesa,
algo assim. Toda a intriga era
explicada pelos olhos de um gato.
Sim, isso mesmo, de um gato! O gato
era testemunha de tudo, e é claro que

ninguém lhe dava a menor atenção.

À sua maneira, era ele quem
conduzia a investigação! Escutava,
observava, examinava. O romance
era inclusive suficientemente bem
construído para se poder pensar que,
no fim das contas, o assassino era o
gato. Bem, não vou estragar seu
prazer contando o final, vocês vão
ler o livro se tiverem oportunidade.
Era só para explicar o que pretendo
fazer:

me

transformar

numa

testemunha tão acima de qualquer
suspeita desse caso quanto o gato da
chácara inglesa.

Torno a virar a cabeça na
direção do rio.

O cadáver de Morval quase
desapareceu, engolido pelo saco
plástico, que mais parece uma
anaconda

que

acabou

de

se

alimentar. Apenas um pedaço da cabeça ultrapassa agora os dois maxilares dentados de um zíper ainda um pouco aberto. Os três policiais na margem parecem ofegar. Do alto, é como se estivessem esperando apenas um gesto do chefe para sacar um cigarro.

SEGUNDO DIA

14 de maio de 2010, Moinho de Chennevières

Pronome de tratamento

4

NO HOSPITAL, ELES ENCHEM meu saco com toda essa papelada.

Amontoo como posso sobre a mesa da sala os papéis impressos em diferentes cores. Receitas médicas, atestados de plano de saúde, certidão de casamento, comprovante

de residência, exames. Guardo tudo dentro de envelopes de papel pardo. Alguns são para o hospital. Não todos. Vou pesar e despachar tudo no correio de Vernon. Guardo os papéis sem serventia dentro de uma pasta branca. Não preenchi todos eles, não entendi tudo, vou perguntar às enfermeiras.

Elas

já

me

conhecem. Passei a tarde e boa parte da noite de ontem lá.

Quarto 126. Bancando a quase viúva preocupada com o marido que vai partir; escutando as palavras tranquilizadoras dos médicos, das enfermeiras. Suas mentiras.

Meu marido está fodido! Tenho consciência disso.

Se

eles

soubessem como estou cagando!

Tomara que acabe logo! É só o
que peço.

Antes de sair, avanço até o
espelho com a moldura folheada a
ouro descascada, à esquerda da
porta de entrada. Olho meu rosto
ressecado, enrugado, frio. Morto.
Enrolo um grande lenço negro em
volta dos cabelos presos. Quase um
xador.

As

velhas

daqui

são

condenadas a usar véu, ninguém quer
vê-las. É assim que as coisas são.

Até em Giverny. Principalmente em
Giverny, o vilarejo da luz e das
cores. As velhas são condenadas às
sombras, à escuridão, à noite.

Inúteis. Invisíveis. Elas passam. E
são esquecidas.

Para mim é melhor assim.

Viro-me uma última vez antes de
descer a escadaria da minha torre de
menagem. É assim que as pessoas se
referem com mais frequência à torre
do moinho de Chennevières, em
Giverny. Torre de menagem. Num
gesto automático, verifico que nada
ficou fora do lugar e, no mesmo
pensamento,
maldigo
minha
estupidez. Ninguém mais entra aqui.
Ninguém mais vai aparecer, nunca;
ainda assim, qualquer mínimo objeto
fora do lugar me deixa atormentada.
Uma espécie de distúrbio obsessivo
do comportamento, como se diz nos
artigos de jornal. Um transtorno
obsessivo-compulsivo,
que
não
incomoda ninguém além de mim.
No canto mais escuro, um

detalhe me irrita. Tenho a impressão
de que o quadro está um pouco torto
em relação à pilastra. Atravesso a
sala devagar. Empurro o canto
direito inferior da moldura para
fazê-la subir um pouquinho.

As minhas *Ninfeias*.

Negras.

Pendurei o quadro no lugar exato
em que não se pode vê-lo de
nenhuma janela, se é que alguém
poderia ver pela janela do quarto
andar de uma torre normanda
construída no meio de um moinho.

Meu antro...

O quadro está pendurado no
trecho menos iluminado, em um
canto morto, mais exatamente. A
escuridão torna ainda mais sinistras
as manchas escuras a deslizar sobre
a água cinzenta.

As flores do luto.

As mais tristes que alguém já
pintou.

Desço a escada com dificuldade.

Saio. Netuno está me esperando no pátio do moinho. Afasto-o da minha bengala antes de ele pular no meu vestido: esse cachorro não consegue entender que controlo cada vez menos meu equilíbrio. Levo vários minutos para trancar as três pesadas fechaduras, colocar o molho de chaves na bolsa e verificar uma última vez se todas as fechaduras estão bem trancadas.

Por fim, viro-me. No pátio do moinho, a grande cerejeira está perdendo as últimas flores. Uma cerejeira centenária, ao que parece. Dizem que teria conhecido Monet! As cerejeiras agradam muito em Giverny. Plantaram toda uma fileira delas ao redor do estacionamento do museu de arte americana, que um ano atrás virou o museu dos impressionistas.

Cerejeiras

japonesas, pelo que ouvi dizer. São menores, como árvores anãs. Acho isso estranho, essas novas árvores exóticas, como se já não existissem árvores em quantidade suficiente no vilarejo. Mas enfim, é assim que as coisas são. Parece que os turistas americanos adoram o rosa das flores de cerejeira na primavera. Se alguém pedisse a minha opinião, diria que a terra do estacionamento e os carros cobertos de pétalas cor-de-rosa me parecem ter, digamos, um quê de Barbie. Mas ninguém quer saber a minha opinião.

Aperto os envelopes contra o peito para que Netuno não os estrague. Subo com dificuldade a Rue du Colombier. Não me apresso; paro para recuperar o fôlego na sombra da entrada coberta de hera de uma pousada. O ônibus até Vernon só vai passar daqui a duas horas. Tenho tempo, todo o tempo

do mundo para brincar de ratinho
preto.

Viro na Rue Claude-Monet. As
malvas-rosas e as íris alaranjadas
rebentam o asfalto feito ervas
daninhas à margem das fachadas de
pedra. Típico de Giverny. Prossigo
no meu ritmo de octogenária. Como
sempre, Netuno já está bem mais à
frente. Acabo chegando ao Hotel
Baudy.

As
vidraças
do
estabelecimento mais famoso de
Giverny
estão
escondidas
por
cartazes de exposições, galerias ou
festivais. Aliás, as vidraças têm
exatamente o mesmo tamanho dos
cartazes. Pensando bem, é estranho:
sempre

me

perguntei

se

era

coincidência, se o tamanho dos

cartazes era adaptado ao das

vidraças do hotel ou se, pelo

contrário, o arquiteto do Baudy era

um visionário que, já no século XIX,

ao projetar suas janelas, previra o

tamanho-padrão

dos

futuros

reclames publicitários.

Mas imagino que um enigma

desses não lhes interesse nem um

pouco.

Algumas

dezenas

de

visitantes estão acomodados numa

mesa diante do hotel, em cadeiras de

ferro verdes, debaixo de guarda-sóis

laranja, em busca da mesma emoção

da colônia de pintores americanos
que desembarcou no hotel há mais
de um século. Na verdade, isso
também é estranho. No século
passado,
pintores
americanos
vinham aqui, a este minúsculo
vilarejo normando, atrás de calma e
concentração. O oposto da Giverny
de hoje. Acho que não entendo nada
da Giverny de hoje.

Acomodo-me em uma mesa livre
e peço um café. Quem me serve é
uma
garçonete
nova,
uma
temporária. Está usando roupas
curtas e um pequeno cardigã de
estilo impressionista, com ninfeias
lilases nas costas.

Usar ninfeias lilases nas costas
também é estranho, não?

Eu, que vi o vilarejo se
transformar ao longo de todo esse
tempo, às vezes tenho a impressão
de que Giverny virou um grande
parque de diversões. Ou, melhor, um
parque de impressões. Acho que
eles inventaram esse conceito! Fico
ali, suspirando, como uma velha má
que vive resmungando sozinha e não
entende mais nada. Examino a
multidão díspar que me cerca. Um
casal de namorados lê a quatro mãos
o mesmo guia Michelin. Três
crianças com menos de 5 anos
brincam no cascalho; seus pais
devem pensar que estariam bem
melhor na beira de uma piscina do
que de um laguinho de sapos. Uma
americana já meio passada tenta
pedir
seu *café liégeois* em um
francês digno de Hollywood.
Eles estão ali.
Os dois estão sentados a três

mesas de mim. Quinze metros. Eu os
reconheço, claro. Já os vi pela
janela do moinho, por trás das
minhas
cortinas.

O
inspetor
mergulhado no regato diante do
cadáver de Jérôme Morval e seu
tímido assistente.

Naturalmente,
estão
olhando
para outro lado, na direção da jovem
garçonete. Não na direção de um
velho ratinho preto.

5
PELAS LENTES DOS ÓCULOS escuros
do inspetor Sérénac, a fachada do
Hotel Baudy ganha um tom quase
sépia, estilo belle époque, e as
pernas da garçonete bonita que
atravessa a rua adquirem um tom de
cobre que lembra a cor de um

croissant dourado.

– Tá bom, Sylvio. Supervisione de novo para mim todas as buscas na margem do regato. Já foi tudo para o laboratório, claro: as impressões dos pés, a pedra, o corpo de Morval. Mas pode ser que a gente tenha esquecido alguma coisa. Sei lá, o lavadouro, as árvores, a ponte. Lá, você descobre. Dê uma volta e veja se encontra alguma testemunha. Já eu não tenho escolha, preciso falar com a viúva Patricia Morval. Pode me dar alguma informação sobre esse tal Jérôme Morval?

– Posso sim, Laur... ahn, chefe.

Sylvio Bénavides tira uma pasta de baixo da mesa. Sérénac segue a garçonete com o olhar.

– Quer beber alguma coisa? Um *pastis*? Um vinho branco?

– Ah, não, não. Nada.

– Nem um café?

– Não. Não. Não se preocupe.

Bénavides acaba cedendo:

– Está bem, um chá.

Laurenç Sérénac levanta a mão
com autoridade.

– Senhorita? Um chá e uma taça
de branco. Gaillac, se tiver.

Ele se vira para o assistente.

– É tão difícil assim me chamar
de você? Eu tenho o quê, Sylvio?
Sete, dez anos a mais do que você?
Nossa patente é a mesma. Não é
porque chefio há quatro meses a
delegacia de Vernon que devo ser
chamado de “senhor”. No Sul, até os
novatos chamam os delegados de
“você”.

– No Norte, é preciso saber
esperar. Essa hora vai chegar, chefe.
O senhor vai ver.

– Você com certeza tem razão.
Vamos dizer que tenho de me
adaptar... Mas, porra, acho muito
estranho meu assistente me chamar
de “chefe”.

Sylvio torce as mãos como se
hesitasse
em
contradizer
seu
superior.

– Se me permite, não tenho
certeza de que seja uma questão de
diferença entre Norte e Sul. Por
exemplo, meu pai agora está
aposentado, mas passou a vida em
Portugal e na França, construindo
casas para patrões mais jovens do
que ele que o tratavam de “você” e
que ele tratava de “senhor”. Na
minha opinião, é mais uma questão
de, sei lá, gravata ou macacão de
operário, mãos de unhas feitas ou
sujas de graxa. Entende o que estou
querendo dizer?

Laurenç Sérénac abre os braços,
distanciando as laterais da jaqueta
de couro da camiseta cinza.

– Está vendo alguma gravata

aqui, Sylvio? Nós dois somos

inspetores, porra.

Ele dá uma sonora risada.

– Enfim, como você mesmo

disse, o “você” virá com o tempo.

Tirando isso, não mude mais nada.

Gosto

bastante

do

seu

lado

português de segunda geração que se

faz de modesto. Mas então, e esse tal

Morval?

Sylvio baixa a cabeça e lê suas

anotações com um ar estudioso:

– Jérôme Morval é um filho do

vilarejo que soube seguir o próprio

caminho. Morou em Giverny, mas a

família se mudou para Paris quando

ele ainda era menino. Papai Morval

também era médico, clínico geral,

mas sem grandes fortunas. Jérôme se

casou bastante jovem com uma tal

Patricia Chéron. Os dois tinham
menos de 25 anos. O resto é um belo
sucesso. O jovem Jérôme estuda
medicina,
especializa-se
em
oftalmologia,
abre
o
primeiro
consultório em Asnières com outros
cinco colegas, e depois, quando o
pai morre, investe a herança para
comprar um consultório individual
de
cirurgia
oftálmica
no
arrondissement

XVI.

Aparentemente, as coisas vão muito
bem. Pelo que entendi, ele seria um
especialista renomado em catarata e,
consequentemente,

teria

uma

clientela idosa. Dez anos atrás,
retorna às origens: Jérôme compra
uma das mais belas casas de
Giverny, entre o Hotel Baudy e a
igreja.

– Não tem filhos?

A garçonete traz as bebidas e se
afasta. Sérénac interrompe seu
assistente

logo

antes

de

ele

responder:

– Bonitinha a moça, hein? Um
belo compasso dourado debaixo da
saia, não?

Bénavides

hesita

entre

um

suspiro cansado e um sorriso

constrangido.

– Sim... não... enfim, em
relação aos Morval, quero dizer.

Nunca tiveram filhos.

– Bem... Algum inimigo?

– Morval levava uma vida de
celebridade um tanto limitada. Nada
de
política.

Nenhuma
responsabilidade em associações ou
coisas do tipo. Nenhum grupo de
amigos. Mas tinha...

– Veja só! Bom dia.

Bénavides sente a forma peluda
se enfiar debaixo da mesa. Dessa
vez, dá um suspiro evidente. Sérénac
estende a mão, na qual Netuno se
esfrega.

– Minha única testemunha por
enquanto

–

sussurra

Laurenç

Sérénac. – Oi, Netuno!

O cão reconhece o próprio
nome. Encosta-se na perna do
inspetor e espia com um ar desejoso
o torrão de açúcar no pires da xícara
de chá de Sylvio. Sérénac ergue o
dedo na direção do cachorro.

– Comporte-se, hein. Vamos
escutar o inspetor Bénavides. Ele
não
consegue
concatenar
duas
frases. Mas, Sylvio, o que você
estava dizendo?

Sylvio se concentra em suas
anotações e continua com um tom
monocórdico:

– Jérôme Morval tinha duas
paixões. Paixões que o devoravam,
como se diz. Às quais ele dedicava
todo o seu tempo.

Sérénac acaricia Netuno.

– Estamos avançando...

– Duas paixões, portanto. Para
resumir: pintura e mulheres. Com
relação à pintura, ao que parece,
estamos diante de um verdadeiro
coleccionador,
um
autodidata
bastante
talentoso,
com
uma
preferência
marcada
pelo
Impressionismo, claro. E com um
desejo, pelo que me disseram.
Jérôme Morval sonhava em ter um
Monet! E, se possível, não qualquer
Monet. Ele queria arrumar um
Ninfeias. Eis o que passava pela
cabeça do nosso oftalmologista...
Sérénac dá um assobio no
ouvido do cão.
– Só um Monet? Mesmo que o

seu consultório fizesse todas as burguesas do XVI recuperarem a visão, um *Ninfeias* parece muito além das possibilidades do nosso caro Dr. Morval. Mas duas paixões, dizia você. De um lado, as telas impressionistas. E, do outro, as mulheres?

– Boatos, boatos. Ainda que Morval não fizesse muito esforço para ser discreto. Seus vizinhos e colegas me falaram principalmente sobre a situação da mulher dele, Patricia. Casou jovem. Dependia financeiramente do marido.

Impossível se divorciar. Condenada a fechar os olhos, chefe, se é que o senhor me entende.

Laurenç Sérénac esvazia sua taça de branco.

– Se isto aqui for um Gaillac...

– comenta, com uma careta. –

Entendo o que você está dizendo,
meu Sylvio, e, no fim das contas,
estou começando a gostar desse
médico. Já conseguiu encontrar
alguma amante ou algum corno com
potencial para assassino?

Sylvio pousa a xícara no pires.

Netuno o encara com olhos úmidos.

– Ainda não. Mas ao que parece,
em relação às amantes, Jérôme
Morval também tinha uma busca,
uma obsessão...

–

Ah!

Uma

cidadela

inexpugnável?

– Pode-se dizer. Segure-se bem,
chefe: a mulher em questão é a
professora da escola primária do
vilarejo. A mais bonita do pedaço, e
ele estava decidido a incluí-la entre
seus troféus de caça.

– E daí?

– E daí que não sei mais nada.

Isso foi tudo o que pude tirar de uma conversa com seus colegas, a secretária e três galeristas com quem ele sempre trabalhava. Essa é a versão de Morval.

– A professora é casada?

–

É.

Com

um

marido

particularmente ciumento, pelo que dizem.

Sérénac se vira para Netuno.

– Estamos avançando, meu grandão. Esse Sylvio é muito bom, não é? Parece um pouco travado à primeira vista, mas na verdade é um craque, tem um cérebro e tanto.

Sérénac se levanta. Netuno se afasta correndo pela rua.

– Sylvio, espero que você não tenha esquecido as botas e a rede

para chafurdar no Ru. Vou dar meus
pêsames à viúva de Morval... Rue
Claude-Monet, 71, é isso?

– É. Não tem como errar.

Giverny é um vilarejo minúsculo,
construído na encosta de um morro.

São duas ruas paralelas compridas,
a Rue Claude-Monet, que atravessa
o vilarejo inteiro, e o Chemin du
Roy, ou seja, a estrada regional no
fundo do vale que margeia o regato.

Fora isso, tem só uma série de
pequenas ruelas que sobem um
acive um tanto pronunciado entre as
duas principais.

As

pernas

da

garçonete

atravessam a Rue Claude-Monet em
direção ao balcão do bar. As

malvas-rosas lambem as paredes do

Hotel Baudy, de tijolos e terracota,

como chamas de cor pastel no fundo

de uma lareira banhada de sol.

Sérénac acha a cena bonita.

6

SYLVIO TINHA RAZÃO: O número 71

da Rue Claude-Monet é sem dúvida

a casa mais bonita da rua. Persianas

amarelas, uma hera americana que

devora metade da fachada, uma feliz

mistura de pedras maciças e

enxaimel, gerânios a escorrer pelas

janelas e a transbordar de vasos

imensos:

uma

fachada

impressionista

por

excelência.

Patricia Morval deve ter o dedo

verde, ou no mínimo sabe orientar

um pequeno exército de jardineiros

competentes. Coisa que não deve

faltar em Giverny.

Pendurado a uma corrente em

frente a um portão de madeira, há um

sino de cobre. Sérénac o sacode.

Poucos segundos depois, Patricia

Morval aparece à porta de carvalho.

Estava

esperando

por

ele,

obviamente. O policial empurra o

portão enquanto ela se afasta para

deixá-lo entrar.

O inspetor Sérénac sempre

aprecia esse momento exato de uma

investigação. *A primeira impressão.*

Os poucos instantes de psicologia

pura que se deve aproveitar na hora.

Quem é essa mulher na sua frente?

Uma

apaixonada

tomada

pelo

desespero ou uma burguesa seca e

indiferente? Uma amante maltratada

pelo destino ou uma viúva alegre?

Agora rica. Enfim livre. Vingada

dos desvios de conduta do marido.

Estará fingindo ou não a dor do luto?

Por ora, não é fácil saber, pois os olhos de Patricia Morval estão escondidos atrás de grandes óculos de lentes grossas que mascaram as pupilas avermelhadas.

Sérénac entra no corredor. Na realidade, trata-se de um vestíbulo imenso, estreito e profundo. De repente, para, estarecido. A cobrir a totalidade das duas paredes, em uma extensão de mais de 5 metros, há dois quadros imensos de ninfeias em uma variação um tanto rara, com tons de vermelho e dourado, sem céu nem galhos de chorão. Pelo que sabe, é sem dúvida a reprodução de uma tela de Monet pintada nos seus últimos anos de vida, as últimas séries, posteriores a 1920. A dedução não é difícil, pois Monet seguiu uma lógica de criação simples: estreitar progressivamente

o
olhar,
eliminar
o
cenário,
concentrá-lo em um único ponto do
lago, alguns metros quadrados, como
se para conseguir atravessá-lo.
Sérénac avança nesse estranho
ambiente. O corredor tenta sem
dúvida evocar as paredes do
Orangerie, mesmo que esteja longe
dos 100 metros lineares de *Ninfeias*
expostos no museu de Paris.
Sérénac adentra uma sala. A
decoração é clássica, um pouco
carregada
demais
de
bibelôs
variados. A atenção do visitante é
atraída sobretudo pelos quadros
expostos. Uma dezena. Originais.
Até onde Sérénac sabe, alguns

nomes

estão

começando

a

representar um valor real, ao mesmo

tempo

artístico

e

financeiro.

Grebouval, Van Muylder, Gabar...

Pelo visto, Morval tinha bom gosto e

tino para investimentos. O inspetor

pensa que, se a viúva conseguir

manter distantes os abutres que

sentirão o cheiro do verniz, ficará

por muito tempo protegida de

qualquer necessidade.

Ele se senta. Patricia não

consegue ficar parada. Nervosa,

muda

de

lugar

objetos

já

perfeitamente

arrumados.

Seu

terninho roxo contrasta com a pele leitosa um tanto opaca. Sérénac lhe daria uns 40 anos, talvez menos.

Não chega a ser bonita, mas uma espécie de rigidez, de porte, lhe confere certo charme. Mais clássica do que classuda, diria o policial.

Uma sedução minimalista, mas ensaiada.

– Tem certeza absoluta de que foi assassinato, inspetor?

Ela pergunta isso num tom mordaz, um pouco desagradável.

E continua:

– Já me contaram sobre a cena.

Não se pode cogitar um acidente?

Uma queda em cima de uma pedra, algo pontudo, e Jérôme se afoga...

– Por que não? Tudo é possível.

É preciso aguardar o parecer dos legistas. Mas no estado atual da

investigação, devo lhe confessar,
tudo leva a crer que se trate de
assassinato. Sem dúvida alguma.

Patricia Morval tortura entre os
dedos uma pequena estátua de Diana
caçadora pousada em cima do
aparador.

De
bronze.

Sérénac
retoma a direção da entrevista. Ele
faz as perguntas e Patricia Morval
responde quase com onomatopeias,
raramente mais de três palavras, em
geral as mesmas, praticamente sem
variar o tom. Ela sobe alto nos
agudos.

– Nenhum inimigo?

– Não, não, não.

– A senhora não observou nada
de especial nesses últimos dias?

– Não, não.

– Sua casa parece imensa. Seu
marido morava aqui?

– Sim... Sim. Sim e não.

Sérénac não lhe deixa escolha;
dessa vez, não permite sutilezas:

– A senhora tem de ser mais
específica, madame Morval.

Patricia Morval separa com
lentidão as sílabas, como se as
contasse:

– Jérôme raramente passava a
semana
aqui.

Ele
tinha
um

apartamento ao lado do consultório,
n o *arrondissement* XVI, em Paris.
Boulevard Suchet.

O inspetor anota o endereço
enquanto reflete que fica bem
pertinho do Museu Marmottan. Com
certeza não é coincidência.

– Seu marido costumava dormir
fora?

Silêncio.

– Sim.

Os dedos nervosos de Patricia

Morval rearranjam um buquê de

flores recém-colhidas dentro de um

vaso

comprido

com

desenhos

japoneses. Uma imagem tenaz surge

na mente de Laurenç Sérénac:

aquelas flores vão apodrecer no

caule. A morte vai imobilizar aquela

sala. A poeira do tempo vai encobrir

aquela harmonia de cores.

– Vocês não tinham filhos?

– Não.

Um intervalo.

– Seu marido também não? Com

outra mulher, quero dizer?

Patricia Morval compensa a

hesitação com um timbre de voz uma

oitava mais baixo:

– Não.

Sérénac não se apressa. Tira do

bolso uma fotocópia do postal do
Ninfeias encontrado no bolso de
Jérôme Morval, vira-a e estende
para a viúva. Patricia Morval se vê
obrigada a ler as quatro palavras
datilografadas: ONZE ANOS. FELIZ
ANIVERSÁRIO.

– Encontramos este postal no
bolso do seu marido – esclarece o
inspetor. – Talvez a senhora tenha
algum primo? Filhos de amigos?
Qualquer criança a quem seu marido
pudesse enviar este postal de
aniversário?

– Não, não consigo pensar em
ninguém. Mesmo.

Ainda assim, Sérénac dá tempo
para Patricia Morval pensar antes de
insistir:

– E esta citação?

Os olhares de ambos se desviam
até o postal para ler as estranhas
palavras que vêm a seguir: *O crime
de sonhar eu consinto que seja*

instaurado.

– Não faço ideia! Sinto muito,
inspetor.

Ela

parece

sinceramente

indiferente. Sérénac põe o postal
sobre a mesa.

– É uma cópia, pode ficar, nós
temos o original. Vou deixar a
senhora
pensar.

Se

algo

lhe

ocorrer...

Patricia Morval se move cada
vez menos, como uma mosca que
entendeu que não vai conseguir fugir
do jarro. Sérénac prossegue:

– Seu marido já teve problemas?

Profissionais, quero dizer? Não sei,
uma cirurgia que deu errado? Um
paciente

insatisfeito?

Uma

reclamação?

A mosca subitamente volta a se

tornar agressiva:

– Não! Jamais! O que o senhor

está insinuando?

–

Nada.

Nada.

Fique

descansada.

O olhar dele abarca os quadros

na parede.

– Seu marido tinha um gosto

evidente pela pintura. A senhora

acha

que

ele

poderia

estar

envolvido, digamos, em alguma

espécie

de

tráfico,

alguma

intermediação, mesmo sem querer?

– O que está querendo dizer?

A voz da viúva torna a ficar

aguda, mais desagradável do que

antes. Um clássico, pensa o inspetor.

Patricia Morval se fecha em uma

negação de assassinato. Reconhecer

o assassinato do marido é admitir

que alguém poderia odiá-lo o

suficiente para matá-lo. É admitir,

de certa forma, a culpa do marido.

Isto Sérénac já aprendeu: é preciso

lançar luz sobre o lado escuro da

vítima sem com isso ofender a

viúva.

– Não estou querendo dizer

nada, nada de preciso. Garanto à

senhora, madame Morval. Estou só

procurando alguma pista. Fiquei

sabendo sobre a... digamos, a busca

do seu marido. Ter uma tela de

Monet. Isso era...

– A mais pura verdade, inspetor.

Era um sonho dele. Jérôme é tido como um dos maiores conhecedores de Claude Monet. Um sonho, sim.

Ter um Monet. Ele trabalhou muito para isso. Era um ótimo cirurgião.

Teria merecido. Era um homem apaixonado. E não qualquer tela, inspetor. Um *Ninfeias*. Não sei se o senhor consegue entender, mas era isso que ele buscava. Uma tela pintada aqui, em Giverny. No vilarejo dele.

Aproveitando a frase da viúva, o cérebro de Sérénac se agita. A *primeira impressão!* Nos minutos desde que iniciou a conversa com Patricia Morval, ele começou a formar uma opinião sobre a natureza de seu luto. E, contrariando todas as expectativas, essa impressão tende cada vez mais na direção da paixão arrebatada, do amor fulminado, do que na direção cansada, mal

iluminada: a da indiferença da
mulher negligenciada.

– Sinto muito importuná-la desta
forma, madame Morval. Mas nós
dois temos o mesmo objetivo:
descobrir o assassino do seu
marido. Vou ter de lhe fazer
perguntas mais... pessoais.

Patricia

Morval

parece

se

imobilizar na pose do nu pintado por
Gabar pendurado na parede oposta.

– Seu marido nem sempre foi,
digamos, fiel. A senhora acha que...

Sérénac percebe a emoção de
Patricia. Como se, dentro dela,
lágrimas íntimas tentassem apagar o
incêndio de seu ventre.

Ela o interrompe:

– Meu marido e eu nos
conhecemos muito jovens. Ele me
cortejou por muito, muito tempo, a

mim e a outras. Demorei muitos anos para ceder. Jovem, ele não era do tipo que faz as meninas sonharem. Não sei se o senhor entende o que estou tentando explicar. Era sem dúvida um pouco sério demais, um pouco tedioso. Ele... não confiava em si mesmo em relação ao sexo oposto. Dá para sentir essas coisas. Depois, com o tempo, tornou-se bem mais seguro de si, bem mais sedutor, bem mais interessante. Acho que tenho grande responsabilidade nisso, inspetor. Ele também ficou mais rico. Jérôme, na idade adulta, tinha algumas revanches pendentes em relação às mulheres... Às mulheres, inspetor. Não a mim. Não sei se o senhor consegue entender.

Espero que sim, pensa Sérénac, ao mesmo tempo que considera que vai precisar de nomes, fatos, datas.

Depois...

Patricia Morval insiste:

– Espero que o senhor tenha tato,
inspetor. Giverny é um vilarejo
pequeno, que mal chega a algumas
centenas de moradores. Não mate
Jérôme uma segunda vez. Não suje
seu nome. Ele não merece. Tudo,
menos isso.

Laurenç Sérénac balança a
cabeça num gesto tranquilizador.

As primeiras impressões... Ele
agora já tem uma convicção. Sim,
Patricia Morval amava o seu
Jérôme. Não, não o teria matado por
dinheiro.

Mas por amor, quem pode
garantir?

Um último detalhe lhe chama a
atenção, foram as flores no vaso
japonês que o convenceram: o tempo
naquela casa parou. O relógio de pé
deixou de funcionar na véspera!

Naquela sala, cada centímetro
quadrado ainda respira as paixões
de Jérôme Morval. Só as dele. E

permanecerá assim por toda a eternidade. Os quadros nunca mais serão tirados das paredes. Os livros nas estantes da biblioteca nunca mais serão abertos. Vai permanecer tudo inerte, como um museu deserto em homenagem a um sujeito que todos já esqueceram. Um apreciador de arte que não vai deixar nada para a posteridade. Um apreciador de mulheres que, sem dúvida, nenhuma delas vai prantear. Exceto a sua, aquela que ele negligenciava.

Uma vida inteira acumulando reproduções. Sem descendentes.

A luz da Rue Claude-Monet cega o inspetor. Ele espera menos de três minutos e Sylvio aparece no final da rua, sem botas, mas com a barra da calça suja de terra. Sérénac acha isso engraçado. Sylvio Bénavides é um sujeito bacana. Com certeza, bem mais esperto do que seu lado meticoloso deixa transparecer. Por

trás dos óculos de sol, Laurenç
Sérénac se demora a detalhar a fina
silhueta de seu assistente, cuja
sombra se alonga pelas paredes das
casas. Sylvio não é propriamente
magro. Estreito seria mais exato, já
que paradoxalmente é possível
distinguir uma barriga saliente por
baixo
da
camisa
quadriculada
abotoada até o pescoço e da calça
apertada de lona bege. Sylvio seria
mais largo de perfil do que de
frente, pensa Laurenç, achando
graça. Um cilindro! Isso não o torna
feio, muito pelo contrário. Confere-
lhe uma espécie de fragilidade, um
tamanho de jovem tronco de árvore,
liso e maleável, como se fosse capaz
de se vergar sem jamais quebrar.
Sylvio se aproxima com um
sorriso nos lábios. Na verdade, o

que Laurenç menos aprecia no
assistente, pelo menos de um ponto
de vista físico, é a mania que tem de
pentear os cabelos curtos e lisos
para trás, ou de lado, com um
repartido de seminarista. Com
certeza, um simples corte escovinha
bastaria para transformá-lo. Sylvio
Bénavides para na frente dele e leva
as mãos ao quadril.

– Então, chefe? E a viúva?

– Muito viúva! Muito, muito
viúva. E o seu trabalho de perícia?

– Nenhuma novidade. Conversei
com alguns vizinhos, que estavam
dormindo na manhã do assassinato e
não sabem nada. Quanto aos outros
indícios, veremos. Está tudo dentro
de vidros ou de plásticos... Vamos
para casa?

Sérénac consulta o relógio de
pulso. São 16h30.

– Vamos. Quero dizer, vá você.

Tenho um encontro ao qual não

posso faltar.

Diante da expressão espantada

do assistente, ele explica:

– Não gostaria de perder a saída
da escola.

Sylvio Bénavides pensa ter
entendido.

– Em busca de uma criança de
11 anos que estaria comemorando o
aniversário em breve?

Sérénac lhe dá uma piscadela
cúmplice.

– Digamos que sim. E também
quero

conhecer

a

tal

joia

impressionista,

a

professora

primária tão cobiçada por Jérôme

Morval quanto uma tela de Monet.

ESPERO O ÔNIBUS SOB as tílias da
pequena praça onde ficam a
prefeitura e a escola. É o canto mais
sombreado do vilarejo, apenas
alguns metros acima da Rue Claude-
Monet. Estou praticamente sozinha.
Sério, esse vilarejo ficou estranho:
poucos metros e um simples final de
rua bastam para passar das hordas
das filas de espera dos museus ou
galerias de pintura tomados de
assalto às ruelas desertas de um
vilarejo rural.

O ponto de ônibus fica em frente
à escola, ou quase. As crianças
brincam no pátio atrás da grade.
Parado um pouco mais afastado,
debaixo de uma tília, Netuno espera
impaciente as crianças serem soltas
da jaula. Ele adora correr atrás
delas.

Logo em frente à escola pública,
foi instalado o ateliê da Art Gallery
Academy. O slogan está pintado na

parede

em

letras

imensas:

OBSERVAÇÃO COM IMAGINAÇÃO.

Nada mau! Durante o dia inteiro, um

regimento

de

aposentados

claudicantes,

com

a

cabeça

encimada por chapéus de pescador

ou panamá, sai da galeria e se

espalha pelo vilarejo. Em busca da

inspiração divina. Impossível não os

ver na cidade, com o crachá

vermelho e o carrinho de vovó para

empurrar o cavalete.

Não é ridículo? Um dia alguém

vai me explicar por que o feno

daqui, os pássaros nas árvores ou a

água do rio não têm a mesma cor que

em outros lugares do mundo.

Eu não entendo. Devo ser muito
burra, devo ter morado aqui por
tempo de mais. Só pode ser isso,
como quando se vive por muito
tempo com um homem bonito. Em
todo caso, esses invasores não vão
embora como os outros, às seis da
tarde, nos seus ônibus. Eles ficam
até o cair da noite, dormem ali
mesmo, partem quando o sol nasce.
São em sua maioria americanos. Eu
talvez não passe de uma velha que
observa todo esse circo através da
catarata, mas vocês não podem me
impedir de pensar que um desfile
assim de velhos pintores em frente à
escola
acaba
influenciando
as
crianças do vilarejo, acaba pondo
ideias
na

sua
cabeça.

Não
concordam?

O inspetor viu Netuno debaixo da
tília. Sinceramente, esses dois não
se largam mais! Ele provoca o cão
com uma mistura de luta brincalhona
e carinhos. Eu me mantenho afastada
no meu banco, qual uma estátua de
ébano. Talvez vocês achem estranho
uma velha como eu passear assim
por Giverny sem ninguém, ou quase
ninguém, reparar nela. Muito menos
a polícia. Vou lhes dizer uma coisa:
experimentem.

Postem-se
numa
esquina de rua, qualquer uma, num
bulevar de Paris, na praça da igreja
de um vilarejo, onde quiserem; basta
ser um lugar onde há muita gente.
Parem ali o quê, dez minutos, e
contem as pessoas que passarem.

Vão ficar impressionados com a quantidade de idosos. É bem provável que eles serão mais numerosos do que os outros. Primeiro, porque é assim, não param de nos repetir: há cada vez mais velhos no mundo. Segundo, porque os velhos não têm mais o que fazer a não ser vagar pelas ruas. Por fim, e principalmente, porque ninguém presta atenção neles; é assim que as coisas são. As pessoas prestam atenção na barriga de fora de uma moça, se espremem para deixar passar o executivo que aperta o passo ou o grupo de jovens que ocupa a calçada inteira, deixam o olhar se demorar no carrinho com o bebê dentro e a mamãe atrás. Mas um velho ou uma velha... Eles são invisíveis.

Justamente

por

avançarem tão devagar que chegam
a fazer parte do cenário, como uma
árvore ou um poste de rua. Se não
acreditam, experimentem. Parem
nem que seja por dez minutos. Vocês
vão ver.

Enfim, voltando ao nosso assunto, e
como tenho o privilégio de ver sem
ser vista, posso lhes confessar: é
preciso reconhecer que ele é muito
charmoso, esse jovem policial, com
sua jaqueta de couro curta, o jeans
justo, a barba rente, os cabelos
revoltos e louros como um trigal
depois da chuva. Dá para entender
que
se
interesse
mais
pelas
professoras melancólicas do que
pelas velhas loucas da cidade.

UM

ÚLTIMO

CARINHO

demorado, Laurenç Sérénac larga
Netuno e vai em direção à escola.
Quando chega a 10 metros da porta,
umas vinte crianças de idades
variadas passam por ele aos gritos.
Como se ele as fizesse fugir.
As feras estão soltas.
Uma menina de seus 10 anos
corre na frente, marias-chiquinhas
ao vento. Netuno, como que movido
por uma mola, põe-se a correr junto
com ela. Os outros vão atrás,
descem correndo a Rue Blanche-
Hoschedé-Monet e se dispersam na
Rue Claude-Monet. Do mesmo modo
repentino com que se animou, a
praça da prefeitura volta a ficar em
silêncio. O inspetor avança mais
alguns metros.
Por muito tempo depois, Laurenç
Sérénac vai recordar esse milagre.

Por toda a vida. Vai pesar cada som,
os gritos das crianças se dissipando,
o barulho do vento nas tílias; cada
cheiro, cada centelha de luz, a
brancura das pedras da prefeitura, a
trepadeira presa ao corrimão dos
sete degraus que levam até a porta.

Não

esperava

isso.

Não

esperava nada.

Muito

tempo

depois,

vai

entender que o que o fulminou foi um

contraste, um ínfimo contraste,

poucos segundos, se tanto. Stéphanie

Dupain estava em pé em frente à

porta da escola e não o tinha visto.

Por um instante, Laurenç cruzou seu

olhar perdido na direção das

crianças que fugiam rindo, como se

carregassem nas mochilas os sonhos
da professora.

Uma leve melancolia, como uma
frágil borboleta.

Então, logo depois, Stéphanie
percebe a presença do visitante. Na
mesma hora, o sorriso aparece, os
olhos lilases brilham.

– Pois não?

Stéphanie Dupain oferece ao
desconhecido seu frescor. Uma
imensa lufada de frescor, lançada
aos quatro ventos, às paisagens dos
artistas, à contemplação dos turistas,
ao riso das crianças nas margens do
Epte. Ela não guarda nenhuma parte
dele para si. É um dom absoluto.

Sim, o que mexeu tanto com
Laurenç Sérénac foi o contraste.

Aquela
melancolia
educada.

Dissimulada. Como se ele houvesse
entrevisto, por um instante apenas, a

caverna de um tesouro e, a partir de então, tivesse como obsessão única encontrar a entrada.

Sorrindo também, ele balbucia:

– Inspetor Laurenç Sérénac, da delegacia de Vernon.

Ela estende a mão delicada.

– Stéphanie Dupain. Única professora da única turma da cidade.

Seus olhos riem.

É bonita. Mais do que bonita, na verdade. Os olhos claros em tons de ninfas alcançam todas as nuances do azul e do lilás, dependendo do sol. Os lábios rosa-claro parecem maquiados com giz. O vestidinho leve revela ombros nus quase brancos. Uma pele de porcelana. Um coque meio desarrumado aprisiona os longos cabelos castanho-claros.

Uma fantasia contida.

Jérôme Morval com certeza tinha bom gosto, e não só em matéria de pintura.

– Entre. Tenha a bondade.

O frescor dentro da escola contrasta com o calor a que estivera exposto na rua. Quando Laurenç adentra a pequena sala e observa as cerca de vinte carteiras, experimenta uma espécie de emoção agradável diante daquela súbita intimidade.

Seu olhar desliza até os imensos mapas expostos na parede. França, Europa, mundo.

Belos mapas, deliciosamente antigos. Seus olhos se detêm de repente em um cartaz próximo à mesa da professora.

DESAFIO INTERNACIONAL JOVENS

PINTORES

JOVENS PINTORES

Fundação Robinson

Escola de Artes do Brooklyn e

Academia

de Belas Artes da Pensilvânia,

Filadélfia

A introdução lhe parece ideal.

– Seus alunos vão se inscrever?

Os olhos de Stéphanie se acendem.

– Vão. Eles se inscrevem todo ano! É quase uma tradição aqui.

Theodore Robinson foi um dos primeiros pintores americanos a vir pintar em Giverny com Claude Monet. Era o hóspede mais assíduo do Hotel Baudy. Depois se tornou um professor de arte famoso nos Estados Unidos... Nada mais natural que as crianças de Giverny hoje participem do concurso da sua fundação, o senhor não acha?

Sérénac meneia a cabeça.

– E os vencedores ganham o quê?

– Alguns milhares de dólares, nada mau... E, principalmente, um estágio de várias semanas numa prestigiosa escola de arte. Nova

York, Tóquio, São Petersburgo...

Cada ano é uma cidade diferente.

– Impressionante. Algum aluno
de Giverny já ganhou?

Stéphanie Dupain ri com vontade
e dá um tapinha no ombro de
Laurenç Sérénac.

Sem malícia. Ele estremece.

– Não, imagine. Milhares de
escolas no mundo todo participam
do concurso. Mas vale a pena tentar,
não é? Sabia que os filhos do
próprio Claude Monet, Michel e
Jean, se sentaram nos bancos desta
escola?

– Já Theodore Robinson nunca
voltou à Normandia, acho eu.

Stéphanie Dupain encara o
inspetor, estupefata. Arregala bem
os olhos e o inspetor pensa perceber
neles um quê de admiração.

– Vocês estudam história da arte
na academia de polícia?

– Não. Mas é possível ser da

polícia e gostar de pintura, não?

Ela enrubesce.

– *Touché*, inspetor.

Suas

faces

de

porcelana

adquirem o mesmo rosa de flores

selvagens, salpicado por sardas. Os

olhos lilases inundam o recinto.

– O senhor tem toda a razão.

Theodore Robinson morreu aos 43

anos, em Nova York, de uma crise

de asma, apenas dois meses depois

de escrever ao amigo Claude Monet

para organizar sua volta a Giverny.

Nunca mais voltou à França. Seus

herdeiros criaram uma fundação e

esse concurso internacional de

pintura em 1896, alguns anos depois

da sua morte. Mas estou chateando o

senhor. Imagino que não tenha vindo

aqui para ouvir uma aula...

– Eu adoraria.

Sérénac só disse isso para vê-la
corar outra vez. E o resultado foi até
melhor do que esperava.

O inspetor insiste:

– E a senhora? A senhora pinta?

Mais uma vez os dedos da jovem
se perdem no ar e quase encostam no
peito do inspetor. O policial se
obriga a ver nesse gesto apenas um
reflexo de professora acostumada a
se inclinar na direção dos alunos, a
conversar com eles olhando nos
olhos, a tocá-los.

Incendiária inocente?

Ele torce para não estar corando
tanto quanto ela.

– Não, não. Eu não pinto. Não
tenho... não tenho talento nenhum.

Por um breve instante, uma
nuvem passa diante do brilho de
suas íris.

– E o senhor? Seu sotaque não é
de Vernon. Nem seu nome de
batismo, Laurenç. Não é muito

comum por aqui.

– Boa observação. Laurenç é o mesmo que Laurent em provençal.

Para ser mais exato, meu dialeto pessoal seria o de Albi. Acabei de ser transferido.

– Bem-vindo, então! Albi? Seu gosto pela pintura vem de Toulouse-Lautrec, então? Cada um com seu pintor.

Ambos sorriem.

– Em parte... A senhora tem razão. Lautrec representa para os albigenses o que Monet representa para os normandos.

– O senhor sabe o que Lautrec dizia sobre Monet?

– Vou decepcioná-la, confesso que nem sabia que os dois se conheciam.

– É claro que se conheciam! Mas Lautrec achava os impressionistas brutos. Chegou a chamar Monet de babaca... Sim, usou essa palavra,

“babaca”, porque desperdiçava seu
imenso talento pintando paisagens
em vez de seres humanos!

– Que bom que Lautrec morreu
antes de ver Monet se transformar
em eremita e só pintar nenúfares
durante trinta anos.

Stéphanie ri com vontade.

– É um modo de ver as coisas.

Na realidade, pode-se considerar
que Lautrec e Monet escolheram
dois
destinos
opostos.

Para

Toulouse-Lautrec, uma vida efêmera
de libertinagem perseguindo a
luxúria da alma humana; para Monet,
uma
longa
vida
contemplativa
dedicada à natureza.

– Mais complementares do que

opostos, não? Será que é preciso
mesmo escolher? Não podemos ter
as duas coisas?

Stéphanie dá um sorriso sem
graça.

– Sou incorrigível, inspetor.

Imagino que não tenha vindo aqui
conversar comigo sobre pintura.

Está investigando o assassinato de
Jérôme Morval, não é?

Ela se senta na mesa, quase na
mesma altura do tórax de Sérénac.

Cruza as pernas com naturalidade. O
tecido de algodão escorrega até o
meio da coxa. Laurenç Sérénac fica
sem ar.

– O que isso tem a ver comigo?

– sussurra a voz inocente da
professora.

9

O ÔNIBUS PAROU BEM em frente à
praça da prefeitura. Ao volante, uma
mulher. Ela não tem sequer um
aspecto

masculino

ou

de

caminhoneiro, não, é só uma mulher miúda que poderia muito bem ser enfermeira ou secretária. Não sei se vocês repararam, mas cada vez mais são as mulheres que dirigem esses imensos veículos. Principalmente na zona rural. Há algum tempo nunca se viam mulheres dirigindo ônibus. Isso com certeza se deve ao fato de, nos vilarejos, apenas os velhos e as crianças usarem agora o transporte público. Sim, só pode ser por isso que chofer de ônibus não é mais uma profissão masculina.

Ergo a perna com dificuldade até o degrau do ônibus. Pago à motorista, que me devolve o troco com um gesto seguro de caixa.

Acomodo-me na parte da frente.

Metade dos lugares está ocupada, mas sei por experiência que muitos

turistas vão embarcar na saída de Giverny; a maioria desce na estação de Vernon. Depois disso, não existe ponto logo em frente ao Hospital de Vernon, mas, em geral, os motoristas ficam com pena das minhas pobres pernas e me deixam saltar antes.

Vocês agora entendem: as mulheres dirigem ônibus porque aceitam esse tipo de coisa.

Penso em Netuno. Ontem peguei um táxi para voltar de Vernon.

Custou-me exatamente 34 euros!

Uma quantia e tanto, não acham, para menos de 10 quilômetros?

Bandeirada noturna, disse-me o sujeito ao volante do seu Renault Espace. Eles aproveitam, claro; sabem muito bem que depois das nove da noite não passa mais nenhum ônibus para Giverny. Aliás, diga-se de passagem, reparem bem que os taxistas são sempre homens, nunca mulheres. É bem provável que

passem a noite inteira rodando em volta do hospital, feito abutres, só para espreitar a saída de viúvas que nunca aprenderam a dirigir. Nesse horário, apostam que ninguém vai regatear o preço! Enfim... Digo isso, mas talvez ficasse bem feliz em encontrar um táxi daqui a pouco. Porque esta noite, pelo que os médicos disseram, pode muito bem ser a última. De modo que a coisa talvez dure uma boa parte da noite. Fico realmente chateada por deixar Netuno fora de casa.

10

NA SALA DE AULA da escola de Giverny, o inspetor Laurenç Sérénac tenta não grudar os olhos na pele nua das pernas da professora. Vasculha o bolso com gestos canhestros enquanto Stéphanie Dupain o

observa com um olhar inocente,
como se sua pose sentada em cima
da mesa com as coxas cruzadas
fosse a mais natural do mundo. Em
geral, reflete Laurenç Sérénac,
nenhum aluno da sua turma deve ver
malícia nisso. Em geral...

– Então? – torna a perguntar a
professora. – O que isso tem a ver
comigo?

Os dedos do inspetor acabam
por extrair do bolso uma fotocópia
do postal do *Ninfeias*.

ONZE

ANOS.

FELIZ

ANIVERSÁRIO.

Ele lhe estende o postal.

– Encontramos isto no bolso de
Jérôme Morval.

Stéphanie Dupain destrincha a
frase com atenção. Quando se
inclina e se vira levemente de perfil,
o raio de sol que vem da janela se

reflete no papel branco e ilumina seu
rosto, numa pose de leitora rodeada
por um halo de luz que sugere
Fragonard. Degas. Vermeer. Por um
segundo, uma estranha impressão
passa pela cabeça de Sérénac:
nenhum dos gestos daquela jovem é
espontâneo, a graça de cada
movimento é demasiado perfeita,
calculada,
estudada. *Ela*
está
posando para ele. Stéphanie Dupain
se empertiga com elegância, os
lábios
de
giz
se
abrem
delicadamente e deixam escapar um
hálito invisível que transforma em
pó as ridículas desconfianças do
policial.

– Os Morval não tinham filhos.

Então o senhor pensou na escola.

– Sim. Todo o mistério está aí.

Tem alguma criança de 11 anos na sua turma?

– Muitas, claro. Tenho alunos de mais ou menos todas as idades, de 6 a 11 anos. Mas, que eu saiba, nenhum deles faz aniversário nos próximos dias ou semanas.

– A senhora poderia nos dar uma lista exata? Com o endereço dos pais, as datas de nascimento, enfim, tudo o que possa ser útil?

– Isso pode ter ligação com o assassinato?

– Pode ser que sim, pode ser que não. Por enquanto, estamos tateando, seguindo várias pistas. Por exemplo, só para saber, essa frase significa alguma coisa para a senhora?

Sérénac conduz o olhar de Stéphanie até a parte inferior do postal. Ela franze de leve o cenho num esforço de concentração. Ele

adora cada um de seus movimentos.

Ela continua a ler. As pálpebras se agitam, a boca treme, a nuca se dobra. Uma mulher lendo sempre foi uma fantasia do inspetor. Como ela o poderia estar manipulando? Como poderia saber?

*O crime de sonhar eu consinto
que seja instaurado.*

– Então... não significa nada para a senhora? – balbucia Sérénac. Stéphanie Dupain se levanta bruscamente. Caminha até a estante de livros, se abaixa, em seguida torna a se virar, toda sorrisos.

Estende-lhe
um
livro
branco.

Laurenç tem a impressão de que o coração da professora está batendo a ponto de estourar o peito debaixo do vestido de algodão, como um passarinho trêmulo que não se atreve

a passar pela porta aberta da gaiola.

Um segundo depois, ele se pergunta
por que lhe veio essa imagem
ridícula. Tenta se concentrar no
assunto em pauta.

– Louis Aragon – diz a voz
límpida de Stéphanie. – Desculpe,
inspetor,
vou
ser
novamente
obrigada a lhe dar uma aula...

Laurenç afasta um caderno e se
senta numa das carteiras dos alunos.

– Já falei. Adoro isso.

Ela torna a rir.

– O senhor não é tão versado em
poesia quanto em pintura, inspetor.

A frase do postal é um trecho de um
poema de Louis Aragon.

– A senhora é incrível...

– Não, não, não tenho mérito
algum. Em primeiro lugar, Louis
Aragon era um frequentador de

Giverny, um dos únicos artistas que
ainda se mudaram para o vilarejo
depois da morte de Claude Monet,
em 1926. Além disso, esse trecho é
de um famoso poema dele, o
primeiro que foi censurado pelo
regime de Vichy, em 1942. Me
perdoe mais uma vez pela aula,
inspetor, mas quando lhe disser o
título do poema o senhor vai
entender por que é uma tradição aqui
no vilarejo ensiná-lo todos os anos
às crianças da escola...

—

“Impressões”?

—

arrisca

Sérénac.

— Errou. Por pouco. Aragon
batizou seu poema de “Ninfeu”.

Laurenç Sérénac tenta organizar
as informações, ordená-las.

— Se estou entendendo bem,
Jérôme Morval logicamente também

devia conhecer a origem desses
estranhos versos.

Ele passa alguns segundos
pensando, hesitante a respeito de
que atitude adotar.

– Obrigado. Poderíamos ter
levado muitos dias para descobrir
isso. Mesmo que, por enquanto, eu
não entenda como essa informação
nos faz avançar.

O inspetor se vira para a
professora. Ela está em pé na sua
frente, seus rostos quase na mesma
altura, afastados uns 30 centímetros.

– Stéphanie... Posso chamá-la
de Stéphanie? A senhora conhecia
Jérôme Morval?

Os olhos lilases o encaram. Ele
quase não hesita. Mergulha.

– Giverny é um lugar minúsculo

– responde ela. – Algumas centenas
de habitantes...

O inspetor já ouviu isso antes!

– Isso não é resposta, Stéphanie.

Silêncio. Vinte centímetros os
separam.

– Sim... eu o conhecia.

A superfície lilás das íris está
cheia de luz. O inspetor transpira.
Precisa insistir. Ou se entregar.
Todo o seu cinismo fajuto não lhe
serve de nada.

– Existem... existem boatos.

–

Não
fique
constrangido,
inspetor. É claro que estou sabendo.
Esses boatos... Jérôme Morval era
um mulherengo, é assim que se diz,
não? Não, não vou fingir que ele não
tentou se aproximar de mim. Só
que...

Seus olhos de ninfeia se
obscurece. Uma leve brisa.

– Eu sou casada, inspetor
Sérénac. Sou a professora primária
deste vilarejo. Morval, de certa

forma, era o médico. Seria ridículo
pôr o senhor nesse tipo de pista
louca... Nunca aconteceu nada entre
Jérôme Morval e eu. Em vilarejos
como o nosso, sempre existem
pessoas para espionar as outras,
espalhar
mentiras,
inventar
segredos...

– Não está mais aqui quem falou.

Me perdoe se fui inconveniente.

Ela sorri, bem diante de sua
boca, e de repente desaparece de
novo na direção da estante.

– Tome, inspetor. Já que o
senhor tem coração de artista...

Laurenç constata, estupefato, que
Stéphanie está lhe estendendo outro
livro.

– Para sua cultura pessoal.

Aureliano, o mais belo romance de
Louis Aragon. As cenas mais
importantes acontecem em Giverny.

Do capítulo 60 ao 64. Tenho certeza
de que o senhor vai adorar.

– Obri... obrigado.

O inspetor não encontra mais
nada a dizer e se recrimina
interiormente pelo próprio mutismo.

Stéphanie o pegou desprevenido. O
que Aragon tem a ver com aquela
história toda? Ele sente que algo lhe
escapa, como uma derrapagem, uma
perda de controle. Pega o livro com
uma segurança forçada, cola-o à
coxa com o braço inerte e estende a
mão para Stéphanie. A professora a
aperta.

Um aperto um pouco forte
demais.

Um pouco demorado demais.

Um ou dois segundos. Só o
tempo de a sua imaginação se soltar.

Aquela mão dentro da sua parece se
agarrar, parece gritar: “Não me
solte. Não me abandone. Você é
minha única esperança, Laurenç.

Não me deixe chegar ao fundo.”

Stéphanie sorri. Seus olhos
cintilam.

Ele deve ter sonhado, claro. Está
ficando louco. Está embaralhando os
pincéis
em
sua
primeira
investigação normanda.

Aquela
mulher
não
está
escondendo nada.

Ela é bonita, só isso. E pertence
a outro homem.

Claro!

Enquanto recua, ele balbucia:

– Stéphanie, a senhora... não
esqueça de fazer a lista das crianças.

Amanhã mando um agente vir buscá-
la.

Ambos sabem que ele não vai

mandar agente nenhum, que ele próprio vai voltar, e que ela também assim espera.

11

O ÔNIBUS DE VERNON vira na Rue Claude-Monet e toma a direção da igreja, na parte do vilarejo em que o fluxo de turistas é menos intenso.

Por assim dizer. Adoro atravessar o vilarejo assim, de ônibus, sentada na frente,

diante

de

uma

tela

panorâmica que desfila. Passo pelas

galerias Demarez e Kandy, pela

corretora de imóveis Immo-Prestige,

pela pousada de Clos-Fleury, pelo

Hotel Baudy. O ônibus alcança um

grupo de crianças que caminha pela

rua de mochila nas costas. Quando a

motorista buzina, elas se afastam

para o lado, esmagando sem

escrúpulos malvas-rosa e íris. Duas
outras crianças correm um pouco
mais na frente e adentram a campina
em frente ao Hotel Baudy. Eu os
reconheço: os dois não se largam.
Paul e Fanette. Vejo também Netuno,
que corre ao lado deles no meio do
feno. Esse cachorro não larga as
crianças, principalmente Fanette, a
meninas das marias-chiquinhas.
Vou lhes dizer uma coisa: acho
que estou ficando gagá. Vivo
preocupada
com
meu
velho
cachorro, mas ele se vira muito bem
sem mim com as crianças da cidade.
No final da rua, vejo a parada
seguinte do ônibus. Não consigo
reprimir um suspiro. Um verdadeiro

êxodo! Mais de vinte passageiros esperando, carregados com malas de rodinhas, mochilas, sacos de dormir e, claro, grandes telas envoltas em papel pardo.

12

FANETTE SEGURA A MÃO de Paul.

Os dois estão escondidos atrás do monte de feno, na grande campina que separa o Chemin du Roy da Rue Claude-Monet, na altura do Hotel Baudy.

—

Shh,

Netuno.

Sai!

Vão

descobrir a gente...

O cão olha para as duas crianças de 11 anos sem entender. Seu pelo está coberto de palha.

— Sai! Seu burro!

Paul dá uma risada sonora. Sua camisa está aberta. Ele jogou a

mochila de lado.

Gosto da risada de Paul, pensa

Fanette.

– Olha eles ali! – exclama a
menina de repente. – No final da
rua! Venha...

Eles saem correndo. Paul mal
tem tempo de pegar a mochila. Seus
passos ecoam pela Rue Claude-
Monet.

– Mais rápido, Paul! – grita de
novo Fanette, segurando a mão do
menino.

O vento faz suas marias-
chiquinhas voarem.

– Ali!

Ela se vira bruscamente na altura
da igreja de Sainte-Radegonde, sobe
o acesso de cascalho sem diminuir o
passo e se deita atrás da grossa sebe
verde. Dessa vez, Netuno não vem
atrás deles: está farejando o fosso
do outro lado da estrada e fazendo
xixi nas casas baixas. Por causa do

active do morro, a impressão é que
elas estão enterradas. Paul abafa um
acesso de riso.

– Shh, Paul. Eles não vão
demorar a passar. Assim você vai
fazê-los descobrir a gente.

Paul recua um pouco. Senta-se
no túmulo branco atrás de si. Uma
das nádegas sobre a lápide dedicada
a Claude Monet, a outra sobre
aquela dedicada a sua segunda
esposa, Alice.

– Cuidado, Paul! Não sente no
túmulo do Monet...

– Desculpe.

– Tudo bem!

*Também gosto muito de Paul
quando o repreendo e ele se
desculpa fazendo-se de tímido.*

Enquanto

Fanette

também

reprime um acesso de riso, Paul
avança, sem conseguir evitar se

apoiar nas outras lápides do
mausoléu, as dos outros integrantes
da família Monet.

Fanette espia por entre os
galhos. Escuta passos.

São eles!

Camille, Vincent e Mary.

Vincent é o primeiro a chegar.

Observa o entorno com uma
concentração digna de índio. Olha
Netuno com um ar desconfiado,
então grita:

– Fanette! Cadê você?

Paul

reprime

outra

risada.

Fanette leva a mão à boca.

Camille chega por sua vez à
altura da igreja. É mais baixo do que
Vincent. Os braços rechonchudos e a
barriga transbordam da camisa
aberta. Está ofegante. O gordinho do
grupo, como sempre existe um.

– Você os viu?

– Não! Eles devem ter ido mais longe.

Os dois meninos prosseguem seu caminho. Vincent grita, ainda mais alto:

– Fanette! Cadê vocêêê?

A voz estridente de Mary ecoa um pouco mais atrás:

– Vocês podiam me esperar!

Quase um minuto depois de Camille e Vincent passarem, Mary para diante da igreja. É uma menina um tanto alta para os seus 10 anos. Debaixo dos óculos, está chorando.

– Meninos, me esperem! Fanette que se dane! Me esperem!

Ela vira a cabeça na direção dos túmulos; por reflexo, Fanette se deita por cima de Paul. Mary não vê nada e acaba seguindo em frente até a Rue Claude-Monet, arrastando as sandálias no asfalto de tanta raiva.

Ufa...

Fanette se levanta, sorridente.

Ajeita as marias-chiquinhas. Paul limpa o cascalho que grudou na sua calça.

– Por que você não quer falar com eles? – quer saber o menino.

– Eles me irritam! Não irritam você?

– Ah. Um pouco, sim.

– Então. Está vendo? Espere.

Camille não para de falar de ciência: “Blá-blá-blá, blá-blá-blá, eu sou o melhor aluno da sala, me escutem...” Vincent é pior ainda, estou de saco cheio dele na minha cola! Um saco, um saco, um saco!

Ele não me deixa espaço para respirar. E Mary, não preciso nem explicar. Fora chorar, puxar o saco da professora e falar mal de mim...

– É inveja – diz Paul, baixinho.

– E eu? Não se irrita comigo?

Fanette lhe faz cócegas na bochecha com uma folha.

*Você é diferente, Paul. Não sei
por quê, mas não é a mesma coisa.*

– Seu bobo. Você sabe que é o
meu preferido. Para sempre...

Paul fecha os olhos, saboreia o
prazer. Fanette acrescenta:

– Pelo menos em geral. Só que
hoje não!

Ela se levanta para ver se o
caminho está livre. Paul revira os
olhos.

– O que foi? Vai me abandonar
também?

– Vou. Tenho um encontro.

Ultrassecreto!

– Com quem?

– Ultrassecreto, já falei! Não vá
me seguir, hein? Só Netuno pode vir
comigo.

Paul agita os dedos, as mãos e
os braços como quem tenta disfarçar
um medo intenso.

É por causa desse assassinato.

Ninguém fala em outra coisa no

*vilarejo desde hoje de manhã! A
polícia não sai das ruas. Como se
houvesse algum perigo para nós
também...*

Fanette insiste:

– Jura?

Paul

se

arrepende,

mas

confirma:

– Juro!

TERCEIRO DIA

15 de maio de 2010, Hospital de

Vernon

Raciocínio

13

O DESPERTADOR FOSFORESCENTE

ACIMA da cama marca 1h32. Não

consigo pegar no sono. A última

enfermeira que vi já passou faz mais

de uma hora. Deve pensar que estou

cochilando. Dormir. Até parece!

Como dormir em poltronas tão

desconfortáveis?

Observo o conta-gotas que pinga da pera de borracha. Por quanto tempo eles ainda podem mantê-lo assim, com essa intravenosa?

Dias? Meses? Anos?

Ele também não dorme. Perdeu o domínio da fala ontem, ou pelo menos é o que os médicos dizem.

Tampouco é capaz de mover os músculos, mas mantém os olhos abertos. Segundo as enfermeiras, ele entende tudo. Elas já me repetiram isso cem vezes: se eu falar, se ler para ele, ele vai ouvir. “É importante para o moral do seu marido.”

Sobre a mesa de cabeceira há uma pilha de revistas. Quando as enfermeiras estão presentes, meio que finjo ler em voz alta. Mas, assim que elas saem, me calo.

Como ele supostamente entende tudo, vai entender.

Torno a olhar para o conta-

gotas. Para que servem essas

perfusões?

As

enfermeiras

explicaram que elas o mantêm vivo,

mas esqueci os detalhes.

Os

minutos

passam.

Estou

preocupada com Netuno também.

Meu pobre cão, sozinho em Giverny.

Não vou passar a noite inteira aqui,

afinal.

As

enfermeiras

estavam

pessimistas. Deve fazer dez minutos

que ele não pisca o olho. Continua a

me encarar fixamente. Isso me

enlouquece.

2h12.

Uma

enfermeira

tornou

a

aparecer. Pediu que eu tentasse

dormir. Fingi escutá-la.

Tomei minha decisão.

Espero mais um pouco, apuro os

ouvidos para ter certeza de que não

há nenhum barulho no corredor.

Levanto-me. Espero mais um pouco,

e então, com os dedos trêmulos,

desconecto as perfusões. Uma por

uma. São três.

Ele

me

fita

com

olhos

desvairados. Já entendeu. Dessa vez,

pelo menos, não resta dúvida de que

entendeu.

O que ele esperava?

Aguardo.

Quanto tempo? Quinze minutos?

Trinta? Peguei uma revista em cima

de
uma
cadeira. *Normandie*
Magazine. O texto fala sobre a
grande exposição de quadros neste
verão
chamada
“Normandia
impressionista”. Ninguém vai falar
em outra coisa na região a partir do
mês
de
junho.
Fico
lendo
ostensivamente. Em silêncio! Como
se não estivesse nem aí que ele
morresse bem do meu lado. É isso
mesmo, aliás.
De vez em quando, observo-o
por cima da revista. Ele me encara
com olhos esbugalhados. Encaro-o
também por alguns segundos, em
seguida retomo a leitura. Seu rosto

se deforma cada vez um pouco mais.

É horrível, podem acreditar.

Por volta de três da manhã, tenho a impressão de que ele morreu mesmo. Os olhos de meu marido continuam abertos, mas não se movem.

Levanto-me

e

começo

a

reconectar os conta-gotas como se nada houvesse acontecido. Mas não, pensando bem, torno a desconectá-los. Aperto a campainha de alarme.

A

enfermeira

acorre.

Profissional.

Adoto um ar apavorado. Sem exageros, claro. Explico que peguei no sono e que o encontrei assim quando acordei sobressaltada.

A enfermeira observa os tubos

soltos. Parece contrariada, como se
aquilo fosse culpa sua.

Espero que ela não tenha
problemas. Em todo caso, não sou
eu quem vai lhe criar nenhum!

Ela corre para chamar um
médico.

Tenho um sentimento estranho.

Entre a raiva, ainda, e a liberdade.

E a dúvida.

O que fazer agora?

Ir contar tudo à polícia ou
continuar a bancar o ratinho preto
pelas ruelas de Giverny?

14

AS CINCO FOTOGRAFIAS ESTÃO

espalhadas

sobre

a

mesa

da

delegacia. Laurenç Sérénac segura
nas mãos um envelope de papel
pardo.

– Pelo amor de Deus, quem pode ter mandado isso? – pergunta Sylvio Bénavides.

– Não se sabe... O envelope foi encontrado na correspondência de hoje de manhã. Enviado de uma caixa postal em Vernon. Ontem à noite.

– Só fotos. Não tinha carta, bilhete, nada?

– Não, nenhuma explicação. Mas não poderia estar mais claro.

Estamos diante de uma espécie de compilação das amantes de Jérôme Morval. Um *best of*... Por favor, Sylvio, dê uma olhada, eu já tive tempo de admirar.

Sylvio Bénavides dá de ombros, em seguida se curva sobre as cinco imagens: Jérôme Morval está em todas as fotos, mas em cada uma delas acompanhado por uma mulher diferente. Nenhuma delas é a sua esposa. Jérôme Morval atrás de uma

mesa, apoiado nos joelhos de uma
moça a quem beija de língua e que
poderia
muito
bem
ser
uma
secretária
do
seu
consultório.

Jérôme Morval no sofá de uma
boate, com a mão no seio de uma
moça de vestido de paetês. Jérôme
Morval sem camisa, deitado ao lado
de uma moça branca em uma praia
de areia cujo cenário ao fundo
lembra a Irlanda. Jérôme Morval em
pé em uma sala decorada por
quadros parecida com a sua,
enquanto uma moça de saia,
ajoelhada, está de costas para o
fotógrafo,
mas

não

para

o

oftalmologista.

Jérôme

Morval

caminhando por uma trilha de terra

batida acima de Giverny – dá para

reconhecer o campanário da igreja

de Sainte-Radegonde –, de mãos

dadas com Stéphanie Dupain.

Sylvio

Bénavides

dá

um

assobio.

– Nada a dizer. Trabalho de

profissional!

Sérénac sorri.

–

Também

acho.

Esse

oftalmologista chamava atenção,

mesmo não tendo um físico de galã.

Desconcertado,

Bénavides

encara o chefe por alguns instantes

antes de se corrigir:

– Não estava falando de Morval,

mas de quem tirou as fotos.

Sérénac pisca para ele.

– Você é inacreditável, Sylvio.

Sempre cai direitinho! Vamos,

desculpe, pode continuar.

Bénavides

enrubesce

e

prossegue gaguejando:

– Eu... O que quis dizer, chefe, é

que sem dúvida isto aqui é trabalho

de

um

detetive

particular

profissional. Ao que parece, eu diria

que as fotos, pelo menos as tiradas

no escritório e na sala, foram feitas por uma janela, com uma zoom que

até mesmo um paparazzo deve ter
dificuldade para comprar.

Sérénac torna a examinar as
imagens. Exagera um pouco uma
careta libidinosa.

– Hum. Não estou achando você
muito exigente. As fotos internas
estão embaçadas, não? Enfim, não
vou criticar, é um trabalho de
bastante qualidade. Visivelmente,
Morval escolhia moças lindas. É
isso que eu deveria ter feito, virado
detetive particular em vez de
policial.

Sylvio deixa passar.

– Na sua opinião, quem, tirando
a
mulher
dele,
poderia
ter
encomendado
estas
fotos?

—
pergunta.

— Não sei. Vamos perguntar a Patricia Morval, mas, quando a encontrei, não foi particularmente loquaz em relação às infidelidades do marido. E tive sobretudo a impressão de que neste caso vai ser preciso desconfiar das aparências.

— Como assim?

— Bom, por exemplo, Sylvio, acho que você notou que a natureza das cinco fotografias é bem

diferente. Em algumas, como na da boate, na da sala e na do escritório, não resta dúvida: o malandro Morval está comendo essas moças. Bénavides franze o cenho.

— Bom, tudo bem, talvez eu esteja

tirando

conclusões

precipitadas – acrescenta Sérénac. –

Digamos que Morval tem intimidade

suficiente com elas para lhes

acariciar o busto ou receber um

agrado especial. Mas no caso da

foto da praia e, principalmente, da

que foi tirada acima de Giverny,

nada diz que essas moças são

amantes dele.

– A última mulher é também a

única que conhecemos – contribui

Bénavides. – Stéphanie Dupain, a

professora primária do vilarejo, se

não me engano.

Sérénac

confirma

com

um

meneio de cabeça. Sylvio continua:

– Por outro lado, chefe, não sei

aonde o senhor quer chegar com

essa

história

de *best of* das

aventuras sexuais de Morval. Trair é

trair, não?

– Vou lhe dizer aonde quero

chegar. Não gosto nem um pouco de

receber presentes anônimos. Gosto

menos ainda de orientar uma

investigação criminal com base no

que um abutre manda. Sou um

homem adulto, entende? Não gosto

muito quando alguém que não se

apresenta fica me sugerindo onde

devo procurar pistas.

– E isso quer dizer exatamente o

quê?

– Quer dizer, por exemplo, que

não é porque Stéphanie Dupain está

no meio desta série de fotos que ela

era amante de Morval. Mas talvez

alguém queira que nós cheguemos a

essa conclusão.

Sylvio Bénavides coça a cabeça

enquanto

pensa

na

hipótese

desenvolvida pelo chefe.

– Tá, essa parte eu entendi. Mas não podemos simplesmente não levar estas fotos em consideração.

– Ah, claro que não... Sobretudo porque ainda não chegamos ao final do mistério. Aperte o cinto, Sylvio, e espie o verso das fotos.

Sérénac vira, uma por uma, as cinco imagens sobre a mesa. No verso de cada uma há um número.

Na da mesa, *23-02*. Na da boate, *15-03*. Na da praia, *21-02*. Na da sala, *17-03*. E, no verso da foto tirada no caminho de Giverny, *03-01*.

– Puta que pariu – diz Bénavides entre os dentes. – O que significa isso?

– Não faço ideia.

– Parecem datas. Talvez sejam

os dias em que as fotos foram
tiradas?

– Hum... E todas teriam sido
tiradas entre os meses de janeiro e
março? Nesse caso, ele teria uma
saúde e tanto, o nosso rei da
catarata, você não acha? E eu poria
a mão no fogo que esta foto da praia
na Irlanda não foi tirada no inverno.

– Então?

– Ora, Sylvio, vamos pesquisar!
Não temos alternativa. Vamos correr
atrás. Quer que eu lhe sugira um
jogo?

Bénavides abre um sorriso
desconfiado.

– Na verdade, não...

– Bom, digamos que você não
tem escolha.

Sérénac se inclina, recolhe as
cinco fotos, mistura-as e as dispõe
em leque, como um baralho.
Estende-as para o colega.

– Um de cada vez, Sylvio. Cada

um de nós vai tirar uma moça.

Depois vamos bancar os policiais e descobrir seu nome, currículo e álibi para o dia do assassinato de Morval. Marcamos um encontro para daqui a dois dias, e vamos ver quem consegue mais informações.

– O senhor é mesmo estranho às vezes, chefe.

– Que nada, Sylvio. É só o meu jeito de apresentar as coisas. Além do mais, o que você quer fazer além de tentar descobrir a identidade dessas garotas? Afinal, não vamos deixar Maury e Louvel saírem à caça dessas cinco beldades no nosso lugar, vamos?

Sérénac solta uma gargalhada.

– Bom, se você não se decide, começo eu.

Laurenç Sérénac pega a foto de Jérôme Morval debruçado sobre a moça no escritório.

–

A

secretária

particular

brincando de médico com o chefe –

comenta. – Vamos ver. Sua vez.

Sylvio suspira, em seguida pega

uma das fotos.

– Sem roubar, hein! Nada de

olhar os números!

O inspector vira a foto. É a da

boate.

– Sortudo! – exclama Sérénac. –

A garota dos paetês.

Bénavides enrubesce. Laurenç

Sérénac escolhe. Ele pega a foto da

garota ajoelhada.

– A surpresinha. A garota de

costas. Sua vez.

Sérénac lhe apresenta as duas

últimas fotos. Bénavides escolhe. O

acaso lhe atribuiu a foto da praia.

– A desconhecida do mar da

Irlanda – comenta Sérénac. – Está se

saindo bem, danadinho.

Sylvio Bénavides batuca com as
fotos sobre a mesa, em seguida
observa seu superior com um sorriso
de ironia.

– Não me faça de bobo, chefe.

Não sei como o senhor fez isso, mas
tinha certeza desde o início que
ficaria com a foto de Stéphanie
Dupain.

Sérénac lhe devolve o sorriso.

– Você não deixa escapar nada,
hein? Não vou revelar meu truque,
mas você tem razão: fico com a bela
professora, privilégio de chefe. E
não esquento muito a cabeça com
esses códigos no verso, Sylvio, 15-
03, 21-02... Tenho certeza de que,
quando tivermos encontrado o nome
das quatro outras moças, os números
vão falar por si.

Ele guarda as fotos na gaveta.

– De resto, mãos à obra?

– Certo, vamos lá. Espere aí,
chefe. Antes de começarmos, trouxe

um presentinho. Para mostrar que,
mesmo que o senhor viva me
enganando, não sou de guardar
rancor.

Bénavides se levanta antes de
Sérénac conseguir se defender. Sai
da sala e, alguns minutos mais tarde,
volta com um saco de papel branco
na mão.

– Tome. Acabaram de sair do
forno, por assim dizer...

Sylvio Bénavides empurra o
saco sobre a mesa e o despeja. Uns
vinte brownies se espalham sobre a
superfície.

– Fiz para minha mulher –
explica Sylvio. – Normalmente, ela
adora, mas há uns quinze dias não
consegue engolir mais nada... Nem
com meu creme inglês caseiro.

Sérénac se deixa cair sobre a
cadeira de rodinhas.

– Sylvio, você é uma mãe para
mim. Vou lhe confessar uma coisa:

pedi transferência para esta região
horrível aqui do Norte só para ter
você como assistente!

– Não exagere...

– Não estou exagerando!

Ele ergue os olhos para o
assistente.

– E o bebê, para quando é?

– Para logo. O parto está
previsto para exatamente daqui a
cinco dias. Mas, no fim das contas, o
senhor sabe como é...

Sérénac morde um doce.

– Puta que pariu! Que delícia.

Sua mulher não sabe o que está
perdendo!

Sylvio Bénavides se inclina em
direção à pasta apoiada na sua
cadeira. Quando se levanta, seu
superior está de novo em pé.

– E, com um café, nem lhe conto

– acrescenta Sérénac. – Vou descer
rapidinho para tomar um. Quer um
também?

A lista que Sylvio agora segura
se desenrola até o chão.

– Ahn, não, obrigado.

– Sério, nada?

– Tá bom. Um chá. Sem açúcar.

Vários minutos mais tarde, o
inspetor Sérénac volta com dois
copos descartáveis. Os farelos de
brownie sobre a mesa foram limpos.

Sérénac suspira, como que para
fazer seu assistente entender que tem
o direito de se conceder uma pausa.

Mal tem tempo de se sentar antes de
Bénavides iniciar seu resumo:

– Então, chefe, vou ser bem
sucinto. O parecer da autópsia
confirma que Morval primeiro foi
apunhalado. Levou um minuto para
morrer. Só depois alguém lhe
esmagou o crânio com uma pedra,
em seguida afogou sua cabeça no
regato. O crime ocorreu nessa
ordem;

os

legistas

foram

categóricos.

Sérénac molha um brownie no

café e comenta, sorrindo:

– Considerando a ficha corrida
do oftalmologista, é possível que
três ciumentos tenham agido juntos.

Associação

de

cornos.

Isso

explicaria o ritual, como em *O
assassinato no Expresso Oriente*.

Bénavides o encara com um ar
consternado.

– Estou brincando, Sylvio. Estou
brincando.

Brownie no café.

– Vamos, vou começar a falar
sério daqui a dois segundos. Vou lhe
confessar: tem alguma coisa estranha
neste caso. Uma conexão entre todos
os elementos que não está clara.

Uma luz atravessa o olhar de

Sylvio.

– Concordo totalmente com o
senhor, chefe.

Ele hesita. Então diz:

– Aliás, tenho uma coisa para
lhe mostrar... Uma coisa que vai
surpreendê-lo.

15

COMO TODOS OS DIAS ao sair da
escola, Fanette correu. Deixou os
outros alunos da turma, depois
brincou de esconde-esconde nas
ruelas de Giverny para não tornar a
encontrar Vincent, Camille ou Mary.
Fácil demais! Conhece como a
palma da mão todas aquelas ruelas.
Mais uma vez, Paul quis acompanhá-
la, só ele, os outros não. Disse que
não queria deixá-la sozinha por
causa do tal assassino que poderia
estar zanzando pelas ruas, mas ela
resistiu, não falou nada.

É o meu segredo!

Pronto, está quase chegando.

Passa pela ponte, pelo lavadouro,

por

aquele

velho

moinho

extravagante com a torre que mete

medo.

Eu juro, Paul, amanhã conto

com quem é meu encontro secreto

todos os dias, há uma semana.

Amanhã eu conto.

Ou depois de amanhã.

Fanette segue em frente, avança

pelo caminho em direção à pradaria.

James está lá.

Está em pé um pouco mais

adiante, no trigal, com as espigas lhe

batendo acima dos joelhos, bem no

meio de quatro cavaletes de pintura.

Fanette avança a passos de veludo.

– Sou eu!

Um grande sorriso deforma a

barba branca de James. Ele dá um

abraço apertado em Fanette. Por um curto instante.

– Vamos, pequena, depressa. Ao trabalho! Restam poucas horas de luz. Essa sua escola termina muito tarde.

Fanette se acomoda diante de um dos cavaletes, o que James lhe empresta, o menor, bem adaptado ao seu tamanho. Inclina-se na direção da grande caixa de tintas de madeira envernizada e começa a pegar tubos e pincéis.

Fanette não sabe muita coisa sobre o velho pintor que encontrou faz uma semana, só que é americano, que se chama James e que pinta ali quase todos os dias; ele disse que ela era a menina mais talentosa para a pintura que já tinha visto, e que conheceu muitas, do mundo inteiro, foi professor de pintura nos Estados Unidos, segundo contou. Não para de lhe dizer que ela fala o tempo todo e que, mesmo sendo muito

talentosa, precisa se concentrar mais. Como Monet. Precisa saber observar e imaginar. James vive repetindo a mesma lenga-lenga. Observar e imaginar. E pintar depressa também, é por isso que ele carrega quatro cavaletes, para poder pintar assim que a luz cai sobre um canto da paisagem, assim que as sombras se movem, que as cores mudam.

Contou

que

Monet

costumava percorrer os campos com seis cavaletes. E que pagava a crianças da mesma idade que ela para carregar tudo, cedo de manhã e no final do dia.

Que bobagem! É um truque de James para fazê-la carregar as suas coisas também. Ela entendeu, mas fingiu acreditar nele. James é legal, mas tem um pouco de tendência a

pensar que é o velho Monet.

E a pensar que sou idiota!

– Chega de sonhar, Fanette.

Pinte!

A menina tenta reproduzir o
lavadouro normando, a ponte acima
do regato, o moinho logo ao lado. Já
faz vários minutos que está pintando.

– Você sabe quem é Theodore
Robinson? A professora falou sobre
ele.

– Por quê?

– Ela inscreveu a turma num
concurso. Um concurso mundial,
monsieur
James.

Isso

mesmo,

MUNDIAL...

Da

Fundação

Robinson! Se eu ganhar, vou viajar
para o Japão, ou para a Rússia, ou
para a Austrália. Vou ver... Ainda

não decidi.

– Verdade?

– E ainda nem falei sobre os
dólares.

James pousa delicadamente a
paleta sobre a caixa de tintas. Em
algum momento, sua barba vai ficar
molhada de tinta. Como todos os
dias.

Hoje é de tinta verde.

*Sou meio sacana, nunca aviso
quando ele fica com os pelos da
barba cheios de tinta. Acho
engraçado demais.*

James se aproxima.

– Sabe, Fanette, se você se
esforçar de verdade... se acreditar...
você tem uma chance real de ganhar
esse concurso.

*Agora ele está me assustando
um pouco.*

James deve perceber que Fanette
está olhando para sua barba. Passa o
dedo e espalha um pouco mais a

tinta verde.

– Não brinque comigo...

– Mas não estou brincando,

Fanette. Já falei. Você tem um dom.

Não pode fazer nada em relação a

isso, é assim, você nasceu com ele.

E sabe muito bem disso, aliás. Você

tem um dom para a pintura. Mais do

que isso, na verdade. Na sua

categoria, com certeza é uma

pequena gênia. Mas não adianta

nada se...

– Se eu não me esforçar, é isso?

– Isso, é preciso se esforçar. É

indispensável, naturalmente. Caso

contrário, o talento... puf. Mas não

era isso que eu queria dizer.

James se move devagar. Tenta

passar por cima das espigas de trigo

para não as amassar. Muda um

cavalete

de

lugar,

como

se

bruscamente o sol lá em cima
tivesse corrido para outro lugar.

– O que eu queria dizer, Fanette,
é que de nada adianta ser gênio se a
gente não é capaz de... como
explicar? Capaz de ser egoísta.

– O quê?

James às vezes fala muita

besteira.

– De ser egoísta! Minha pequena
Fanette, a genialidade incomoda
todos os que não a têm, ou seja,
quase todo mundo. A genialidade
afasta você de quem você ama e
provoca inveja nos outros. Você
entende isso?

*Ele esfrega a barba. Espalha
tinta verde por toda parte. Nem
percebe. James é velho. Muito,
muito velho.*

– Não, não estou entendendo
nada!

– Vou explicar de outro jeito.

Veja o meu exemplo: meu maior sonho era vir pintar em Giverny, descobrir as verdadeiras paisagens de Monet. Você não imagina quantas horas passei, no meu vilarejo de Connecticut, diante de reproduções de quadros dele, nem quantas vezes sonhei com esses quadros. Os choupos, o Epte, as ninfeias, a ilha das Urtigas... Você acha que valia a pena deixar minha mulher, meus filhos e netos lá, aos 65 anos? O que era mais importante? Meu sonho de pintar ou passar o Dia das Bruxas e o Dia de Ação de Graças com a família? Se fosse você, qual seria a sua escolha?

– Bom...

– Está hesitando, não é? Pois bem, eu não hesitei! E acredite, Fanette, não me arrependo de nada. No entanto, vivo aqui como um mendigo, ou quase. E não tenho um quarto do seu talento... Entende o

que quero dizer então quando falo de

egoísmo?

Você

acha

que

os

primeiros pintores americanos que

chegaram ao Hotel Baudy na época

de

Monet

também

não

se

arriscaram? Que não tiveram de

abandonar tudo?

Não

gosto

quando

James

começa a falar assim. Parece que

pensa exatamente o contrário do

que diz. Como se, na verdade,

tivesse se arrependido, como se

estivesse profundamente entediado,

como se pensasse o tempo todo em sua família nos Estados Unidos.

Fanette pega um pincel.

– Bom, monsieur James, vou retomar. Desculpe bancar a egoísta, mas preciso ganhar o concurso da Fundação Robinson.

James solta uma gargalhada.

– Tem razão, Fanette. Não passo de um velho louco e resmungão.

– E gagá. Você nem me explicou quem foi Robinson!

James

avança,

observa

o

trabalho de Fanette. Estreita os olhos.

– Theodore Robinson é um pintor americano. O impressionista mais conhecido do meu país, os Estados Unidos. É o único artista americano a ter se tornado amigo íntimo de Monet. Claude Monet

fugia dos outros como da peste.

Robinson passou oito anos em
Giverny.

Chegou

a

pintar

o

casamento da enteada preferida de

Claude Monet, Suzanne, com o

jovem pintor americano Theodore

Butler. E... é muito estranho,

Fanette, outro de seus quadros mais

famosos representa exatamente a

cena que você está pintando agora.

Fanette quase larga o pincel.

– O quê?

– A mesma cena. Estou dizendo!

É um velho quadro de 1891, um

quadro famoso que mostra o Ru, a

ponte sobre o regato, o moinho de

Chennevières. Ao fundo, vê-se uma

mulher de vestido, com os cabelos

cobertos por um lenço... e, no meio

do regato, um homem que dá de

beber ao seu cavalo. O nome do quadro, aliás, é *Pai Trognon e sua filha na ponte*. Era esse o nome do cavaleiro. Ele morava em Giverny, o pai Trognon.

Dessa vez, Fanette se segura para não rir.

Às vezes, James acha mesmo que sou uma idiota.

Pai Trognon. Até parece!

James continua a observar a tela da menina. A barba do velho pintor vai quase até debaixo dos olhos. Seu dedo

grosso

passa

a

alguns

milímetros da tinta ainda úmida.

– Muito bem, Fanette. Gosto

muito das sombras em volta do seu

moinho. Muito bem. É um sinal do

destino, Fanette. Você pintar a

mesma

cena

que

Theodore

Robinson, e bem melhor do que ele, devo dizer. Confie em mim: você vai ganhar esse concurso! Uma vida nada mais é do que duas ou três oportunidades a não deixar passar, sabe? Uma vida se resume a isso, minha linda! Nada mais.

James se afasta para mudar seus cavaletes de lugar. Parece que passa mais tempo mudando as telas de lugar do que pintando. Como se o sol fosse mais rápido do que ele.

Não faz mal.

Quando Netuno se junta a eles, já se passou quase uma hora. O pastor-alemão fareja desconfiado a caixa de tintas, em seguida se deita aos pés de Fanette.

– É seu, esse cachorro? –

pergunta James.

– Não, na verdade, não. Acho

que é um pouco de todo mundo no vilarejo, mas eu o adotei. Sou sua preferida!

James sorri. Está sentado em um banquinho em frente a um dos cavaletes, mas, toda vez que Fanette o observa, pega-o a cochilar diante da tela. Em pouco tempo, sua barba vai acabar virando um arco-íris. Ela espera o momento certo para rir.

Não.

Não,

preciso

me

concentrar.

Fanette continua seu estudo do moinho de Chennevières. Torce as formas da pequena torre de enxaimel, reforça os contrastes, o ocre, as telhas, as pedras. James

chama aquilo de “moinho da bruxa”.

Por causa da velha que mora lá.

Uma bruxa...

Às vezes, James acha mesmo

que sou criança.

Mas Fanette na verdade tem um pouco de medo. James lhe explicou por que não gosta muito daquela casa. Segundo ele, por causa daquele moinho as *Ninfeias* de Monet quase não existiram. O moinho e o jardim de Monet estão construídos à beira do mesmo regato. Monet queria fazer uma barragem, instalar comportas, desviar a água para criar seu laguinho. Ninguém no vilarejo concordou por causa das doenças, dos charcos, essas coisas.

Principalmente

os

vizinhos.

Principalmente os moradores do

moinho. Isso rendeu muita história,

Monet brigou com todo mundo, deu

muito dinheiro também, escreveu

para o prefeito, para um sujeito que

ela também não conhece, um amigo

de

Monet,

o

nome

dele

é

Clemenceau.

E

Monet

acabou

conseguindo

seu

laguinho

de

nenúfares.

Teria sido uma pena!

Mas não deixa de ser idiota

James não gostar desse moinho por

causa disso. Essa confusão de

barragem entre Monet e os vizinhos

faz um tempão.

James às vezes é um idiota.

Ela estremece.

A menos que o moinho seja

mesmo habitado por uma bruxa!

Fanette passa algum tempo pintando.

A luz cai. Isso torna o moinho ainda

mais sinistro. Ela adora. James está

dormindo faz tempo.

De repente, Netuno se levanta

sobressaltado. Começa a rosnar,

bravo. Fanette se vira bruscamente

na direção do pequeno bosque de

choupos

logo

atrás

dela

e

surpreende a silhueta de um menino

da sua idade.

Vincent! Com o olhar vazio.

– O que você está fazendo aqui?

James

acorda,

ele

também

sobressaltado. Fanette continua a

gritar:

– Vincent! Odeio quando você
chega pelas minhas costas feito um
espião. Faz quanto tempo que está
aqui?

Vincent não diz nada. Examina o
quadro de Fanette, o moinho, a
ponte. Parece hipnotizado.

– Já tenho um cachorro, Vincent.

Tenho Netuno. Já está bom. E pare
de me olhar desse jeito, está me
deixando com medo.

James tosse na barba.

– É... Hum. Bom, crianças, que
bom que vocês são dois. A julgar
pela luminosidade, acho que está na

hora de recolher o material. Vocês
vão me ajudar! Monet dizia que
sabedoria era acordar e ir dormir
junto com o sol.

Fanette não tirou os olhos de
Vincent.

*Vincent me dá medo quando
aparece assim, do nada. Pelas
minhas costas. Como se estivesse
me espionando. Às vezes tenho a
impressão de que é louco.*

16

A XÍCARA DO INSPETOR Laurenc
Sérénac se imobilizou na sua mão.
Seu assistente adota a atitude de um
aluno
que
fez
um
trabalho
suplementar
em
casa
e

está

paralisado pela vontade e o medo de mostrá-lo ao professor. A mão direita de Bénavides se perde dentro de uma pasta grossa. Acaba por extrair uma folha de papel A4.

– Olhe, chefe, para entender melhor as coisas, comecei a fazer isto aqui...

Sérénac pega mais um brownie, larga a xícara de café e se curva, espantado. Sylvio prossegue:

– É só um jeito de organizar as ideias. É meio uma mania que tenho, esse tipo de coisa: escrever anotações, fazer resumos, desenhar esboços. Aqui dividi a folha em três colunas, está vendo? São as três pistas possíveis, na minha opinião: a primeira é o crime passionai, que estaria portanto ligado a uma das amantes de Morval. É possível, claro, desconfiar da esposa, de algum marido enciumado ou ainda

de uma amante rejeitada... Não

faltam pistas nesse sentido.

Sérénac pisca para ele.

– Obrigado, delator... Pode

continuar, Sylvio.

– A segunda coluna é a da

pintura, o acervo de Morval, os

quadros que ele cobiçava, os Monet,

a s *Ninfeias*. Por que não uma

história

de

interceptação? Uma

venda proibida? Em todo caso, uma

questão de arte e de dinheiro.

Sérénac morde outro brownie e

esvazia a xícara de café. Por

reflexo, Bénavides junta em um

pequeno montinho as migalhas sobre

a mesa. Ergue os olhos e observa

nas paredes da sala a dezena de

quadros que seu chefe fez questão de

pendurar desde a sua chegada.

Toulouse-Lautrec.

Pissarro.

Gauguin. Renoir.

– Um golpe de sorte, se é que
posso dizer – acrescenta Sylvio. – A
pintura é mais a sua área, inspetor.

– Pura coincidência, Sylvio. Se

eu

desconfiasse,

quando

fui

transferido para Vernon, de que meu
primeiro cadáver estaria mergulhado
no regato de Giverny... Já gostava
bastante de arte antes da academia
de polícia, por isso fiz a maioria dos
meus estágios na polícia de arte, em
Paris.

Bénavides

parece

estar

descobrimo pela primeira vez a
existência desse departamento.

– Você não gosta de arte,

Sylvio?

– Só da arte culinária.

Laurenç ri.

– Perfeito! E posso confirmar
isso com a boca cheia... Pus meus
antigos colegas da polícia de arte
para investigar o caso. Só para ver o
que
aparece.

Roubos,
interceptações, coleções suspeitas,
mercados paralelos... Não fazemos
ideia de tudo o que acontece. Na
época, tive muitas oportunidades de
me envolver nisso. Você não
imagina, são milhões e milhões em
jogo. Estou esperando notícias
deles. Bom, e a terceira coluna?
Sylvio Bénavides dirige os
olhos para o papel.

– Para mim, a terceira pista, e
não ria da minha cara, chefe, seriam
as crianças. De 11 anos, de
preferência. E não nos faltam
indícios: o tal postal de aniversário,
a citação de Aragon. Morval

poderia também ter tido uma amante
uns doze anos atrás, com quem teve
um filho sem contar nada à mulher...

Aliás, outro detalhe perturbador:
segundo os especialistas, o papel do
postal de aniversário encontrado no
bolso dele é bem antigo. Tem pelo
menos 15 anos, talvez mais. O texto
datilografado, ONZE ANOS. FELIZ
ANIVERSÁRIO,

seria da mesma
época, mas o acréscimo, o texto de
Aragon, mais recente. Estranho,
não?

O inspetor Sérénac dá um
assobio de admiração.

– Mantenho o que disse, Sylvio.

Você é o assistente ideal.

Ele se levanta bruscamente,
rindo.

– Só um pouco detalhista,
perfeccionista, enfim, mas vamos
dizer que, somado a mim, acabamos
chegando a uma média.

Sérénac caminha na direção da porta.

– Venha, Sylvio, vamos lá. Você vem comigo ao laboratório?

Bénavides sai andando ao lado dele sem reclamar. Os dois avançam pelos corredores, descem uma escada mal iluminada. Sem parar, Sérénac se vira para o assistente.

– Na lista de coisas a fazer, uma prioridade: escreva nesse seu papel “procurar testemunhas”. Não é possível que num vilarejo onde todo mundo pinta de noite até de manhã ninguém tenha visto nada no dia do assassinato de Morval e que as únicas testemunhas espontâneas que temos sejam um paparazzo anônimo que nos manda fotos comprometedoras e um cachorro em busca de carinho. Você se informou

sobre a casa ao lado do lavadouro?

Aquele moinho esquisito?

Sérénac tira do bolso uma chave

e abre uma porta de incêndio

vermelha marcada com a tripla

informação

“LABORATÓRIO-

ARQUIVO-DOCUMENTAÇÃO”.

– Ainda

não

–

responde

Bénavides. – Preciso passar lá

assim que tiver um tempinho.

O

inspetor

abre

a

porta

vermelha.

– Enquanto isso, pensei em outra

missão para manter ocupada toda a

minha delegacia. Vou até mobilizar

uma equipe de vários homens para

isso... Uma surpresinha!

Ele avança no recinto escuro.

Em cima da primeira mesa há uma
caixa de papelão. Sérénac a abre e
tira lá de dentro a impressão em
gesso de uma sola de sapato.

—

Número

42

—

anuncia,

orgulhoso. – Um solado de bota.

Não é possível haver duas iguais no
mundo!

Segundo

Maury,

sua

escultura é mais precisa do que uma
impressão digital, fresquinha e
tirada na lama da margem do Ru
poucos minutos após o assassinato
de Morval. Não preciso lhe dizer
que o dono desta bota é, no mínimo,
uma testemunha direta do crime... e

tem até uma boa chance de ser o assassino!

Sylvio arregala os olhos.

– E o que vamos fazer com isso?

Sérénac ri.

– Está oficialmente lançada a operação “Cinderela”!

– Garanto a você, chefe, estou me esforçando, mas às vezes tenho dificuldade para entender seu senso de humor.

– Isso virá com o tempo, Sylvio.

As pessoas se acostumam, não se preocupe.

– Não estou preocupado. Posso dizer até que não estou nem aí. Mas que operação “Cinderela” é essa?

– Vou propor uma versão rural, estilo lama e charco... A missão vai ser encontrar todas as botas que os trezentos moradores de Giverny tiverem em casa.

– Só isso!

Sylvio passa a mão pelos

cabelos.

– Vamos, quantas devem ser?

Cento e cinquenta? Duzentas, no máximo...

– Puta que pariu. Que ideia mais surrealista, inspetor.

– Exato! Acho até que é por isso que ela me agrada.

–

Mas,

chefe,

não

estou

entendendo. O assassino deve ter jogado as botas fora. Em todo caso, a menos que seja um imbecil completo, não vai entregá-las a um policial que aparecer pedindo.

–

Justamente,

meu

velho,

justamente... Vamos proceder por eliminação.

Digamos

que

os

habitantes de Giverny que afirmarem

não ter botas em casa ou que

disserem que as perderam, ou ainda

que nos entregarem botas novas

compradas na véspera como que por

acaso, nós os colocaremos bem no

alto da nossa lista de suspeitos.

Bénavides examina o solado de

gesso. Um grande sorriso se abre em

seu rosto.

– Se me permite, chefe, o senhor

tem mesmo umas ideias bem bobas.

Mas o pior é que isso poderia nos

fazer avançar! Além do mais, o

enterro de Morval deve acontecer

daqui a dois dias. Imagine que chova

a cântaros... Todos os moradores do

vilarejo vão amaldiçoá-lo!

– Porque na Normandia as

pessoas vão a enterros de botas?

– Ora, se estiver chovendo, sim.

Bénavides gargalha.

– Sylvio, vou dizer uma coisa:

acho que também tenho dificuldade
com o seu senso de humor.

O assistente deixa passar o
comentário. Torce o papel entre as
mãos.

– Cento e cinquenta botas –
resmunga. – Anoto isso em qual
coluna?

Eles permanecem um curto
instante
em
silêncio.

Sérénac
observa o recinto escuro, as
prateleiras carregadas de arquivos
que recobrem três das quatro
paredes, o canto no qual está
montado um sofrível laboratório
improvisado,
a
quarta
parede

dedicada

à

documentação.

Bénavides pega uma caixa de arquivo vazia, vermelha, e escreve “Morval” na lateral, pensando que classificará as primeiras peças do dossiê um pouco mais tarde.

Vira-se de repente para o superior.

– Falando nisso, inspetor, o senhor pegou na escola a lista de crianças de 11 anos? Seria um elemento a mais para minha terceira coluna. É a mais vazia e, no entanto...

Sérénac o interrompe:

– Ainda não. Stéphanie Dupain ficou de fazê-la. Que eu saiba, pela natureza das fotos que recebemos, n o *hit parade* das amantes de Morval, ela não é mais nossa primeira suspeita.

– Mas eu me informei sobre o

marido – discorda Bénavides. –

Jacques Dupain. Esse daí, por sua vez, não está muito longe de ter o perfil ideal.

Sérénac franze o cenho.

– Me fale mais sobre isso. Qual é o perfil ideal?

Bénavides

consulta

suas

anotações.

– Ah... às vezes pode ser útil ter um assistente... meticoloso.

O comentário parece divertir bastante Sérénac.

–

Então,

Jacques

Dupain.

Quarenta e poucos anos. Corretor de imóveis

em

Vernon,

bastante

mediocre, aliás. Caçador nas horas
vagas, assim como vários outros
moradores de Giverny, e sobretudo
ciumento doentio em tudo o que diz
respeito à esposa. O que me diz?

– Digo para ficar de olho nele!

Olho vivo!

– Sério?

– Sério. É, digamos, uma
espécie de intuição. Não, mais do
que isso, na verdade: uma espécie
de pressentimento.

– De que tipo?

Sérénac passa lentamente o dedo
pelas caixas de papelão de uma
estante. *E, F, G, H.*

– Você não vai gostar, Sylvio.

– Melhor ainda. Que tipo de
intuição?

O dedo continua a deslizar. *I, J,*
K, L.

– A intuição de que poderia
muito bem haver outro drama sendo
preparado.

– O senhor vai ter de explicar
isso melhor, chefe. Em geral, não
sou muito fã de intuição de policial,
prefiro
coleccionar
o
máximo
possível de indícios condenatórios.

Mas agora o senhor me deixou
intrigado.

M, N, O, P. Sérénac revela tudo
de uma vez só:

– Stéphanie Dupain. É ela quem
está em perigo.

Sylvio Bénavides franze o
cenho. É como se o recinto tivesse
ficado ainda mais escuro.

– Por que acha isso?

– Já disse, uma intuição.

Q, R, S, T. Laurenç Sérénac anda
pela sala, nervoso, tira do bolso as
três fotografias adúlteras e joga a de
Stéphanie Dupain em cima da mesa,
bem ao lado do solado de gesso.

Diante da máscara intrigada que é o

rosto de Bénavides, ele continua:

– Sei lá. Um olhar um pouco
insistente demais. Um aperto de mão
forte demais. Senti um pedido de
socorro. Pronto, é isso!

Bénavides avança. É mais baixo
do que Sérénac.

– Um aperto de mão forte
demais... Um pedido de socorro...
Com todo o respeito, chefe, e já que
gosta que lhe falem com franqueza,
acho que o senhor confundiu tudo e
está redondamente enganado.

Sylvio pega a foto em cima da
mesa e observa por vários instantes
a graciosa silhueta de Stéphanie
Dupain de mãos dadas com Morval.

– No fundo, chefe, até entendo o
senhor. Só não me peça para
concordar.

QUINTO DIA

17 de maio de 2010, Cemitério de
Giverny

Enterro

17

ESTÁ CHOVENDO, COMO SEMPRE
que há um enterro em Giverny.

Uma chuva fina e fria.

Estou sozinha em frente ao
túmulo. A terra recém-revirada em
volta dá ao cenário um ar de
canteiro de obras abandonado. A
água escorre em minúsculos filetes
de lama e suja a lápide de mármore.

“A meu marido. 1926-2010.”

Estou protegida junto à parede
de cimento cinzenta. Bem lá no alto.

O cemitério de Giverny fica na
encosta do morro atrás da igreja e
foi construído em plataformas. Foi
sendo progressivamente ampliado,
nível por nível. Os mortos vão
consumindo a colina aos poucos. As
celebridades, os ricos, os gloriosos
ainda são enterrados lá embaixo,
perto do vilarejo, perto de Monet.

Nos melhores lugares.

Nada de mistura: são postos
todos juntos, isolados dos outros, os
mecenas, os colecionadores, os
pintores mais ou menos famosos que
pagam uma fortuna para repousar ali
por toda a eternidade.

Que idiotas!

Como se estivessem organizando
um pequeno vernissage de fantasmas
nas noites de lua cheia. Viro-me. Lá
embaixo,

na

outra

ponta

do

cemitério,

estão

acabando

de

enterrar Jérôme Morval. Um belo
túmulo no lugar certo, entre os Van
der Kemp, os Hoschedé-Monet e os
Baudy. O vilarejo inteiro está
presente, ou quase. Uma boa centena

de pessoas, digamos, todas de preto,
sem chapéu ou de guarda-chuva.
Cem pessoas, e eu aqui, sozinha!
Do outro lado. Ninguém liga a
mínima para um velho ou uma velha
que morrem. Na verdade, para ser
pranteado, o melhor é morrer jovem,
em plena glória. Ainda que você
seja o pior dos canalhas, para que
lamentem sua morte, o melhor é
partir antes! No caso do meu
marido, o padre fez tudo em menos
de meia hora. Um padre jovem,
originário de Gasny. Nunca o tinha
visto antes. Já Morval teve direito
ao bispo de Evreux! Um parente
pelo lado da esposa, parece... Já faz
quase duas horas que o enterro
começou.

Já sei o que vocês vão dizer:
talvez lhes pareça estranho dois
enterros
no
mesmo

cemitério,
separados apenas por algumas
dezenas de metros, sob a mesma
chuva insistente. A coincidência lhes
parece
perturbadora,
talvez?

Exagerada? Tenham certeza de uma
coisa, uma só: não há coincidência
alguma em toda essa série de
acontecimentos. Nada foi deixado ao
acaso nessa história, muito pelo
contrário. Cada elemento está no seu
lugar, exatamente no momento certo.

Cada
peça
dessa
engrenagem
criminosa
foi

cuidadosamente
posicionada e, acreditem, posso lhes
jurar sobre o tumulto do meu marido:
nada poderá detê-la.

Levanto

a

cabeça.

Posso

confirmar: visto de cima, o quadro

vale a pena ser visto.

Patricia Morval está ajoelhada

em frente ao túmulo do marido.

Inconsolável. Stéphanie Dupain se

mantém um pouco mais atrás,

semblante grave, olhos molhados,

ela também. O marido a ampara com

um braço ao redor do quadril, a cara

fechada, as grossas sobrancelhas e o

bigode encharcados. Ao seu redor,

uma

multidão

de

anônimos,

conhecidos, amigos, mulheres. O

inspetor

Sérénac

também

está

presente e se mantém um pouco
afastado, perto da igreja, não muito
distante do túmulo de Monet. O
bispo encerra sua homenagem.
Pousados sobre a grama estão
três cestos de vime. Todo mundo
deve pegar uma flor e jogá-la na
cova, em cima do caixão: malvas-
rosa, íris, cravos, lilases, tulipas,
escovinhas... E muitas mais. Só
mesmo Patricia Morval para ter uma
ideia
tão
mórbida. *Impressão,*
morrer do sol...
Nem mesmo Monet teria se
atrevido.
Sua
delicadeza
chegou
ao
cúmulo de mandar esculpir um
nenúfar cinza sobre uma imensa
lápide de granito.

Que mau gosto...

Pelo menos a luz não está
colaborando. A famosa luz de
Giverny, uma última vez antes do
buraco negro. Não se pode comprar
tudo. Talvez, no fim das contas, isso
seja um sinal da existência de Deus.

A terra fresca do túmulo debaixo
dos meus pés começa a escorregar
pelo caminho côncavo entre os
túmulos feito canais de cor ocre. Lá
embaixo,

naturalmente,

nenhum

morador de Giverny está de botas!

Quem deve estar rindo sozinho é o
inspetor Sérénac. Cada um se
diverte como pode.

Sacudo o lenço preto que me
cobre os cabelos. Está encharcado
também. Poderia ser torcido! As
crianças estão um pouco mais
afastadas. Umas com os pais, outras
não. Reconheço algumas delas.

Fanette chora. Vincent está atrás dela, visivelmente sem coragem para consolá-la. Seu semblante é grave, igual à incongruidade da morte quando se tem 11 anos.

A intensidade da chuva diminui um pouco.

De tanto observar a cena, recordo uma história curiosa, um daqueles enigmas que costumavam nos intrigar antigamente, durante as noites insones, quando eu era criança. Um homem vai ao enterro de um membro da sua família.

Alguns dias mais tarde, esse mesmo homem, sem motivo aparente, mata um primo seu. O enigma consistia em encontrar a motivação do assassinato fazendo perguntas. Podia durar muitas horas. Não, o homem não conhecia o tal primo; não, não estava querendo se vingar; não, não é uma questão de dinheiro; não, tampouco se trata de um segredo de

família. E isso podia durar a noite inteira, com as perguntas feitas no escuro, debaixo das cobertas.

Parou de chover.

Os três cestos de flores estão vazios.

As gotas escorrem devagar pela lápide de mármore do túmulo do meu marido. Lá embaixo, a multidão enfim se dispersa. Jacques Dupain continua a enlaçar a mulher pela cintura. Seus cabelos compridos pingam e inundam a curva escura dos seios colados no vestido preto. O casal passa em frente a Laurenc Sérénac. O inspetor não tira os olhos nem por um segundo de Stéphanie Dupain.

Acho que o que me fez recordar o enigma da minha infância foi esse olhar devorador. Eu achara a solução ao raiar do dia, depois de quase desistir. Na hora do enterro, o homem

havia
se
apaixonado
loucamente por uma desconhecida.
A mulher desaparecera antes de ele
conseguir falar com ela. Só lhe
restara então uma única esperança
de revê-la: matar outra pessoa da
família presente naquele enterro e
torcer para a bela desconhecida
voltar na cerimônia seguinte. A
maioria das pessoas que havia
passado horas tentando encontrar a
solução
do
enigma
protestou:
escândalo, impostura, que bobagem
sem tamanho. Mas eu não. Ficara
fascinada com a lógica implacável
da história, desse crime. Estranho
como as lembranças voltam. Fazia
anos que não pensava nisso. Antes
do enterro do meu marido.

As últimas silhuetas se afastam.

Agora posso confessar, já que
estou a par.

A ocasião e o cenário são ideais
para isso.

A MORTE VAI ATACAR DE
NOVO EM GIVERNY.

Palavra de bruxa!

Espero mais um pouco, observando
a terra instável em volta do túmulo
do meu marido. Tenho quase certeza
de que nunca mais vou voltar aqui.

Pelo menos não viva. Não tenho
mais nada para fazer, não há outro
enterro para me fazer companhia. Os
minutos passam, horas talvez.

Por fim, volto para casa.

Netuno

está

me

esperando

comportado em frente ao cemitério.

Caminho pela Rue Claude-Monet; o
dia vai morrendo aos poucos. As

flores pingam rente às paredes,
debaixo dos postes de luz. Um pintor
de talento poderia sem dúvida tirar
alguma coisa da penumbra desse
vilarejo que seca.

As luzes começam a se acender
nas vidraças das casas. Passo em
frente à escola. Na casa mais
próxima, a janelinha redonda do
primeiro andar, no forro do telhado,
está acesa. É a janela do quarto de
Stéphanie e Jacques Dupain. O que
será que estão fazendo, sobre o que
estão conversando enquanto torcem
as roupas encharcadas?

Imagino que vocês também
gostariam de poder se esgueirar até
dentro da mansarda para espionar o
casal. Mas, dessa vez, lamento:
apesar de levar muito a sério meu
papel de ratinho preto, ainda não sei
subir pelas calhas.

Tudo o que faço é diminuir o
passo por alguns segundos, depois

prossigo.

18

LAURENÇ SÉRÉNAC CAMINHA COM

cautela na penumbra, confiando

apenas no chiado de seus passos

sobre

o

cascalho.

Não

teve

dificuldade para encontrar a casa do

assistente, seguiu obedientemente as

indicações de Sylvio Bénavides:

margear o vale do Eure até

Cocherel, então subir à esquerda

após a ponte, na direção da igreja,

único monumento iluminado no

povoado depois das dez da noite.

Após verificar à luz dos faróis o

nome do assistente na caixa de

correio, estacionou a moto, uma

Tiger Triumph T100, entre dois

vasos de flores imensos. Foi então

que a coisa se complicou: não havia

campainha nem luz, apenas um caminho de cascalho e a sombra da casa, 50 metros mais à frente. Sendo assim, ele avança ao acaso.

– Merda!

Sérénac dá um grito no meio da noite. Seu joelho acaba de bater num muro de tijolos de menos de 1 metro de altura bem na sua frente. Sua mão tateia até descobrir as pedras frias, uma grade de ferro, uma poeira escura. Assim que percebe que deu uma topada em uma churrasqueira, uma luz cintila ao longe e então, um segundo depois, uma imensa varanda se ilumina. Pelo menos seu grito deve ter acordado a vizinhança. A silhueta de Sylvio Bénavides surge diante da porta de vidro na tímida penumbra que rodeia o jardim.

– Em frente, chefe. Siga o cascalho. É só tomar cuidado com as churrasqueiras.

– Tá, tá bom – resmunga

Sérénac, pensando que o conselho chegou tarde.

Ele caminha pelo cascalho confiando outra vez nos próprios ouvidos, nos próprios pés e nas indicações do assistente. Menos de 3 metros à frente, sua perna bate com toda a força em outra parede.

Dobrado ao meio, o inspetor é projetado para a frente e seus cotovelos se chocam violentamente com uma espécie de cubo de ferro.

Sérénac solta outro urro de dor.

– Tudo bem, chefe? – pergunta, preocupada, a voz acanhada de Sylvio. – Falei para tomar cuidado com as churrasqueiras.

– Puta que pariu – resmunga

Sérénac, endireitando o corpo. –

Como eu ia adivinhar que era no plural? Quantas churrasqueiras você tem? Faz coleção, por acaso?

– Dezessete! – responde Sylvio, com orgulho. – Isso mesmo, faço

coleção. Eu e meu pai.

A escuridão oculta aos olhos de
Sylvio a reação estupefata do chefe.

Quando Sérénac chega à varanda,
torna a resmungar:

– Está de sacanagem com a
minha cara, Sylvio?

– Por quê?

– Quer mesmo que eu acredite
que você coleciona churrasqueiras?

– Não vejo qual é o problema.

Se estivesse de dia, o senhor teria
visto. Devemos ser alguns milhares
de fugicarnófilos no mundo...

Laurenç Sérénac se abaixa e
massageia o joelho.

– Fugi não sei o que significa
“coleccionador de churrasqueiras”,
imagino?

– Isso! Enfim, não tenho certeza
se está no dicionário. No meu nível,
não passo de um amador, mas sei de
um cara na Argentina que tem mais
de trezentas churrasqueiras, de 143

países do mundo, e a mais velha remonta a 1200 antes de Cristo.

Sérénac agora está esfregando os cotovelos doloridos.

– Você está de sacanagem ou está mesmo falando sério?

– O senhor está começando a me conhecer, chefe. Acha que sou do tipo que inventa uma história dessas? Em todos os lugares do mundo os homens comem carne cozida desde a Idade do Fogo, sabia? O senhor não imagina como esse assunto é apaixonante. Não existe prática mais universal e ancestral do que a do churrasco...

– E por isso você tem 17 churrasqueiras. Nada mais normal. No fundo você tem razão, é uma decoração bem mais elegante do que anões de jardim.

– Elegante, original, cultural, decorativa... e o melhor de tudo é que é prático para convidar os

vizinhos.

Sérénac passa a mão pelos

cabelos e os despenteia.

– Fui transferido para uma terra

de loucos...

Sylvio sorri.

– Nada disso. Outra hora eu lhe

conto sobre as tradições provençais

e a diferença entre as churrasqueiras

dos cátaros e as dos cevenóis.

Bénavides sobe os três degraus

que levam à varanda.

– Vamos entrando, chefe. Foi

difícil encontrar?

– Tirando os últimos 20 metros,

não! Fora as churrasqueiras, esta sua

região é bem bacana, sabia?

Moinhos, telhados de sapê...

– É, gosto bastante deste lugar,

principalmente da vista que se tem

daqui, da varanda.

O inspetor Sérénac galga os três

degraus.

– Enfim, agora está de noite, não

dá para ver grande coisa – explica

Sylvio. – Mas durante o dia é
incrível. Além do mais, chefe,
Cocherel é um lugar bem estranho.

– Mais estranho do que um clube
de fugicófilos? Você precisa me
falar sobre isso!

– Fugicarnófilos. Mas não, não
tem nada a ver com isso. Na
verdade, muita gente morreu aqui.
Durante a Guerra dos Cem Anos,
houve uma grande batalha nas
encostas aqui em frente, milhares de
cadáveres, e depois outra na
Segunda Guerra. E o mais estranho
de tudo: sabe quem está enterrado no
cemitério da igreja, logo ali atrás?

– Joana d’Arc?

Bénavides sorri.

– Aristide Briand.

– Ah, é?

– Aposto que o senhor não sabe
quem é.

– Um cantor.

– Não, esse é Aristide Bruant.

As pessoas sempre confundem.

Aristide Briand é um político.

Pacifista. O único Nobel da Paz francês.

– Que legal, Sylvio, você se preocupar assim com a minha educação normanda.

Ele observa o enxaimel da varanda de sapê iluminada.

– Voltando ao que eu estava dizendo, para um simples inspetor de polícia e seu salário miserável, esta sua casa funcional até que é bem requintada.

Sylvio se arrufa todo, satisfeito com o elogio. Ergue os olhos para o teto da varanda e suas vigas naturais. Pedacos de arame foram esticados para que, com o tempo, a videira plantada no metro de piso não coberto por

lajotas

se

enroscasse nas vigas.

– Comprei caindo aos pedaços

já faz mais de cinco anos, sabe? E

desde então estou reformando.

– Ah, é? O que você fez?

– Tudo.

– Sério?

– Sério. Está no sangue dos portugueses, sabe, chefe, mesmo dos policiais. Relações Norte-Sul, o senhor entende.

Sérénac solta uma gargalhada.

Tira a jaqueta de couro.

– O senhor está ensopado, chefe.

– É, foi aquela porra de enterro normando.

– Entre, vamos, venha se secar.

Seguem pela varanda. Laurenc

Sérénac pendura a jaqueta no encosto de uma cadeira de plástico que quase despenca para trás com o peso da roupa. Senta-se na cadeira

ao lado. Bénavides quase pede

desculpas:

– Preciso admitir que móveis de plástico não tornam uma sala muito confortável. Peguei-os de um primo, estão quebrando o galho. Os antiquários do vale do Eure terão de ficar para depois, não é? Quando eu for promovido a delegado...

Sorri e também se senta.

– Então, e o enterro?

– Nada de mais. Choveu. Uma porção de gente. Giverny inteira estava lá, todas as gerações, dos mais velhos aos mais jovens. Pedi a Maury para tirar umas fotos, vamos ver o que elas rendem. Você deveria ter ido, Sylvio. Tinha um nenúfar de granito, flores dentro de cestos e até o bispo de Evreux. E garanto a você: nenhum habitante de Giverny estava de botas. Tudo da mais alta classe, viu?

– Falando em botas, chefe,

verifiquei na delegacia que Louvel estava coordenando tudo. Amanhã já devemos ter uma primeira ideia.

– É... Tomara que isso reduza nossa lista de suspeitos – diz Sérénac, esfregando as mãos como que para se aquecer. – Pelo menos a vantagem desse enterro interminável foi me dar a oportunidade de fazer hora extra na casa do meu assistente preferido.

– E que sorte, já que o senhor só tem um! Desculpe ter lhe pedido para vir aqui, chefe, mas não gosto muito de deixar Béatrice sozinha à noite.

– Eu entendo, não se preocupe. Para concluir sobre aquela porra de enterro: Patricia, a viúva, chorou do início ao fim. Para ser bem sincero, se estiver fingindo, vou indicá-la ao César de melhor atriz revelação. Por outro lado, não se pode afirmar que havia alguma amante de Morval para

chorar sobre seu túmulo.

–

Tirando

a

professora

Stéphanie Dupain.

– Isso é uma piada?

– Involuntária, acredite.

Bénavides baixa os olhos e

esboça um sorriso discreto.

– Já tinha entendido que era um

assunto sensível.

–

Nossa,

meu

assistente

preferido se liberta quanto está em

casa! Respondendo à sua pergunta,

Sylvio, sim, Stéphanie Dupain foi ao

enterro. E posso lhe dizer que estava

mais bonita do que nunca, tão

molhada a ponto de tornar a chuva

quase agradável, mas não desgrudou

do marido ciumento.

– Tome cuidado mesmo assim,
chefe.

– Obrigado pelo conselho. Já
sou grandinho, sabe?

– Estou sendo sincero.

– Eu também.

Um pouco constrangido, Laurenc
Sérénac desvia os olhos e examina a
varanda: o rejuntamento das paredes
de tijolos cor de salmão está
impecável, as vigas totalmente
raspadas e envernizadas, as bordas
de arenito polidas e limpas.

– Foi você mesmo quem fez tudo
aqui?

– Passo todos os fins de semana
e as férias trabalhando com meu pai.
Fazemos tudo a quatro mãos, com
calma. É um prazer.

–

Putá
que
pariu.
Estou

embasbacado, Sylvio. Só suporto este clima de merda daqui porque assim são 800 quilômetros entre mim e minha família.

Os dois riem. Sylvio revira os olhos, denotando nervosismo, com certeza por causa do barulho.

– Bom, vamos começar?

Laurenç dispõe sobre a mesa de plástico três fotografias das amantes de Jérôme Morval. Sylvio faz o mesmo com as suas e lança sobre as cinco um olhar consternado.

– Pessoalmente, não entendo quem trai a mulher. Ultrapassa a minha compreensão.

– Faz quanto tempo que você conhece a sua Béatrice?

– Sete anos.

– E nunca pulou a cerca?

– Nunca.

– Ela está dormindo lá em cima, não é?

– É, mas isso não muda nada.

– E por que nunca a traiu? Sua mulher é a mais linda do mundo, é isso? Então você não tem motivo para desejar outra?

As mãos de Sylvio brincam com as fotos. Já está arrependido de ter conduzido o chefe para esse assunto.

– Pare com isso, chefe, não fiz o senhor vir aqui para...

– Como ela é, sua Béatrice? – interrompe Sérénac. – Não é bonita, é isso que está me dizendo?

De repente, Sylvio põe as duas mãos espalmadas sobre a mesa.

– Bonita ou não, a questão não é essa! Não é assim que funciona. É uma imbecilidade querer que sua mulher seja a mais linda do mundo. O que isso quer dizer? Não é uma competição! Sempre vai haver em algum lugar uma mulher mais bonita do que a que vive ao seu lado. E, mesmo que você consiga se casar com a Miss Universo, um dia ela vai

acabar envelhecendo. Seria preciso pôr a nova Miss Universo na sua cama todos os anos, é isso?

Em resposta à argumentação do assistente,

Laurenç

exibe

uma

espécie de sorriso que o outro acha estranho, principalmente porque ele parece observar alguma coisa por cima do seu ombro, na direção da porta do corredor.

– Quer dizer que não sou a mais bonita?

Sylvio se vira como se a rosca à qual seu pescoço está preso tivesse se soltado e ele fosse dar dez giros em torno do próprio eixo.

Vermelho feito um pimentão.

Atrás dele, Béatrice parece deslizar pelos ladrilhos da varanda.

Laurenç a acha belíssima, ainda que a palavra seja mal escolhida.

Comovente, para ser mais exato.

Alta e morena, os longos cabelos
negros e os cílios se misturam diante
de olhos enevoados qual uma cortina
a proteger os últimos raios de sono.
Béatrice está enrolada em um grande
xale creme cujas dobras sobre seu
ventre arredondado lembram as
pregas de uma estátua antiga. A pele
de pêssago parece esculpida na
mesma fazenda que o xale de
algodão. Os olhos cintilam de
ironia. Sérénac se pergunta se
Béatrice é sempre tão bonita assim
ou se é porque está grávida, porque
faltam poucos dias para se tornar
mãe. A plenitude da gravidez, algo
como uma felicidade interior que
acaba por aflorar. O tipo de coisa
que se lê nas revistas. Sérénac pensa
também
que
deve
estar

envelhecendo para pensar essas coisas sobre as mulheres; por acaso alguns anos antes teria achado uma grávida sexy?

– Sylvio – diz Béatrice, puxando uma cadeira –, pode ir pegar um copo de suco para mim, qualquer coisa?

Sylvio se levanta e parte em direção à cozinha. Chega a diminuir de estatura, como um banquinho giratório regulável que houvesse girado demais. Béatrice sobe mais o xale nos ombros.

– Quer dizer que o senhor é o famoso Laurenç Sérénac?

– Por que “famoso”?

– Sylvio fala muito a seu respeito. O senhor... o senhor o surpreende. Desestabiliza, até. Seu antecessor era mais... mais clássico.

A voz de Sylvio grita da cozinha:

– Serve abacaxi?

– Serve!

Então, dali a dois segundos:

– A garrafa já está aberta?

– Já, desde ontem.

– Então não.

Silêncio.

– Bom, vou ver o que tem na adega.

Sexy, mas chata, a grávida. O xale escorregou por seu ombro direito. Um pensamento juvenil, reflete Laurenç, seria cogitar se, em condições normais, as formas de Béatrice são assim tão voluptuosas. Ela se vira para ele.

– Ele é um encanto, não acha? O melhor homem do mundo. Sabe, Laurenç, já prestava atenção nele havia muito tempo, no meu Sylvio, pensando alguma coisa do tipo: “Esse daí é para mim.”

– Mas ele não deve ter resistido por muito tempo. A senhora é maravilhosa.

– Obrigada.

O xale escorrega e torna a subir.

– Fico tocada com esse elogio,
principalmente vindo do senhor.

– De mim?

– Sim, do senhor. O senhor... é
um homem que sabe olhar para as
mulheres.

Ela diz isso com um brilho de
ironia no canto do olho. O xale torna
a cair, claro, e depois disso só resta
a Laurenç desviar os olhos e
admirar o trabalho manual de Sylvio
e seu pai. Vigas, tijolos e vidro.

– Também gosto de Sylvio –
retoma Sérénac. – E não só por
causa dos brownies e da coleção de
churrasqueiras.

A mulher sorri.

– Ele também gosta do senhor.

Mas não sei se isso me reconforta.

– Como assim? Eu poderia ser
má influência, é isso?

Béatrice fecha o xale em torno

de si e se inclina em direção às fotos
dispostas sobre a mesa de plástico.

– Hum. Parece que o senhor está
caidinho por uma suspeita.

– Foi ele quem disse isso?

– É o único defeito dele. Como
todos aqueles que são muito tímidos,
fala um pouco demais na cama.

– Manga? – grita Sylvio da
adega.

– Sim, se só tiver isso. Mas bem
gelado.

Ela sorri para Sérénac.

– Não me julgue assim, Laurenç.

Ainda posso aproveitar alguns dias,
não?

O inspetor meneia a cabeça qual
uma
esfinge.

Supersexy,

mas

superchata, a grávida.

– Só tinha esse defeito – diz

Laurenç. – A senhora descobriu.

- Concordo, inspetor!
- Meio sem imaginação, não?
- Não acho.

Sylvio retorna trazendo um grande copo decorado com um canudo, um pequeno guarda-sol e uma rodela de laranja. Béatrice lhe dá um beijo afetuoso na boca.

- E eu, como estou encharcado, provavelmente não estou com sede – diz Sérénac.

– Desculpe, chefe. O que vai querer?

– O que você tem?

– Uma cerveja serve?

– Sim, perfeito. Bem gelada, hein? Também queria um guarda-sol e um canudo.

Béatrice segura o xale com uma das mãos e suga o canudo com a outra.

– Sylvio, diga a ele que pode ir se foder.

Bénavides

abre

um

largo

sorriso.

– Escura, clara ou de trigo?

– Escura.

Sylvio torna a sumir dentro da casa. Béatrice se inclina em direção às fotos.

– Quer dizer que é ela, a professora?

– É.

– Entendo o senhor, inspetor. Ela é mesmo, como dizer... elegante.

Atraente. É como se tivesse saído direto de um quadro romântico.

Como se estivesse posando, quase.

A

reflexão

deixa

Laurenç

surpreso. Curiosamente, ele tinha pensado a mesma coisa ao encontrar a professora. Béatrice observa com

insistência as outras fotos, afasta a cortina de cabelos dos olhos e franze delicadamente o cenho.

– Quer que eu lhe faça uma revelação, inspetor?

– Tem a ver com o caso?

– Tem. Há algo de bem evidente nessas fotos. Em todo caso, algo que uma mulher consegue adivinhar com bastante facilidade.

19

PELA

JANELINHA

REDONDA,

STÉPHANIE Dupain observa há alguns minutos as sombras molhadas das últimas silhuetas a caminhar por Giverny, então recua um passo. O vestido preto escorrega de seu corpo. Jacques está deitado na cama ali ao lado, sem camisa. Ele ergue os olhos do folheto de imóveis à venda no bairro de Andelys. O quarto tem o teto inclinado e uma

pequena lâmpada pendurada em uma
viga de carvalho banha fracamente o
recinto numa claridade amarelada.

A pele nua de Stéphanie adquire
um matiz ruivo. Ela torna a se
inclinara na direção da janelinha,
observa a noite que cai sobre a rua,
a praça da prefeitura, as tílias, o
pátio da escola.

Todo mundo vai ver você, pensa
Jacques, tirando os olhos do folheto.
Não diz nada. Stéphanie encosta a
pele na vidraça. Exceto pelo sutiã, a
calcinha preta e as meias cinza, está
nua.

Com voz cansada, ela murmura:

– Por que sempre chove nos
enterros?

Jacques larga a revista.

– Não sei. Sempre chove em
Giverny, Stéphanie. Às vezes, nos
enterros também. É quando a gente
se lembra mais. A gente acha que
lembra.

Ele a observa por instantes.

– Vem para a cama?

Ela não responde e dá alguns passos para trás, devagar. Gira o corpo e se olha de três quartos no reflexo da janelinha redonda.

– Eu engordei. Você não acha?

Jacques sorri.

– Está de brincadeira? Você é...

Ele procura a melhor palavra para traduzir o que sente: os cabelos compridos a chover por aquelas longas costas cor de mel, as sombras que acompanham cada uma das curvas.

– Uma verdadeira madona.

Stéphanie sorri. Leva as mãos às costas para soltar o sutiã.

– Não, Jacques. Uma madona é bonita porque tem filhos.

Ela pendura a lingerie em um cabide preso a um prego na porta.

Vira-se, sem sequer baixar os olhos na direção de Jacques, e senta-se na

beira da cama. Enquanto seus dedos enrolam lentamente uma das meias coxa abaixo, Jacques enfia uma das mãos debaixo dos lençóis e a faz subir pela barriga lisinha de Stéphanie. Quanto mais sua mulher se inclina, coxa, joelho, tornozelo, mais seus seios encostam no braço dele.

– A quem você gostaria de agradar, Stéphanie?

– A ninguém. A quem você quer que eu agrade?

– A mim. A mim, Stéphanie.

Ela não responde. Entra debaixo das cobertas. Jacques hesita e acaba falando:

– Não gostei do jeito como aquele policial ficou olhando para você durante o enterro de Morval.

Não gostei mesmo.

– Não comece com isso outra vez. Pelo amor de Deus.

Stéphanie lhe dá as costas.

Jacques escuta sua respiração suave.

–

Philippe

e

Titou

me

convidaram para caçar amanhã no

platô da Madrie, no final da tarde.

Tudo bem?

– Claro. Claro que tudo bem.

– Tem certeza? Não quer que eu

fique aqui?

Respiração. Somente as costas

da mulher e sua respiração.

Insuportável.

Ele pousa a revista no pé da

cama e pergunta:

– Vai querer ler?

Stéphanie ergue os olhos para o

criado-mudo. Há um único livro

sobre o móvel. *Aureliano*. De Louis

Aragon.

– Não, hoje não. Pode apagar a

luz.

Faz-se noite no quarto.

A calcinha preta cai no chão.

Stéphanie se vira para o marido.

– Me faça um filho, Jacques. Por favor.

20

O INSPETOR SÉRÉNAC ENCARA

Béatrice com insistência. Acha difícil adivinhar o que se esconde atrás daquele sorriso irônico. A varanda adquire ares de sala de interrogatório. A mulher de Sylvio Bénavides bate um pouco o queixo sob o xale.

– Então, Béatrice, que certeza lhe inspiram essas fotos libidinosas?

–

Estou

falando

da

sua

professora. Como é mesmo o nome dela?

– Stéphanie. Stéphanie Dupain.

– Isso, Stéphanie. Essa bela
moça que, segundo Sylvio, roubou
seu coração.

Sérénac franze o cenho.

– Bom, ponho minha mão no
fogo que ela nunca saiu com esse tal
Jérôme Morval.

Ela examina demoradamente
uma a uma as cinco fotografias sobre
a mesa de plástico.

– Confie em mim. Ela é a única
das cinco que não teve nenhum
relacionamento físico com ele.

– O que a faz concluir isso? –
indaga Sérénac, tentando também
dar um sorriso enigmático.

E a resposta vem simples como
um bom-dia:

– Ele não faz o tipo dela.

– Ah. E qual é o tipo dela?

– O seu!

Grávidas não fazem rodeios.

Sylvio

volta

trazendo

uma

Guinness e um copo grande com o
escudo da marca de cerveja. Pousa-
os diante do colega.

– Posso ficar com vocês

enquanto

trabalham?

–

pede

Béatrice.

Com um olhar temeroso, Sylvio
observa Laurenç soprar o colarinho
da cerveja.

– Que diferença faz? Você conta
tudo depois, mesmo.

Bénavides

evita

qualquer

comentário.

Seu

superior

faz

deslizar sobre a mesa uma primeira

imagem.

– Bom, vou começar – diz ele.

Béatrice e Sylvio abaixam a cabeça na direção da foto que Sérénac lhes mostra. Jérôme Morval está colado aos joelhos de uma jovem atrás de uma mesa lotada, dando-lhe um beijo de língua.

– Do ponto de vista da investigação, se é que posso dizer, isso era só uma preparação. O nome da garota é Fabienne Gonçalves. Era uma das secretárias dele. Jovem e liberada. Tipo calcinha rendada debaixo do jaleco branco.

Sylvio passa um braço tímido pelo ombro de Béatrice, que parece achar muita graça.

– Segundo uma amiga da secretária, o caso deles começou cinco anos atrás. Fabienne era solteira na época. Agora não é mais.

– Meio pouco para um crime passionai, não? – comenta Sylvio.

Ele vira a foto.

– E o código no verso? 23-02?

– Menor ideia. Nem sequer um início de pista. Esses números não correspondem a nada, nem a uma data de nascimento nem a um dia de encontro. A única certeza é que os segundos algarismos não se referem a meses.

– Se me permite interromper, chefe, esbarrei no mesmo impasse. Identifiquei as garotas, mas não descobri nada, rigorosamente nada, em relação aos códigos: 03-01, 21-02, 15-03. Talvez seja só o modo de classificação do detetive particular que tirou as fotos.

– Pode ser. Mas, mesmo assim, eles correspondem a uma ordem, isso é certo... e enquanto não encontrarmos o detetive particular em questão, enquanto

Patricia

Morval continuar fingindo que não nos mandou essas fotos, vamos continuar no escuro. Bom, vemos isso mais tarde. Sua vez agora. Sylvio não solta Béatrice. Chega até a segurar o xale com firmeza entre sua mão e o ombro da mulher. Contorce-se para pegar uma das imagens. A foto foi visivelmente tirada em uma casa noturna. Jérôme Morval está com a mão numa parte do seio que escapole do vestido de paetês de uma moça loura, bronzeada e maquiada até as unhas dos pés. Sérénac dá um assobio entre os dentes. Os olhos de Béatrice brilham, Sylvio pigarreia.

– Aline... Malétras – balbucia o assistente. – Trinta e dois anos.

Relações-públicas no mundo da
arte. Divorciada. Pelo visto, foi a
relação mais longa que Morval teve.

Uma
mulher
independente.

Frequentadora das galerias de Paris.

– Relações-públicas, é assim
que se chama? – ironiza Laurenç. –

Pela foto, nossa Aline parece uma
pequena e poderosa devoradora de
homens. Você falou com ela?

Béatrice se empertiga como uma
loba que fareja perigo. Os dedos
atentos de Sylvio se contraem sobre
o xale.

– Não – responde o assistente. –
Pelas informações que tive, está nos
Estados Unidos há nove meses. Em
Old Lyme, não sei se o senhor já
ouviu falar. Parece que é a Giverny
americana,

reduto
dos

impressionistas da Costa Leste. Fica em Connecticut, perto de Boston.

Tentei falar com ela por telefone, até agora sem sucesso. Mas o senhor me conhece, chefe: vou insistir.

– Hum... Espero que não esteja me dizendo que a bela Aline está exilada só porque Béatrice está aqui.

Béatrice passa a mão no joelho do marido.

Sexys e chatas, as grávidas. Mas carinhosas também.

– Agora se prepare – insiste

Sylvio. – Sabe para quem Aline Malétras trabalha em Boston?

– Vai me dar alguma pista? Ela trabalha vestida ou não?

Sylvio não se dá sequer ao trabalho de comentar.

– Aline Malétras trabalha para a Fundação Robinson!

– Vejam só... De novo essa porra de fundação! Sylvio, encontre

essa garota – insiste Sérénac,
olhando de viés para Béatrice, com
um ar contrariado. – Considere isso
uma ordem. Bom, minha vez.

A foto seguinte passa de mão em
mão. Uma mulher, cujo jaleco azul
curto desce até a altura da saia, está
ajoelhada

em

frente

ao

oftalmologista, cuja calça está
arriada até os tornozelos. Sylvio se
vira para Béatrice como se quisesse
lhe sugerir que se deitasse. Acaba
não dizendo nada.

– Sinto muito, mas dessa vez não
consegui nada – diz Sérénac. – Sem
o rosto da garota, estou com
dificuldade para identificá-la. Minha
única certeza é de que a cena
aconteceu na sala da residência dos
Morval, na Rue Claude-Monet, pois
pude identificar os quadros nas

paredes. Sendo assim, dada a roupa que a garota está usando, esse tipo de jaleco azul quadriculado de cores claras, poderíamos imaginar que se trata de uma faxineira, mas Patricia Morval não disse nada em relação a isso. Ela vive demitindo uma empregada atrás da outra. Além do mais, segundo Maury, que examinou a textura do papel, essa foto também teria no mínimo uns dez anos.

– Morval morreu como? –
pergunta, de repente, Béatrice.

– Esfaqueado, com a cabeça esmagada e depois afogado –
responde Sérénac no automático.

– Se fosse eu, também teria cortado fora o saco dele.

Sexy e chata, a grávida... e carinhosa... como uma cobra a se enrolar no seu pescoço.

Sylvio sorri feito um bobo.

– Não quer se deitar um pouco, amor?

Amor não responde. Laurenc

está se divertindo bastante.

– A relação remonta a uma
década – sugere Sylvio. – Se a moça
tivesse engravidado, o filho teria...

– Dez anos! Também sei fazer
conta. Estou vendo aonde você quer
chegar, meu velho, mas primeiro vai
ser preciso encontrar a garota antes
de pensar se ela além de tudo é mãe.
Sua vez agora, a irlandesa.

– Talvez seja meio demorado,
chefe. Não quer continuar o senhor?

Sérénac

ergue

os

olhos,

espantado.

– Como preferir... No meu caso,
pelo contrário, vai ser curto.

A foto circula. Stéphanie Dupain
e Jérôme Morval andam por um
caminho de terra batida, sem dúvida
uma trilha acima de Giverny. Estão

em pé lado a lado, bastante

próximos, de mãos dadas.

– Como vocês podem constatar,

trata-se

de

uma

relação

extraconjugal bem casta – comenta

Sérénac. – Não é mesmo, Béatrice?

Sylvio fica surpreso, e Béatrice

meneia a cabeça devagar.

– É – acrescenta Bénavides. –

Mas essa foto estava junto com as

outras quatro. Se fizermos a

relação...

– Justamente! Ninguém nunca lhe

ensinou que é preciso desconfiar das

relações, Sylvio? É o bê-á-bá da

profissão. Principalmente se as fotos

nos chegaram pelas mãos de um

benfeitor anônimo. Quanto ao resto,

já sabemos tudo sobre a moça da

foto, Stéphanie Dupain, professora

primária do vilarejo. Vou encontrá-

la de novo amanhã para pedir a lista das crianças de Giverny, o que vai agradar a Sylvio, e também para perguntar o que seu marido estava fazendo na manhã do assassinato de Morval.

Laurenç aguarda um comentário de incentivo de Béatrice, mas ela recostou a cabeça no ombro de Sylvio e está começando a fechar os olhos. Sylvio subiu o xale até seu pescoço.

– E a sua irlandesa? – pergunta Sérénac.

– Alysson Murer – murmura o assistente, sem mexer um cílio sequer. – Mas, na verdade, não é irlandesa, e sim inglesa, de Durham, no norte da Inglaterra, perto de Newcastle. E a praia da foto não é na Irlanda, e sim na ilha de Sark.

– Sark não fica na Irlanda?

– Não, fica bem mais ao sul. É uma ilhota anglo-normanda ao lado

de Jersey, a mais bonita de todas,
parece.

– Mas então, e essa sua

Alysson?

Béatrice agora está de olhos
fechados. Sua respiração na nuca de
Sylvio faz esvoaçar delicadamente
uma mecha de finos cabelos louros.

– É uma longa história – sussurra
Bénavides. – E, por mais que isso
contrarie o bispo de Evreux, não vai
contribuir em nada para a honra
póstuma de Jérôme Morval.

SEXTO DIA

18 de maio de 2010, Moinho de
Chennevières

Inquietação

21

COMO VOCÊS JÁ ENTENDERAM, meu
quarto e meu banheiro ficam lá em
cima, na torre de menagem do
moinho de Chennevières, essa
pequena torre quadrada de enxaimel.
Dois cômodos minúsculos em que

ninguém além de uma velha louca
aceitaria morar.

Prendo os cabelos devagar. Já
decidi. Preciso sair hoje de manhã e
falar com Patricia Morval. Observo
com mau humor a mancha escura no
piso. Quase todas as roupas que usei
no enterro na véspera ainda estão
molhadas. Passaram a noite inteira
escorrendo; estava cansada demais,
não prestei atenção, estendi-as ali
mesmo, na sala. Hoje de manhã,
havia uma poça d'água, não adiantou
passar a esponja, ficou uma marca
úmida na madeira do piso. Sei que é
só água, que a madeira vai secar.
Mas essa mancha logo abaixo das
mi nhas *Ninfeias* negras me deixa
obcecada.

Vocês devem estar pensando que
sou mesmo uma velha doente, não é?
Nesse ponto, não estão enganados.
Chego perto da janela. Minha torre
tem pelo menos uma vantagem: em

toda a Giverny não existe nenhum
ponto de observação melhor. Do
meu ninho de águia posso ver o Ru,
a pradaria até a ilha das Urtigas, os
jardins de Monet, o Chemin du Roy
até a rotatória.

Aqui é o meu mirante.

Às vezes passo horas nesta
janela.

Sinto nojo de mim mesma.

Quem poderia ter imaginado que
eu fosse virar isso: uma megera que
passa a vida atrás de vidraças
cinzentas,
espionando

vizinhos,
desconhecidos, turistas?

A porteira do vilarejo.

Um ouriço deselegante.

Assim é.

Às vezes me canso do fluxo
ininterrupto dos carros, dos ônibus
de turismo, das bicicletas e dos
pedestres no Chemin du Roy. Os

últimos metros da romaria dos
peregrinos do Impressionismo.

Às
vezes,
não.

Há
boas
surpresas, como agorinha mesmo.

Essa moto que diminui a
velocidade para virar logo depois
do moinho, na direção do vilarejo,
na Rue du Colombier, não há como
não a ver.

O inspetor Laurenç Sérénac em
pessoa!

Observo. Ninguém pode me ver,
ninguém desconfia de mim. E,
mesmo que alguém descobrisse o
que estou fazendo, que diferença
faria? O que pode haver de mais
natural do que uma velha fofoqueira,
que presta atenção em cada detalhe,
todas as manhãs, dia após dia, como
um peixe de olhos esbugalhados que

esquece tudo a cada giro dentro do
aquário?

Quem iria desconfiar de uma
testemunha assim?

Enquanto isso, a moto do
policial virou na Rue du Colombier.

Eis então a volta do inspetor
Sérénac, a caminho do grande
desastre.

22

SÉRÉNAC ESTACIONA A MOTO na
praça da prefeitura, debaixo de uma
tília. Dessa vez, não deixou nada ao
acaso e programou sua chegada à
escola para alguns minutos depois
do fim das aulas. Aliás, cruzou com
várias crianças na Rue Claude-
Monet e todas admiraram sua Tiger
Triumph T100. Para a garotada, a
moto é quase uma peça de
coleccionador.

Stéphanie se acha de costas para ele.

Está organizando os desenhos dos
alunos dentro de uma grande pasta

de cartolina. Ele decidiu falar primeiro, pois acha que é o melhor jeito de não gaguejar; falar antes mesmo de ela se virar, antes de pousar nele a paisagem infinita do seu olhar.

– Bom dia, Stéphanie. Voltei para pegar a lista das crianças, como prometido.

A professora estende a mão macia acompanhada por um sorriso sincero. O sorriso de um detento chamado para receber uma visita, pensa ele, sem saber por que essa imagem lhe vem à cabeça.

– Bom dia, inspetor. Já preparei tudo. Está ali, naquele envelope em cima da mesa.

– Obrigado. Vou lhe confessar uma coisa: tenho um assistente que acredita piamente nessa pista por causa do postal de aniversário encontrado no bolso de Jérôme Morval.

– O senhor não?

– Não sei. A senhora está em posição melhor do que a minha para saber isso. Para dizer a verdade, acho que meu assistente formulou a hipótese de que Jérôme Morval pode ter tido um filho ilegítimo uns dez anos atrás. Sabe como é...

– Só por isso?

– Não lhe parece crível? Dentre todos os seus pequenos alunos, não há nenhum que pudesse ter esse perfil?

Stéphanie desliza os dedos em direção ao envelope branco e o cola no peito do inspetor.

– Esse trabalho de fuçar a vida íntima dos meus meninos é seu, não meu!

Sérénac não insiste. Enquanto finge buscar as palavras certas, observa a sala. Na verdade, o inspetor sabe perfeitamente o que vai dizer a seguir; já virou e revirou

a frase na cabeça durante todo o
trajeto de Vernon a Giverny, como
se fosse um chiclete velho. Seu olhar
recai nos tons pastel do cartaz do
concurso

Desafio

Internacional

Jovens Pintores. Ele repara que a
Fundação Robinson também aparece
em outro cartaz pendurado na sala,
que louva, em inglês, os méritos da
National Gallery de Cardiff, com a
paisagem de um charco pintada por
Sisley ao fundo. Após esse silêncio
calculado, Sérénac começa:

– Stéphanie, a senhora conhece
bem o vilarejo?

– Nasci aqui!

– Estou atrás de um guia. Como

dizer,

estou

precisando

sentir

Giverny, entender o lugar. Acho que

só assim vou conseguir avançar
nessa investigação.

– “Observar e imaginar”, como
os pintores?

– Exato.

Eles se sorriem.

– Está bem, estou ao seu dispor.

Vou pegar meu casaco e já venho.

Stéphanie Dupain vestiu um cardigã
de lã por cima do vestido amarelo-
palha. Enquanto conversam, os dois
seguem

a

Rue

Claude-Monet,

descem a Rue des Grands-Jardins,
viram na direção da Rue du Milieu e
então tornam a atravessar o regato,
do outro lado do Chemin du Roy,
bem em frente ao moinho de
Chennevières. Stéphanie já levou os
alunos de sua turma para passear

pelas ruas de Giverny centenas de vezes. Conhece todas as anedotas sobre a cidade, que compartilha com o inspetor. Explica que cada esquina do vilarejo, praticamente cada casa, e cada árvore também, é conservada e admirada em algum lugar do outro lado do planeta, emoldurada e envernizada em algum museu de prestígio.

Pinturas de origem controlada!

De Giverny. Nos arredores de Giverny. Normandia.

– Aqui, quem viaja são as pedras e as flores – comenta Stéphanie, com um sorriso meio estranho. – Não os moradores! Eles atravessam o Chemin du Roy. O rio que corre debaixo da ponte e desaparece sob um arco de tijolo, em direção ao moinho de Chennevières, proporciona um

arremedo de frescor. Stéphanie se detém alguns metros antes do moinho.

– Essa casa estranha sempre me atraiu. Sério. Não sei por quê.

– Posso fazer uma sugestão? – pede Sérénac.

– Claro.

– Lembra-se do livro que a senhora me emprestou? *Aureliano*, de Aragon. Passei boa parte da noite na companhia dele. Aureliano e Bérénice. Seu amor impossível. Nos capítulos passados em Giverny, Bérénice mora em um moinho.

Aragon não especifica qual, mas, se seguirmos as descrições dele ao pé da letra, só pode ser esse aqui.

– O senhor acha? Acha que é nesse moinho que Aragon faz padecer a melancólica Bérénice, dividida entre seus dois amores, a razão e o absoluto?

– Shh... Não me conte o fim.

Eles avançam em direção ao grande portão de madeira. Está aberto. Uma brisa leve percorre o vale. Stéphanie estremece um pouco. Laurenç resiste à vontade de abraçá-la.

– Sinto muito por Aragon, Stéphanie, mas para o policial adormecido dentro de mim esse moinho é sobretudo a casa mais próxima do local onde Jérôme Morval foi assassinado.

– Isso é problema seu. Minhas competências se resumem às de um guia turístico. Se quer saber, esse moinho tem uma longa história. Sem ele, aliás, o jardim de Monet jamais teria existido, nem ele nem as *Ninfeias*. O regato na realidade é um canal cavado por monges na Idade Média para alimentar o moinho. Passava por uma campina um pouco mais acima, que Monet comprou séculos depois para cavar o seu

laguinho.

– E depois?

– O moinho pertenceu por muito tempo a John Stanton, um pintor americano que, pelo visto, tinha mais talento para segurar uma raquete de tênis do que um pincel.

Mas desde sempre, sem que se saiba realmente por quê, para as crianças do

vilarejo

o

moinho

de

Chennevières é o moinho da bruxa.

– Ui.

– Olhe só, Laurenç. Acompanhe o meu dedo.

Stéphanie segura a mão dele.

Sérénac se deixa tocar, deliciado.

– Observe a imensa cerejeira no meio do pátio. Essa árvore é centenária! Há muitas gerações a brincadeira das crianças de Giverny

é entrar nesse pátio e roubar cerejas.

– Mas e a polícia o que faz?

– Espere, olhe mais um pouco.

Está vendo os reflexos brilhantes do sol nas folhas? São tiras de papel prateado.

Um

simples

papel

prateado cortado em forma de fita. É muito simples. Serve para afastar os passarinhos, predadores bem mais perigosos para as cerejas do que as crianças dos arredores. Mas para os meninos do vilarejo existe um gesto bem mais cavalheiresco do que vir roubar os frutos da cerejeira.

A imaginação faz os olhos

lilases de Stéphanie brilharem feito

os de uma adolescente. A mais

luminosa das *Ninfeias* de Monet! É

como se toda a melancolia houvesse desaparecido. Sem dar tempo para o

inspetor responder, ela prossegue:

– O cavalheiro deve correr e

roubar

algumas

dessas

tiras

prateadas para dá-las de presente à

princesa do seu coração, para ela

amarrar os cabelos.

Ela ri e leva a mão de Laurenç

até seu coque improvisado.

– Eis as provas, inspetor.

Os dedos de Laurenç Sérénac se

perdem

nos

longos

cabelos

castanhos. Ele hesita em forçar o

gesto. É impossível Stéphanie não

estar percebendo a sua emoção.

O que ela quer? Quanto daquilo

é

improvisação?

Quanto

é

premeditado?

As tiras de papel prateado que
prendem discretamente os cabelos
da professora crepitam ao seu toque.
Ele afasta a mão como se esta fosse
pegar fogo. Sorri, não sabe o que
dizer; deve estar parecendo um
idiota.

– A senhora é mesmo uma
mulher surpreendente... De verdade.
Amarrar os cabelos com fitas
prateadas!

Imagino
que
seja
indiscreto perguntar que cavalheiro
as deu de presente.

Com um gesto natural, ela torna
a ajeitar os cabelos.

– Para tranquilizá-lo, posso
apenas lhe dizer que não foi Jérôme
Morval! Esse romantismo infantil
não fazia nem um pouco o tipo dele.
Mas não vá imaginar mistérios onde

eles não existem, inspetor. Numa sala de aula, muitos meninos gostam de dar presentes para a professora.

Vamos continuar?

Eles dão alguns passos em direção ao regato e chegam bem em frente ao lavadouro, no lugar exato em que, dias antes, o corpo de Jérôme Morval estava caído dentro d'água.

É claro que pensam nisso.

O silêncio se insinua entre eles.

Stéphanie tenta um desvio:

– Quem deu este lavadouro ao vilarejo foi Claude Monet. Este e muitos outros aqui perto. Esses presentes eram uma tentativa de ser aceito pelos camponeses.

Sérénac não responde. Afasta-se

um

passo

e

diverte-se

acompanhando com os olhos a dança

das plantas aquáticas no fundo do
regato. Sua voz ecoa:

– Preciso lhe dizer que o seu
marido está se tornando o principal
suspeito da nossa investigação.

– Como é?

A fantasia de adolescente sai
voando
feito
um
passarinho
assustado.

– Só queria avisá-la. Esses
boatos sobre a senhora e Morval...
O ciúme dele...

– Que coisa mais ridícula! Que
brincadeira é essa, inspetor? Já
disse que entre mim e...

– Eu sei, mas...

Sérénac remexe a lama junto às
margens com os pés. A chuva da
véspera apagou qualquer marca de
passos.

–

Seu

marido

usa

botas,

Stéphanie?

– O senhor sempre faz perguntas
idiotas assim?

– Perguntas de policial. Sinto
muito. Mas a senhora não respondeu.

– É claro que Jacques usa botas.

Como todo mundo. Deve até estar
calçado com elas agora: ele foi
caçar com amigos.

– Mas estamos muito longe da
temporada de caça.

A resposta da professora é seca
e precisa:

– O dono da encosta acima da
trilha

da

Astragale,

Patrick

Delaunay,

conseguiu

uma

autorização para exterminar lebres
fora das reservas de caça e dos
períodos normais. Essas lebres
infestam as gramas de solo calcário.

Seus homens podem checar: existe

um

dossiê

sobre

isso

no

departamento de agricultura aqui da
região, com uma lista de terrenos
afetados, danos provocados pelas
pragas e caçadores que Delaunay
designou como auxiliares para
combatê-las. Na verdade, são todos
os amigos dele de Giverny, entre os
quais o meu marido. Tudo se
negocia, inspetor. De modo que eles
caçam o ano todo em perfeita
legalidade.

Sérénac franze o cenho, como

quem dá a entender que, mesmo sem

tomar notas, está decorando cada
detalhe.

—

Ótimo,
obrigado,
vamos
verificar. A senhora vai receber uma
visita do meu assistente ou então de
um agente. Fique descansada; eles
são bem menos indiscretos do que
eu. Stéphanie, o que seu marido
estava
fazendo
na
manhã
do
assassinato?

A
professora
caminha
em
direção à margem e corre os dedos
por uma folha de chorão.

— Quer dizer que foi só para me

interrogar a respeito do local do crime que o senhor sugeriu vir até aqui, inspetor? Para me preparar, como se diz...

Sérénac gagueja:

– N-não fique achando que...

– Jacques tinha ido caçar naquela manhã – interrompe ela. –

Cedo. Mas isso acontece com frequência neste período, quando o tempo permite. Meu marido não tem álibi, entende? Tampouco tem um motivo. O fato de Jérôme Morval me fazer uma corte discreta não constitui motivo...

Eu

e

ele

passeamos algumas vezes por aqui, como nós dois estamos fazendo agora, e conversamos sobre pintura.

Ele era um homem interessante, culto. Minha relação com Jérôme

Morval parava por aí. Nada que
pudesse ser tomado como motivo de
um crime, entendeu?

Os olhos de Stéphanie Dupain
acompanham as águas do regato
antes de pousarem em Laurenç
Sérénac.

Insondáveis.

– Olhe aqui, inspetor. Eu
poderia
escorregar
nesta
terra
molhada e cair nos seus braços.
Alguém poderia nos ver. Observar.
Imaginar. Fotografar. Isso acontece
muito por aqui. Mesmo assim,
ambos concordamos que nada terá
acontecido.

Sérénac não consegue evitar
olhar em volta. Só consegue ver
alguns passantes bem distantes na
pradaria. Tirando o moinho de
Chennevières,

não

identifica

nenhuma outra moradia. Quando

responde, é gaguejando:

– Desculpe, Stéphanie. Eu... É só uma pista... Talvez eu tenha exagerado quando usei a expressão “principal suspeito”.

Ele hesita por um instante antes de prosseguir:

– Na... na verdade, segundo meu assistente, inspetor Bénavides, e acho que ele tem razão, haveria três motivações possíveis para explicar o assassinato de Jérôme Morval: o ciúme por conta de suas várias amantes, um tráfico de obras de arte ligado à sua paixão pela pintura ou uma espécie de segredo relacionado a uma criança.

Stéphanie reflete por um curto instante. Sua voz adquire um tom de ironia perturbador:

– Se bem entendo, então, sua

principal suspeita seria eu. As três
motivações conduzem a mim, não?
Eu às vezes falava com Morval,
estou organizando um concurso de
pintura... E quem conhece melhor
do que eu as crianças do vilarejo?
Ela contrai seus lábios de giz
cor-de-rosa e estende os dois
punhos fechados, como quem espera
ser algemado.

Sérénac se força a dar uma
risada.

– Nada a acusa, pelo contrário!
De acordo com o que me disse, a
senhora não era amante de Morval...
e tampouco pinta. E não tem filhos.
As palavras desenvoltas do inspetor
de repente entalam na sua garganta.
Um véu escuro repentino encobre os
olhos de Stéphanie, como se as
palavras
de
Sérénac
tivessem

provocado nela uma intensa aflição.

Como a corda de um violino que
se parte.

Ela

não

pode

estar

representando a esse ponto, pensa
ele. Reflete sobre o que acaba de
dizer.

A senhora não era amante de

Morval.

Tampouco pinta.

E não tem filhos.

Toda a atitude de Stéphanie
prova que ele está enganado... que
uma dessas afirmações é falsa.

Pelo menos uma.

Qual delas? Será que isso
poderia estar relacionado com a
investigação, com o assassinato?

Mais uma vez, Laurenç Sérénac tem
a impressão de estar avançando por
um pântano, de estar atolando em

detalhes sem nenhuma ligação entre

si.

Os dois sobem devagar a Rue du

Colombier em direção à escola sem

dizer

mais

nada.

Separaram-se

constrangidos, afetados por um mal-

estar indizível.

– Stéphanie, devo lhe pedir que

fique, como se diz, à disposição da

polícia.

Ele acrescenta um sorriso. Ela

responde num tom caloroso forçado:

– Com prazer, inspetor. Não é

difícil me encontrar. Quando não

estou na escola, estou em casa, logo

acima do pátio.

Ela indica com os olhos a

janelinha redonda no forro do

telhado.

– Meu universo não é muito

extenso, como o senhor pode

constatar. Ah, espere. Daqui a três dias, pela manhã, vou levar as crianças do vilarejo para visitar os jardins de Monet.

Ela se afasta na direção da escola. O lilás-claro de suas íris continua a tingir por muito tempo os pensamentos

de

Sérénac,

deformando toda a realidade do que ele escutou e rearranjando-a em um quadro estranho composto por pinceladas desordenadas.

Stéphanie Dupain.

Qual o seu papel neste caso?

Suspeita? Vítima?

A mulher o deixa terrivelmente desconcertado. A única atitude razoável seria ele se afastar da investigação, ligar para o juiz e deixar tudo a cargo de Sylvio ou de qualquer outro agente.

Mas uma certeza o detém, uma

única certeza.

A

intuição

inexplicável,

o

sentimento

lancinante

de

que

Stéphanie Dupain está lhe pedindo

socorro.

23

DO ALTO DA MINHA torre de

menagem,

não

perdi

nenhum

momento da cena. Aqueles dois

passando em frente à minha

cerejeira, as fitas prateadas nos

cabelos, a lama nos sapatos, bem

diante da cena do crime.

Em frente à minha casa!

Seria um erro me privar disso,

não acham? A história desses dois

não

parece

evidente

em

sua

banalidade? Um romance entre o

belo inspetor surgido do nada e a

professora à espera do seu salvador!

Eles ainda são jovens, são bonitos.

Têm o futuro pela frente, entre as

próprias mãos.

Está tudo no seu devido lugar.

Mais alguns encontros... e a

carne cuidará do resto.

Saio da minha torre. Praguejo. Levo

muito tempo para descer cada

degrau. Ainda vou demorar vários

minutos

para

trancar

as

três

fechaduras. Tenho até dificuldade

para fechar a porta de carvalho, tão pesada e velha quanto eu. É como se as dobradiças enferrujassem toda noite. Mas, pensando bem, cada um com seu reumatismo.

Lembro-me do policial e da professora. Sim, aqueles dois estão sonhando em romper o quadro. Sair da moldura.

Sua fuga está programada em uma moto cromada e reluzente. Que garota não sonharia com uma fuga dessas, hein?

A menos, é claro, que um grão de areia entre na engrenagem.

A menos que alguém escreva a história de outra forma.

– Netuno, venha!

Sigo andando. Andando. Como muitas vezes faço, corto caminho pelo estacionamento do museu de

arte americana. Passo em frente ao prédio. Como sempre, resmungo sozinha contra a arquitetura horrenda que lembra um pavilhão da década de 1970. É claro que sei que o projeto era fazer um grande jardim para esconder o museu. Anos atrás, foi plantado em frente ao prédio um labirinto de alfenas e tuias. Chamam isso de jardim impressionista. Por mim, tudo bem. Mas sei de gente que não escolheria essas sebes para as suas propriedades nem mesmo para substituir as cercas vivas. Agora que os franceses compraram o museu dos americanos para transformá-lo em museu dos impressionistas, talvez arranquem tudo! Vou lhes dizer uma coisa: se pedissem a minha opinião, eu tenderia a ser a favor.

Enfim, seja como for, vou morrer antes de isso tudo acontecer. Por enquanto, eles se contentaram

apenas em colocar na campina atrás
do museu quatro rolos de feno à
moda antiga, só falta o forçado
cravado no meio. Acho que fica
meio estranho atrás das tuias, mas,
no fim das contas, parece que
agradou. Com frequência há turistas
encantados posando em frente a eles.
Quando era mais jovem, subia
com frequência atrás do museu,
depois da galeria Cambour. A vista
dos telhados verdes em vários
níveis do museu é pouco conhecida
dos
turistas,
mas
é
bem
surpreendente. Ainda que a mais
bela de todas continue a ser a da
colina acima da caixa-d'água. No
lugar das pernas, restam-me as
lembranças.
Sigo caminhando. Minha bengala

bamba arranha as pedras do calçamento. Enquanto isso, cinco pessoas me ultrapassam, um grupo de velhos, enfim, menos velhos do que eu; todos falam inglês. Durante a semana é sempre assim: Giverny é tão deserto quanto qualquer outro vilarejo. Com exceção dos ônibus de turismo das operadoras. Três quartos dos visitantes que descem dos ônibus falam inglês, sobem e descem a Rue Claude-Monet, vão até a igreja e voltam pelo mesmo caminho. Na ida, olham as galerias e, na volta, compram. Nos finais de semana é diferente: primeiro chegam os parisienses, depois os normandos, alguns.

Ainda que o grupo à minha frente se distancie, sigo avançando no meu ritmo. Gostaria de poder acelerar o

passo diante da galeria Kandy.

Amadou Kandy administra a mais
antiga galeria de arte de Giverny.

Faz trinta anos que cruzo com
ele. Trinta anos que ele me enche o
saco.

Sem sucesso!

A galeria dele parece uma
espécie de caverna de Ali Babá.

Assim que me vê, ele sai pela porta.

– E aí, minha linda? Ainda
perambulando pelas ruas feito um
fantasma?

– Bom dia, Amadou. Me
desculpe, estou com pressa.

Ele explode em sua sonora
gargalhada de gigante senegalês.

Que eu saiba, é o único africano do
vilarejo. Às vezes, passo um tempo
na sua companhia. Amadou me conta
seus segredos, seus sonhos de um
dia negociar um Monet, ele também.

O prêmio máximo. Um *Ninfeias*,
qualquer um. Em preto, por que não?

Às vezes ele também perambula em
volta do moinho de Chennevières.
Amadou Kandy era bastante metido
com Jérôme Morval. Não posso
perder a desconfiança. Também
soube que ele se meteu com a
polícia não faz tanto tempo assim.
Sigo em frente. A Rue Claude-Monet
me parece a cada dia mais
interminável.

Os
turistas
vão
abrindo caminho para me deixar
passar. Às vezes alguns desses
babacas chegam a me fotografar,
como se eu fosse parte da paisagem
de Giverny.

Número 71.

Cheguei!

Examino o nome na caixa de
correio.

“Jérôme

e

Patricia

Morval”, como se o casal ainda morasse debaixo do mesmo teto.

Entendo Patricia. Não é fácil retirar uma etiqueta com o nome de um morto.

Toco a campainha. Várias vezes.

Ela vem até a porta.

Parece surpresa.

Não é de espantar! Faz meses que não trocamos mais que duas palavras, no máximo um bom-dia na rua. Entro, me aproximo, quase sussurro no seu ouvido:

– Patricia, preciso falar com você... Tenho coisas a contar.

Coisas que fiquei sabendo e outras que entendi.

Quando ela me deixa passar, reparo que está lívida. Os dois imensos *Ninfeias* do longo corredor me deixam tonta. Menos que Patricia, pelo visto. Tenho a impressão de que ela vai desmaiar.

Patricia sempre foi meio fracota.

Ela balbucia:

– Tem... tem a ver com o
assassinato de Jérôme?

–

Tem...

Entre

outras

confidências.

Hesito. Apesar de tudo, mesmo
que não tenha mais nada a perder,
não é fácil jogar na cara dela esse
tipo de confissão. Queria ver um de
vocês fazer isso. Espero ela sentar-
se na poltrona de couro da sala e
digo:

– Sim, Patricia, tem a ver com o
assassinato de Jérôme. Eu... eu sei o
nome do assassino.

24

FAZ VÁRIOS SEGUNDOS QUE Sylvio
Bénavides se pergunta o que aqueles
crocodilos estarão fazendo dentro
do laguinho de ninfeias. Imagina que

seja
algo
como
uma
livre
interpretação do artista, um pintor
chamado
Kobamo,
mas
fica
pensando: haverá alguma mensagem
oculta? Para passar o tempo, começa
a contar os répteis do quadro;
Kobamo os escondeu debaixo dos
nenúfares em vários lugares. Olhos,
narinas, caudas.
Atrás dele, a porta da galeria de
arte se abre e Laurenç Sérénac entra.
O inspetor Bénavides dirige a
Amadou Kandy um sorriso aliviado.
– Disse que ele não iria
demorar.
Amadou Kandy ergue as mãos
lentamente. O galerista senegalês

deve ter mais ou menos a altura de
três turistas japoneses. Está usando
uma túnica larga cuja estampa é um
patchwork improvável de motivos
africanos e tons pastel.

—

Não
estava
preocupado,
inspetor. Tenho consciência de que
o meu tempo é bem menos precioso
do que o seu.

A galeria Kandy parece um
imenso bazar. Telas de todos os
formatos socadas em cada canto do
recinto dão à loja um charme de
museu
em
plena
mudança,
proporcionando sem dúvida ao
turista especializado a ilusão de
poder fazer um bom negócio com
aquele galerista bagunceiro.

Amadou é um espertalhão.

Os inspetores se acomodam
onde podem. Sylvio Bénavides
senta-se no degrau de uma escada,
entre duas caixas de papelão, e
Laurenç Sérénac tem as nádegas
cortadas ao meio pela borda de um
grande recipiente de madeira dentro
do
qual
se
perdem
várias
litogravuras em carvão.

– Monsieur Kandy, o senhor
conhecia bem Jérôme Morval –
começa Sérénac.

Amadou permanece de pé.

– Conhecia. Jérôme era um
amante da arte e muito culto. Nós
conversávamos,
eu
lhe
dava

conselhos. Um homem de bom

gosto... Perdi um amigo.

– E um bom cliente também.

Foi Sérénac quem sacou a arma primeiro. Como se a dor na bunda o deixasse agressivo. Kandy não tira do rosto o sorriso de pastor.

– Pode-se dizer... É a sua profissão que o leva a pensar assim, inspetor.

– Bom, nesse caso o senhor vai me perdoar se eu entrar diretamente no assunto. Jérôme Morval tinha lhe confiado a missão de encontrar um *Ninfeias*?

– E o senhor é bom no que faz – comenta Kandy com uma risadinha.

– Tinha. Entre outras buscas, Jérôme tinha me pedido para ficar de olho no mercado das obras de Claude Monet.

– Das *Ninfeias*, em especial?

– Sim. Cá entre nós, não havia esperança. Jérôme sabia disso, mas

gostava de desafios meio loucos.

– Por que o senhor? – intervém

Bénavides.

Amadou Kandy vira a cabeça.

Só agora se dá conta de que está em pé entre os dois inspetores.

– Como assim, por que eu?

– Por que Morval procurou o senhor, e não outro galerista?

– E por que não eu, inspetor? O senhor acha que eu não era o especialista adequado?

Kandy força o sorriso branco, os olhos arregalados.

– Se fosse para trabalhar com artes primitivas, tudo bem, mas encarregar um senegalês de uma pesquisa sobre os impressionistas...

Fique tranquilo, inspetor, Jérôme também me encarregou de encontrar um chifre de gazela mágico.

Sérénac ri com vontade ao mesmo tempo que estica as costas.

– O senhor é um espertinho,

monsieur Kandy, seus colegas já nos avisaram. Mas nós hoje estamos com pressa. De modo que...

– O senhor não estava com uma cara muito apressada agora há pouco.

– Agora há pouco?

– Agora há pouco. Uma, duas horas atrás. Passou em frente à galeria, mas não quis incomodá-lo.

Parecia muito concentrado nas explicações da sua guia.

Bénavides fica constrangido.

Sérénac absorve o golpe.

– O senhor é mesmo um espertinho, Kandy.

– Giverny é um vilarejo pequeno

– retruca o galerista, virando-se para a porta. – Tem só duas ruas.

– Estou sabendo.

– No entanto, inspetor, para ser bem franco, não foi no senhor que reparei, mas na sua guia, nossa bela professora

primária

aqui

de

Giverny. Só vi o senhor e pensei algo como: “Esse sujeito tem sorte mesmo.” Sabe que, por pouco, eu teria sido capaz de ter filhos só para ter o prazer de levá-los à escola e cruzar com Stéphanie Dupain todo dia de manhã?

– Como seu amigo Morval.

Kandy recua um pouco para poder abarcar com um mesmo olhar os dois policiais sentados.

– Só que Jérôme não tinha filhos

– responde o galerista. – O senhor também é um espertinho, inspetor.

Ele se vira para Sylvio.

– O senhor, por sua vez, é do tipo enxerido. Os dois devem formar uma dupla eficaz. Como descrever os senhores? O macaco e o tamanduá? Que tal?

Sérénac vira o corpo e muda a

nádega de apoio.

– O senhor costuma sempre inventar provérbios africanos?

– O tempo todo. Faço o tipo exótico, meus clientes adoram.

Invento provérbios para os casais, arrumo apelidos de animal para o homem e a mulher. É meu segredinho comercial pessoal. O senhor não imagina como dá certo.

– Dá certo com duplas de policiais também?

– Eu me adapto.

Sérénac

acha

uma

graça

tremenda. Bénavides, por sua vez, parece irritado. Seus pés batem no primeiro degrau da escada.

– O senhor conhece Alysson

Murer? – pergunta bruscamente.

– Não.

– Seu amigo Morval conhecia.

– Ah, é?

– O senhor gosta de histórias,
monsieur Kandy?

– Adoro. Meu avô contava
histórias para toda nossa tribo antes
de dormir. Como não tínhamos
televisão... Antes disso, assávamos
grilos na fogueira.

– Não abuse, Kandy.

Bénavides se segura no corrimão
da escada, se levanta, estica um
pouco as pernas doloridas e estende
uma foto para o galerista. É Alysson
Murer na praia de Sark, deitada ao
lado de Jérôme Morval.

– Como o senhor pode constatar,
trata-se de uma das amigas íntimas
do seu amigo – comenta Sylvio.

Amadou

Kandy

aprecia

a

imagem com um ar de especialista.

Sérénac

assume

o

lugar

do

assistente:

– Na foto, a Srta. Murer parece uma moça mais para bonita, mas, na verdade, nossa Alysson tem um rosto, digamos, ingrato. Nada de muito grave. Vamos dizer apenas que ela não tem nenhum charme especial. Como somos policiais espertinhos... – diz Laurenç com uma piscadela para Sylvio –... espertinhos e enxeridos, pensamos que alguma coisa não se encaixava entre essa Alysson e as outras conquistas femininas de Jérôme Morval. Não é estranho, monsieur Kandy? Por que Jérôme Morval teria flertado com essa moça sem graça que trabalha na contabilidade de uma corretora de seguros em Newcastle?

Amadou

Kandy

devolve

a

fotografia aos policiais.

– Talvez seja preciso apenas
relativizar seu julgamento estético.

Essa moça é inglesa...

Mais uma vez, Sérénac não
consegue conter uma risada e quase
cai da borda do recipiente de
litogravuras. Bénavides assume o
discurso:

– Vou continuar minha história,
monsieur Kandy, se me permite. A
única parente de Alysson é uma avó,
Kate Murer, que mora desde sempre
em uma casa de pescador na ilha de
Sark, uma casinha bem modesta que
vem se depauperando ao longo dos
anos. Em casa, Kate Murer possui
apenas objetos sem valor, bibelôs,
bijuterias baratas, uma série de
quadros

antigos

que

ninguém

poderia querer, louça lascada e até

uma reprodução de um *Ninfeias* de

Monet, uma tela pequena, 60 por 60

centímetros. Kate é muito apegada a

isso tudo, não pelo valor, como o

senhor pode imaginar, mas porque é

só o que lhe resta da família. Estou

contando sobre Kate porque Jérôme

Morval esteve várias vezes na ilha

de Sark com a jovem Alysson

Murer. E nessas ocasiões travou

amizade também com a avó. Quando

se é um policial enxerido, Kandy, do

tipo tamanduá, a pessoa então não

pode evitar a seguinte pergunta: que

diabo Jérôme Morval estava indo

fazer na casa dessa velha inglesa

nessa maldita ilha de Sark?

25

PATRICIA MORVAL OBSERVA A

silhueta encurvada e negra que se

afasta. A cada passo da velha em
direção ao moinho de Chennevières,
a bengala arranha a superfície do
asfalto
da
Rue
Claude-Monet.

Netuno se junta a ela mais ou menos
na altura da corretora de imóveis
Immo-Prestige. Patricia Morval se
pergunta quanto tempo terá durado
aquela conversa surrealista.

Meia hora, talvez?

Não mais que isso.

Meu Deus!

Uma única meia hora bastou
para derrubar todas as suas certezas.
Patricia Morval não consegue medir
as consequências de tudo o que
acabou de escutar. Será que deve
acreditar nessa velha louca? E,
principalmente, o que deve fazer
agora?

Patricia

atravessa

o

corredor

evitando

deixar

os

olhos

se

afogarem nos longos painéis de

Ninfeias. Precisava falar com a

polícia. Sim, era isso que tinha de

fazer.

Ela hesita.

De que adianta? Em quem

confiar?

Encara as flores murchas que

despontam do vaso japonês; recorda

cada detalhe da visita do inspetor

Sérénac, de seu olhar inquisitivo, de

seu modo de avaliar cada um dos

quadros pendurados na parede, do

mal-estar no corredor diante das

Ninfeias. Meu Deus...

Torna a se fazer a mesma

pergunta. Em quem pode confiar?

Patricia se senta na sala e passa
muito tempo pensando na conversa
que acaba de ter. Na verdade, há
uma única pergunta a ser feita: será
que ainda é possível consertar o que
pode ser consertado? Será que ela
pode
inverter
o
curso
dos
acontecimentos?

Anda até um pequeno cômodo
quase totalmente ocupado por uma
escrivadinha e um computador. O
computador está ligado. No protetor
de tela desfilam fotografias de
paisagens ensolaradas de Giverny.
Faz só alguns meses que Patricia
começou a se interessar pela
internet. Jamais teria pensado se
apaixonar a tal ponto por um teclado
e uma tela. Apesar disso... foi uma

paixão fulminante. Agora ela passa
horas on-line. Graças à internet,
Patricia
inclusive
redescobriu
Giverny, seu próprio vilarejo. Sem a
web, será que teria sabido da
existência, a um clique de distância,
de milhares de fotos do seu vilarejo,
cada qual mais fascinante do que a
outra? Sem a web, será que teria
conseguido imaginar os milhares de
comentários dos visitantes em fóruns
do mundo inteiro, cada qual mais
entusiasmado que o outro? Alguns
meses antes, ficou estarrecida com a
beleza de um site, Givernews.
Desde então, não se passa uma
semana sem que navegue nesse blog
e em sua inacreditável poesia
cotidiana.

Mas hoje não!

Agora Patricia está procurando
outra coisa na rede. Leva a seta do

mouse até a estrela amarela que indica seus endereços favoritos. Faz aparecer o menu e se detém no site Copainsdavant.linternaute.com

—

“amigos de antigamente.”

Alguns segundos depois, clica em “Giverny” na ferramenta de busca. A foto que procura está à sua espera. Impossível não ver: é a única foto de turma anterior à Segunda Guerra que existe no site. Ano letivo 1936-1937, mais exatamente.

Por um segundo, ela se pergunta o que devem pensar os internautas que caem nesse site por acaso.

O que uma foto escolar pré-histórica está fazendo ali?

Quem poderia estar à procura de amigos que dividiram carteiras de uma turma 75 anos antes?

Patricia examina por um longo tempo os rostos comportados dos

alunos da velha imagem. Meu Deus... ainda tem dificuldade para acreditar nas revelações que aquela velha louca acaba de lhe fazer. Será possível? Será que não inventou tudo? O assassino de Jérôme pode mesmo ser quem ela denunciou, o último indivíduo de quem Patricia teria desconfiado?

Seu corpo inteiro estremece só de observar aqueles rostos cinzentos. Lágrimas frias escorrem de seus olhos. Depois de muito hesitar, ela se levanta.

Já sabe o que fazer, já decidiu. Torna a atravessar a sala e, num gesto automático, muda alguns centímetros de lugar a pequena estátua de bronze de Diana caçadora sobre o aparador de cerejeira. Afinal de contas, que risco corre

agora?

Abre uma das gavetas do
aparador e pega uma velha agenda
preta. Senta-se outra vez na poltrona
de couro e digita o número em seu
telefone sem fio.

– Alô, delegado Laurentin? Aqui
é Patricia Morval.

Um longo silêncio lhe responde
do outro lado.

– Esposa de Jérôme Morval. Do
caso

Morval,

o

cirurgião

oftalmologista

assassinado

em

Giverny, o senhor sabe do que estou
falando...

Dessa vez, uma voz irritada
responde:

– Sei, claro. Estou aposentado,
mas ainda não tenho Alzheimer.

– Eu sei, eu sei, é por isso que
estou ligando. Li seu nome várias
vezes nos jornais da região. Em
termos elogiosos. Preciso do senhor,
delegado, para... como dizer... para
uma contrainvestigação, digamos.

Uma
investigação
paralela
ao
inquérito oficial.

Um longo silêncio se faz entre os
dois interlocutores.

Em termos elogiosos.

Do outro lado, o delegado
Laurentin não consegue evitar pensar
nas investigações mais importantes
de sua carreira. Nos anos passados
no Canadá e em sua participação no
caso do Museu de Belas-Artes de
Montréal, em setembro de 1972, um
dos maiores roubos de obras de arte
da história, dezoito telas de grandes
mestres desaparecidas: Delacroix,

Rubens, Rembrandt, Corot. Em sua volta à delegacia de Vernon, em 1974, e na maior investigação de sua carreira, onze anos mais tarde, em novembro de 1985, três antes de se aposentar: o roubo de nove quadros de Monet do Museu Marmottan, entre os quais o célebre *Impressão, nascer do sol*. Foi ele, Laurentin, junto com a polícia de arte, ou seja, o OCBC, sigla em francês para Escritório Central de Combate ao Tráfico de Bens Culturais, que acabou encontrando as obras em 1991 em Porto Vecchio, na casa de um mafioso corso, depois de terem passado pelas mãos de Shuinichi Fujikuma, membro da Yakuza japonesa. Um caso de repercussão nacional, manchetes nos jornais da época... Fazia uma eternidade.

Laurentin

rompe

enfim

o

silêncio:

– Estou aposentado, madame

Morval. A aposentadoria de um delegado de polícia não tem nada de excepcional do ponto de vista financeiro, mas ela me basta. Por que não recorrer aos serviços de um detetive particular?

– Pensei nisso, delegado, claro.

Mas nenhum detetive tem a sua experiência em matéria de tráfico de obras de arte. Trata-se de uma competência importante no caso em questão.

A voz do delegado Laurentin adquire um tom mais surpreso:

– O que a senhora espera de mim?

– Curioso, delegado? Confesso que estava torcendo por isso. Vou

resumir a situação. O senhor poderá avaliar. Não acha que o julgamento de um investigador jovem e inexperiente, que se apaixonaria pela principal suspeita ou pela esposa do principal suspeito, ficaria particularmente comprometido?

Acha que ele iria conseguir terminar a investigação com objetividade, com clareza? Acha que podemos confiar nele para trazer à tona a verdade?

– Ele não está sozinho. Tem um assistente, uma equipe...

– Submetidos à sua influência e sem iniciativa.

O delegado Laurentin tosse do outro lado.

– Me desculpe. Sou um ex-

policial de quase 80 anos. Há dez
não ponho os pés numa delegacia.
Ainda não entendo o que a senhora
espera de mim.

– Então vou atizar ainda mais
sua curiosidade, delegado. Como o
senhor
ainda
lê
os
jornais,
recomendo o obituário. O obituário
local. Tenho certeza de que vai ficar
interessado.

A voz do delegado Laurentin
adquire um tom quase irônico:

– Vou ler, madame Morval.

Como a senhora deve imaginar, as
pessoas não mudam. Essas suas
estranhas adivinhações dão uma
variada nos meus *sudokus*. Não é
todo dia que um pedido assim
aparece para sacudir a rotina de um
velho policial solteiro. Mas ainda

não estou entendendo aonde a
senhora quer chegar.

– Quer que eu seja ainda mais
específica? É isso, não é? Digamos,
então, que um inspetor jovem demais
talvez tenha um interesse um pouco
excessivo pela pintura, pela arte em
geral, pelas *Ninfeias*... e não o
suficiente pelos idosos.

Outro silêncio se prolonga antes
de o delegado responder:

– Imagino que eu deveria ficar
lisonjeado com as suas alusões, mas
todo esse meu passado de policial já
ficou para trás há muito tempo. Não
estou mais inserido no contexto, não
mesmo. Se o que a senhora espera
de mim é uma contrainvestigação,
não acho que esteja falando com a
pessoa certa. Ligue para a polícia de
arte. Tenho colegas mais jovens
que...

–

Delegado

–
interrompe

Patricia –, conduza suas próprias
investigações. Na condição de
amador.

Sem
prejulgamentos.

Simples assim. Não lhe peço nada
além disso. Depois o senhor decide.

Olhe, vou lhe dar um indício que,
espero, vai aguçar sua curiosidade.

Entre na internet e abra um site, mais
exatamente o Copains d'Avant. Se o
senhor tiver filhos ou netos, eles
com

certeza
conhecem.

Digite
Giverny. 1936-1937. É um ponto de
partida
interessante
para
uma
investigação, acho... Para observá-

la sob outro prisma. Enfim, o senhor
vai ver.

– Qual é o seu objetivo, madame
Morval? Uma vingança, é disso que
se trata?

– Não, delegado. Ah, não. Pela
primeira

vez

na

vida,

seria

justamente o contrário.

Patricia Morval desliga, quase
aliviada.

Pela janela, vê o sol ao longe
descer lentamente atrás das encostas
que margeiam o Sena, imobilizando
o meandro em um *trompe-l'oeil*
impressionista efêmero, mas diário.

26

NA GALERIA DE AMADOU Kandy, o
inspetor Bénavides se espanta um
pouco com a aparente falta de
reação do gigante senegalês. Quanto

mais observa a galeria, menos pensa
que ela se parece com as outras. Em
geral, as paredes das galerias de
arte são imaculadas, brancas, e
exibem uma beleza limpa e discreta.
Já na galeria Kandy, bolhas fazem
inchar a tinta descascada das
paredes, lâmpadas pendem nuas do
teto e os tijolos parecem mais
unidos por poeira do que por
argamassa.

Amadou

Kandy

obviamente faz um grande esforço
para transformar sua loja em
caverna. Sylvio insiste:

—

Para

resumir,

monsieur

Kandy... Temos aqui uma amante
sem charme, uma avó sem dinheiro e
uma ilha anglo-normanda onde só
chove. Seu amigo Morval não o

deixa espantado?

– Eu gostava do seu lado

original.

– E Sark?

– O que tem Sark?

– O senhor também gostava de

Sark, Kandy.

Bénavides deixa perdurar um

silêncio

proposital

antes

de

prosseguir:

– Esteve na ilha de Sark nada

menos que seis vezes nos últimos

anos e, por coincidência, alguns

meses antes de Jérôme Morval

encontrar Alysson Murer.

Sérénac observa seu assistente e

pensa que, se Sylvio soubesse fazer

mímica de tamanduá ou imitar seu

grito, não hesitaria em fazê-lo. Pela

primeira

vez,

durante

alguns

segundos Amadou Kandy parece

abalado e rugas envelhecem seu

rosto entre as tēmporas. Bénavides

insiste um pouco mais:

–

Monsieur

Kandy,

seria

indiscrição perguntar o que o senhor

foi fazer em Sark?

Amadou Kandy observa os

passantes marcharem pela Rue

Claude-Monet, como que à procura

de um desfile, em seguida se vira.

Está exibindo outra vez seu sorriso

de charlatão.

– Inspetor, o senhor sabe tanto

quanto eu que Sark é o último

paraíso fiscal da Europa. Não

contem para ninguém, mas vou lá

lavar meu dinheiro. Diamantes,

marfim, especiarias, tudo isso dá um

lucro que o senhor nem imagina.

Sem falar no comércio de chifre de gazela mágico. Sark é para a Inglaterra o que os territórios ultramarinos são para a França. Uma ilha de índios, de certa forma.

Sylvio dá de ombros e retoma:

– Na realidade, Kandy, Alysson e sua avó Kate têm origens francesas distantes. Temos inclusive todos os motivos para pensar que um dos avós dela seja Eugène Murer.

Imagino que pelo menos Eugène Murer o senhor conheça...

– Se o senhor está sugerindo isso, já deve saber que sou o especialista nomeado pela direção regional de assuntos culturais para inventariar a Coleção Murer.

O galerista se curva na direção dos quadros encostados na parede e pega com cuidado uma paisagem de aldeia africana, ao mesmo tempo *naïf* e colorida. Levanta-se com um

sorriso encantado e continua seu

monólogo:

– Dentre todos os pintores

impressionistas, Eugène Murer tem

uma trajetória bem interessante,

não? Um jovem apaixonado por

literatura

e

pintura,

mas,

infelizmente para ele, pobre. Vai se

tornar pintor e colecionador por

paixão

e,

para

sobreviver,

confeiteiro em Paris e Rouen.

Quando vivo, Eugène Murer será

mais rico do que a maioria de seus

amigos pintores, Van Gogh, Renoir,

Monet, e vai ajudá-los, apoiá-los,

alimentá-los até, o bom homem. Vai

pintar também, mas quem hoje se

lembra de Eugène Murer?

Amadou Kandy pousa o quadro africano diante dos dois policiais.

– Outro detalhe: Eugène Murer vai passar dois anos na África, pintando, de 1893 a 1895, longe de qualquer influência, e vai voltar com as malas cheias de quadros. Se os senhores tiverem um pouco de gosto, vão constatar que Murer era excelente colorista e que a mistura de Impressionismo com arte *naïf* próxima dos primitivos é de fato surpreendente.

Sérénac descola as nádegas do recipiente de gravuras e avalia o quadro com atenção e espanto.

Bénavides não se deixa distrair:

– Bem, obrigado, monsieur Kandy. Então já sabemos tudo sobre o antepassado das Murer, Eugène, pintor, confeiteiro e colecionador.

Se o senhor me permite, vamos voltar às suas descendentes, Alysson

e

Kate.

Dois

anos atrás, o

governante

de

Sark

ameaçou

expulsar Kate Murer da ilha. Pois é,

também levei um susto, mas em Sark

é assim. O que se pode fazer, a vida

é dura nos paraísos fiscais. Kate

precisa reformar a casa caindo aos

pedaços, que causa vergonha aos

vizinhos e aos turistas, ou ir embora.

É aí que Jérôme Morval aparece. Na

época,

ele

desenvolve

uma

convivência estreita com a neta e

passa alguns fins de semana em

Sark, na casa da avó, que podemos

supor terem sido românticos. Nosso

bondoso Morval propõe ajudar Kate

Murer.

Cinquenta

mil

libras

esterlinas. Um empréstimo sem

juros, assim, por pura amizade.

Surpreendente, não?

– Jérôme era um cara bacana –

comenta Amadou Kandy.

– Não era? Kate Murer telefona

para a neta Alysson e confirma que

seu grande amigo Jérôme Morval é

de fato um homem encantador. Ele

não só lhe emprestou 50 mil libras,

mas é tão delicado que, para não a

ofender, sugere que, em troca do

empréstimo, ela lhe dê seu estoque

de quadros velhos, entre os quais a

reprodução do *Ninfeias* de Monet,

que ocupa tanto espaço.

– O que foi que eu disse? –

comenta Amadou

Kandy,

com

malícia. – Tato e generosidade. A
cara de Jérôme.

Sérénac desgruda enfim os olhos
das cores quentes da aldeia africana
de Murer e assume o discurso de seu
assistente:

– Um santo homem, ninguém vai
discordar. Só que nossa Alysson
pode até ter uma cara ingrata, mas a
moça não é boba. A proposta a
deixa, digamos, com a pulga atrás da
orelha

e

a

faz

chamar

um

especialista, quero dizer, outro

especialista que não o senhor,

Kandy.

O galerista absorve o golpe com
um sorriso.

– Não imagina o que acontece a
seguir? – continua Sérénac.

– Estou louco de impaciência
para ouvir, senhores. De tanto
treinar, vocês dois agora contam
histórias quase tão bem quanto meu
avô curandeiro.

Sérénac solta a bomba:

– O *Ninfeias* de Kate Murer era
um Monet de verdade, não uma
reprodução! Valia cem, mil vezes a
proposta de Morval.

A risada estrondosa de Kandy
faz tremer as paredes da galeria.

– Jérôme, seu malandro!

– O senhor conhece o fim da
história? – prossegue Bénavides,
quase explodindo. – Alysson Murer,
claro, corta todas as relações com
esse cavalheiro francês tão educado.

Já Kate, a avó, perde ao mesmo
tempo um genro e um amigo, recusa-
se a vender a tela, mas mesmo assim
é expulsa de sua casa de pescador. É
encontrada dois dias mais tarde
depois de se jogar do alto da falésia

na ponte de La Coupée, que liga as
duas partes da ilha. Sabe o que
restou dela?

Curvado acima da tela de Murer,
que tenta pôr no lugar, Kandy não
responde.

– Um banco! – grita Sylvio. –

Um banco com seu nome, suas datas
de nascimento e de morte, chumbado
diante da falésia da qual se jogou. É
uma tradição em Sark: nada de
cemitério, nada de túmulos, apenas
um banco de madeira gravado com o
nome do finado cidadão, de frente
para o mar. Antes de morrer, Kate
informou em seu testamento que
deixaria o quadro em doação para a
National Gallery de Cardiff.
Kandy se levanta sem tirar o
sorriso do rosto.

– Então temos uma moral,
inspetor. Sark ganha um banco, o
museu de Cardiff, um quadro das
Ninfeias, e Jérôme Morval, um

pretexto para romper com a mais

feia das suas amantes.

Ele reduz em alguns decibéis a

intensidade da risada.

– Monsieur Kandy – insiste

Bénavides, com o semblante grave.

– O senhor é o especialista

oficialmente

designado

na

Normandia

para

trabalhar

na

coleção Murer.

– E daí?

– Sabemos que Morval lhe

confiou a missão de achar um

Ninfeias, que o senhor conhecia a

coleção Murer, que esteve várias

vezes em Sark...

– Eu poderia ter soprado para

meu grande amigo que o *Ninfeias* de

Kate Murer talvez não fosse uma

reprodução. É isso que o senhor

quer insinuar?

– Por exemplo.

– Mesmo imaginando que foi

isso que aconteceu, tem alguma

coisa de ilegal?

– Não tem, é verdade.

– Então o que vocês estão

procurando?

Sylvio

Bénavides

sobe

no

terceiro degrau da escada, o que lhe

permite ficar na mesma altura de

Amadou Kandy.

– O assassino de Morval. Algo

que possa ter motivado uma

vingança.

– Alysson Murer?

– Não. Ela tem um álibi

indestrutível para a manhã do crime:

estava atrás de sua caixa em

Newcastle.

– Então?

– Então? – Bénavides insiste. –

Pelo que sabemos, não há nada que prove que Morval tenha desistido de encontrar

outro *Ninfeias*, outra

vítima, com a sua ajuda, Kandy.

Amadou Kandy não desgruda os olhos de Sylvio. Um duelo de pupilas, para ver quem pisca primeiro.

– Se eu tivesse encontrado esse quadro das *Ninfeias*, inspetor, não estaria aqui nesta galeria miserável.

Teria comprado uma das ilhas do Cabo Verde, na costa de Dakar, declarado independência e criado meu

pequeno

paraíso

fiscal

particular.

Amadou Kandy sorri com seus

grandes dentes brancos e arremata:

– E os senhores me pediriam
para trair um segredo profissional?
– Com o objetivo de confundir o
assassino do seu amigo.

– Ora, falando sério, inspetores,
onde eu poderia ter arrumado outro
Ninfeias de Monet?

Nenhum dos agentes responde.

Bénavides e Sérénac se levantam ao
mesmo tempo. Dão três passos em
direção à porta.

– Mais um detalhe – diz Sérénac
de repente. – Para ser bem preciso,
Kate Murer na verdade não deixou o
quadro para o museu de Cardiff.
Quem ganhou a propriedade legal da
obra foi a Fundação Theodore
Robinson, que em seguida deixou a
exploração a cargo da National
Gallery galesa.

– E daí?

Dentre os múltiplos cartazes de
pintura pregados nas vidraças da
galeria, Laurenç Sérénac identifica o

do Desafio Internacional Jovens

Pintores o mesmo que está pregado
na sala de aula de Stéphanie Dupain.

– E daí? – repete Sérénac. – E
daí que acho que essa Fundação
Theodore Robinson está aparecendo
um pouco demais neste caso.

– Normal, não? – responde o
galerista. – Essa fundação é uma
instituição
importante!

Principalmente aqui, em Giverny.

Kandy passa um longo tempo
pensativo diante do cartaz.

–

Theodore
Robinson,
os
americanos,
sua
paixão
pelo
Impressionismo,
seus

dólares...

Quem poderia imaginar o que seria

Giverny sem tudo isso? – indaga o

senegalês, agitando os braços. –

Sabe de uma coisa, inspetor?

– Não.

– No fundo, sou como Eugène

Murer aqui na minha loja: não passo

de um quitandeiro. Mas, se pudesse

voltar no tempo, sabe o que gostaria

de ser?

– Confeiteiro? – arrisca Laurenç.

Amadou

Kandy

solta

uma

gargalhada portentosa, dessa vez

sem o menor pudor.

– Gosto do senhor... espirituoso

– consegue articular entre dois

soluços. – Do senhor também, aliás,

o

tamanduá

enxerido.

Não,
inspetores, confeitiro não. Vou lhes
confessar uma coisa: na verdade,
adoraria ter 10 anos. Ainda estar na
escola, com uma bela professora
para me convencer de que sou um
gênio e me inscrever como centenas
de outras crianças do mundo todo
nesse concurso para descobrir
jovens
talentos
da
pintura
patrocinado
pela
Fundação
Robinson.

27

NÃO FALTA MUITO PARA o sol se
pôr atrás do morro. Fanette se
apressa;
precisa
terminar
seu

quadro. Seu pincel nunca deslizou
tão depressa, depositando manchas
brancas e ocre que reproduzem o
moinho e sua estranha torre, a
grande árvore vermelho-cereja e
prata no meio do pátio, a roda de
pás mergulhada na água cintilante.
Está concentrada, mas hoje acontece
o contrário: quem não para de
conversar com ela é James.

– Você tem amigos, Fanette?

*E você, James? Eu pergunto se
você tem amigos?*

– Claro. O que você acha?

– Muitas vezes está sozinha.

– Foi você quem me disse para
ser egoísta. Quando não estou
pintando, estou com eles!

James caminha devagar pela
campina e fecha os cavaletes um
depois do outro. Observa sempre o
mesmo ritual quando o sol começa a
se pôr.

–

Mas,

como

está

me

perguntando, vou dizer. Eles me irritam. Principalmente Vincent, o que você viu outro dia, o que fica me espionando. Um chato que parece cola...

– Verniz!

– O quê?

– Parece verniz. É mais útil do que cola para uma menina que pinta.

Às vezes, James se acha engraçado.

– Tem também Camille, mas esse daí se acha. Pensa que nasceu superdotado, sabe como é? A última da minha idade é Mary, que vive chorando. A puxa-saco. Não gosto dela e pronto.

– Nunca se deve dizer isso, Fanette.

O que foi que eu disse? Não

falei nada...

– Não se deve dizer o quê?

– Já expliquei, Fanette. Você é uma menina muito mimada pela natureza. Sim, sim, não finja que não está entendendo. É linda feito uma flor, inteligente, cheia de malícia.

Um dom incrível para a pintura caiu no seu colo como se uma fada a tivesse coberto de pó de ouro. Então é preciso tomar cuidado, Fanette, porque os outros vão sentir inveja durante toda a sua vida. Vão sentir inveja porque terão vidas bem menos felizes do que a sua.

– Que nada! Você só fala besteira. De toda forma, meu único amigo que vale a pena é Paul. Você ainda não o conhece. Vou vir com ele um dia. Ele já concordou. Vamos dar a volta ao mundo juntos. Ele vai me levar para eu poder pintar: Japão, Austrália, África...

– Não tenho certeza de que

exista algum homem que aceite isso.

Às vezes, James também me irrita.

– Existe sim: Paul!

Fanette faz uma careta quando ele se vira para guardar a caixa de tintas.

Tem umas horas que James não entende nada. Aliás, não sei o que está fazendo, parece que ficou entalado em frente aos tubos de tinta.

– Está preso?

– Não, não. Tudo bem.

Que cara estranha. James é mesmo esquisito, às vezes.

– Sabe, James, para a Fundação Robinson estou com vontade de pintar outra coisa, não o moinho da bruxa. Sua história de refazer o quadro do pai Trognon não me agrada muito.

–

Você

acha?

Theodore

Robinson já...

– Tenho minha própria ideia.

Vou pintar *Ninfeias*! Só que não do
jeito velho de Monet. Vou pintar um
Ninfeias de jovem!

James a encara como se ela
houvesse acabado de proferir a pior
das blasfêmias.

*Como está vermelho! Parece
que vai explodir.*

*Tudo bem, não precisa fazer
essa cara de pai Trognon!*

Fanette solta uma risada.

– Monet... *Ninfeias* de velho! –
diz James, quase sufocando.

Ele tosse dentro da própria
barba, então começa a falar devagar,
com um tom professoral:

– Vou tentar explicar para você,
Fanette. Monet viajou muito, sabe?
Por toda a Europa. Inspirou-se em
todos os quadros do mundo, e você

precisa entender que eles são muito diferentes, que em outros lugares as pessoas não veem as coisas do mesmo jeito. Monet entendeu isso; ele estudou principalmente a pintura japonesa. Por isso, depois não precisava mais viajar nem ir a outro lugar. Um laguinho de nenúfares lhe bastou durante treze anos da vida, um laguinho bem pequeno, mas que mesmo assim foi grande o suficiente para revolucionar a pintura do mundo inteiro. E revolucionar até mais do que a pintura, Fanette. Monet revolucionou todo o olhar do homem sobre a natureza. Um olhar universal. Entendeu? Aqui, em Giverny! A menos de 100 metros desta campina! Então, quando você diz que Monet tinha um olhar de velho...

Blá-blá-blá.

– Bom, vou fazer o contrário –
diz Fanette com sua voz límpida. –

Não é culpa minha eu ter nascido
aqui! Vou começar pelo laguinho
das *Ninfeias* e terminar pelo mundo!
Você vai ver, as minhas *Ninfeias*
vão ser únicas, como nem mesmo o
próprio Monet ousou fazer. Nas
cores do arco-íris!

De repente, James se abaixa na
direção de Fanette e a pega no colo.

*Ele está estranho de novo, está
outra vez com esse ar preocupado e
esquisito, um ar que não é típico
dele.*

– Com certeza é você quem tem
razão, Fanette. Afinal, a artista é
você, é você quem sabe.

*Ele está me apertando com
muita força, está doendo...*

– Nunca escute ninguém a não
ser você mesma – prossegue James.

– Nem mesmo a mim. Você vai
ganhar esse concurso da Fundação
Robinson. Precisa ganhar! Está me
entendendo,

hein?

Vamos,

vá

andando agora, já é tarde, sua mãe
está esperando. Não esqueça seu
quadro!

Fanette se afasta pelo trigal.

James

grita

uma

derradeira

recomendação:

– Matar esse dom em você seria
o pior dos crimes!

*Às vezes, James diz umas coisas
estranhas.*

James observa a fina silhueta correr
ao mesmo tempo que torna a se
inclinar na direção da caixa de
tintas. Espera Fanette desaparecer
atrás da ponte e a abre com as mãos
trêmulas.

Não

quis

deixar

transparecer nada na frente dela,
mas agora está suando em gotas.

Uma espécie de pânico o domina.
Seus velhos dedos se agitam contra
a sua vontade. As dobradiças
enferrujadas rangem de leve.
James lê as letras gravadas na
madeira macia do interior da caixa
de tintas.

ELA É MINHA

AQUI, AGORA E PARA SEMPRE

As palavras gravadas estão
seguidas por uma cruz, dois traços
simples que se cruzam. James
entendeu muito bem que se trata de
uma ameaça. Uma ameaça de morte.
Sente o velho corpo magro ser
percorrido
por
calafrios
incontroláveis. Os policiais que
vasculham tudo no vilarejo por
causa

daquele
cadáver
cujo
assassino não foi encontrado já não
o
tranquilizam.
Todo
aquele
ambiente o oprime.
Ele relê, e outra vez, e mais
outra. Quem pode ter escrito aquilo?
A
caligrafia
lhe
parece
canhestra, apressada. O vândalo
deve ter aproveitado que o artista
estava dormindo para gravar essa
ameaça mórbida na sua caixa de
tintas. Não é muito difícil. É comum
ele pegar no sono ali na campina,
junto a suas telas, quando Fanette
não vem acordá-lo. O que aquilo
pode significar? Quem pode ter

escrito? Será que deve levar a
ameaça a sério?

James observa a cortina de
choupos que fecha o horizonte da
pradaria. As letras agora parecem
inscritas no seu cérebro, como se
gravadas na carne macia da sua
testa: *Ela é minha aqui, agora e
para sempre*. Uma outra pergunta o
atormenta

agora,

uma

dúvida

obsessiva, que o angustia ainda mais
do que saber quem proferiu aquela
ameaça. Ele seria incapaz de segurar
um pincel, uma faca, qualquer coisa.

*Ela é minha aqui, agora e para
sempre*. Como num carrossel dos
infernos, ele gira as oito palavras na
mente.

A quem é dirigida essa ameaça?

Vasculha os arredores como se
um monstro fosse surgir das espigas

de trigo.

Sobre quem paira o perigo?

Sobre Fanette ou sobre ele?

28

ATRAVESSO POR FIM O portão do moinho. Tenho a impressão de que meus joelhos vão explodir. Meu braço direito também, de tanto se apoiar na maldita bengala. Netuno segue trotando ao meu lado. Dessa vez, ao contrário das outras, ele me espera.

Bom cachorro.

Pego minhas chaves.

Torno a pensar por um breve instante em

Patricia

Morval.

Pergunto-me como ela terá recebido minhas revelações sobre o assassino de seu marido, pouco antes. Será que conseguiu resistir à tentação de avisar à polícia? Mesmo que seja

tarde, muito tarde para salvar o que quer que seja. A armadilha já se fechou. Agora nenhum policial pode fazer mais nada.

Eu mesma, o que teria feito no lugar dela?

Ergo os olhos. Identifico ao longe a jovem Fanette, correndo pela campina e atravessando a ponte de ferro. Seu americano ficou lá no meio das espigas de trigo. Com certeza deve ter lhe contado mais uma vez histórias de bruxa sobre o meu moinho, do casal de ogros, dos proprietários malvados que não gostavam de Monet, queriam cortar os choupos, guardar os rolos de feno, secar o laguinho de ninfeias e construir na pradaria uma fábrica de amido de milho. As bobagens de sempre. Que idiota! Na sua idade, ficar assustando as crianças com essas lendas.

Ele aparece todos os dias, esse

pintor americano, esse James de quem ninguém conhece o sobrenome.

Posta-se todos os dias no mesmo lugar, em frente ao moinho. Desde sempre, ao que parece, como se também fizesse parte do cenário.

Como se um deus artista lá no céu o houvesse pintado. Houvesse pintado a todos nós. Até lhe vir a vontade de apagar tudo. Uma pincelada e puf, mais ninguém!

Esse James vai ver Fanette ir embora, como todos os dias, depois vai pegar no sono na campina até o dia seguinte.

Boa noite, James.

29

FANETTE VOLTA PARA CASA. Vai correndo. O que mais gosta é quando os postes de rua de Giverny praticamente se acendem quando ela passa.

É mágica!

Mas agora ainda está cedo

demais. O sol mal começa a se
esconder.

Fanette

mora

numa

casinha meio caindo aos pedaços na
Rue du Château-d'Eau. Ela não liga,
não reclama, sabe muito bem que a
mãe faz o que pode. Sua mãe faz
faxina de manhã até a noite a casa de
todos os burgueses do vilarejo.

E são muitos!

Morar ali no meio do vilarejo, a
100 metros do jardim de Monet,
mesmo numa casa caindo aos
pedaços: o que mais ela poderia ter
esperado?

Sua mãe a recebe atrás da
bancada da cozinha, uma simples
prancha de madeira pousada sobre
tijolos empilhados. Exibe um sorriso
cansado.

– Já é tarde, Fanette. Sabe muito
bem que não quero você na rua de

noite. Principalmente agora, com
esse crime que aconteceu, enquanto
o
assassino
não
tiver
sido
encontrado.

*Mamãe vive com essa cara
triste e cansada. Está sempre com
esse
uniforme
azul
feio,
descascando
legumes,
fazendo
sopas que duram uma semana,
dizendo que não a ajudo o
suficiente, que na minha idade eu
deveria. Se eu lhe mostrar meu
quadro, quem sabe ela...*

– Acabei, mãe.

Fanette ergue seu quadro do

moinho de Chennevières até a altura
da bancada.

– Depois, agora não. Estou com
as mãos sujas. Ponha-o ali.

Como sempre.

– Vou pintar outro. Um *Ninfeias!*

James me disse que...

– Quem é esse James?

– O pintor americano, mãe, eu já
disse.

– Não.

As cascas de cenoura chovem
dentro de uma tigela de pedra.

– Disse, sim!

Disse, disse sim. Juro que disse!

*Você faz isso de propósito, mãe,
não é possível!*

– Não quero você saracoteando
com desconhecidos, Fanette! Está
me ouvindo? Não é porque crio

você sozinha que você tem de passar

o tempo todo na rua. E não fique aí feito um dois de paus, vá pegar
uma

faca. Se eu for cozinhar sozinha

ainda vou levar uma hora!

– A professora falou sobre um concurso, mamãe. Um concurso de pintura...

É a professora! Ela não vai poder dizer nada. Aliás, não está dizendo nada mesmo, está olhando para o nabo!

Fanette se empertiga toda e continua:

– James me fal... Enfim, todo mundo diz que posso ganhar. Que tenho chance se me esforçar.

– E qual é o prêmio?

O nabo vai cair da mão dela, com certeza.

– Aulas numa escola de pintura em Nova York.

– O quê?

O nabo levou uma facada bem no coração. Não vai se recuperar.

– Que história é essa de concurso mesmo, Fanette?

– Ou quem sabe Tóquio. São Petersburgo. Canberra.

*Tenho certeza de que ela nem
sabe onde fica, mas mesmo assim
tem medo.*

—

Também
posso
ganhar
dinheiro... muito!

*Mamãe suspira. Decapita um
segundo nabo.*

— Se a sua professora continuar a
pôr ideias como essas na cabeça de
vocês, vou lá falar com ela...

Não

estou

nem

aí,

vou

*participar do concurso mesmo
assim.*

— E também quero ter uma
conversinha com o seu James.

Com um gesto enérgico, a mãe
de Fanette faz os legumes que estão

na tábua escorregarem para dentro
da pia. As cenouras e os nabos
mergulham e espirram água no
uniforme azul. A mãe de Fanette se
abaixa para suspender até em cima
da bancada um saco de batatas.

*Ela nem está me pedindo para
ajudar. Isso não é bom sinal. Está
resmungando palavras que não
conheço, vou ser obrigada a fazê-la
repetir mais alto.*

– Você quer me abandonar,
Fanette? É isso?

Pronto, começou...

*Estou
explodindo!*

*Estou
explodindo*

dentro

da

minha

cabeça, só eu consigo ver, mais

ninguém, mas estou explodindo!

Juro que estou! Mãe, pode deixar

que eu lavo a louça. Pode deixar que eu guardo os talheres. Pode
deixar que eu passo a esponja na
mesa. Pode deixar que eu passo
pano em todo lugar. Pode deixar
que eu pego a vassoura, varro e
guardo depois. Pode deixar que eu
faço tudo o que uma menina deve
fazer, tudo mesmo, sem reclamar,
sem
chorar,
qualquer
coisa.

Qualquer coisa. Contanto que me
deixem pintar. Só quero que me
deixem pintar.

Por acaso é pedir demais?

Mamãe continua a me olhar
com uma cara desconfiada. Ela
nunca fica contente quando não
faço nada, e sempre me olha
estranho quando faço além da
conta. Acho que o que ela não
digeriu foi Nova York, e as outras
cidades também, principalmente

quando expliquei, Japão, Rússia,

Austrália, tudo ao mesmo tempo!

– Três semanas de escola de
pintura, mãe? Três semanas não é
muito. Não é nada.

*Ela olhou para mim como se eu
estivesse louca.*

*Agora, desde que acabamos de
comer, não falou mais nada. Está
ruminando. É mau sinal quando ela
rumina. Nunca a vi ruminar e
depois me dizer alguma coisa que
tenha me agradado.*

A mãe de Fanette se levanta na
hora em que a filha está ocupada
estendendo os panos de prato bem
esticadinhos

no

varal,

com

pregadores,

não

embolados

e

jogados de qualquer maneira como
costuma fazer. Quando ela fala, faz a
sala congelar:

– Fanette, tomei minha decisão.

Não quero mais ouvir falar nessa
história de concurso de pintura, de
pintor americano, nem de mais nada.
Isso tudo acabou. Vou falar com sua
professora.

*Não digo nada. Nem mesmo
choro. Só deixo a raiva crescer
dentro de mim e ferver. Sei por que
mamãe está dizendo isso. Ela já me
falou mil vezes.*

*O grande refrão. Repetido
incontáveis vezes, recitado de cor.*

*O
cântico*

*dos
grandes
arrependimentos.*

*“Minha filhinha, não quero que
você desperdice sua vida como eu.
Quando tinha a sua idade, também*

acreditei em todas essas histórias.

Também tinha sonhos. Também era bonita e os homens me faziam promessas.

Olhe! Olhe só hoje!

Veja os buracos no teto, as paredes mofadas, a umidade, o fedor; lembre-se do frio nas vidraças no último inverno; veja minhas mãos, minhas pobres mãos, o que eu tinha de mais elegante, mãos de fada, quantas vezes ouvi isso, Fanette, quando tinha a sua idade, que tinha mãos de fada.

Mãos de fada que hoje limpam a privada dos outros!

Não se deixe aprisionar como eu, Fanette. Não vou deixá-los fazer isso. Não confie em ninguém a não ser em mim, Fanette. Em mais ninguém. Nem no seu James, nem na sua professora, nem em mais ninguém.”

Está bem, mãe. Vou ouvir o que

você diz. Vou confiar em você.

*Mas nesse caso é preciso me
contar tudo, mãe. Tudo. Até as
coisas das quais nunca falamos. Até
as que não podemos dizer!*

Uma troca justa.

Fanette pega uma esponja e
limpa demoradamente a lousa cinza,
a mesma em que sua mãe anota a
lista de legumes.

Espera a superfície secar um
pouco. Pega o giz branco. Sabe que
a mãe está olhando por cima do seu
ombro. Começa a escrever com uma
caligrafia fina e redonda. Uma letra
de professora.

Quem é meu pai?

E logo abaixo:

Quem é?

Ouve a mãe chorando atrás de si.

Por que ele foi embora?

*Por que a gente não foi com
ele?*

Sobrou um pouco de espaço na

parte inferior da lousa. O pedaço de giz branco chia.

Quem é?

Quem é?

Quem é?

Quem é?

Fanette vira seu quadro, seu “moinho da bruxa”. Coloca-o sobre uma cadeira e então, sem dizer nada, sobe para o seu quarto. Escuta a mãe chorando lá embaixo. Como sempre.

Chorar não é resposta, mãe.

Fanette sabe que no dia seguinte tudo terá passado, que elas não vão mais falar no assunto, e sua mãe terá apagado a lousa.

É tarde agora.

Quase meia-noite, deve ser.

Mamãe já deve estar dormindo há tempos, começa as faxinas bem cedo. Muitas vezes, quando me levanto, já saiu e voltou.

A janela do meu quarto dá para a Rue du Château-d'Eau. A rua é

bem inclinada, mesmo no primeiro andar estamos só a pouco mais de 1 metro do pavimento. Se eu quisesse, poderia pular. Muitas vezes, à noite, na minha janela, converso com Vincent. Todas as noites ele fica zanzando pelas ruas. Seus pais não estão nem aí. Já Paul nunca pode sair nesse horário.

Fanette chora.

Na rua, Vincent me olha sem saber muito bem o que fazer.

Preferiria que quem estivesse ali fosse Paul. Paul me entende. Paul sabe conversar comigo. Vincent me escuta e só. É tudo o que sabe fazer.

Falo com ele sobre o meu pai.

Tudo o que sei é que mamãe engravidou muito jovem. Às vezes, acho que sou filha de um pintor, um pintor americano que me deixou apenas seu talento, que mamãe posava nua para ele no meio da

*natureza, ela era linda, mamãe,
linda mesmo, tem fotos dela num
álbum lá embaixo. De mim também,
quando eu era bebê. Mas do meu
pai, nenhuma.*

Vincent escuta, apenas segura a
mão que Fanette deixa caída junto à
parede e a aperta com força.

*Continuo falando. Conto que
acho que meu pai e minha mãe se
amaram loucamente, uma paixão
terrível, que eram belos os dois. E
que depois meu pai foi embora,
para longe, e minha mãe não soube
detê-lo.*

*Talvez
mamãe
não
soubesse
que
estava
grávida.*

*Talvez sequer soubesse o nome do
meu pai. Talvez simplesmente o*

*amasse demais para detê-lo. Talvez
meu pai fosse um homem bom, fiel,
talvez tivesse ficado, e talvez
tivesse me criado se soubesse que
eu existia, mas mamãe o amava
demais para colocá-lo numa jaula
dizendo-lhe isso.*

*É complicado na minha cabeça,
mas não pode ser de outra forma,
Vincent. Não é? Senão, de onde
teria vindo esse meu desejo louco
de pintar? Esse desejo de voar?
Quem poderia ter me dado esses
sonhos que enchem a minha
cabeça?*

Vincent aperta a mão de Fanette.
Com uma força excessiva. A maldita
pulseira que ele sempre usa está
espremida entre os braços deles e
afunda na carne da menina, como
que para imprimir ali o nome dele
gravado na peça.

*Às vezes, em outras noites,
observo as nuvens que escondem a*

lua e penso que meu pai é um
babaca burguês na casa de quem
mamãe faz faxina. Que cruzo com
ele na Rue Claude-Monet, que não
sei que ele é meu pai, na verdade,
mas que ele sabe. É só um nojento
que trepou com mamãe, que a
obrigou a fazer coisas nojentas.
Talvez até ele ainda lhe dê dinheiro
sem ninguém saber. Às vezes,
quando vejo homens na rua que
olham feio para mim, isso me
enlouquece, me dá vontade de
vomitar. É horrível. Mas isso eu
não digo para Vincent.

Esta noite as nuvens não
incomodam a lua.

– Meu pai era alguém que estava
de passagem – diz Fanette.

– Não se preocupe, Fanette –
responde Vincent. – Eu estou aqui.

– Alguém de passagem. Sou
como ele. Preciso ir embora,
preciso voar.

Vincent aperta a mão dela com
mais força ainda.

– Estou aqui, Fanette. Estou
aqui. Estou aqui.

A dois passos dali, na Rue du
Château-d’Eau, Netuno persegue
mariposas.

OITAVO DIA

20 de maio de 2010, Delegacia de
Vernon

Confronto

30

O INSPETOR LAURENÇ SÉRÉNAC é
hilário. De vez em quando, pela
divisória,
lança
uma
discreta
olhadela na direção da maior sala da
delegacia de Vernon, a 101, mais
frequentemente
usada
para
os

interrogatórios. Jacques Dupain está
sentado
de
costas
para
ele.

Tamborila
impacientemente
os
dedos no braço da cadeira. Sérénac
se afasta na ponta dos pés pelo
corredor e sussurra para Sylvio
Bénavides em tom conspiratório:
– Vamos deixá-lo marinar mais
um pouco.

Ele puxa o assistente pela
manga.

– O que mais tenho orgulho é do
cenário que produzi! Espere, Sylvio,
venha cá ver.

Eles tornam a avançar pelo
corredor na direção da sala de
interrogatório.

– Quantas são, Sylvio?

Bénavidés não consegue conter
um sorriso.

– Cento e setenta e um pares!

Maury trouxe mais três faz quinze
minutos.

Sérénac se estica para examinar
mais uma vez a sala 101. No recinto
em que Jacques Dupain aguarda, os
policiais puseram todos os pares de
botas recolhidos desde a véspera no
vilarejo
de
Giverny.

Estão
espalhados por todos os cantos da
sala, tanto em cima das prateleiras
quanto das mesas, no parapeito das
janelas, nas cadeiras, empilhados no
chão ou equilibrados uns por cima
dos outros. O plástico brilha em
todas as cores possíveis, do amarelo
fosforescente ao vermelho vivo,
ainda que o clássico verde-escuro
domine. As botas foram organizadas

de acordo com seu grau de uso,
tamanho e marca. Cada uma leva
uma pequena etiqueta com o nome
do dono.

Sérénac não esconde um júbilo
intenso.

– Espero que você tenha tirado
uma foto, Sylvio. Adoro esse tipo de
maluquice! Não há nada melhor para
preparar um cliente! Parece a obra
de um artista contemporâneo. Você,
com suas dezessete churrasqueiras
no jardim, deveria saber apreciar
esse tipo de coleção, não?

– É... – responde o inspetor
Bénavides, que nem se dá ao
trabalho de levantar a cabeça. – Do
ponto
de
vista
estético,
é
formidável. Inédito, digno de uma
exposição. Por outro lado...

– Você está sério demais, Sylvio

– interrompe Sérénac.

– Eu sei.

Bénavides

consulta

algumas

folhas de papel, organiza-as.

– Desculpe, devo ser um pouco
policial demais. Esta investigação
lhe interessa, chefe?

– Xi, você hoje está com zero
senso de humor.

– Para dizer a verdade, não
dormi, ou dormi pouco. Segundo
Béatrice, estava ocupando lugar
demais na cama. É verdade que há
três meses ela só pode dormir de
costas. De modo que acabei no sofá.
Sérénac lhe dá um tapinha no
ombro.

– Vamos, daqui a uma semana ou
menos isso vai ter acabado, você vai
ser pai. Aí nenhum dos dois vai
dormir! Nem sua Béa nem você.

Quer um café? Vamos fazer um
briefing lá na sala?

– Um chá.

– Verdade, sou um idiota. Sem
açúcar. Ainda não decidiu me
chamar de você?

– Vou pensar no assunto.

Garanto ao senhor, chefe, estou me
esforçando muito para mudar.

Sérénac ri sem se conter.

– Gosto de você, Sylvio. E, além
do mais, vou lhe confessar, você
sozinho consegue mais informações
do que uma delegacia do Tarn
inteira! Palavra de provençal!

– Mal sabe o senhor. Virei a
noite trabalhando outra vez.

– No sofá? Enquanto sua mulher
roncava deitada de costas?

– É.

Bénavides exhibe um sorriso
franco. Os dois avançam pelo
corredor, sobem três degraus e
entram num cômodo do tamanho de

um armário grande. Os 10 metros
quadrados
da
“sala”
estão
abarroitados
com
uma
mobília
heterogênea: dois sofás cansados
forrados com um tecido alaranjado
de franjas compridas, uma poltrona
lilás, uma mesa de fórmica sobre a
qual
repousam
uma
cafeteira,
xícaras desemparelhadas e colheres
oxidadas,
uma
lâmpada
débil
suspensa no teto em uma luminária
cilíndrica de papelão amarelado.

Sylvio se joga na poltrona lilás,
enquanto Laurenç prepara o café e o
chá.

– Chefe – inicia Sylvio –, vamos
começar pela grande exposição, já
que o senhor parece ter por ela um
apreço especial?

Seu superior está de costas para
ele.

Bénavides
consulta
suas
anotações.

– A esta hora, temos então 171
pares de botas, dos tamanhos 34 ao
45. Descartamos as menores de 34.

Nesse
total,
identificamos

15
pescadores e 21 caçadores com
autorização. Entre os quais Jacques
Dupain. Há também uns trinta
trilheiros autorizados. Por outro

lado, como o senhor já sabe,
nenhuma das solas desses 171 pares
de botas corresponde ao molde de
gesso que Maury tirou em frente ao
cadáver de Jérôme Morval.

Sérénac responde ao mesmo
tempo que despeja água na cafeteira:

– Era de esperar. O assassino
não iria se entregar assim... Mas
podemos dizer, por outro lado, que
isso inocenta 171 moradores de
Giverny.

– Por assim dizer.

– E que Jacques Dupain não faz
parte desses 171... Vamos deixá-lo
suar mais um pouco. De resto, em
que pé estamos?

O inspetor Bénavides desdobra
seu famoso papel com três colunas.

– Você é mesmo um obsessivo,
Sylvio.

– Eu sei. Estou construindo esta
investigação
exatamente

como

construí minha varanda ou meu
terraço. Com paciência e precisão.

– E tenho certeza de que a sua
Béatrice goza tanto da sua cara
quanto eu aqui no trabalho.

– Verdade. Mas mesmo assim
minha varanda ficou perfeita!
Sérénac dá um suspiro. A água
ferve.

– Tá, vamos lá com essas suas
porras de colunas.

– Elas vêm sendo preenchidas
aos poucos, na vertical. Amantes,
Ninfeias, crianças.

– E teremos solucionado a
investigação
quando
pudermos
desenhar uma bonita flecha, bem
horizontal, ligando as três colunas.
O vínculo entre esses três poços por
ora totalmente estanques. Mas neste
momento estamos tão sem rumo que

171 pares de botas correm o risco
de não bastar.

Bénavides suspira. A poltrona
lilás parece engoli-lo aos poucos.

– Então vamos lá, Sylvio, estou
escutando. Quais as novidades da
noite?

– Coluna um, o oftalmologista e
suas amantes. Estamos começando a
acumular testemunhos, mas ainda
não temos nada que possa justificar
um
crime
passional.

Nenhuma
novidade tampouco em relação ao
significado desses malditos números
no verso das fotos. Embora eu esteja
quebrando a cabeça. Para coroar,
nenhuma notícia de Aline Malétras,
em Boston, e ainda não saímos do
lugar para descobrir a identidade da
desconhecida na quinta foto.

– A moçoila ajoelhada em frente

a Morval na sala?

– Excelente memória visual,

chefe. Além disso, tentei classificar

os

maridos

mais

ou

menos

corneados por ordem de capacidade

para o ciúme. Jacques Dupain é sem

dúvida alguma o primeiro da lista,

embora

paradoxalmente

não

tenhamos nenhuma prova tangível do

adultério da sua esposa. E o senhor,

inspetor, fez algum progresso?

Encontrou Stéphanie Dupain ontem?

– Prefiro não comentar.

Sylvio Bénavides o encara,

estarecido. Ao tentar se levantar,

revira as entranhas da poltrona.

– Como assim?

– Prefiro não comentar. Só isso.

Não vou repetir a história dos olhos
lilases dela me mandando pedidos
de socorro, senão você me denuncia
à corregedoria. Então prefiro não
d i z e r . *Espera para ver*. Estou administrando
essa
parte
da
investigação de modo pessoal, se
você preferir. Mas concordo com a
sua análise. Não temos nenhuma
prova de adultério entre Jérôme
Morval e Stéphanie Dupain, mas
Jacques Dupain mesmo assim tem
um sólido perfil de suspeito número
um. Então, vamos em frente. E a sua
coluna dois, a das *Ninfeias*?
– Nada de novo desde nossa
conversa
com Amadou
Kandy
ontem. Era o senhor quem deveria
entrar em contato com a polícia de
arte?

– Tá, tá bom. Vou fazer isso.

Ligo para eles de novo amanhã. Ah, sim, e também vou dar um passeio lá pelos lados dos jardins de Claude Monet.

– Com a turma de Stéphanie Dupain?

A fumaça da cafeteira se eleva acima dos cabelos hirsutos de Sérénac. O inspetor encara seu assistente com um ar inquieto.

– Que loucura, Sylvio, você está sempre a par de tudo! Por acaso grampeou todos nós e passa a noite escutando as fitas?

Bénavides

dá

um

suspiro

ruidoso.

– Por quê? Esse passeio escolar é ultrassecreto?

Ele esfrega os olhos.

– Amanhã, por minha parte,

marquei um encontro com o curador
do Museu de Belas-Artes de Rouen.

– Por quê, cacete?

– Iniciativa e autonomia, foi o

senhor

mesmo

quem

me

recomendou, certo? Digamos que eu

queira formar minha própria opinião

sobre essa história de quadros de

Monet e *Ninfeias*.

– Sabe, Sylvio, se eu tivesse um

temperamento desconfiado, poderia

interpretar isso como falta de

confiança

em

seu

superior

hierárquico direto. Estou certo?

Os olhos cansados de Sylvio

Bénavides encontram forças para

brilhar com malícia.

– Prefiro não comentar!

O inspetor Sérénac se demora
servindo-se com cuidado um café
em uma xícara lascada. Deposita um
saquinho de chá dentro de outra, que
estende para o assistente.

– Devo realmente ter dificuldade
para

entender

a

psicologia

normanda. Você neste momento
deveria estar na cabeceira da sua
mulher, Sylvio, não bancando o
caxias.

– Não se ofenda, chefe. Sou um
pouco obsessivo, só isso. Debaixo
desta fachada de cão fiel, sou
teimoso. Não sei nada sobre pintura,
só preciso me nivelar. Me escute
mais um pouco. A última coluna, a
terceira. Crianças de 11 anos.

Sérénac molha os lábios no café
e faz uma careta.

– A sua preferida.

– Passei o pente-fino na lista de crianças de 11 anos entregue por Stéphanie Dupain. Idealmente, para corresponder à minha hipótese preferida, procurei uma menina ou um menino de 10 anos cuja mãe fizesse faxina, por exemplo, na casa dos Morval uma década atrás.

– E que usasse um uniforme azul por cima da saia levantada. Então, qual foi o resultado?

–

Nenhum!

Absolutamente

nenhuma

criança

da

lista

corresponde a essa descrição.

Giverny tem nove crianças nessa faixa etária, digamos, de 9 a 11.

Entre os pais, só identifiquei duas mães solteiras. A primeira é vendedora na padaria de Gasny, o

vilarejo que fica do outro lado da pradaria, e a segunda dirige o ônibus da região.

– Incomum.

– Sim, incomum, como o senhor diz. Tenho também uma mãe divorciada professora de ensino médio em Evreux. Todos os outros pais são casais e nenhuma das mães a priori faz faxina, nem hoje, nem dez anos atrás.

Sérénac se apoia na mesa de fórmica e adota um ar desolado.

– Se quer saber o que acho, Sylvio, só existem duas explicações possíveis para o seu fiasco. A primeira é que toda essa sua hipótese de filho ilegítimo é uma bobagem. É o mais provável. A segunda é que a famosa criança a quem Morval deseja parabéns no postal encontrado em seu bolso não é de Giverny, nem aliás sua amante da foto, a moça de uniforme azul que

está lhe fazendo uma carícia especial. Seja ela ou não a mãe da criança. E nesse caso...

Bénavides não tocou em seu chá.

Arrisca um olhar tímido.

– Se o senhor me permite, chefe...

Existe

uma

terceira

explicação possível.

– Ah, é?

Sylvio hesita um instante antes de prosseguir:

– Bom... muito simplesmente...

a lista entregue por Stéphanie

Dupain poderia ser falsa.

– Como é?

Sérénac derramou metade do seu café. Sylvio afunda mais ainda na poltrona lilás enquanto prossegue:

– Vou dizer de outro modo,

então. Nada prova que essa lista de crianças esteja correta. Stéphanie

Dupain também é uma de nossas suspeitas neste caso.

– Não vejo que relação pode haver entre o flerte hipotético que ela teve com Morval e os alunos da turma dela.

– Nem eu. Mas não estamos vendo muita relação de nada com nada neste caso. Se tivéssemos tempo, seria preciso comparar a lista das crianças da turma da professora com a das famílias de Giverny, nomes, profissões atuais e antigas, sobrenomes de solteira das mães. Tudo. O senhor pode me dizer o que quiser, mas a citação de Aragon no postal de aniversário no bolso de Morval, o “crime de sonhar que deve ser instaurado”, tem uma relação direta com a turma escolar de Giverny: é uma frase que as crianças do vilarejo aprendem. Foi o senhor mesmo quem me disse isso, chefe, depois de escutar da boca da

própria Stéphanie Dupain.

Sérénac esvazia sua xícara de
uma vez só.

– Tá, se eu estiver entendendo
bem o que você diz, vamos supor
que haja uma dúvida. Por qual
ângulo você gostaria de abordar a
questão?

– Não faço a menor ideia. Além
do mais, às vezes tenho a impressão
de que os moradores de Giverny
estão escondendo alguma coisa de
nós. Uma espécie de clima, como
dizer, de *omertà* de vilarejo na
Córsega.

– O que faz você pensar isso?
Em geral, as impressões não são
muito do seu feitio.

Uma luz inquietante passa atrás
dos olhos de Sylvio.

– É que... tenho mais uma coisa
em relação à terceira coluna, chefe.

As crianças. Vou logo avisando: é
bem estranho. Mais do que isso, até.

O termo correto seria estarrecedor.

31

HOJE DE MANHÃ O tempo em

Giverny está esplendoroso. Para
variar um pouco, abri a janela da
sala e decidi fazer uma arrumação.

O sol adentra o cômodo com uma
timidez desconfiada, como se fosse
a primeira vez. Como não encontra
na minha casa nenhuma poeira para
rodopiar, ele simplesmente vai
repousar sobre a madeira do
aparador, da mesa e das cadeiras
para torná-la mais clara.

As minhas *Ninfeias* negras, no

canto,

estão

escondidas

nas

sombras. Desafio qualquer um,

mesmo levantando a cabeça, mesmo

pela janela aberta do quarto andar, a

distinguir o quadro lá de fora.

Ando de um lado para outro.

Tudo está no lugar na sala, é por isso que hesito um pouco em vasculhar por toda parte, em cima do armário, no fundo das gavetas, ou então em descer até a garagem, esvaziar as caixas de papelão mofadas, levantar os sacos de lixo cortados ao meio e revelar aqueles caixotes fechados há anos. Décadas, até. No entanto, sei o que estou procurando. Sei exatamente o que me interessa, só que não faço a menor ideia de onde guardei, depois de tanto tempo.

Já sei o que vocês vão dizer: vão dizer que a velha está perdendo a memória. Se quiserem pensar assim... Não venham me dizer que nunca lhes aconteceu revirar uma casa inteira só para encontrar uma recordação, um objeto em relação ao qual vocês só tinham uma única certeza: não o haviam jogado fora. Não existe nada de mais

irritante, certo?

Vou contar tudo: o que tanto quero encontrar é uma caixa, uma simples caixa de papelão do tamanho de uma caixa de sapatos, cheia de fotos antigas. Nada original, como podem ver. Parece que hoje em dia, li isso por aí, uma vida inteira de fotos pode caber num pen-drive do tamanho de um isqueiro. Eu, enquanto isso, procuro minha caixa de sapatos. Vocês, quando tiverem mais de 80 anos, vão procurar na sua bagunça um minúsculo isqueiro. Boa sorte. Deve ser isso o progresso.

Abro sem grande esperança as gavetas da cômoda, enfio uma das mãos debaixo do armário normando, atrás das prateleiras de livros.

Nada, claro.

Preciso me conformar: o que procuro não está ao alcance da mão. Minha caixa deve estar em algum

lugar da garagem, sob uma camada de sedimentos acumulados ao longo dos anos.

Hesito outra vez. Vale a pena?

Será que devo me dar ao trabalho de revirar toda essa tralha para na realidade encontrar uma foto, uma só? Uma foto que nunca joguei fora, disso tenho certeza. A única que conserva a lembrança de um rosto que tanto gostaria de rever uma última vez.

Albert Rosalba.

Sem conseguir tomar uma decisão, olho para minha sala onde nada está fora do lugar. Há apenas as duas botas a secar em frente ao duto da chaminé. Enfim, secar... Duas botas que guardei ali, deveria dizer.

Obviamente,

lá

embaixo

a

lareira está apagada.

Ainda não chegou o Natal.

32

APESAR DE SYLVIO BÉNAVIDES ter pronunciado as últimas palavras com o máximo de ênfase, seu chefe ainda não parece levá-lo a sério.

Sérénac se serve uma segunda xícara de café com descontração, como se na sua cabeça ainda estivesse contando as botas. Seu assistente leva a xícara de chá à boca e faz uma careta. Está sem açúcar.

Sérénac se vira.

– Estou escutando, Sylvio. Pode me estarrecer.

– O senhor me conhece, chefe – explica Bénavides. – Destrinchei tudo que podia ter alguma relação ao mesmo tempo com Giverny e com uma história de criança. Acabei encontrando isto aqui nos arquivos da Polícia Militar.

Ele se senta na poltrona mole,
pousa a xícara de chá no chão e
vasculha a pilha de papéis junto a
seus pés. Estende para seu superior
um relatório da Polícia Militar de
Pacy-sur-Eure: um papel amarelado
de uma dezena de linhas. Sérénac
engole em seco. A xícara lascada
treme entre seus dedos.

– Vou resumir para o senhor,
chefe. Acho que não vai gostar
muito. Trata-se de uma notícia
policia. Uma criança foi encontrada
afogada no Ru, em Giverny.

Exatamente no mesmo lugar em que
Jérôme Morval foi assassinado.

Morta exatamente da mesma forma,
com o mesmo ritual, como o senhor
disse, com exceção da facada: o
menino teve o crânio esmagado por
uma

pedra,
depois

a

cabeça

mergulhada na água do regato.

Laurenç Sérénac sente uma
violenta onda de adrenalina. A
xícara estala sobre a fórmica.

– Meu Deus... Quantos anos
tinha o menino?

– Quase 11. Faltavam poucos
meses.

Um suor frio escorre pela testa
do inspetor.

– Puta que pariu...

Bénavides se agarra aos braços
da poltrona como se estivesse se
afogando no estofado lilás.

– Só tem um probleminha,
inspetor...

É

que

esse

caso

aconteceu muitos anos atrás.

Temendo a reação de Sérénac,
ele deixa passar um tempo. Então

diz:

– Em 1937, para ser exato.

Sérénac

afunda

no

sofá

alaranjado. Seus olhos encaram o

relatório amarelado.

– Em 1937? Pelo amor de Deus,

que história é essa? Um menino de

11 anos morto exatamente no mesmo

lugar que Morval, exatamente do

mesmo jeito... só que em 1937?!

Que viagem é essa?

– Não tenho ideia, chefe. O

senhor vai ver, está tudo no relatório

da

Polícia

Militar

de

Pacy.

Pensando bem, com certeza não

deve ter absolutamente nada a ver.

Na época, a polícia concluiu que foi

um acidente. O menino escorregou
numa pedra, quebrou a cabeça e
depois se afogou. Um acidente
estúpido. Ponto final.

– E como se chamava esse
menino?

– Albert Rosalba. A família foi
embora de Giverny pouco depois do
drama. Nenhuma notícia deles desde
então.

Laurenç Sérénac estende os
braços para o café pousado em cima
da mesa. Faz uma careta ao beber.

– Puta merda, Sylvio, mesmo

assim

essa

sua

história

é

perturbadora. Tenho tendência a não

gostar

muito

desse

tipo

de

coincidência. Nem um pouco. Como se o mistério já não estivesse suficientemente denso, como se precisássemos ainda por cima de mais isso...

Sylvio

junta

os

papéis

espalhados a seus pés.

– Posso lhe perguntar uma coisa, chefe?

– No ponto em que estamos...

– O que mais me perturba é que desde o início nossas intuições são contraditórias. Pensei nisso a noite inteira. Desde o começo, o senhor está convencido de que tudo gira em torno de Stéphanie Dupain, de que ela estaria em perigo. Já eu, não sei por quê, estou convencido de que a solução está na terceira coluna, que existe, sim, um assassino andando

solto por aí pronto para atacar novamente, mas que o que está em jogo é a vida de uma criança, de uma criança de 11 anos.

Laurenç põe a xícara no chão.

Levanta-se e dá um tapinha amigável nas costas do assistente.

– Talvez seja porque você vai ser pai a qualquer momento. E porque eu, por minha parte, sendo solteiro, me interesso menos pelas crianças do que por suas mães, mesmo as casadas. É só uma questão de identificação. Lógico, não?

– Pode ser. Cada um com sua coluna, então – sugere Sylvio. – Tomara só que não estejamos ambos certos.

Esse último comentário deixa Sérénac espantado. Ele observa o assistente com atenção e tudo o que vê é um semblante tenso e dois olhos cansados de

estarem

abertos.

Bénavides ainda não acabou de

organizar todos os seus papéis.

Sérénac sabe que, no final do dia,

antes de ir embora e apesar do

cansaço, vai se dar ao trabalho de

xerocar, arquivar tudo na caixa

vermelha e guardar essa caixa no

lugar certo na estante da sala no

subsolo. Em M de Morval. Seu

assistente é assim.

– Tudo tem uma explicação – diz

Sérénac. – Deve haver um jeito de

encaixar as peças do quebra-cabeça.

Tem de haver!

– E Jacques Dupain? – pergunta

Bénavides com um suspiro. – O

senhor não acha que ele já marinou o

suficiente?

–

Putá

merda!

Tinha

me

esquecido desse aí.

Para se sentar em cima da mesa da sala 101, Laurenç Sérénac afastou do caminho uma dezena de botas azuis e as empilhou até formar uma montanha precária. Jacques Dupain continua zangado. Com a mão direita, esfrega sem parar o bigode castanho e as faces mal barbeadas, deixando transparecer uma irritação crescente.

– Ainda não entendo o que o senhor quer comigo, inspetor. Já faz quase uma hora que estou aqui. Vai finalmente me dizer por quê?

– Para uma conversa. Uma simples conversa.

Sérénac designa com um gesto a vasta exposição de botas.

–

Nossa

busca

é

ampla,
monsieur Dupain. Como o senhor
pode ver. Quase todos os moradores
do vilarejo nos entregaram um par
de botas. Estão todos colaborando,
com calma. Verificamos que seus
sapatos
não
correspondem
à

impressão deixada no local do crime
e depois não os incomodamos mais.
É simples assim. Ao passo que...

A mão direita de Jacques Dupain
se contrai junto ao bigode, enquanto
a esquerda aperta o braço da cadeira
com aflição.

– Quantas vezes vou ter de
repetir? Não consigo encontrar as
porras das minhas botas! Achei que
tivesse deixado no barracão que uso
como garagem ao lado da escola.
Mas elas não estão mais lá! Ontem
tive de pegar as de um amigo

emprestadas.

Sérénac exhibe um sorriso sádico.

– Estranho, monsieur Dupain,
não é mesmo? Por que alguém iria
se divertir roubando um par de botas
suja de lama? De número 42, o
mesmo que o seu. Exatamente do
tamanho da impressão colhida na
cena do crime.

Sylvio Bénavides está em pé no
fundo da sala, apoiado em uma
estante, junto à seção das botas
novas e quase novas, tamanhos 38 a
41. Observa a conversa com um
cansaço bem-humorado. Pelo menos
ela o mantém acordado. Pensa em
uma boa resposta à pergunta feita
por Sérénac, mas não vai sussurrá-la
para o suspeito, afinal.

– Não sei – responde Dupain,
exasperado. – Talvez porque essa
pessoa seja o assassino e tenha tido
a boa ideia de roubar as primeiras
botas

do
tamanho certo
que
encontrou, para que depois um pobre
coitado fosse acusado no seu lugar!
Era a resposta que Bénavides
esperava. Esse Dupain nem é tão
burro assim, pensa ele.

– E a culpa acabaria caindo nas
suas costas? – insiste Sérénac. – Por
mera coincidência?

– Tem de cair em cima de
alguém. E foi em cima de mim. O
que significa isso, “por mera
coincidência”? Não gosto das suas
indiretas, inspetor.

– Então contente-se em escutar.
O que o senhor estava fazendo na
manhã do assassinato de Jérôme
Morval?

Os pés de Dupain formam
grandes círculos no espaço do qual
foram expulsas todas as botas, como
uma criança com raiva que afasta

todos os brinquedos do seu espaço
de brincadeiras.

—

Quer
dizer
que
estão
desconfiando de mim? Por volta das
seis da manhã ainda estava na cama
com minha mulher, como todos os
dias.

— Mais um detalhe estranho,
monsieur Dupain. Nas manhãs de
terça-feira, pelos depoimentos que
recolhemos, o senhor tem o hábito
de acordar bem cedo para ir caçar
lebres no terreno do seu amigo
Patrick Delaunay. Em grupo, às
vezes. Mais frequentemente sozinho.
Por que mudar seus hábitos na
manhã do crime, justamente nessa
terça-feira?

Faz-se um silêncio. Os dedos
irritados de Dupain continuam a

torturar o bigode.

– Vai saber... Que porra de motivo um homem pode ter para querer ficar na cama com a mulher?

Jacques Dupain crava os olhos nos de Laurenç Sérénac. Cravar é a palavra correta. Como duas adagas. Sylvio Bénavides não perde nenhum detalhe do confronto. Mais uma vez, acha que Jacques Dupain está se defendendo bastante bem.

– Ninguém o está criticando por isso, monsieur Dupain. Ninguém.

Fique descansado,

nós

vamos

verificar o seu álibi. Quanto à motivação...

Sérénac afasta com cuidado a dezena de botas azuis empilhadas na borda da mesa e deposita ali, de forma visível, a fotografia de Stéphanie e Jérôme Morval, de mãos

dadas na trilha do morro.

– Uma delas poderia ser o
ciúme. O senhor não acha?

Jacques Dupain mal olha para a
imagem, como se já a conhecesse.

– Não passe dos limites,
inspetor. Desconfiar de mim, se isso
o diverte, por que não? Mas não
inclua Stéphanie no seu joguinho.

Ela não. Estamos de acordo em
relação a isso, não estamos?

Sylvio hesita em intervir. Sua
impressão é de que agora a situação
pode se deteriorar em questão de
segundos. Sérénac continua a brincar
com sua presa. Calçou duas botas
azuis

nas

mãos

e

tenta

distraidamente refazer os pares.

Ergue dois olhos cheio de ironia.

– Meio fraca essa defesa,

monsieur Dupain. O senhor não

acha?

Em

termos

jurídicos,

poderíamos chamá-la até de defesa

tautológica. Se defender de uma

motivação baseada no ciúme... com

um excesso suplementar de ciúme.

Dupain se levanta. Está a menos

de 1 metro de Sérénac. É pelo

menos 20 centímetros mais baixo

que o inspetor.

– Não brinque com as palavras,

Sérénac. Estou entendendo seu

joguinho, estou entendendo muito

bem. Se tornar a se aproximar da...

Sérénac sequer olha para ele.

Descarta uma bota e calça outra na

mão. Sem parar de sorrir.

– Não está me dizendo, monsieur

Dupain, que o senhor deseja impedir

o avanço da investigação...

Sylvio Bénavides jamais saberá

até onde Jacques Dupain teria sido capaz de ir nesse dia. Tampouco faz questão de saber. É por isso que, bem a tempo, pousa uma das mãos no ombro dele para tranquilizá-lo, ao mesmo tempo que faz um gesto apaziguador para Sérénac.

33

SYLVIO BÉNAVIDES ACOMPANHOU

JACQUES Dupain até o lado de fora da delegacia. Soube formular as gentilezas habituais, as desculpas veladas. O inspetor Bénavides tem bastante talento para isso. Jacques Dupain entrou furioso no seu Ford e, numa derrisória exibição de desafio, atravessou o estacionamento da Rue Carnot com o pé no acelerador.

Bénavides fechou os olhos, em seguida voltou para a sala. Também tem talento para interpretar as disposições de seu chefe.

– O que você achou, Sylvio?

– Que o senhor pegou pesado,

chefe. Pesado demais. Demais

mesmo.

– Tá, digamos que é meu lado
provençal. Mas, tirando isso, o que
achou?

–

Não

sei.

Dupain

está

escondendo alguma coisa, se é isso
que o senhor quer ouvir. Mas, enfim,
dá para entender. Ele tem uma
esposa que se deve valorizar. Não é
o senhor quem vai me dizer o
contrário. Mas isso não faz dele um
assassino.

– Puta merda, Sylvio! E a
história das botas que alguém teria
roubado? Ela não se sustenta nem
um segundo! Nem o álibi, aliás: a
mulher dele me disse que na manhã
do crime ele tinha ido caçar.

– É esquisito, chefe, de fato.

Deveríamos comparar o testemunho dos dois. Mas é preciso admitir também que os elementos incriminadores estão se acumulando com uma facilidade meio excessiva. Primeiro, a foto da mulher dele passeando com Morval enviada por algum delator, depois as botas de caça sumidas... Seria o caso de pensar que alguém está tentando colocar a culpa nele. Além do mais, em relação a essa história de impressão do solado, ele não é o único a precisar de uma desculpa! Estamos longe de ter conseguido encontrar todos os moradores de Giverny. Também demos de cara com portas fechadas, casas vazias, parisienses ausentes quase o tempo todo. Precisaremos de mais tempo, muito mais tempo.

– Porra...

Sérénac pega uma bota laranja e a segura entre dois dedos pelo salto.

– É ele, Sylvio! Não me pergunte por quê, mas sei que foi Jacques Dupain!

De repente, Laurenç Sérénac arremessa a bota laranja em cima de umas dez outras enfileiradas na estante em frente.

– *Strike!* – comenta, tranquilo, Sylvio Bénavides.

Seu chefe se mantém calado por alguns segundos, impassível, em seguida sobe o tom de repente:

– Estamos patinando, Sylvio! Patinando! Convoque a equipe inteira para daqui a uma hora.

Com os nervos à flor da pele,

Laurenç

Sérénac

tenta

com

dificuldade liderar o *brainstorming*

que convocou com toda a sua equipe
da delegacia de Vernon. O recinto
claro de cortinas rasgadas está
banhado de sol. À cabeceira da
mesa,
Sylvio
Bénavides
dá
cabeçadas de sono. Entre dois
cochilos, ouve o chefe da delegacia
de Vernon fazer novamente um
resumo das diferentes pistas e
enumerar a impressionante lista de
pesquisas por fazer: identificar as
amantes de Morval e interrogar seus
familiares,
esmiuçar as questões
relacionadas ao tráfico de obras de
arte impressionistas e, em especial,
fazer mais pressão em Amadou
Kandy, descobrir mais sobre a tal
famosa
Fundação
Theodore

Robinson, esmiuçar igualmente a
estranha história de afogamento no
regato
que
remonta
a
1937,
interrogar de novo os moradores de
Giverny, em especial os vizinhos,
em especial os mais chegados a
Morval, sobretudo os que, por
coincidência, não tinham botas em
casa, sobretudo os que tiverem
filhos de 11 anos. Pesquisar também
os pacientes do consultório de
oftalmologia.

O inspetor Sérénac sabe que é
muita coisa, coisa demais para uma
equipe de cinco pessoas, que, ainda
por cima, não trabalham em tempo
integral, longe disso. Eles vão ter de
pescar informações ao acaso e
acreditar na sorte. Esperar a
pescaria certa. Os policiais estão

acostumados: é sempre assim. A
única missão que Sérénac não
lembrou
aos
colegas
foi
a
verificação do álibi de Jacques
Dupain. Essa ele vai guardar para si.
Privilégio de chefe!
– Mais alguma ideia?

O agente Ludovic Maury escutou
as instruções enfáticas de seu
superior com a atenção cansada de
um jogador de futebol reserva no
vestiário. O sol assa sua nuca por
trás.

Durante
o *brainstorming*,
examinou
mais
uma
vez
as

fotografias da cena do crime
dispostas na sua frente: o regato, a
ponte, o lavadouro. O corpo de
Jérôme Morval, com os pés na
margem e a cabeça dentro d'água.

Pergunta-se por que as ideias
ocorrem em determinado momento e
não em outro e ergue um dedo.

– Pois não, Ludo?

– Só uma ideia solta, Laurenç.

No ponto em que estamos, você não
acha que poderíamos dragar o fundo
do regato de Giverny?

– Como assim? – soa a voz
exasperada de um Sérénac irritado,
como se de uma hora para outra não
apreciasse

mais

a

forma

de

tratamento meridional usada pelo
agente Maury.

Sylvio

Bénavides

desperta,

sobressaltado.

– Bom... – continua Maury. –

Vasculhamos a cena do crime por toda parte, temos fotos, impressões, amostras. Também olhamos dentro do Ru, claro. Mas não creio que tenhamos dragado o rio de modo mais profundo. Remexido a areia, quero dizer, escavado lá embaixo. Tive essa ideia olhando na foto a orientação dos bolsos de Morval: eles estão virados na direção do regato. Um objeto, qualquer coisa, pode ter escorregado para dentro d'água e ido parar debaixo da areia. E sumido.

Sérénac passa uma das mãos pela testa.

– Não é uma ideia ruim... Por que não, no fim das contas? Sylvio, está acordado? Monte uma equipe o mais depressa possível, com um

sedimentologista ou alguém do tipo.

Entendeu? Um cientista capaz de datar, com uma precisão de dias, toda a merdalhada que vamos encontrar na lama do fundo desse regato!

– Certo – responde Bénavides, erguendo as pálpebras com um esforço de halterofilista. – Vai estar tudo pronto depois de amanhã. Devo lembrar que amanhã é o dia do patrimônio. Dia de visita aos jardins de Claude Monet para o senhor e ao Museu de Belas-Artes de Rouen para mim.

34

NA

RUE

BLANCHE-HOSCHEDÉ-

MONET, A luz da noite se esgueira por entre as lâminas das persianas no quarto dos Dupain, no forro do telhado. As residências normandas à venda impressas em papel cuchê se

retorcem entre os dedos nervosos de

Jacques Dupain.

– Vou arrumar um advogado,

Stéphanie. Processar o cara por
assédio. Esse policial, Sérénac, ele
está escondendo alguma coisa,
Stéphanie... É como se...

Jacques Dupain se vira na cama.

Não precisa nem verificar. Sabe que
está falando com as costas da
esposa. Com sua nuca. Com seus
compridos cabelos claros. Com um
quarto de rosto. Com a mão que
segura um livro. Às vezes, quando
os lençóis colaboram, com a curva
das
costas,
com
uma
bunda

esplendorosa que ele se contém
todas as noites para não acariciar.

– Parece que esse cara tem

alguma coisa contra mim – continua.

– Que está transformando o caso
numa questão pessoal.

– Não se preocupe – respondem
as costas. – Fique calmo.

Jacques

Dupain

tenta

se

concentrar outra vez no catálogo de
imóveis à venda. Os minutos vão
passando devagar no mostrador do
relógio bem na sua frente.

21h12.

21h17.

21h24.

– Está lendo o quê?

– Nada.

Costas não são muito de falar.

21h31.

21h34.

– Queria achar uma casa para
você, Stéphanie. Alguma coisa
diferente deste armário em cima da
escola. A casa dos seus sonhos. É a

minha profissão, afinal. Um dia vou
poder comprar isso para você. Se
você
tiver
paciência,
vou
conseguir...

As costas se mexem um pouco.

A mão se estende até o criado-mudo
e larga o livro.

Aureliano.

Louis Aragon.

Ela aciona o interruptor do
abajur de cabeceira.

– Para você nunca me deixar –
sussurra, no escuro, a voz de
Jacques Dupain.

21h37.

21h41.

– Você não vai me abandonar,
não é, Stéphanie? Não vai deixar
esse policial nos separar? Você
sabe muito bem que não tenho nada a
ver com a morte de Morval.

– Eu sei, Jacques. Nós dois
sabemos.

Costas são lisas e frias.

21h44.

– Vou fazer isso, Stéphanie...

Sua

casa,

nossa

casa,

vou

encontrar...

Um ruído de lençol sendo

amassado.

As costas desaparecem. Dois

seios e um sexo se intrometem na

conversa.

– Me faça um filho, Jacques.

Antes de qualquer outra coisa, um

filho.

35

DEITADO

DE

COSTAS ,

JAMES

saboreia os últimos raios de sol:
mais uns quinze minutos antes de o
astro se esconder atrás do morro.
Sabe que então serão pouco mais de
dez da noite. James não usa relógio,
vive ao ritmo do sol, como fazia
Monet, levanta-se e se deita junto
com ele. Um pouco mais tarde a
cada dia, agora. Por enquanto, o
astro está brincando de esconde-
esconde com os choupos.

Esse
calor
alternativo
é
agradável.

James
fecha
as
pálpebras. Tem plena consciência
de pintar cada vez menos e dormir
cada vez mais. Para dizer o que
devem pensar os moradores do
vilarejo, está se tornando cada vez

mais mendigo e cada vez menos
artista.

Que delícia! Passar por mendigo
aos olhos dessa bela gente. Tornar-
se o mendigo do vilarejo, assim
como cada vilarejo tem o seu cura, o
seu prefeito, a sua professora, o seu
carteiro... Ele vai ser o mendigo de
Giverny. Parece que havia um, na
época de Claude Monet. Seu apelido
era Marquês, por causa do chapéu
de feltro com o qual cumprimentava
os passantes. Mas o tal Marquês era
conhecido principalmente por catar
em frente à casa de Monet as
guimbas dos cigarros que o pintor
mal fumava. Enchia os bolsos com
elas. Que classe!

Sim, tornar-se o mendigo de
Giverny, o Marquês. Uma ambição e
tanto. Para chegar lá, porém, James
tem consciência de que ainda há um
longo caminho a percorrer. Por
enquanto, tirando a jovem Fanette,

ninguém se interessa por esse velho
louco que dorme na campina com
seus cavaletes.

Tirando Fanette.

Fanette lhe basta.

Não são palavras vãs. Fanette é
realmente uma menina de grande
talento. Muito mais do que ele. A
menina tem um verdadeiro dom dos
deuses, como se Deus a tivesse feito
nascer em Giverny de propósito,
como se a houvesse colocado no seu
caminho por querer.

Ela o chamou de “pai Trognon”
pouco antes. Como no quadro de
Robinson. *Pai Trognon* ... James
gostaria
de
morrer
assim,

saboreando apenas essas duas
palavrinhas ditas por Fanette.

Pai Trognon.

Duas palavras que parecem a

síntese da sua busca. Da obra-prima

de

Theodore

Robinson

à

impertinência de um gênio em

formação.

Ele.

Pai Trognon.

Quem poderia ter imaginado?

O sol parou de brilhar.

Ainda não são dez da noite,

porém. Escurece de repente, como

se o sol subitamente houvesse

mudado de brincadeira, como se o

esconde-esconde

dos

choupos

houvesse sido trocado pela cabra-

cega. Como se o sol houvesse

parado para contar até vinte atrás de

um choupo, de modo que a lua

tivesse uma vantagem para me

salvar.

James abre os olhos. Petrificado!

Aterrorizado!

Tudo o que vê é uma pedra, uma
pedra imensa acima do seu rosto,
logo acima, a menos de 50
centímetros.

Uma visão surrealista.

Compreende tarde demais que
não está sonhando. A pedra esmaga
seu rosto como um simples fruto
maduro. James sente a têmpora
explodir e, ao mesmo tempo, uma
dor gigantesca.

Tudo desaba. Ele se vira de
bruços. Começa a rastejar pelo
trigal. Não está tão longe assim do
regato, de uma casa, daquele tal
moinho. Poderia gritar.

Nenhum som lhe sai da boca. Ele
luta para não perder a consciência.

Um zumbido terrível satura seus
pensamentos e seu crânio incha feito
uma máquina a vapor prestes a
explodir.

Ele continua a rastejar. Sente
que o agressor está ali, em pé, logo
acima dele, pronto para o golpe de
misericórdia.

O que estará esperando?

Seus olhos deparam com dois
pés de madeira. Um cavalete. Suas
mãos o agarram, desesperadas. Os
músculos dos braços se esticam em
uma derradeira tentativa de se
levantar.

O cavalete desaba com um
estrondo ensurdecedor. A caixa de
tintas cai bem na sua frente. Pincéis,
lápiz, tubos de tinta se espalham
pelo mato do chão. James torna a
pensar por um breve instante na
mensagem gravada lá dentro. *Ela é
minha aqui, agora e para sempre.*

Não entendeu essa ameaça. Nem
quem a gravou, nem por quê.

Terá visto alguma coisa que não
deveria?

Vai morrer sem saber. Sua

impressão é que os pensamentos o
abandonam, que escorrem para
dentro da terra junto com o que lhe resta de sangue, junto com a sua
pele. Ele agora rasteja por cima dos
tubos de tinta, que vai esmagando,
eviscerando. Continua, sempre em
frente.

Repara na sombra, ainda acima
dele.

Sabe que deveria se acalmar e
se
virar.

Tentar
se
levantar.

Pronunciar
uma
palavra.

É
impossível. Um pânico o paralisa. A
sombra tentou matá-lo. A sombra vai
tentar outra vez. Ele precisa fugir.
Não consegue raciocinar mais, o
zumbido dentro de seu crânio é

demais. Só pensa agora nas pulsões
primárias.

Rastejar.

Afastar-se.

Fugir.

Derruba um segundo cavalete.

Pelo menos é o que acha. O sangue
agora inunda seus olhos. Seu olhar
se turva. A paisagem à sua frente
fica

manchada

de

vermelho,

ferrugem, púrpura. O regato não
deve estar muito longe. Ele ainda
pode escapar, alguém pode chegar.

Seguir rastejando.

Um cavalete, e outro, mais à
frente. Com sua paleta, pincéis,
facas.

A sombra o ultrapassa.

Agora está na frente dele.

Através de um filtro vermelho
pegajoso, James vê a mão de alguém

empunhar sua faca de raspar. Chegar mais perto.

Acabou.

James ainda rasteja mais alguns centímetros, em seguida pressiona os braços no chão. Suas últimas forças. Seu corpo rola em torno do próprio eixo, uma vez, duas vezes, várias. Por um instante, torce para seu corpo seguir o declive e rolar até bem longe, deslizar pela leve inclinação da pradaria até o Epte; torce para assim conseguir escapar. Mas isso dura só um instante.

Seu corpo desaba sobre as espigas vergadas. De costas. Ele não percorreu nem 2 metros. Agora já não vê mais nada. Cospe uma mistura de sangue com tinta. Não consegue mais concatenar dois pensamentos coerentes.

A sombra se aproxima ainda mais.

James tenta se mexer uma última vez, mexer um músculo, um só. Não

consegue. Não tem mais domínio
sobre o próprio corpo. Sobre os
olhos, talvez.

A sombra está acima dele.

James olha para ela.

Bruscamente, é como se todo seu
cérebro

lhe

houvesse

sido

devolvido. O último pensamento do
condenado. James reconheceu a
sombra na hora, mas ainda se recusa
a acreditar no que vê. Impossível!

Por que tamanho ódio? Que loucura
o terá alimentado?

A mão de alguém agora o segura
contra o chão, a outra vai cravar a
faca no seu peito. James não
consegue se mexer. Seu cérebro
agora quase não sofre mais. Está
apavorado.

Agora entendeu.

Agora, James quer viver!

Não para não morrer. Sua vida
tem tão pouca importância. Quer
viver para impedir o que adivinha,
para deter aquela monstruosa e
inelutável
engrenagem,
aquela
terrível maquinação na qual ele não
passa de um restolho, um drama
secundário.

Sente a lâmina fria penetrar sua
carne.

Está velho demais. Não sente
nem mais dor. A vida o abandona.
Sente-se muito inútil. Foi incapaz de
impedir o drama que se prepara. Foi
velho demais para proteger Fanette.

Quem poderá ajudar a menina
agora? Quem poderá protegê-la da
sombra que vai encobri-la?

James abarca com um último
olhar o trigal varrido pelo vento.

Quem encontrará seu cadáver no
meio das espigas? Dali a quanto

tempo? Várias horas? Vários dias?

Numa última alucinação, pensa ver
surgir uma dama segurando uma
sombriinha, Camille Monet, em meio
às ervas daninhas e às papoulas.

Agora já não se arrepende de
mais nada. No fundo, foi para isso
que foi embora de sua Connecticut.

Para morrer em Giverny.

O dia cai aos poucos.

A última coisa que James vai
sentir, antes de morrer, será o
arrepio dos pelos de Netuno na pele
fria.

NONO DIA

21 de maio de 2010, Chemin du Roy

Sentimentos

36

SEGUNDO DIA DE SOL seguido. Em
Giverny. Podem acreditar no que
estou dizendo: para esta época do
ano, é quase um pequeno milagre.

Margeio o Chemin du Roy.

Quanto

mais

envelheço,

mais

dificuldade tenho para entender

esses turistas capazes de aguardar

mais de uma hora na Rue Claude-

Monet para entrar nos jardins,

enfileirados uns atrás dos outros por

mais de 200 metros de calçada.

Basta contudo passear pelo Chemin

du Roy: qualquer um pode ver os

jardins e a casa de Monet sem

nenhuma espera por entre a sebe

verde que margeia a estrada, tirar

fotos inesquecíveis, sentir o perfume

das flores.

Os carros passam e roçam nas

plantas que separam a estrada da

ciclovía. A cada veículo que passa

um pouco apressado demais, as

folhas se agitam como que tomadas

por espasmos. São muitos os

moradores da região que trabalham

em Vernon e há tempos nem viram a

cabeça na direção da casa rosa de janelas verdes. Para eles, o Chemin du Roy é apenas a D5, a estrada de Vernon. Nada além disso.

Eu, pelo contrário, no ritmo em que avanço, tenho tempo de admirar as flores.

Não

vou

inventar

histórias: é claro que o jardim é magnífico. A catedral de rosas, o círculo das damas, o Clos Normand e as cascatas de clematitas, o maciço de tulipas cor-de-rosa e miosótis... São todas obras-primas.

Quem poderia dizer o contrário?

Amadou Kandy me disse até que, dez anos atrás, foi inaugurada no Japão, num vilarejo em plena zona rural, uma réplica exata da casa de Monet, do jardim normando e do jardim aquático. Dá para acreditar?

Já vi fotos; é quase impossível
distinguir a verdadeira Giverny da
falsa, da de mentira. Pode-se fazer
qualquer coisa com fotografias,
dirão vocês. Mas mesmo assim,
francamente, que ideia construir uma
segunda
Giverny
no
Japão!
Decididamente, não entendo essas
coisas.

Vou lhes confessar: há muitos
anos não entro no jardim de Monet.
Nós de Giverny, quero dizer, nós de
verdade. Há gente demais para mim
agora. Com os milhares de turistas
se aglomerando, se espremendo,
pisando nos pés uns dos outros,
aquilo lá não é mais lugar para uma
velha como eu. Além do mais,
quando visitam a casa de Monet, os
turistas muitas vezes se espantam:
não se trata de uma galeria de arte.

Não há nenhuma obra-prima na casa
de Monet, nenhum quadro das
Ninfeias, da ponte japonesa ou dos
choupos. Apenas uma casa, um
ateliê e um jardim. Para ver as
verdadeiras telas de Monet é
preciso ir ao Museu Orangerie, ao
Marmottan, a Vernon. Sim, pensando
bem, estou melhor do outro lado da
sebe. Além do mais, minhas
emoções dizem respeito apenas a
mim. Basta-me fechar os olhos, a
beleza estarrecedora do jardim está
lá gravada.

Para sempre. Acreditem.

Os loucos furiosos continuam a
desfilar pelo Chemin du Roy. Um
Toyota acaba de passar a mais de
100 quilômetros por hora. Vocês
talvez não saibam, mas foi Monet
quem bancou o asfalto desta estrada
cem anos atrás, porque suas flores
ficavam cobertas pela poeira da
terra batida! Melhor seria ele ter

bancado um desvio. Francamente,
que ideia, um jardim destes cortado
ao meio por uma estrada, e os
turistas passando por um túnel
debaixo dela...

Mas enfim. Vocês talvez estejam
fartos das considerações mais ou
menos interessantes de uma velha de
Giverny sobre a evolução de seu
vilarejo e arredores. Eu os entendo.

Estão se perguntando sobretudo qual
é o meu jogo. É isso que lhes
interessa, não é? Qual é o meu papel
nesta

história

toda?

Em

que

momento vou parar de espionar todo
mundo e intervir? Como? Por quê?

Paciência, paciência. Mais alguns

dias, só mais alguns dias. Deixem-

me aproveitar um pouco mais a

indiferença geral em relação a uma

velha a quem ninguém dá mais
atenção do que a um poste ou uma
placa que sempre esteve ali. Não
vou fazê-los acreditar que conheço o
fim desta história, não, mas mesmo
assim tenho a minha opinião.

Sou eu que vou fechar o
parêntese, confiem em mim. E não
vão ficar decepcionados, isso eu
garanto!

Um pouco de paciência, por
favor. Deixem que eu lhes descreva
mais um pouco os jardins de Monet
que tenho diante dos olhos. Prestem
bem atenção: cada detalhe faz
diferença. As manhãs de maio
muitas vezes são tomadas de assalto
pelos grupos escolares. Durante o
mês inteiro, todo dia de manhã, o
jardim fica tão barulhento quanto um
pátio
de
recreio.

Enfim, tudo

depende, é claro, da capacidade da professora de fazer seus alunos se interessarem pela pintura. E também do seu grau de excitação, conforme o número de horas que eles ficaram trancados dentro do ônibus.

Às vezes, a viagem dura a noite inteira! Tem professores que são sádicos! Pelo menos, uma vez dentro do jardim, os professores podem ficar sossegados e basta uma vigilância discreta. É como se as crianças estivessem numa praça fechada, só que numa versão mais pedagógica. Elas preenchem um questionário, desenham. Tirando se afogar nas ninfeias, não correm risco algum.

No Chemin du Roy, o caminhar da padaria Lorin passa, buzina para mim e faço-lhe um pequeno gesto com a mão. Richard Lorin é o último comerciante que me conhece, fora Amadou Kandy e sua galeria de arte.

Muitos letreiros de Giverny mudam
todos os anos: galerias, hotéis,
pousadas. Eles vão, vêm. Giverny é
como a maré, ao sabor das floradas.

Agora

vejo

isso

de

longe.

Naufragada na areia.

Espero mais um pouco.

Ouvi o barulho de uma moto, o
som típico de uma Tiger Triumph
T100. A máquina foi estacionar na
Ruelle Leroy, perto da entrada dos
grupos escolares. Isso também deve
lhes parecer estranho: uma mulher
com mais de 80 anos saber
reconhecer, pelo simples ruído do
motor, a marca de uma motocicleta.
Uma moto antiga, ainda por cima,
quase uma relíquia. Se vocês
soubessem... Podem acreditar, acho
que poderia reconhecer o ronco de

uma Tiger Triumph T100 entre mil
outras motos.

Meu Deus, como esquecer?

Observo, aliás, que não sou a
única a ter apurado os ouvidos.

Stéphanie Dupain não levou muito
tempo para espichar a cabeça pela
mais alta das janelas da casa de
Claude Monet, com metade do rosto
escondido pela hera americana. De
onde está, lá no alto, ela finge contar
as crianças.

Até parece.

Sinto que estremece só de
escutar o barulho do motor. Vigia
com um ar vagamente atento as
crianças que correm entre os
canteiros de flores. Acho que, pelo
contrário, os alunos da sua turma
vão poder fazer o que quiserem por
um tempo.

37

STÉPHANIE DUPAIN DESCE A escada
correndo. Laurenç Sérénac está lá,

esperando na sala de leitura.

– Bom dia, Stéphanie. Prazer em
revê-la.

A professora está ofegante.

Laurenç dá meia-volta sobre o
próprio eixo.

– Meu Deus, é a primeira vez
que entro na casa de Claude Monet.

Obrigado

por

me

dar

esta

oportunidade, sério. Já tinha ouvido
falar, mas é... é fascinante.

– Bom dia, inspetor. Nesse caso
o senhor vai ter direito à visita. É
verdade

que

teve

uma

sorte

daquelas, o jardim de Monet hoje de
manhã só está aberto para a escola.

É excepcional! Só acontece uma vez
por ano de termos a casa de Monet
só para nós.

Só para nós.

Laurenç Sérénac não consegue
definir a animação que o invade. Um
misto de fantasia e mal-estar.

– E os seus alunos?

– Estão brincando no jardim.

Não correm perigo algum, fique
tranquilo, só trouxe os maiores. E os
estou vigiando com o rabo do olho:
todas as janelas da casa dão para o
jardim.

Os

mais

comportados

supostamente devem ficar pintando e
procurando

inspiração,

pois

precisam entregar os quadros para o
concurso

Jovens

Pintores

da

Fundação Robinson daqui a poucos dias. Os outros não ligam de ficar brincando de esconde-esconde entre as pontes ou em volta do laguinho.

Já era assim na época de Monet, sabe? Não se deve acreditar no mito de uma casa silenciosa habitada por um velho artista eremita; a casa de Claude Monet era povoada por seus filhos e netos.

Stéphanie dá um passo à frente e assume a postura de um guia.

– Como o senhor pode observar, inspetor, estamos agora na pequena sala azul. Ela dá para um estranho armazém. Observe essas caixas de ovos penduradas nas paredes.

A professora está usando um surpreendente vestido de seda azul e vermelho preso na cintura por um cinto largo e fechado por dois botões floridos rente ao pescoço. A

roupa lhe dá o ar de uma gueixa
saída de uma gravura. Os cabelos
estão presos para trás. Seu olhar
lilás se confunde com os tons pastel
das paredes. Sérénac não sabe para
onde olhar. Vestida assim, Stéphanie
o faz pensar estranhamente num
quadro de Claude Monet que ele
admirou anos antes, o retrato de sua
primeira esposa, Camille Doncieux,
fantasiada de gueixa. Ele se sente
quase um intruso com sua calça
jeans, sua camisa e a jaqueta de
couro.

– Vamos passar para outro
cômodo? – propõe a voz suave de
sua guia.

Amarelo.

O

cômodo

é

inteiramente

amarelo. Paredes, móveis pintados,
cadeiras.

Sérénac

se

detém,

espantado.

Sua anfitriã se aproxima.

– O senhor está agora na sala de jantar onde Claude Monet recebia seus convidados mais prestigiosos.

Laurenç admira o lustre da sala.

Seu olhar acaba indo parar num quadro na parede. Um pastel de Renoir. Uma jovem sentada, de perfil três quartos, com um imenso chapéu branco na cabeça. Ele chega mais perto, admirando o jogo do dégradé entre os tons dos longos cabelos escuros e da pele de pêssego da modelo juvenil.

– Uma reprodução muito bela – comenta ele.

– Reprodução? O senhor tem certeza, inspetor?

Surpreso com o comentário,

Sérénac examina o quadro com

atenção.

– Bem... digamos que, se estivesse admirando este quadro num museu de Paris, não duvidaria nem por um segundo que se tratava de um original. É que aqui, na casa de Monet. Todos sabem que...

– E se eu lhe dissesse que é mesmo um Renoir, um original? – interrompe Stéphanie.

O ar desconcertado do inspetor

faz

a

professora

sorrir.

Ela

acrescenta num tom mais baixo:

– Mas, shh, é segredo... Não conte para ninguém.

– Está gozando com a minha cara.

– Ah, não. Vou lhe contar outro segredo, inspetor. Mais estarrecedor ainda. Se procurarmos bem aqui

nesta casa, em alguns armários, no
ateliê, no forro, é possível encontrar
uma série de obras-primas. Dezenas!
Quadros de Renoir, Sisley, Pissarro.
Autênticos. E de Monet também,
claro, *Ninfeias* originais... ao
alcance da mão!

Laurenç

Sérénac

observa

Stéphanie com ar consternado.

– Por que está me contando
essas fábulas, Stéphanie? Todo
mundo sabe que é impossível. Uma
tela de Renoir ou Monet representa
tal valor financeiro... e cultural
também. Como pensar que podem
estar aqui, abandonadas debaixo da
poeira? É... Chega a ser ridículo.

Stéphanie

faz

um

biquinho

delicioso.

– Não vejo problema algum se as minhas revelações lhe parecem inacreditáveis, Laurenç. Mas se o senhor pensa que são impossíveis ou ridículas, nesse caso está me decepcionando, pois só lhe disse a mais absoluta verdade. Aliás, muita gente aqui de Giverny sabe dos verdadeiros tesouros escondidos na casa de Monet. Mas digamos que é uma espécie de segredo por aqui, algo que ninguém menciona.

Laurenç Sérénac aguarda o instante em que a professora vai começar a rir. Mas o riso não chega, ainda que os olhos dela brilhem de malícia.

– Stéphanie – ele acaba dizendo –, desculpe, mas seria bom testar sua piada com um policial menos incrédulo do que eu.

– Ainda não acredita em mim?
Que pena. No fim das contas, não tem muita importância, vamos mudar

de assunto.

A professora se vira com um movimento brusco. Sérénac fica perturbado. Pensa que não deveria ter ido, não até ali, não naquele momento. Deveria ter marcado com ela em outro lugar. Mas agora... agora é tarde. Está tudo se precipitando. Mesmo que ali não seja nem o lugar nem o momento. Ele começa:

– Stéphanie, não vim aqui só para fazer a visita guiada nem para falar de pintura.

Precisamos conversar.

– Shh.

Ela leva um dos dedos à frente da boca, como quem diz que não é hora de falar nisso. Sem dúvida um velho truque de professora.

Aponta para as cristaleiras.

– Claude Monet também fazia
questão de receber com refinamento.

Porcelanas

azuis

de

Creil

e

Montereaup, gravuras japonesas...

Laurenç

Sérénac

não

tem

escolha, segura a professora pelos
ombros. Na mesma hora, entende
que não deveria ter feito isso. O
tecido que cobre a pele dela é
sedoso, liso e escorregadio feito
uma segunda pele. Aquele tecido
sugere coisas, e não são coisas de
policiaL.

–

Não

estou

brincando,

Stéphanie. Ontem, com o seu
marido, as coisas não correram bem.
Ela sorri.

– Percebi isso um pouco, à noite.

– Ele é um suspeito. O negócio é
sério.

– Vocês estão enganados.

Os dedos dele deslizam pela
seda contra a sua vontade, como se
ele estivesse lhe acariciando os
braços. Ele não se atreve a apertar
mais. Esforça-se para preservar a
lucidez.

– Pare de brincar comigo,

Stéphanie.

Ontem,

durante

o

interrogatório, seu marido disse que
na manhã do crime estava na cama,
na sua companhia. Três dias atrás, a
senhora me garantiu outra coisa. Um
de vocês dois está mentindo,
portanto. Ou o seu marido ou...

– Quantas vezes vou ter de repetir? Eu não era amante de Jérôme Morval. Nem mesmo amiga íntima. Meu marido não tinha motivo algum para matar Morval! Conheço os clássicos, inspetor. Não é preciso álibi quando não se tem motivo para um crime.

Ela dá uma deliciosa risada, se desvencilha qual uma enguia e continua:

– O senhor gosta de uma encenação, Laurenç. Depois da famosa operação de coleta de todas as botas de Giverny, vai perguntar a todos os casais do vilarejo se eles estavam fazendo amor na cama na manhã do crime?

– Isso não é brincadeira, Stéphanie.

A voz dela assume, de repente, um tom de professora ríspida:

– Eu sei, Laurenç. Então pare de me importunar com esse crime, com

essa

investigação

sórdida.

O

importante não é isso. O senhor está
estragando tudo.

Ela se solta e se afasta,
parecendo deslizar pelas lajotas cor
de tijolo e de palha. Quando se vira,
está sorrindo outra vez. Anjo e
demônio.

– A cozinha!

Dessa vez, o que salta aos olhos
de Laurenç Sérénac é o azul. O azul
das paredes, da louça, em todos os
matizes, do azul-celeste ao turquesa.

Stéphanie adota um tom de
charlatã de feira:

– As donas de casa apreciarão
particularmente

o

imenso

equipamento de cozinha: cobres,
porcelana de Rouen...

– Stéphanie.

A professora para em frente à lareira. Antes de Sérénac poder reagir, ela segura com as duas mãos as abas da sua jaqueta de couro.

– Inspetor, vamos ser claros.

Vamos colocar os pingos nos is de uma vez por todas. Meu marido me ama. Meu marido não quer me perder. Meu marido é incapaz de fazer mal a quem quer que seja.

Procure outro culpado!

– E a senhora?

Surpresa, ela afrouxa um pouco a pressão.

– Como assim? Se sou capaz de fazer mal a alguém, é isso que está perguntando?

Os olhos lilases adquirem uma nuance que ele ainda não tinha visto.

Perturbado, Sérénac gagueja:

– N-não. Que ideia. O que eu quis dizer foi: e a senhora, ama o seu marido?

–
O

senhor

está

ficando

indiscreto, inspetor.

Ela solta o couro da jaqueta e

torna a desaparecer na sala de

jantar, no salão, na despensa.

Laurenç a segue de longe, sem saber

mais

que

atitude

adotar.

Da

despensa, sobe-se para o primeiro

andar por uma escada de madeira. O

vestido de Stéphanie desliza como

se a estivesse encerando.

Logo antes de sumir escada

acima, a professora lhe lança duas

palavras, só duas:

– Que pergunta!

SYLVIO BÉNAVIDES ESTÁ EM pé na
praça da catedral de Rouen. Fazia
tempo que não ia a Rouen, quase um
ano. Com seu guia na mão, pensa
que deve estar parecendo um turista.
Pouco importa. Tem um encontro
marcado para dali a meia hora com
o curador do Museu de Belas-Artes,
um tal Achille Guillotin, mas fez
questão de chegar antes, como se
quisesse
se
preparar
psicologicamente e mergulhar na
atmosfera impressionista da Rouen
antiga.

Vira-se para o centro de
atendimento ao turista e consulta o
papel que tem nas mãos: foi do
primeiro andar daquela construção
que Claude Monet pintou a maioria
de suas catedrais de Rouen, 28
quadros no total, todos diferentes
dependendo da hora e do tempo. Na

época de Monet, o centro de
atendimento ao turista era uma loja
de roupas, e bem antes disso o
primeiro monumento renascentista
de Rouen: o departamento de
finanças da cidade. Sylvio examina
o guia. Claude Monet também pintou
a catedral sob outros ângulos, vista
de várias casas da praça, entre as
quais algumas foram destruídas
durante a guerra, na Rue Grand-Pont
ou na Rue du Gros-Horloge.

O inspetor sorri ao imaginar
Claude Monet chegando com seu
caveleiro de madrugada à casa de
pessoas adormecidas ou passando o
dia inteiro, durante meses, diante de
cada uma das janelas de um
provador feminino, tudo para pintar
quase trinta vezes a mesma coisa. As
pessoas
deveriam
achá-lo
um

louco...

No fundo, as pessoas admiram
os loucos.

Sylvio se vira para a catedral.

Sim, as pessoas admiram a loucura.

A simples existência da catedral e o
fato de admirá-la significam no
fundo reconhecer que ele tinha
razão, o sujeito que um dia imaginou
construir
aquele
monumento
inverossímil, ainda que fosse levar
quinhentos anos; aquele maluco que
sem dúvida deve ter insistido para
que a flecha da sua catedral fosse a
mais alta da França, mesmo que para
isso
alguns
milhares
de
trabalhadores
a
mais

tenham

sucumbido. Na época, uma obra dessas devia ser uma carnificina, mas as pessoas esquecem. Sempre acabam esquecendo. Esquecem a carnificina, a barbárie, e admiram a loucura.

O inspetor consulta seu relógio de pulso. Se não quiser chegar atrasado é melhor ir andando; conservou esse reflexo juvenil de chegar sempre na hora. Sai da praça da catedral e passa debaixo dos arcos das grandes lojas de departamentos. “Rue des Carmes”, lê. Pelo que entendeu, o museu fica à esquerda. Ele vira numa ruazinha estreita margeada por casas de enxaimel. Sempre teve dificuldade para se localizar no centro medieval

de Rouen. A cidade lhe dá a
impressão de ser uma espécie de
labirinto imaginado por algum
indivíduo atormentado. Sim, quem
sabe o mesmo que desejou que a sua
catedral fosse a mais alta. Para
dificultar mais ainda, Sylvio não
está muito concentrado no caminho.
Desde que chegou, não para de
pensar que alguma coisa não está
certa nesse caso Morval. Como se
alguém
estivesse
puxando
as
cordinhas da história toda, um
Pequeno Polegar maquiavélico que
estivesse deixando indícios na sua
frente para conduzi-los aonde quer.
Mas quem?
Sylvio chega à Place du 19-
Avril-1944. Hesita um segundo,
então vira bruscamente à direita,
bem na hora em que um carrinho

conduzido por uma enérgica mãe
cruza o seu caminho. A mãe passa
com a roda em cima do seu pé sem
diminuir a velocidade, enquanto o
inspetor balbucia umas desculpas
sem interromper o raciocínio.

Quem?

Jacques

Dupain?

Amadou

Kandy? Stéphanie Dupain? Patricia

Morval?

Giverny é um vilarejo pequeno,
como os moradores não param de
repetir: todo mundo se conhece. E se
todos estivessem protegendo um
segredo? Aquele tal acidente, por
exemplo, o menino que morreu
afogado

em

1937?

Bénavides

começa a imaginar as hipóteses mais
loucas. Chega até a se perguntar se o

chefe está sendo cem por cento
sincero com ele. Laurenç Sérénac às
vezes tem um jeito estranho de tratar
todas aquelas histórias de pintura.
Sylvio não gosta muito dessa
coincidência, nem do fato de o seu
chefe apreciar tanto a pintura a
ponto de pendurar quadros na sua
sala, de ter investigado casos de
tráfico de arte antes de ser
transferido
para
Vernon
e,
coincidentemente, ter de solucionar
o assassinato de um colecionador...
em Giverny! Para não falar na
obsessão de querer pôr a culpa toda
em Jacques Dupain ao mesmo tempo
que
paquera
a
esposa
dele.

Bénavides conversou sobre isso
com Béatrice, mas sua mulher, sabe-
se lá por quê, adora Laurenç.

Embora os dois só tenham se visto
uma vez, e por pouco tempo.

Sylvio distingue na sua frente
uma praça fechada contígua a uma
praça
cinza
monumental.

Uma
dezena de pessoas aguarda diante da
escada. Ele reconhece a entrada do
Museu de Belas-Artes. Apressa o
passo sem parar de pensar. Sim,
Béatrice não para de lhe dizer que
Laurenç é um cara encantador,
interessante, divertido. Chegou a
acrescentar algo como “Para um
policial, ele tem uma sensibilidade
surpreendente, como uma espécie de
intuição feminina”. Talvez daí suas
reservas em relação ao chefe, pensa
Sylvio.

Como

Béatrice

pode

apreciar um sujeito como Sérénac,
tão diferente dele próprio? Um
sujeito que só se interessa pela
pintura e pelas mulheres que Morval
levava para a cama. Ou queria levar.

Bénavides sobe os degraus do
Museu de Belas-Artes e, sem saber
por quê, uma pergunta ressurge e se
incrusta no seu cérebro feito uma
litania insistente: por que as pessoas
no fundo admiram os loucos?
Principalmente as mulheres?

O inspetor Sylvio Bénavides já está
aguardando há alguns minutos no
hall do Museu de Belas-Artes de
Rouen. Sente-se um pouco esmagado
pelo pé-direito, pela profundidade
do recinto, pelo brilho dos afrescos
imensos. De repente, surgido de um
alçapão no mármore, um homem
baixinho e careca usando um jaleco

que desce quase até os tornozelos
vem na sua direção e lhe estende a
mão.

– Inspetor Bénavides? Achille

Guillotin. Curador aqui do museu.

Bom, vamos lá. Infelizmente só
posso lhe dedicar pouco tempo,
ainda mais porque não entendi nada
do que o senhor quer.

Um pensamento engraçado passa
pela cabeça de Sylvio. Guillotin o
faz pensar em Jean Bardon, seu
professor de desenho no ensino
fundamental. Um professor que, com
25 anos, já parecia ter 40. Os dois
têm a mesma altura, o mesmo jaleco,
o mesmo jeito de falar com ele.

Estranhamente, ao longo de toda a
sua trajetória escolar, Sylvio sempre
foi

o

bode

expiatório

dos

professores, sobretudo daqueles que não tinham autoridade. Pensa que Achille Guillotin deve pertencer à mesma casta, a dos pequenos chefes obsequiosos diante da autoridade e tirânicos assim que encontram alguém mais fraco.

Guillotin já está longe e sobe a escada qual um camundongo cinza. A cada degrau, Sylvio tem a impressão de que vai pisar no jaleco excessivamente comprido e rolar escada abaixo.

– Bem, vamos? Que história é essa de assassinato?

Bénavides sai trotando atrás do jaleco cinza.

–

Um
cara
bem
rico.

Oftalmologista
em

Giverny.

Colecionava quadros, entre outras coisas.

Interessava-se

particularmente por Monet e pelas

Ninfeias. Talvez esse seja até o motivo do crime.

– E daí?

–

E

daí

que

gostaria

simplesmente

de

me

informar

melhor.

– E não há ninguém competente na polícia?

– Há, sim. O inspetor que está coordenando a investigação formou-se na polícia de arte, mas...

Guillotin o escuta como se ele

houvesse acabado de proferir a pior
das heresias.

– Mas?

– Mas queria formar a minha
própria opinião.

Difícil distinguir se Guillotin
suspira ou bufa ao chegar ao alto da
escada.

– Se é isso que o senhor quer...

O que deseja saber?

–

Podemos

começar

pelas

Ninfeias, se o senhor quiser.

Gostaria de saber quantas delas

Monet

pintou.

Vinte?

Trinta?

Cinquenta?

– Cinquenta?!

Achille Guillotin combinou um
grito de horror com uma risada

sardônica, um som que só as hienas
devem ser capazes de produzir. Se
tivesse uma régua de ferro nas mãos,
seria para castigar os dedos do
inspetor ignorante. Todos os severos
retratos
da
sala
renascentista
parecem se virar na direção de
Sylvio para cobri-lo com uma
vergonha suprema. Sem conseguir se
controlar, ele abaixa o rosto
enquanto Achille Guillotin dá de
ombros num gesto de desprezo. O
inspetor Bénavides repara nesse
momento que o curador está usando
estranhas meias cor de laranja.
– Está gozando da cara do
mundo,
inspetor?
Cinquenta
Ninfeias!
Pois

saiba

que

os

especialistas

identificaram

nada

menos do que 272 *Ninfeias* pintadas

por Claude Monet!

Sylvio

revira

os

olhos,

estupefato.

– Podemos também contabilizá-

las em metros, se for mais fácil para

o senhor entender. Monet pintou

mais

ou

menos

200

metros

quadrados de *Ninfeias* para uma

encomenda nacional, ao fim da

Primeira Guerra Mundial, que estão

expostos no Orangerie. No entanto,
se somarmos todas as obras que
Monet não selecionou, as que ele
pintou já meio cego ou afetado pela
catarata, os especialistas chegam a
mais de 140 metros quadrados de
Ninfeias “a mais”, que estão
expostas nos quatro cantos do
mundo:

Nova

York,

Zurique,

Londres,

Tóquio,

Munique,

Canberra, São Francisco... A lista é

longa, acredite. Sem falar em pelo

menos cem *Ninfeias* que integram

coleções particulares.

Sylvio

evita

qualquer

comentário. Pensa que deve estar

com a mesma cara idiota de uma

criança ao descobrir que, atrás da
onda que vem lambe seus pés na
praia, existe o oceano. Guillotin
continua a percorrer os corredores.
Toda vez que entra numa nova sala,
os vigias sonolentos têm um
sobressalto
de
pânico
e
se
imobilizam numa postura de atenção.
Depois do século XVII, vem a
Europa barroca.
– As *Ninfeias* são uma coleção
muito
estranha,
sem
nada
equivalente no mundo – continua
Achille Guillotin sem respirar. –
Durante seus últimos 27 anos de
vida, Claude Monet só pintou isso.
Seu

laguinho

de

nenúfares!

Progressivamente, foi eliminando qualquer outro elemento em volta: a ponte japonesa, os galhos de chorão, o céu, para se concentrar apenas nas folhas, na água e na luz. A

depuração mais absoluta possível.

As últimas telas, alguns meses antes de sua morte, são quase abstratas.

Apenas manchas. Tachismo, dizem os especialistas. Ninguém jamais tinha visto coisa igual. Ninguém entendeu, na época. Todo mundo achou que fosse um capricho de velho. Depois de sua morte, todo mundo esquece as *Ninfeias* do velho Monet, sobretudo as últimas. Puro delírio, todos acham.

Sylvio não tem tempo de perguntar o que Guillotin quer dizer com “esquecer”. O curador continua, sem trégua:

– Só que, uma geração mais tarde, são essas últimas telas que darão origem, nos Estados Unidos, ao que todos vão passar a chamar de arte abstrata. É esse o testamento do pai do Impressionismo: a invenção da modernidade! O senhor conhece Jackson Pollock?

Sylvio não se atreve a dizer que não. Tampouco se atreve a dizer que sim. Guillotin dá um suspiro de professor entediado.

– Pior para o senhor. É um artista abstrato. Pollock e os outros buscaram inspiração nas *Ninfeias* de Monet. Todos eles. O mesmo aconteceu na França, espero que o senhor se lembre do que eu disse. As maiores *Ninfeias* estão expostas no Museu Orangerie, a Capela Sistina do Impressionismo. Foram doadas por Monet ao Estado em homenagem ao armistício de 1918. E não é só isso: quando se pensa nos

lugares em que as *Ninfeias* estão expostas, há outra coisa fabulosa...

– É mesmo?

Sylvio não encontra nada de inteligente a dizer. Guillotin nem liga.

– As *Ninfeias* estão dispostas ao longo do eixo triunfal! O eixo principal, que passa por Notre-Dame, pelo Louvre, pelas Tuileries, pela Place de la Concorde, pelo arco de La Défense... As *Ninfeias* atrás das paredes do Orangerie estão alinhadas exatamente segundo esse eixo que simboliza toda a história da França e vai de leste a oeste seguindo o curso do sol. E, coincidentemente, Monet pintou o laguinho de ninfeias em diferentes momentos do dia, da manhã até a noite, expondo assim, ele também, o percurso eterno do sol. A corrida dos astros, a história triunfal da França,

a

evolução

da

arte

moderna... O senhor há de entender

agora por que cada centímetro

quadrado desses nenúfares vale uma

fortuna. Eles foram o divisor de

águas

da

arte

moderna.

Na

Normandia, a alguns quilômetros de

Vernon, em um minúsculo laguinho

de nada. O tema único do trabalho

obsessivo de quase trinta anos do

maior gênio da pintura.

Nos quadros do século XVII, as

vestes de santas, rainhas e duquesas

parecem voar, como agitadas pelo

lirismo do curador.

– Quando o senhor diz uma

fortuna, está se referindo a quanto

exatamente?

Como se não houvesse escutado,
Guillotin avança pelo recinto e abre
a janela. Bénavides não sai do lugar.

– Bom, o senhor vem?

Sylvio entende que deve seguir o
curador pela sala.

– Vou lhe dar uma ideia de
quanto vale um *Ninfeias*, a tirar
pelas últimas vendas em leilões de
Londres

ou

Nova York.

Por

exemplo, está vendo os prédios
haussmanianos bem aqui em frente,
na

Rue

Jeanne-d’Arc?

Então,

digamos que um *Ninfeias* de Monet,
de proporção normal, um metro
quadrado

mais

ou

menos,

corresponderia,

vamos

lá,

no

mínimo,

a

uns

bons

cem

apartamentos. Com quatro andares por prédio, isso já representa boa parte da rua.

– Cem apartamentos? Está de brincadeira!

– Não. Acho que poderia ter dito duzentos, e não teria sido exagero.

Ainda está vendo a Rue Jeanne-

d’Arc? Está vendo os carros

parados no sinal? Também posso

fazer uma estimativa desse jeito.

Uma tela poderia valer, digamos, de acordo com as últimas vendas, entre

mil e 2 mil carros. Novos,
naturalmente. Ou ainda, sei lá, mais
ou menos a totalidade do que contêm
as lojas da Rue du Gros-Horloge,
Rue Jeanne-d’Arc e Rue de la
République somadas. Um valor
inestimável, na verdade, é isso que
desejo que o senhor compreenda.

Está vendo do que estamos falando?

Um único quadro das *Ninfeias*!

– O senhor está gozando com a
minha cara...

– O último Monet leiloado pela
Christie’s de Londres deve ter sido
vendido por 25 milhões de libras...
e era uma obra de juventude! Vinte e
cinco milhões de libras. Vamos lá,
converta isso em apartamentos ou
carros.

Sylvio não tem nem tempo de se
recuperar antes de o curador subir
mais um andar e chegar às salas
impressionistas.

Pissarro,

Sisley,

Renoir,

Caillebotte... e Monet, claro. A famosa Rue Saint-Denis sob uma chuva de bandeiras tricolores, a catedral de Rouen num dia nublado.

Bénavides gagueja:

– E... e sobrou algum *Ninfeias* no mercado?

– Como assim, “no mercado”?

– Ué, por aí – precisa o inspetor com uma voz tímida.

– “Por aí”? O que significa “por aí”?

Vocês

da

polícia

não

conseguem ser mais precisos do que isso? Está me perguntando se poderia haver um quadro de Monet em algum lugar, é isso? Esquecido?

Num sótão ou porão qualquer de Giverny? Está pensando que sem

dúvida alguma seria possível matar
por uma descoberta dessas, por uma
fortuna dessas? Então, inspetor,
escute bem o que vou dizer...

39

OS DEGRAUS DA ESCADA da
despensa da casa de Claude Monet
rangem sob os pés do inspetor
Laurenç Sérénac.

Ele tenta expulsar da mente os
pensamentos parasitas, a voz interior
de uma espécie de anjo guardião que
murmura para seu instinto de
policia! que ele está galgando um a
um os degraus de uma arapuca
grosseira, que aquela escada conduz
aos quartos de dormir de Monet, que
ele não tem nada que estar ali,
seguindo aquela mulher, que ele não
controla mais nada. No fundo, não é
difícil fazer calar dentro de si esse
anjo sensato. Basta pensar no
segundo anterior, no riso de
Stéphanie se espalhando pelo ar, em

suas pernas apertadas naquele
vestido de gueixa que mesmo assim
saltam rumo ao andar superior feito
dois animais brincalhões, naquele
convite à indiscrição.

Quando Laurenç chega lá em
cima, Stéphanie está em pé no vão
da porta, no corredor, entre o quarto
e o banheiro. Ereta como uma guia
severa. Com seu vestido vermelho
de cintura marcada, mais preciosa e
frágil do que um vaso de porcelana.

– Os aposentos particulares dos
Monet. Mais clássicos, reconheço.
Mais íntimos. Laurenç, o senhor não
parece muito à vontade.

Ela entra no quarto primeiro e se
senta sobre a cama. O imenso
edredom de plumas a devora das
coxas até o busto.

– Então chegou a hora do
interrogatório? Estou à sua mercê,
inspetor.

O olhar aflito de Laurenç

Sérénac

abarca

as

cores

do

aposento, o tecido creme esticado

junto ao teto, o amarelo envelhecido

da roupa de cama, o preto

marmorizado da lareira, o dourado

dos castiçais, o acaju da cabeceira.

—

Vamos,

inspetor,

relaxe.

Parece que o senhor estava mais

loquaz com meu marido ontem à

noite.

Laurenç deixa passar. Os dois

permanecem em silêncio por algum

tempo. Sérénac não chega perto da

cama. As alegres lamparinas dos

olhos de Stéphanie se transformam

aos poucos em um farol de

melancolia. Ela se levanta em meio

a uma onda de plumas.

– Então vou começar. Inspetor, o senhor conhece a história de Louise, a catadora de dentes-de-leão de Giverny?

Sérénac a observa, espantado, curioso.

– Não, é claro que não – emenda Stéphanie. – Mas é uma história bonita. Louise é como se fosse a nossa Cinderela de Giverny. Pelo que se conta, ela era uma linda filha de camponeses. A mais bonita do vilarejo. Jovem. Cheia de frescor. Inocente. Por volta de 1900, posava para artistas nas campinas. Em especial para Radinsky, pintor tcheco promissor que viera se juntar a Monet e aos artistas americanos. O belo Radinsky era também um pianista de renome. Dirigia um carro inacreditável para a época, um 222 Z. Apaixonou-se pela pequena catadora de dentes-de-leão, casou-

se com ela e levou-a para casa.

Radinsky é hoje o pintor tcheco mais famoso do seu país. Louise, a camponesa, virou uma princesa da Boêmia. É, aliás, Claude Monet quem vai comprar o carro deles já obsoleto, o 222 Z, para o filho, Michel, que alguns meses mais tarde baterá numa árvore na Avenue Thiers, em Vernon. Tirando o fim lamentável do pobre carro, é uma história bonita, não?

Laurenç

Sérénac

resiste

à

vontade de chegar mais perto, de se deixar devorar ele também pelo edredom.

Sente

as

têmporas

queimarem.

– Por que está me contando tudo

isso, Stéphanie?

– Adivinhe.

Ela se levanta devagar sobre o edredom, como se estivesse nadando num banho de plumas.

– Vou lhe fazer uma confidência, inspetor. Uma confidência estranha.

Faz muito tempo que não fico sozinha num recinto com outro homem que não meu marido. Faz tempo que não rio numa escada na frente de um homem. Faz tempo que não falo de paisagens, de pintura, de poemas de Aragon com um homem de mais de 11 anos capaz de me escutar.

Sérénac pensa em Morval.

Contém-se para não interromper Stéphanie.

– Faz muito, muito tempo que esperava este momento, inspetor.

Minha vida inteira, eu diria.

Um silêncio.

– Que esperava alguém chegar.

Olhe para qualquer coisa, pensa
Sérénac depressa. Para as velas
derretidas, para o quadro lascado na
parede, para qualquer outra coisa
que não os olhos de Stéphanie.

– Não obrigatoriamente um
pintor tcheco... apenas alguém –
acrescenta ela.

Até mesmo a sua voz tem a cor
lilás.

– Se alguém tivesse me dito que
seria um policial...

Ela se levanta com um pulo e, ao
passar por ele, agarra um de seus
braços pendentes.

– Venha. Preciso vigiar um
pouco meus alunos.

Stéphanie o arrasta até a janela.

A professora estende a mão na
direção de uma dezena de crianças
que correm pelo jardim.

– Olhe para esse jardim,
inspetor, as rosas, as estufas, o
laguinho. Vou lhe revelar outro

segredo. Giverny é uma armadilha!

Um

cenário

maravilhoso,

sem

dúvida alguma. Quem poderia

sonhar em viver em outro lugar? Um

vilarejo tão bonito. Mas vou lhe

confessar: o cenário está paralisado.

Petrificado. É proibido mudar a

decoreção de qualquer casa, pintar

uma parede, colher uma mísera flor.

Dez leis proíbem tudo isso. Nós

aqui vivemos dentro de um quadro.

Estamos emparedados! Achamos

que estamos no centro do mundo,

que valem a viagem, como se diz.

Mas o que acaba escorrendo em nós

é a paisagem, o cenário. Uma

espécie de verniz que nos cola ao

cenário. Um verniz diário de

resignação. De renúncia... Louise, a

catadora de dentes-de-leão de

Giverny transformada em princesa

da Boêmia; ela é uma lenda,

Laurenç. Esse tipo de coisa não

acontece. Não mais.

De repente, ela grita para três
crianças que estão pisando num
canteiro de flores:

– Deem a volta!

Laurenç Sérénac, febril, busca

uma

distração

para

conter

a

melancolia de Stéphanie, para lutar

contra o próprio desejo de tomá-la

nos braços ali mesmo, agora, onde

estão. Seu olhar encara a profusão

de flores do jardim. A harmonia das

cores. Ele está subjugado pelo

charme

inacreditável

daquele

jardim.

– É verdade o que Aragon conta

no livro? – pergunta de repente. –

Que Monet não suportava ver uma
flor murcha e que os jardineiros
trocavam as flores durante a noite,
uma cor nova a cada manhã, como se
o jardim inteiro tivesse recebido
uma demão de tinta?

A manobra parece surtir efeito.

Stéphanie sorri.

– Não, não, é um exagero
enorme de Aragon. Mas quer dizer
que o senhor leu *Aureliano*?

– Claro. Li e entendi, acho. O
grande
romance
sobre
a

impossibilidade de ser um casal!

Não existe amor feliz... É isso? É
essa a mensagem?

– Assim pensava Aragon quando
escreveu. Definitivamente, na época,
devia pensar que não havia amor
feliz. No entanto, depois disso

viveria a mais bela, a mais longa, a
mais eterna história de amor que um
poeta jamais viveu. O senhor sabe
isso. O louco por Elsa!

Laurenç se vira. Os lábios claros
de

Stéphanie

permanecem

entreabertos. Ele luta contra a
vontade de alisar com os dedos
aquela boca trêmula, de acariciar
aquele delicado perfil de porcelana.

– A senhora é uma mulher
estranha, Stéphanie.

– E o senhor, inspetor, tem o
dom de provocar confidências. Vou
lhe confessar, em matéria de
interrogatório, é bem mais sutil do
que meu marido quis me contar.

Não, inspetor, vou decepcioná-lo.

Não tenho nada de estranho. Muito
pelo contrário, sou tão banal que
chega a dar nervoso.

A professora espera, hesita,

então sai falando numa enxurrada,
como quem se atira pela janela:
– Banal, isso mesmo. Gostaria
de criar uma criança, um filho, mas
acho que meu marido não pode me
dar um. Será por isso que não o amo
mais? Não, não acho isso. O que
acho é que, até onde minha memória
alcança, nunca o amei. Ele estava lá.
Não era pior do que outro qualquer.
Estava disponível. Era carinhoso.
Não foi tão ruim assim. Está vendo,
inspetor, sou uma mulher banal.
Encurralada. Como tantas outras. O
fato de ser bonita, acho, de ter
nascido em Giverny e de adorar as
crianças da minha turma não muda
nada.

Laurenç Sérénac põe a mão
sobre a de Stéphanie. Eles enroscam
seus dedos em torno do corrimão de
ferro forjado verde.

– Por que me confessar isso?

Por que a mim?

Stéphanie olha para ele e ri.

Será que não tem consciência de
que pelo menos os seus olhos,
somente os seus olhos, são únicos?

– Não se iluda de modo algum,
inspetor. Não vá tirar conclusão
nenhuma. Se contei tudo isso, não é
por causa do seu sorriso de
malandro, nem por causa da sua
camisa um pouco aberta demais,
nem dos seus olhos castanho-claros
que traem todos os seus sentimentos.

Não vá pensar que acho o senhor
charmoso, inspetor. É só que...

A mão dela escapa na direção
do horizonte. Stéphanie deixa o
suspense durar.

– Assim como a catadora de
dentes-de-leão Louise sucumbiu ao
charme da 222 Z, só me apaixonei
por causa da sua Tiger Triumph!

Ela ri.

– E talvez também pelo seu jeito
de parar para fazer carinho em

Netuno.

Stéphanie se aproxima ainda
mais.

– Uma última coisa, inspetor.

Uma

coisa

importante!

Uma

confidência. Não é porque não amo
mais meu marido que isso faz dele
um assassino. Muito pelo contrário.

Sérénac não responde. Só agora
percebe que, 50 metros mais à
frente, os passageiros dos carros que
passam pelo Chemin du Roy viram
sistematicamente

a

cabeça

na

direção da casa de Monet e veem os
dois na sacada feito um casal de
amantes.

Será que eles estão loucos?

Será que ele está louco?

– Acho que está na hora de eu ir
cuidar das crianças – diz Stéphanie.
Sérénac fica sozinho escutando os
passos da professora se afastarem.
Seu coração bate furioso, como se
quisesse escapar da camisa aberta, e
os pensamentos fazem explodir sua
caixa craniana.

Quem é Stéphanie?

Mulher fatal?

Moça de má reputação?

40

NA SALA DOS IMPRESSIONISTAS do
Museu de Belas-Artes de Rouen, o
inspetor Sylvio Bénavides abre uns
olhos de coruja. Achille Guillotin
mudou de lugar outra vez. O curador
sacou um lenço e está limpando uma
marca de poeira invisível na lateral
de um quadro de Sisley. *Inundação
em Port-Marly*, indica a plaquinha
sob a obra. Bem na hora em que
Sylvio se pergunta se Guillotin
esqueceu sua pergunta, o curador se

vira. Bate com a ponta do lenço na
testa e declama, com uma voz de
pregador:

– Telas de Monet desaparecidas
ou desconhecidas mas que poderiam
reaparecer, é essa mesmo a sua
pergunta,
inspetor?

Se
quiser
mesmo, vamos lá, posso entrar com
o senhor nesse jogo de suposições.

O lenço enxuga suas têmporas.

– Sabemos que os ateliês de
Claude
Monet
em
Giverny
continham dezenas de quadros, entre
os
quais
esboços,
obras
de

juventude,
grandes
painéis
inacabados
de *Ninfeias*... Sem
contar as doações de amigos:
Cézanne, Renoir, Pissarro, Boudin,
Manet, mais de trinta telas ao todo.
Sabe o que é isso? Essa fortuna
toda, essa fortuna colossal, mais
preciosa do que a coleção de
qualquer museu do mundo, guardada
no máximo por um velho de 80 anos
e seu jardineiro, protegida apenas
por uma porta que mal devia fechar,
vidraças que bastaria empurrar,
paredes rachadas. Qualquer um
poderia ter cometido um roubo.
Qualquer morador de Giverny um
pouquinho esperto teria ganhado
mais em um simples furto do que
assaltando vinte bancos.
O lenço enxuga uma última vez
seu rosto e acaba embolado na

palma da sua mão.

– Uma fortuna dessas ao alcance da mão... Não consigo pensar em outro exemplo de tamanha tentação.

Sylvio começa a entender.

Observa à sua volta a dezena de telas penduradas nas paredes. O museu de Rouen, apresentado como a mais bela coleção impressionista da França fora de Paris, não tem um quarto dos quadros que há nos ateliês de Monet. Ele insiste:

– Será que ainda poderia restar alguma obra-prima nos ateliês de Monet em Giverny?

Achille Guillotin hesita algum tempo antes de responder:

– Ora, Claude Monet morreu em 1926. Michel Monet, seu filho e herdeiro, sem dúvida tratou há muito de reunir e guardar todas as telas do pai que não doou a museus. Assim, para responder à sua pergunta, digamos que é muito pouco provável

descobriremos hoje novas telas

originais na casa rosa de Giverny.

Mas, enfim, nunca se sabe...

– E, sem chegar a falar em

roubo, Monet poderia ter distribuído

quadros ou dado algum de presente?

– continua o inspetor, com um pouco

mais de segurança.

– A imprensa local registrou a

doação de um quadro para uma rifa

em benefício do hospital de Vernon.

Alguém deve ter ganhado esse

quadro em troca de 50 centavos na

época. Quanto ao resto, temos de

nos contentar com suposições.

Sabemos que os moradores de

Giverny não tornaram a vida fácil

para Claude Monet. Ele precisou

negociar cada pedacinho da sua

paixão, para comprar a propriedade,

para conservar as paisagens do

modo

como

as

pintava

e,

principalmente, para desviar a água do regato para seu laguinho de ninfeias. Monet pagou para o vilarejo, pagou muito. Pagou ainda para que uma fábrica de amido de milho não fosse aberta bem em frente ao seu jardim. Pagou para congelar todo o seu cantinho de natureza ao abrigo de qualquer progresso. Nesse caso também, algum espertinho, um conselheiro municipal ou camponês astuto, poderia muito bem ter negociado um quadro do mestre em troca de uma esmola de 500 francos. Tenho consciência de que os especialistas em geral não acreditam nesse tipo de arranjo entre artistas e moradores locais, mas será que podemos mesmo excluir a possibilidade de que, dentre todos os moradores de Giverny, um tenha sido capaz de se

interessar por pintura ou pelo menos por seu valor mercantil? Monet teria cedido, claro. Não tinha escolha.

Veja, por exemplo, aquele estranho moinho ao lado de seus jardins, o moinho de Chennevières. Penso nele toda vez que vou a Giverny por causa da tela de Theodore Robinson, a célebre *Pai Trognon*. Pois bem, os camponeses do moinho tinham tudo para chantagear Monet. O regato passava pelo seu terreno. Sem acordo com eles, nada de ninfeias! Sylvio Bénavides não tem tempo para anotar tudo e tenta memorizar o fluxo de informações.

– Está falando sério?

– Por acaso tenho cara de fanfarrão, rapaz? Vou lhe dizer uma coisa:

existem

uns

cretinos

caçadores de tesouros que dão a

volta ao mundo atrás de três moedas de ouro. Se eles fossem só um pouquinho mais espertos, visitariam os sótãos das casas de Giverny e dos vilarejos em volta. Sei muito bem o que dizem por aí. Claude Monet destruía os quadros com os quais não ficava satisfeito ou suas obras de juventude. Tinha tanto medo de que, após a sua morte, os antiquários se jogassem em cima de suas telas inacabadas ou seus esboços que em 1921 incendiou no ateliê todas as obras das quais não gostava. No entanto, apesar de todas as precauções do mestre, seria bem pouco provável não existir em algum lugar uma tela de Monet. Só uma velha tela esquecida. O bastante para comprar uma ilha no Pacífico! O curador muda outra vez de sala e lança um olhar sombrio para uma vigia que parece mais entretida com a cor de seu esmalte de unha do que

com a das vestes do cardeal que
interroga Joana d’Arc na tela de
Delaroche.

– Mais uma coisa – diz o
inspetor. – O senhor mencionou o
pintor
impressionista

Theodore

Robinson, amigo de Claude Monet.

O que acha da fundação criada por
seus herdeiros?

Guillotin

franze

uns

olhos

espantados.

– Por que a pergunta?

– Essa fundação tem aparecido

com

frequência

na

nossa

investigação. Estranhamente, muita
gente no nosso caso parece estar

ligada a ela, nem que seja

indiretamente.

– E o que o senhor gostaria de saber?

– Não faço ideia. O que o senhor acha da fundação, só isso.

O curador hesita, como quem procura as palavras certas.

– Como dizer, inspetor... Uma fundação

é

algo

complicado.

Oficialmente,

esse

tipo

de

associação é o mais desinteressada

possível. Vou tentar encontrar uma

imagem.

Sim,

imagine

uma

associação que cuide dos pobres.

Pois bem, o paradoxo é que, se o número de pobres diminui, a razão de ser da associação também diminui. Em outras palavras, quanto melhor for o seu trabalho, mais ela se sabota. O mesmo vale para uma fundação que milite contra a guerra. Para ela, a paz significaria a morte.

– Como um médico que cuidasse tão bem de seus pacientes que acabasse ficando desempregado?

– Exato, inspetor.

– Entendo. Mas qual a relação disso com a Fundação Robinson?

– Acho que eles têm um lema.

Os

três

“pro”,

como

dizem.

Prospecção, proteção e promoção.

Que incrível, funciona tão bem em inglês quanto em francês. Mais precisamente, significa que eles

buscam telas no mundo todo, que compam e vendem, mas também que investem em pintores jovens, muito jovens até: investem neles, compam suas obras e as revendem.

– E daí?

– Um talento exclui outro, inspetor. Uma tela não é como um disco ou um livro; não é pela maior quantidade de vendas que se mede a fortuna de um pintor. Muito pelo contrário, e é disso que depende todo o sistema. Uma tela custa caro porque as outras custam menos ou nada. Se o jogo for livre, se houver concorrência entre críticos, escolas, galerias, tudo até corre bem. Mas se uma fundação estiver em situação de monopólio

ou

quase...

Está

entendendo?

– Não muito.

Guillotin não disfarça certa

irritação.

– Pois bem, em caso de
monopólio, em outras palavras,
quanto mais novos talentos essa
fundação descobrir, mais ela renova
a arte, o “pro” da prospecção, por
assim dizer, e mais sabota o valor
mercantil de suas outras telas, o
“pro” da proteção... Entendeu?

– Para ser sincero, mais ou
menos.

Bénavides coça a cabeça.

– Vou lhe fazer uma pergunta
mais concreta. Se um quadro de
Monet

tivesse

se

perdido,

a

Fundação Robinson teria como
encontrá-lo?

A resposta é certa:

– Sem dúvida. Muito mais do

que qualquer outra pessoa! E com certeza dispondo de qualquer meio.

– Bom, tenho uma última pergunta – continua Bénavides, que agora adotou em definitivo aquela cara de cachorro triste que parece agradar ao curador. – Talvez ela o surpreenda... Existe alguma tela desconhecida de Monet? Telas particularmente raras, não sei, ou escandalosas, qualquer coisa que pudesse ter ligação com uma questão de sangue?

Achille Guillotin exhibe um sorriso sádico, como se já estivesse esperando essa última pergunta. A apoteose da conversa.

– Venha cá – sussurra, em tom de conspirador.

Ele conduz o policial até perto da parede oposta, na direção de uma imagem torturada na qual quatro homens nus, visivelmente escravos romanos, tentam domar um cavalo

louco.

– Observe esses corpos pintados por Géricault, isso mesmo, o famoso Théodore Géricault. O maior pintor jamais nascido em Rouen! Observe esses corpos. Seu movimento. Os pintores têm uma relação muito estranha com a morte, inspetor. Sabemos que, para compor com realismo o seu *A balsa da Medusa*, Théodore Géricault foi buscar em hospitais braços e pés amputados, cabeças decapitadas. Seu ateliê fedia a cadáver! No fim da vida, para curar a própria loucura, ele vai pintar no hospital da Salpêtrière dez retratos de loucos, dez vítimas de transtornos mentais que representam todos os tormentos da alma humana. Sylvio teme que o curador esteja se perdendo numa nova digressão.

– Mas Monet não era louco... nem pintava cadáveres!

O semblante dissimulado de

Achille Guillotin parece se revelar.

Seus raros cabelos se eriçam sobre
o crânio lunar, qual cornos satânicos
atrofiados.

A décima primeira vítima de
transtornos mentais?

– Venha ver, inspetor.

Guillotin desce correndo os dois
andares da escada, se precipita loja
do museu adentro, pega um livro
enorme

e

rasga

o

plástico

transparente com os dentes.

Vai virando as páginas como se
estivesse possuído.

– Monet não pintou a morte!

Monet não pintava cadáveres, só a
natureza! Ha, ha... Olhe aqui,
inspetor. Olhe aqui!

Bénavides não consegue conter
um movimento de recuo.

Um espectro. De página inteira.

O quadro é um retrato de mulher.

De olhos fechados. Ela parece
envolta num sudário de gelo, um
turbilhão de pinceladas gélidas,
como se estivesse prisioneira de
uma teia de aranha branca que
devora o rosto pálido da modelo.

A morte.

– Apresento-lhe Camille Monet

– explica a voz fria de Guillotin. – A
primeira mulher dele. Seu mais belo
modelo. A donzela da sombrinha no
meio das papoulas, a companheira
radiosa dos domingos no campo.

Morta aos 32 anos! Monet pintou
este quadro maldito na cabeceira do
seu leito de morte; passou toda a
existência arrependido de não ter
conseguido resistir à tentação de
fixar na tela as cores da vida que se
esvai, de ter tratado seu amor
agonizante como um objeto de
estudo vulgar. Como Géricault e seu

fascínio por corpos esquartejados.

Como se o pintor houvesse possuído o amante desesperado. Monet contou que, diante do cadáver recente da mulher, foi tomado por uma espécie de pintura automática, como alguém hipnotizado. O que acha, inspetor?

Sylvio Bénavides nunca sentiu tamanha emoção diante de um quadro.

– Existe... existe alguma outra obra desse tipo? Alguma tela de Monet, melhor dizendo.

O rosto redondo de Achille Guillotin enrubesce outra vez, como se um diabo adormecido acordasse dentro dele.

– O que pode ser mais fascinante do que pintar a morte da própria mulher, inspetor? Já pensou nisso? Nada, claro.

O rubor sobe até as têmporas.

– Nada, senão poder pintar a própria morte! Em seus últimos

meses de vida, Monet pintou

Ninfeias

inacabadas,

como

as

partituras do *Réquiem* de Mozart, se

é que o senhor me entende.

Pinceladas apressadas, uma corrida

contra a morte, o cansaço e a

cegueira.

Telas

herméticas,

dolorosas, torturadas, como se ele

houvesse mergulhado dentro do

próprio cérebro. Foram descobertas

ninfeias de todas as cores pintadas

com

urgência

sobre

a

tela:

vermelho-fogo, azul monocromático,

verde

cadavérico...

Sonhos

e

pesadelos misturados. Só faltou uma
única cor.

Sylvio

quer

gaguejar

uma

resposta. Nada sai. Sente que a
investigação patina, lhe escapa.

– A cor que Monet havia banido
para todo o sempre de suas telas. A
que ele se recusava a usar. A
ausência de cor, mas também a união
de todas as cores.

Silêncio. Sylvio desiste de tentar
responder e rabisca furiosamente a
página de seu bloquinho.

– O preto, inspetor. O preto!

Dizem que nos últimos dias antes de
morrer, em dezembro de 1926,
quando entendeu que era chegada a
hora, ele a pintou.

– O... o quê? – gagueja

Bénavides.

– Entende o que estou lhe
dizendo, inspetor? Monet observou a
própria morte no reflexo das
ninfeias e o imortalizou na tela. As
Ninfeias. Em negro!

A
caneta
de
Sylvio
fica
pendurada na ponta de seus dedos,
junto à perna. Ele já não consegue
anotar mais nada.

– O que me diz, inspetor? –
indaga o curador, cuja exaltação já
arrefeceu. – *Ninfeias* negras. Como
a dália...

– Essa... essa história de
“*Ninfeias*” negras é uma certeza?

– Não. Claro que não. Ninguém
jamais encontrou essa tela, claro,
essas famosas *Ninfeias* negras. É
uma lenda, ora, só uma lenda.

Sylvio não sabe mais o que
dizer. Faz a primeira pergunta que
lhe vem à cabeça:

– E crianças? Monet pintou
alguma criança?

41

OBSERVO STÉPHANIE À JANELA da
casa rosa de Monet. Parece a patroa
de uma residência colonial vigiando
um enxame de empregados.

Laurenç Sérénac já desceu.

Que loucos! Desta vez vocês vão
concordar, vão pensar a mesma
coisa que eu. Que idiotas! Exibir-se
dessa forma! Na sacada da casa de
Monet, em frente ao jardim, em
frente ao Chemin du Roy, para todo
mundo ver. No final das contas, vão
ter merecido!

Escuto o barulho da Tiger Triumph
dando a partida. Stéphanie também
escuta, mas não tem coragem de
virar a cabeça. Permanece pensativa
enquanto

observa

as

crianças

brincando no jardim. É verdade que

a professorinha é linda. É verdade

que sabe fazer uso disso, com seu

traje de gueixa a acentuar a cintura

de vespa e aquele olhar líquido.

Podem confiar em mim: ela tem

todos os predicados para virar a

cabeça de qualquer rapaz que passe

perto demais, seja ele policial ou

médico, casado ou não. Bonita feito

uma boneca!

Aproveite, minha linda. Não vai

durar.

Crianças correm entre as flores.

A professora as repreende com uma

voz macia.

Está com a cabeça em outro

lugar.

Está perdida, hein, minha linda?

Entendeu que aquele é o

momento em que sua vida pode virar

de cabeça para baixo, pelas mãos do
mais improvável dos salvadores.
Um policial. Sedutor. Divertido.
Culto. Disposto a tudo, inclusive a
soltar você dos seus grilhões. Do
seu marido.

Agora é a hora. O que a está
segurando, então?

Nada?

Ah,

se

pelo

menos

só

dependesse de você... se pelo

menos a morte não a estivesse

rondando tanto; é como se você a

atraísse, querida. Como se, no fim

das

contas,

estivesse

apenas

colhendo o que plantou.

Risos de crianças penetram minhas

ideias más. Meninos perseguem
meninas.

Clássico.

Aproveitem

vocês

também,

pequenos. Aproveitem. Pisoteiem os
gramados e as flores. Arranquem as
rosas. Atirem pedras e galhos no
laguinho.

Furem

as

ninfeias.

Profanem o templo do romantismo.

Não nutram falsas esperanças.

Afinal, é só um jardim. Não é
porque uns crentes imbecis vêm do
outro lado do mundo rezar aqui que
este lugar é outra coisa que não uma
água estagnada!

Sou má, eu sei. Me perdoem.

Aqueles dois me irritaram hoje de
manhã, Stéphanie Dupain e seu
policia, aqueles dois idiotas. É

preciso me entender, também. Não
me importo de fazer o papel de
testemunha muda, de ratinho preto
invisível, mas nem sempre é tão
simples ficar indiferente. Não estão
mais me entendendo? Ainda estão se
perguntando que papel desempenho
nesta história toda? Asseguro a
você que não tenho nenhuma antena
sofisticada para captar através das
paredes da casa de Monet a
conversa daqueles dois imbecis,
todos os detalhes do seu cortejo
amoroso. Ah, não. É bem mais
simples do que isso. Dramático de
tão simples.

Viro-me na direção da margem
direita do Chemin du Roy, em
direção ao jardim aquático. Rente à
rua, algumas pranchas da barreira
foram afastadas, sem dúvida por

turistas indelicados com pressa de
fotografar as ninfeias e cansados da
espera em frente ao guichê. O
espaço liberado propicia uma vista
inédita
do
laguinho.

Observo

Fanette, um pouco afastada dos
colegas de turma, entre os chorões e
os choupos. Ela instalou seu
cavalete

na

ponte

japonesa,

equilibrado sobre as glicínias. Está
pintando, calma e concentrada,
apesar da balbúrdia em torno.

Atravesso o Chemin du Roy,
chego perto para ver melhor, quase
encosto na sebe.

Não deveria ter feito isso. Um
dos pirralhos me viu.

– Madame, madame, a senhora

poderia tirar uma foto minha com meus amigos?

Ele enfia na minha mão uma câmera de última geração. Não sei como funciona, ele me explica, não escuto nada. Enquanto o fotografo, tento olhar com o rabo de olho o laguinho de ninfeias e Fanette que pinta.

42

– VENHA, FANETTE.

Vincent insiste:

– Venha, Fanette. Venha brincar!

– Não! Não está vendo que estou pintando?

Fanette

tenta

concentrar

a

atenção em um nenúfar. Um nenúfar solitário, a flutuar longe dos outros, com a folha quase no formato de um coração e uma pequena flor cor-de-rosa que acabou de nascer. O pincel

desliza sobre a tela. Fanette tem
dificuldade para se concentrar.

*Alguém está choramingando
atrás de mim. Parece que até o
chorão encontrou alguém mais
chorão do que ele: Mary! Queria
que ela calasse a boca, com sua
vozinha aguda, que calasse a boca!*

– Vocês trapacearam, para mim
chega, mais do que chega. Vou
voltar!

*Não há apenas choro atrás de
mim, há também Vincent ali
parado, sem fazer nada, olhando
por cima do meu ombro.*

– Vai lá brincar com a Mary.

– Ela não tem graça. Só vive
chorando...

– E eu, que só vivo pintando, por
acaso tenho mais graça?

*Ele não vai sair. Vincent não
vai sair. Pode passar horas aí.
Talvez ele tivesse sido um ótimo
pintor.*

Observar

é

a

sua

*especialidade. Mas acho que não
tem nenhuma imaginação.*

Os outros continuam a correr em
volta de Fanette, a gritar, rir e
brincar. A menina faz força para se
manter concentrada. Egoísta, como
disse James.

Camille aparece e para na ponte
japonesa. Ofegante.

*Mas isso não para nunca! Só
faltava ele!*

O garoto encolhe o barrigão
coberto pela camisa.

– Estou exausto, vou parar um
pouco.

Ele olha para Fanette, entretida
pintando.

– Ah, Vincent, Fanette, que bom,
tenho uma adivinhação sobre os
nenúfares. Sabiam que ao que

parece eles dobram de área de um dia para outro? Então, escutem, se a gente disser, por exemplo, que os nenúfares levam cem dias para cobrir um laguinho inteiro, quantos dias levarão os mesmos nenúfares para cobrir metade do laguinho?

– Cinquenta, ora – responde

Vincent na hora. – Que adivinhação mais boba.

– E você, Fanette, o que acha?

Não estou nem aí para isso,

Camille. Se você soubesse como

não estou nem aí...

– Sei lá. Cinquenta. Igual ao

Vincent.

Camille adquire um ar triunfal.

Se um dia ele virar professor,

tenho certeza de que vai ser o mais

pentelho do planeta.

– Tinha certeza de que vocês

iriam cair na armadilha! A resposta não é cinquenta, claro, é 99.

– Por quê? – indaga Vincent.

– Nem tente entender – retruca

Camille em tom de desdém. – E

você, Fanette, entendeu?

Que saco!

– Estou pintando.

Camille saltita de uma perna

para outra na ponte japonesa.

Grandes manchas de suor marcam

sua camisa nas axilas.

– Tá, tá bom. Já entendi, você

está pintando. Só uma última

adivinhação, mais uma, depois deixo

você em paz. Sabem qual é o nome

em latim das ninfeias?

Chato! Chato! Chato!

– Não têm a menor ideia?

Nem

Vincent

nem

Fanette

respondem. Camille não se perturba,

muito pelo contrário. Arranca uma

flor de glicínia e joga no laguinho.

– Bom, é *nymphaea*, bobão. Mas

antes vinha do grego *numphaia*. Em francês é *néuphar*. E em inglês, como é, vocês sabem?

Será que ele não acaba nunca?

Camille

nem

espera

uma

resposta. Finge se pendurar no galho de glicínia mais próximo, mas um estalo o dissuade.

– *Waterlily!* – declama.

E além do mais está contente.

Que irritação, como esse menino

me irrita, mesmo que seja preciso reconhecer que

waterlily é um

nome bem bonito, muito mais do

que

nenúfar...

Mas

prefiro

“ninfeia” .

Camille se inclina em direção à

tela

de

Fanette.

Recende

a

transpiração.

– O que está fazendo, Fanette?

Copiando as *Ninfeias* de Monet?

– Não!

– Está, sim! Dá para ver.

Camille vive falando de ciência,

mas o problema é que ele sabe

tudo, mas não entende nada.

– Não, seu idiota, não! Não é

porque estou pintando a mesma

coisa que Monet pintou que o que

estou fazendo é igual ao que ele fez.

Camille dá de ombros.

– Monet pintou vários. O seu

obrigatoriamente vai ficar parecido

com algum! Ele pintou até um *tondo*.

Sabe o que é um *tondo*?

Vou enfiar meu pincel na cara

dele. Só assim ele vai entender

quanto é chato. Além do mais, vive

com isso de perguntas e respostas.

– Um *tondo* é uma tela redonda,
como aquela exposta no...

Paf!

– Vamos, meninos? – grita, de
repente, a voz de Mary, que parece
ter parado de chorar.

Camille suspira. Vincent ri.

– Acho que vou empurrá-la no
laguinho. Você poderia pintar isso,
não é, Fanette? Seria original! *Mary*
in the Waterlilies.

Vincent ri enquanto empurra
delicadamente Camille para fora da
ponte.

– Bom, Fanette, vamos deixar
você trabalhar – diz Vincent. –
Vamos, Camille, vem.

Às vezes, Vincent me entende.

Às vezes, não; às vezes, sim. Como
agora...

Fanette enfim fica sozinha. Examina
com atenção o reflexo dos chorões
no laguinho tomado pelas folhas de

nenúfar. Pensa no que James lhe ensinou nesses últimos dias. As linhas de fuga!

Se bem me lembro, toda a originalidade das

Ninfeias de

Claude Monet é que a composição dos quadros está baseada em duas linhas de fuga que se opõem. Há a linha de fuga das folhas e flores de nenúfar, que corresponde grosso modo à superfície da água. James chamou isso de linha horizontal. Se ele prefere assim... Mas há também a dos reflexos na água: as flores de glicínia nas margens, os galhos de chorão, a luz do sol, as sombras das nuvens. Para resumir, segundo James, linhas verticais invertidas, como em um espelho. É esse o segredo das Ninfeias, explicou-me ele. Tá, tudo bem, não é muito complexo esse segredo. Não é preciso se chamar James nem

Claude Monet para entender isso.

*Basta olhar para o laguinho. Dá
para ver como um nariz no meio da
cara as duas linhas que fogem uma
da outra. Enfim, fogem... Isso é um
baita exagero. Afinal, o laguinho,
as folhas coladas por cima, tudo
isso*

permanece

absolutamente

imóvel. Não se mexe, quero dizer.

*Não há movimento, nada. Uma
ilusão de movimento, no máximo,
pode até ser.*

Que droga! Agora que estou

*sozinha tenho quase vontade de ir
me juntar aos outros e correr com*

eles em volta do laguinho. Mas

não! James disse que tenho de ser

*egoísta. Pensar no meu talento, no
concurso da Fundação Robinson.*

Vou me juntar a eles daqui a pouco.

*Fanette se inclina sobre a paleta
e mistura as cores com cuidado.*

De repente, tudo para. Preto! Só
sobrou o preto.

Fanette está a ponto de gritar
quando reconhece Paul pelo cheiro
de grama cortada.

– Oi!

– Paul! Onde você estava?

– Jogamos seis partidas de pique
no jardim. Agora chega. Cansei!

Ele se curva em direção ao
quadro.

– Caramba, Fanette, que incrível
isso que você está pintando!

– Tomara. É para o concurso da
Fundação Robinson. Acho que vou
ser a única a entregar alguma coisa
para a professora.

– Até parece... Você vai ganhar!
Vai ganhar com certeza. Seu jeito de
pintar é muito legal.

– Que nada! Mas tenho uma
ideia. Foi James quem me sugeriu.

– Seu famoso pintor americano?

– É, vou me encontrar com ele

logo depois da escola. Ele ainda
deve estar fazendo a sesta no trigal
desde ontem. Vou mostrar minha tela
para ele. Com os conselhos de
James, talvez tenha uma chance. É
verdade que ele se cansa depressa e
dorme mais do que pinta. Mas
enfim...

– Que engraçado. Essa sua tela
não parece com as *Ninfeias*.
Fanette dá um beijo na face de
Paul.

Já Paul eu adoooooro!

– Você é o máximo! Era
exatamente o que eu queria. Vou
explicar minha ideia em poucas
palavras. Quando você olha uma das
Ninfeias de Monet, a impressão que
tem, como dizer, é de afundar, entrar
no quadro, atravessá-lo, sei lá, como
dentro de um poço ou sobre a areia,
sabe? Era isso que Monet queria,
uma água adormecida, a impressão
de ver desfilarem uma vida inteira... Já

eu quero fazer o contrário, quero que
diante das minhas *Ninfeias* se tenha
a impressão de flutuar sobre a água,
entende, de poder pular em cima
dela, quicar, sair voando. Uma água-
viva! Quero pintar minhas *Ninfeias*
como Monet teria pintado se tivesse
11 anos. *Ninfeias* cor de arco-íris!

Paul a contempla com uma
ternura infinita.

– Não entendo tudo o que você
está dizendo, Fanette.

– Não tem problema, Paul. Nada
disso é sério. Olhe, sabe o que
Monet fazia com os grandes quadros
das *Ninfeias*

que

não

lhe

agradavam?

– Não.

– Dava de presente para as
crianças da sua casa rosa! Quando
elas tinham a nossa idade. As telas

rejeitadas

serviam

para

fazer

canoas! Pode ser que no fundo do

Epte e do Sena, em meio à lama,

ainda haja telas de *Ninfeias*. Você

acredita nisso?

– Acredito em você, Fanette.

Paul deixa passar algum tempo.

– E tudo isso é sério, sim. Sei

muito bem que você vem de um

planeta diferente do nosso, que um

dia vai embora para muito longe.

Que vai ficar famosa e coisa e tal.

Mas, entende, o genial é que por

toda a minha vida eu vou poder

dizer que conheci você, aqui, nesta

ponte japonesa. E até que...

– Até que o quê?

– Até que beijei você.

Que bobo, esse Paul. Bobo

demais. Quando ele diz essas

coisas fico tremendo toda.

Os nenúfares flutuam lentamente
no laguinho. Fanette estremece e
fecha os olhos. Paul encosta
delicadamente os lábios nos seus.

– E vai poder contar até que eu
prometi que viveríamos juntos,
casados, numa casa bem grande com
filhos – murmura Fanette. – E até
que é isso que vai acontecer.

– Você é...

As glicínias se agitam.

Vincent surge entre os cipós
retorcidos com a mesma selvageria
de uma fera que sai do meio da
mata. Encara Paul e Fanette com
uma insistência estranha, um olhar
vazio inquietante, como se os
estivesse espionando há muito
tempo.

*Ele me dá medo. Vincent me dá
cada vez mais medo.*

– O que vocês estão fazendo? –
pergunta a voz sem entonação de
Vincent.

SEM PARAR DE NAVEGAR no site Au
Bon Coin, em busca de um
hipotético banquinho de madeira
com cinco degraus, de segunda mão,
para colocar vasos de plantas, a
agente Liliane Lelièvre vira o olho
para o relógio de pulso, um elegante
Longines prateado: 18h45. Mais
quinze minutos e vai poder fechar a
recepção da delegacia de Vernon.
Ultimamente, o movimento é fraco à
noite.
Não reconhece na hora a silhueta
que sobe devagar os degraus da
delegacia. Por outro lado, assim que
o velho adentra o recinto, vira o
rosto
na
sua
direção
e
a
cumprimenta, um fogo de artifício de

lembranças explode bem na sua cara.

– Oi, Liliane!

– Delegado Laurentin!

Meu Deus! Fazia anos que não o via. O delegado Laurentin se aposentou tem o quê, mais de vinte anos? No início da década de 1990, logo após solucionar o roubo dos quadros de Monet do Museu Marmottan. Na época em que dirigia a delegacia de Vernon, Laurentin era reconhecido como um dos melhores especialistas em questões de tráfico de arte. O Escritório Central de Combate ao Tráfico de Bens Culturais recorria a ele sistematicamente. Antes disso, Liliane e ele tinham trabalhado

juntos por mais de quinze anos.

O delegado Laurentin. Uma
lenda viva. A história inteira da
polícia da região de Vernon
resumida na sua pessoa!

– Nossa, delegado! Que prazer
revê-lo!

Liliane está sendo sincera.

Laurentin

era

um

investigador

brilhante, sensível, atento. Uma
personalidade como não se faz mais.

Eles

passam

muito tempo

conversando. Liliane não consegue

resistir

à

curiosidade

que

a

atormenta:

– O que o traz aqui, depois de
tanto tempo?

– Shh... Estou em missão
especial.

Espere,

Liliane,

vou

demorar alguns minutos e já volto.

Laurentin penetra nos corredores
tão familiares para ele. Liliane não
se atreve a insistir. Um sujeito que
dirigiu aquilo ali durante 36 anos!

O velho policial pensa com seus

botões que a tinta da parede do

corredor continua lascada como

sempre. Nada muda! Sala 33. O ex-

delegado tira uma chave do bolso.

Vai abrir? Não vai abrir? Faz vinte
anos que aquela chave não entra na
fechadura daquela sala.

Abre-te, Sésamo.

A porta se abre! Portanto,

ninguém trocou a fechadura da sala

desde... 1989. No fim das contas,

parece lógico, pensa Laurentin. Por que trocar a chave da porta de uma sala em uma delegacia? Enquanto empurra a porta, pensa que seu último sucessor deve ser um jovem ambicioso da polícia judiciária, craque em informática e tecnologias de ponta, todos esses avanços técnicos que recheiam as séries policiais da TV e dos quais ele não entende nada há muito tempo.

Para

bruscamente

junto

à

escrivania e examina a decoração.

As paredes estão cobertas de

quadros impressionistas! Pissarro.

Gauguin. Renoir. Sisley. Toulouse-

Lautrec. Sorri consigo mesmo. No

fim das contas, seu sucessor poderia

até

surpreendê-lo

caso

O

encontrasse. Bom gosto ele tem!

A sala está mais parecida com o que

ele esperava: abarrotada com um

computador, uma impressora, um

scanner. O delegado aposentado se

demora ali. Decepcionado com a

visita, hesita. Percebe que, em 2010,

a sala de um policial que faz seu

trabalho direito é uma sala vazia!

Tudo cabe no disco rígido de um

computador. Ele não vai invadir a

estação de trabalho pessoal de seu

sucessor, que por sinal deve estar

protegida por várias senhas. Além

do mais, não entende nada de

informática. Seria ridículo insistir.

Não

teve

oportunidade

de

acompanhar os últimos avanços da

polícia de arte. Isso virou questão

para os peritos. Disseram-lhe que a

polícia de arte agora trabalha a
partir de uma gigantesca base de
dados internacional, a “coleção de
pesquisa eletrônica e de imagens de
cunho artístico”. A base TREIMA,
na sigla em francês, contém mais de

60

mil

obras

desaparecidas,

compartilhadas com o Art Crime

Team dos Estados Unidos e com o

Antiques Intelligence Focus Desk da

polícia metropolitana de Londres.

Laurentin suspira.

Nova época, novos métodos.

Sai da sala e volta para junto de

Liliane na recepção.

– Liliane, o arquivo ainda fica lá
embaixo? Na porta vermelha?

– Exatamente como vinte anos
atrás, delegado! Pelo menos no
arquivo nada mudou!

Mais uma vez, sua chave antiga

lhe permite passar pela porta. Pelo visto, qualquer um poderia entrar ali. Enfim, não, ele não é qualquer um. Um policial, apenas um policial. Foi sem dúvida por isso que Patricia Morval recorreu a ele. Nem tão louca assim, a viúva.

Liliane tinha razão: nada mudou. As pastas continuam classificadas por ordem alfabética. As gerações se sucedem, mas sempre haverá policiais meticulosos para guardar direitinho as caixas-arquivo na letra correta na prateleira certa, mesmo na época de discos rígidos e pen-drives.

M de Morval.

A grande pasta vermelha está ali. Não é muito grossa.

Laurentin hesita outra vez. Sabe que não tem o menor direito de violar o sigilo daquela investigação sem mandado, sem autorização, sem motivo algum a não ser sua

curiosidade pessoal. Por que abrir aquela pasta? Um formigamento de animação que ele não sentia há anos deixa sua pele arrepiada. Por que foi até ali senão para abrir a pasta?

Toma cuidado para fechar a porta atrás de si, para deixar a chave virada no cilindro e então põe a caixa-arquivo em cima da mesa.

Abre-a e inspeciona lentamente os elementos

do

dossiê,

tomando

cuidado para depois recolocá-los no lugar exato.

Seu olhar recai sucessivamente em diferentes

fotografias

de

um

cadáver, Jérôme Morval, na margem de um regato. Os indícios desfilam entre seus dedos: outras fotos da

cena do crime, a da impressão de
uma sola em gesso; análises
criminalísticas
de
impressões
digitais, sangue, lama. Avança um
pouco mais depressa e se detém ao
encontrar outras imagens: cinco
fotografias de casais, do mais
platônico ao mais escabroso. Único
ponto em comum: Jérôme Morval, o
morto, está presente em todas elas.
O delegado Laurentin levanta a
cabeça, atento, tentando detectar
através da porta vermelha o mais
leve ruído de passos na escada.
Nada, tudo calmo. Examina em
seguida os maços de papéis: uma
lista de alunos da escola de Giverny;
a biografia mais ou menos detalhada
de indivíduos ligados ao caso,
Jérôme e Patricia Morval, Jacques e
Stéphanie Dupain, Amadou Kandy,
outros comerciantes de Giverny,

alguns vizinhos, críticos de arte,
coleccionadores;
anotações
manuscritas, muitas, praticamente
todas assinadas pelo inspetor Sylvio
Bénavides.

Agora
quase
todos
os
documentos estão dispostos em cima
da mesa. O formigamento que
eletriza a epiderme de Laurentin fica
ainda mais intenso. Só lhe resta um
indício a examinar: um relatório
amarelado da Polícia Militar de
Pacy-sur-Eure sobre um acidente –
um menino afogado em 1937, um tal
Albert Rosalba. As mãos do
delegado Laurentin começam a
tremer. Ele fica muito tempo naquela
sala
escura
tentando

entender,

tentando não esquecer nenhum

detalhe,

tentando

formar

uma

opinião sem prejulgamento. Mais

simples seria levar logo tudo ou

então tirar cópias.

O que é inconcebível.

Não é muito grave. Ele se dá

conta, não sem algum orgulho, que

ainda tem boa memória.

Só retorna à recepção mais de meia

hora depois. Parabéns, Liliane! Ela

o esperou.

—

Achou

o

que

estava

procurando, delegado?

— Achei, sim. Obrigado, Liliane.

O delegado Laurentin a observa

com afeto. Lembra-se do dia em que ela foi transferida para a delegacia de Vernon, mais de trinta anos antes.

Ele a recebeu na sua sala, a 33.

Liliane ainda não havia completado 25 anos. Já tinha aquele tipo de elegância bastante raro nas policiais do sexo feminino.

– Que tal o novo chefe, Liliane?

– Razoável. Pior do que o senhor.

Elegância.

– Liliane, posso lhe pedir um favor? Não entendo nada de informática. Você com certeza deve ser mais experiente do que eu, agora.

– Não sei. Que favor?

–

Uma

espécie

de...

de

contrainvestigação, eu diria. Imagino

que você saiba usar a internet.

Liliane sorri com segurança. O

delegado continua:

– Eu não. Me aposentei cedo demais. E não tenho nem filhos nem netos para me manter atualizado.

Preciso consultar um site, espere, anotei em algum lugar...

O delegado Laurentin vasculha os bolsos até encontrar um Post-it amarelo

rabiscado

com

uma

caligrafia tosca.

– Aqui está. Um site chamado Copains d’Avant. Estou procurando uma foto de Giverny. Uma foto escolar. Do ano letivo 1936-1937.

44

– JAMES! JAMES!

Fanette passa perto do lavadouro e atravessa o campo de trigo em que James pinta todos os dias. Traz

consigo, envolto em um grande
papel pardo, o quadro do laguinho
de nenúfares que começou a fazer
observando-o da ponte japonesa.

– James!

Fanette não vê ninguém na
campina, nem mesmo um cavalete,
nem mesmo um chapéu de palha.
Nenhum sinal de James. Gostaria de
fazer
uma
surpresa
para
o
americano, de lhe mostrar o seu
Ninfeias com as cores do arco-íris,
de ouvir seus conselhos, de lhe
explicar sua maneira de pintar as
linhas de fuga. Hesita. Olha em
volta, procura por alguns segundos,
em seguida esconde o quadro atrás
do lavadouro, em um espacinho que
identificou debaixo do cimento.

Bem escondidinho.

Levanta-se; gotas de suor brotam
no seu pescoço. Correu para chegar,
para encontrar quanto antes aquele
James, aquele preguiçoso. Torna a
atravessar a ponte.

– James! James!

Netuno, que dormia à sombra da
cerejeira no pátio do moinho da
bruxa, escutou seu chamado. Passa
pela entrada e vem trotando na sua
direção.

– Netuno, você viu o James?

Sem ligar para a pergunta, o cão
se afasta para farejar as samambaias
ali perto.

*Esse cachorro às vezes me
irrita.*

– James!

Fanette tenta se situar pela
posição do sol. James sempre segue
o sol, feito um grande lagarto, menos
por causa da luminosidade da
paisagem e mais pelo conforto da
sesta.

O preguiçoso deve ter pegado

no sono na campina.

– James, acorde, é Fanette.

Tenho uma surpresa.

Ela anda, segue andando. O trigo

a fustiga até a cintura.

Meu Deus!

Suas pernas perdem a força e

desabam.

O trigo à sua frente está

vermelho! Não só vermelho. Verde,

azul, laranja. As espigas coloridas

estão deitadas, como se alguém

houvesse brigado ali, como se

alguém houvesse deixado cair uma

paleta de tintas e rasgado os tubos.

O que terá acontecido?

Preciso pensar. Sei que os

moradores do vilarejo não gostam

muito de pintores sem-teto, mas daí

a brigar com James... Um artista

idoso e inofensivo.

Um imenso calafrio atravessa

Fanette. Ela se detém, paralisada. À

sua frente se estende uma trilha de
trigo
amassado,
de
espigas
avermelhadas, como um rastro
ensanguentado. Como se alguém
houvesse rastejado por ali.

James.

Os pensamentos de Fanette ficam
confusos.

*James sofreu um acidente, está
ferido, está esperando a minha
ajuda em algum lugar da pradaria.*

A trilha curva no trigal acaba
bruscamente, em plena plantação.
Fanette continua a avançar a esmo,
afasta as espigas, grita, para. A
pradaria é imensa.

– Netuno. Me ajude, me ajude a
procurar...

O pastor-alemão hesita, como
em dúvida do que se espera dele.

Então, de repente, sai correndo pelo

espaço plano. Em linha reta. Fanette tenta segui-lo; não é fácil: as espigas se agarram em seus braços, em suas coxas.

– Me espere, Netuno!

Obediente, o cachorro para 100 metros adiante, quase no meio da plantação. Fanette avança.

De repente, seu coração para de bater.

Atrás do pastor-alemão, o trigo está amassado num retângulo de 1 metro por 2, o espaço exato para comportar um corpo deitado.

Um caixão de palha. É a primeira imagem que me vem à cabeça.

James

está

ali.

Não

está

dormindo.

Está morto! Tem um talho

ensanguentado aberto entre o peito e a garganta. Fanette cai ajoelhada. Uma bile horrível sobe e inunda sua boca. Ela se limpa com um gesto canhestro usando um pedaço da blusa.

James está morto. Alguém o matou!

Moscas zumbem em volta da ferida aberta. O zumbido é medonho. Fanette sente vontade de gritar, mas não consegue. A bile ácida queima sua garganta e ela vomita um líquido viscoso em cima da calça e dos sapatos. Não tem coragem de limpá-los. Não tem mais coragem para nada. Torce as mãos. Um enxame de moscas lambe seus pés. Ela precisa de ajuda. Levanta-se e sai correndo feito uma louca. O trigo morde seus tornozelos e joelhos. Sua barriga a tortura. Ela tosse, cospe. Um filete de baba escorre por seu queixo, ela continua correndo e se limpa com as

costas da mão. Passa pelo regato,
pelo moinho, pelo Chemin du Roy,
sem diminuir a velocidade. Um
carro para bem na sua frente.

Babaca!

Fanette atravessa a rua e chega
ao vilarejo.

– Mãe!

Ela sobe a Rue du Château-
d'Eau. Agora está urrando:

– Mãe!

Fanette empurra com violência a
porta, que bate no gancho de casacos
preso à parede. Entra em casa.

Como sempre, sua mãe está em pé
na cozinha, atrás da bancada. De
jaleco azul. Com os cabelos presos
para trás. Larga tudo sem pensar:
faca, legumes.

–

Minha

pequena,

minha

pequeninha...

Sua

mãe

não

entende.

Instintivamente, abre os braços,
estende as mãos. Fanette só segura
uma delas.

E puxa.

– Mãe, você tem de vir...

rápido!

Sua mãe não sai do lugar.

– Por favor, mãe...

– O que houve, Fanette?

Acalme-se e me explique.

– Mãe, ele está... está...

– Calma, Fanette. De quem você
está falando?

Fanette tosse, engasga. Sente a
náusea voltar. Não pode perder o
controle. Sua mãe lhe estende um
pano de prato. A garota se limpa e
começa a chorar.

– Calma, Fanette, calma. Me
diga o que está acontecendo.

Ela afaga as mãos da filha e encosta seu ombro na própria têmpora, como um bebê que estivesse tentando fazer dormir.

Fanette engasga outra vez, então consegue articular:

– É o James, mãe. James, o pintor, ele morreu. Lá na plantação!

– Que história é essa?

– Venha. Venha!

Fanette se empertiga de repente e puxa a mão de volta.

– Venha! Rápido!

Me escute, mãe, pelo menos desta vez, por favor.

Sua mãe hesita. A menina repete a ordem cada vez mais alto:

– Venha! Venha!

Ela soa quase histérica. Algumas cortinas da Rue du Château-d’Eau se abrem. As vizinhas devem achar que é um chilique da menina. Uma pirraça! Sua mãe não tem outra escolha.

– Estou indo, Fanette, estou indo.

As duas atravessam a ponte do regato. Netuno voltou calmamente a dormir debaixo da cerejeira, no pátio do moinho. Fanette puxa a mãe pela mão.

Mais rápido, mãe.

Elas avançam pela pradaria.

– Ali!

Fanette caminha pela plantação.

Lembra-se do caminho, mesmo sem Netuno; reconhece o trigo amassado.

Avança mais um pouco e chega ao ponto exato em que James está deitado, tem certeza de que é ali.

– É aqui, mãe, exatamente aqui.

A mão que sua mãe está segurando cai, inerte. Fanette tem a sensação de ficar tonta. Arregala os olhos, sem acreditar.

Não há ninguém diante delas.

Nenhum corpo.

Devo

ter

confundido,

me

enganado por uns poucos metros.

– Era aqui, mãe. Ou bem perto
daqui.

A mãe de Fanette olha para a
filha com uma expressão estranha.
Mesmo assim, continua se deixando
guiar pela mão que a puxa. Fanette
procura mais um pouco, passa um
tempão andando pela plantação, fica
irritada consigo mesma, com tudo.

– Era aqui, ele estava aqui.

Sua mãe não fala nada e a segue
com
calma.

Uma
vozinha
dissimulada se insinua na mente de
Fanette, um minúsculo verme dentro
de uma fruta.

*Ela acha que sou louca. Mamãe
está achando que sou louca.*

– Era...

De repente, sua mãe para de
andar.

– Chega, Fanette!

– Ele estava aqui, mãe. Tinha um
ferimento profundo entre o coração e
o pescoço...

– Seu pintor americano?

– É, o James.

– Fanette, nunca vi esse seu
pintor americano. Ninguém nunca o
viu.

Nunca o viu. Como assim?

*Vincent viu, Paul também o
conhece... Todo mundo.*

– A gente precisa chamar a
polícia, mãe. Ele estava morto.
Alguém o matou. Alguém levou o
corpo dele e pôs em outro lugar.

*Não me olhe assim, mãe. Não
estou louca. Não estou louca.*

*Acredite em mim, você tem de
acreditar em mim...*

– Fanette, ninguém vai chamar a
polícia. Não houve crime, não tem

cadáver nenhum. Não existe pintor
nenhum. Você tem muita imaginação,
minha pequena Fanette. Imaginação
demais.

*Que conversa é essa? O que ela
está querendo dizer?*

Fanette berra:

– Não! Você não tem o direito
de...

Sua

mãe

se

abaixa

com

delicadeza até ficar com os olhos na
mesma altura dos da filha.

– Tá, Fanette. Retiro o que disse.

Estou disposta a acreditar em você,
a confiar em você mais uma vez.

Mas se o seu pintor existe, se ele
morreu e foi assassinado, alguém vai
perceber. Alguém vai procurar por
ele e encontrá-lo. Alguém vai avisar
a polícia.

– Mas...

– Uma menina de 11 anos não tem nada a ver com isso, Fanette. A polícia tem mais o que fazer agora, acredite. Eles já estão tendo de lidar com um cadáver, um cadáver de verdade, que todo mundo viu, e nenhum assassino. E nós já temos problemas suficientes sem precisar chamar ainda mais atenção.

Eu não estou louca!

– Eu não estou louca, mãe.

– Claro, Fanette. Ninguém disse isso. Agora já está tarde, é hora de voltar para casa.

Fanette chora. Sem forças, vai seguindo a mão que a guia.

Ele estava aqui.

James estava aqui. É impossível eu ter inventado tudo isso! É claro que James existe. James existe.

E os cavaletes, berra uma voz dentro da sua cabeça? Os quatro cavaletes? E a bela caixa de tintas?

E as telas? As facas de pintor?

Onde foi parar tudo isso?

Ninguém

desaparece

desse

jeito!

Eu não estou louca!

A sopa estava com um gosto ruim.

É claro que sua mãe apagara as perguntas que Fanette tinha escrito no quadro-negro e as substituirá por uma lista de compras. Legumes, como sempre. Uma esponja. Leite. Ovos. Fósforos.

A casa está escura.

Fanette sobe para o quarto.

Nessa noite, não consegue dormir.

Pensa se deveria desobedecer à mãe e ir contar tudo à polícia apesar do que ela falou. Amanhã.

*Eu não estou louca... Mas, se
for procurar a polícia sozinha,
mamãe nunca vai me perdoar. A
primeira coisa que a polícia vai*

fazer é vir contar tudo a ela.

Mamãe não quer se envolver com a polícia. Deve ser por causa das faxinas. Se os burgueses souberem que ela se meteu com a polícia, vão hesitar antes de contratá-la. Só pode ser isso.

Mas também não posso ficar sem fazer nada! Está difícil raciocinar, o pobre do meu cérebro mais parece uma geleia.

Preciso investigar.

Preciso entender o que aconteceu. Preciso encontrar as provas e mostrar para mamãe, para a polícia, para todo mundo.

Para isso, preciso que alguém me ajude!

Vou começar amanhã mesmo a fazer a investigação. Não, amanhã fico na escola o dia todo, vai ser demorado, muito demorado esperar

*trancada lá dentro. Mas assim que
sair da escola, amanhã à tarde, vou
investigar.*

Com Paul. Vou contar tudo a

Paul. Ele vai entender.

Eu não estou louca.

45

LAURENÇ SÉRÉNAC ATENDE O
telefone com uma pontinha de
preocupação. É raro alguém ligar à
uma e meia, em plena madrugada,
principalmente para seu número
pessoal. A voz do outro lado não o
tranquiliza: começa a sussurrar
coisas ininteligíveis. Tudo o que ele
consegue entender são as palavras
“maternidade” e “Estados Unidos”.

– Quem está falando, porra?

A voz se torna um pouco mais
audível:

– É o Sylvio, chefe. Seu
assistente.

– Sylvio? Puta que pariu, é uma
da manhã... Fale mais alto, pelo

amor de Deus, não estou entendendo

nada.

A

intensidade

do

timbre

aumenta:

– Estou na maternidade. Béatrice
está dormindo no quarto, aproveitei
e saí para o corredor... Tenho
novidades!

– É hoje o grande dia, então?
Queria que o seu chefe preferido
fosse o primeiro a saber? Dê meus
parabéns a Béatr...

– Não, não – interrompe Sylvio.

– Não estou falando do bebê, chefe,
estou

ligando

por

causa

da

investigação. É aí que temos

novidades. Em relação ao bebê e a

Béatrice, o negócio é *wait and see*.

Vimos desabalados para cá faz pouco, para a maternidade do hospital de Vernon. Ela achou que estivesse tendo contrações.

Esperamos duas horas no setor que supostamente é o pronto-socorro.

Para nada! Só para ouvir que o parto não ia ser agora, que o neném estava tranquilo, bem calmo, no quentinho, que estava tudo bem. No fim das contas, Béa insistiu tanto que eles acabaram lhe dando um quarto. Ah, aliás, chefe, Béatrice está mandando um oi.

– Eu também. Deseje a ela boa sorte.

Sérénac boceja.

– Bom, Sylvio, pode falar então.

Que novidade é essa?

– A propósito, e o seu dia, a casa e os jardins de Claude Monet,

como foi tudo? – retruca Bénavides

como se não tivesse ouvido nada.

Laurenç Sérénac hesita e busca a palavra certa:

– Perturbador! E você, no Belas-Artes de Rouen?

É a vez de Bénavides hesitar.

– Instrutivo.

– E foi por isso que você me ligou?

–

Não.

Consegui

muitas

informações novas lá, mas elas

complicam um pouco mais tudo o

que nós já sabíamos, vai ser preciso

peneirar.

Um barulho de passos ecoa no

telefone e por alguns segundos as

palavras do assistente se tornam

inaudíveis.

– Peraí, chefe, estão trazendo

uma menina numa maca, e tenho a

impressão de que a maca é maior do
que o elevador.

Sérénac aguarda um pouco,
então despeja sua irritação:

– Já acabou? Mas e a sua
informação? Fale logo!

– Que divertido isto aqui...

Sérénac suspira.

– Acabaram aí com a maca?

– Sim, acabou passando... na
vertical.

– Pelo visto você está se
divertindo, Sylvio.

– Estou tentando me adaptar,
chefe.

– Bem, muito bem. Mas então,
vamos

continuar

brincando

de

adivinhação até de manhã?

– Encontrei Aline Malétras.

Laurenç

Sérénac

abafa

um

palavrão.

– Está falando da gata de salto alto? A amante de Morval, a que trabalha para as galerias de arte de Boston?

– É, essa mesma. Por causa da diferença de fuso, não estava conseguindo falar com ela durante o dia.

Impossível.

Mas

acabei

encurralando a moça faz uns quinze minutos, entre um drinque e outro.

Devem ser mais ou menos oito da noite na Costa Leste dos Estados Unidos.

– E aí? Ela deu alguma informação?

– Sobre o assassinato de Morval, não. Ela parece ter um álibi indestrutível:

na

manhã

do

assassinato, estava saindo de uma
boate num subúrbio de Nova York,
espere aí...

Ele lê:

– Chamada Krazy Baldhead.

Tem uma penca de testemunhas. Vai
ser preciso checar, mas...

– Vamos checar, Sylvio, mas a
verdade é que ela não parece o tipo
de gata que volta sozinha para a
toca. E em relação a trabalho,
pintura, galeria e coleções, deu para
ver alguma ligação com Morval?

– Segundo ela, mais nenhuma.

Faz quase dez anos que não tem mais
nenhuma

notícia

do

nosso

oftalmologista.

– E o que você acha disso?

– Ela estava com pressa.

Abreviou a conversa. Lembrava-se apenas que ele era louco pelos quadros de Claude Monet e que, na época, ela achava isso, como dizer, meio “comum”, foi uma palavra assim que ela usou.

– E ela ainda trabalha para a Fundação Robinson?

– Trabalha. Segundo ela, é responsável pelas colaborações entre França e Estados Unidos. Exposições, recepção de artistas de um lado e outro do Atlântico, trocas de quadros...

– Em que nível?

– Ela praticamente deu a entender que tinha uma relação estreita com todos os pintores da moda de ambos os continentes e que ia buscar pessoalmente seus quadros nos ateliês e os carregava debaixo

do braço, mas pode ser que se
contente
em
lhes
oferecer
champanhe nos vernissages, quartos
escuros e o seu decote atrás de uma
toalha branca.

– Sei... Precisamos saber mais
sobre essa porra de Fundação
Robinson.

Sérénac dá outro bocejo.

– Olhe, Sylvio, sem querer
ofender, a bela Aline não lhe contou
grande coisa. Valia a pena me ligar
no meio da noite por tão pouco?

A voz de Sylvio recomeça a
sussurrar:

– Tem mais uma coisa, chefe.

– Ah...

Sérénac apura os ouvidos sem
interromper o assistente.

– Segundo Aline Malétras, ela
saiu com Jérôme Morval umas

quinze vezes, entre as quais a vez da
foto, que deve ter sido no clube Zed,
na
Rue
des Anglais,
no

arrondissement V de Paris. Isso faz
uns dez anos. Aline Malétras tinha
22 na época. Era uma moça
dádívosa, Morval tinha dinheiro,
tudo estava indo bem até...

– Fale mais alto, porra.

–

Até

Aline

Malétras

engravidar!

– O quê?

– É isso mesmo que eu disse.

– E... ela teve o Morvalzinho?

– Não.

– Como assim, “não”?

– Não. Ela fez um aborto.

– Tem certeza ou foi isso que ela

lhe disse?

– Foi o que ela me disse. Mas, com 22 anos, ela na certa não era o tipo de garota que sonhava com uma vida de mãe solteira.

– E Morval ficou sabendo?

– Ficou. Segundo ela, ele mexeu seus pauzinhos na área médica e pagou tudo.

– Voltamos ao ponto de partida, então. Em relação ao motivo do crime, não fizemos progresso algum.

Um novo barulho de passos ecoa pelo corredor do hospital. Ao longe, a sirene de uma ambulância ressoa. Bénavides aguarda um pouco antes de continuar:

– Mas essa criança estaria hoje com 10 ou 11 anos.

– Não existe criança, ela abortou.

– Sim, mas e se...

– Sylvio, não existe criança.

– Ela pode ter mentido.

– Nesse caso, por que contar que engravidou?

Um longo silêncio. A voz de Bénavides sobe um tom:

– Talvez ela não tenha sido a única.

– A única o quê?

– A única a ter engravidado de Jérôme Morval!

Outro longo silêncio. Então Bénavides prossegue, falando ainda mais alto que antes:

– Estou pensando, por exemplo, na quinta amante, chefe, a da brincadeira na sala da casa dele, a moça de jaleco azul que até agora não conseguimos identificar. Talvez se conseguíssemos decifrar

o código, aquelas porras de números no verso das fotos...

Pelo telefone, Sérénac ouve

passos se aproximarem, como se a enfermeira estivesse atravessando o corredor para avisar ao inspetor Bénavides que aquela confusão precisava acabar.

– Puta que pariu, Sylvio, você está me deixando doido com essas suas hipóteses sem pé nem cabeça e essas três colunas de merda.

Sérénac suspira.

– Vamos tentar dormir um pouco, isso sim. Amanhã acordamos cedo para tomar banho no rio de Giverny. Não esqueça a caçapa.

DÉCIMO DIA

22 de maio de 2010, Moinho de Chennevières

Sedimento

46

ANTIGAMENTE, QUEM CONSTRUIU O moinho, sobretudo a torre de menagem no centro, já devia ter essa ideia no fundo da mente, só pode ser: ser capaz de vigiar o vilarejo

todo da janela do quarto andar.

Podem chamar como quiserem essa torre situada logo acima das copas das árvores, mirante, torre de vigia ou portaria, mas uma coisa é certa: junto talvez com o campanário da igreja, é o melhor ponto de observação de Giverny.

Uma vista indevassável de todo o vilarejo, acreditem, da pradaria quase até a ilha das Urtigas, do regato até os jardins de Monet, e, como vocês podem imaginar, antes de mais nada o melhor e mais discreto camarote para o local do crime. O de Jérôme Morval, digo.

Vejam: agora mesmo, nas águas do

regato,

com

suas

calças

arregaçadas, os policiais parecem uns bobos. Descalços. Sem botas.

Devem ter ficado traumatizados. Até
o assistente, Sylvio Bénavides,
chapinha dentro d'água. O inspetor
Sérénac é o único que ficou na
margem, entretido em uma conversa
com um sujeito curioso, de óculos,
que enfia instrumentos estranhos na
água do regato e faz escorrer a areia
por objetos que parecem funis e que
se encaixam uns nos outros.

Netuno também está lá, claro;
vocês acham que ele perde alguma
coisa? Passa de uma samambaia a
outra farejando não sei o quê.

Contanto que haja animação, esse
cachorro está feliz. Além do mais,
acho que ele agora entendeu que o
inspetor Sérénac gosta dele e não é
avarento em matéria de afagos.

Olhem só, estou pouco ligando
para isso, mas a ideia dos policiais
de dragar o rio não é tão idiota
assim. Só que eles deveriam ter
pensado nisso antes. Vocês vão

deduzir que os policiais do interior da França não são lá muito rápidos, ou alguma outra crítica fácil desse tipo. Não esqueçam, porém, que o belo inspetor que dirige os trabalhos passou os últimos dias com os pensamentos entretidos com outra coisa. Se eu me atrevesse, diria que a primeira coisa em que ele decidiu investir sua atenção não foi o rio. Mas, enfim, vocês entendem, quando se é uma bruxa velha que não fala mais com ninguém, não faz sentido ficar fazendo joguinhos de palavras para si mesma. Assim sendo, contente-me em espionar em silêncio por trás da minha cortina.

47

TRÊS AGENTES DA DELEGACIA de Vernon vasculham o leito do regato. Cada centímetro quadrado. Não

parecem lá muito convictos. O
prefeito de Giverny lhes disse que o
rio era limpo mensalmente pela
equipe de meio ambiente.

– É o mínimo – acrescentou ele.

– Esse regato minúsculo carrega o
título de primeiro rio impressionista
da França! Isso merece algumas
mordomias.

O prefeito não estava mentindo.

Os

agentes

pescadores

só

conseguem encontrar poucos detritos
no fundo lamacento. Alguns papéis
engordurados, anéis de latinhas,
ossos de frango.

E pensar que essa merda toda
vai ser examinada pelos peritos de
criminalística...

Sylvio

Bénavides

está

com
dificuldade para manter os olhos
abertos. Pensa que, se continuar
assim, vai pegar no sono ali mesmo,
dentro d'água. Pensa que essas
coisas
acontecem
depressa. A
pessoa adormece. Basta um pouco
de falta de sorte para bater com a
cabeça numa pedra e sofrer um
ferimento
sem
gravidade,
mas
suficiente
para
deixá-lo
desacordado, o que basta para fazer
sua cabeça escorregar para dentro
d'água, para debaixo d'água, e
acabar
fazendo
você

morrer

afogado.

Sylvio está com pensamentos
sombrios nessa manhã. Na véspera,
após terminar o telefonema com
Laurenç Sérénac, não conseguiu
pegar no sono. As enfermeiras
queriam que ele voltasse para casa,
mas isso estava fora de cogitação!
Ser policial tem alguns privilégios.
Passou a noite vendo Béatrice
dormir e cochilando em cima de
duas cadeiras na sala de espera, em
frente aos cartazes que denunciavam
os malefícios do tabagismo e do
álcool para as gestantes. Teve tempo
de pensar e repensar nas porras das
suas três colunas, ainda totalmente
estanques.

Amantes, *Ninfeias*, crianças.

Ficou

recapitulando

esses

mistérios que se acumulavam havia

alguns dias. O que pensar da tal
lenda sobre as *Ninfeias* negras?
Amadou Kandy devia saber disso,
claro. Morval também. E o que tem
a ver com essa história toda o
acidente do tal menino em 1937,
Albert Rosalba, no mesmo local, ou
o postal de uma criança de 11 anos
ilustrado com uma reprodução das
Ninfeias e uma citação de Aragon?
E por que Aragon? Por que aquela
citação, “O crime de sonhar eu
consinto que seja instaurado”? Qual
pode ser o seu significado? Por que
aqueles números no verso das fotos
das amantes de Morval? No entanto,
ele adivinha, pressente que todas
aquelas peças se encaixam, que não
se deve descartar nenhuma, que
todas têm a sua importância.
Observa Sérénac. Não é fácil
determinar
se
o

chefe

está

particularmente concentrado nos

métodos

de

datação

do

sedimentologista

ou

se

aquela

operação toda não lhe interessa. O

problema é que a técnica do quebra-

cabeça não é o método preferido por

ele. Diante de um nó, a tendência de

Sérénac seria mais querer puxar

apenas um dos fios, e com força,

muita força. Sylvio tem a impressão

de que essa não é a solução, de que

isso vai apenas emaranhar tudo mais

ainda e que o único risco que

Sérénac corre é que o fio lhe

arrebente entre os dedos. E ele não

terá avançado em nada.

Sylvio repara que Louvel acabou
de limpar a areia de sua terceira
garrafa
pet.
Se
dragada
em
profundidade, a via fluvial real do
Impressionismo não é tão imaculada
assim. O sedimentologista analisa
todas as peças exumadas de maneira
sistemática e profissional, só para
confirmar
que,
se
elas
não
conheceram Claude Monet em vida,
tampouco cruzaram o caminho do
cadáver de Jérôme Morval.
Sylvio torna a pensar em
Sérénac. Não foi por falta de ele ter
tentado explicar as coisas para o
chefe. Sérénac concorda, concorda

com tudo, com as colunas, com os mistérios, com toda a confusão. O que não o impede de se fechar na própria intuição: para ele, tudo gira em torno de Stéphanie Dupain. A professora está correndo perigo. O perigo tem um nome: Jacques Dupain. Sérénac não sai disso. Objetivamente, examinando os fatos, Sylvio pensa que a professora tem tanto o perfil de uma suspeita quanto o de uma vítima em potencial. Disse isso ao chefe, mas o teimoso albigense parece preferir seguir o próprio instinto a fatos objetivos. O que ele pode fazer? Pensou muito nisso durante a noite. Sylvio é como Béatrice, no fundo gosta de Sérénac.

Paradoxalmente, ainda que os dois sejam diferentes, gosta de trabalhar

em parceria com ele. Questão de complementaridade, talvez.

No

entanto, tem a leve impressão de que Sérénac não vai durar muito na delegacia de Vernon. Aquilo está com cheiro de

transferência

relâmpago! Ali no Norte as intuições não são um método muito prezado.

Principalmente quando influenciadas menos pelo que se trama no cérebro de um policial do que pelo que acontece dentro da sua brag...

– Acho que encontrei alguma coisa!

Quem gritou foi o agente Louvel.

Na mesma hora, todos os policiais se aproximam.

Louvel mergulha duas mãos na areia e traz à tona um objeto

retangular

bastante

plano.

O

sedimentologista estende uma caixa plástica para que a areia possa escorrer. Aos poucos, dá para distinguir o que o policial está segurando. Em pouco tempo, não restam mais dúvidas.

O agente Louvel encontrou uma caixa de tintas de madeira.

Sylvio dá um suspiro. Mais um esforço por nada, pensa. Sem dúvida foi algum pintor que deixou a caixa cair, depois de chegar perto demais querendo pintar o regato. Em todo caso,

não

foi

Morval,

que

coleccionava quadros, mas não pintava.

Louvel pousa seu achado em uma das margens enquanto o sedimentologista despeja a areia que cobria a caixa de tintas dentro de seus funis e peneiras. A areia escorre.

– Quanto tempo faz que ela está aí dentro? – indaga o agente Maury, que se interessa por esse tipo de coisa.

O sedimentologista examina uma seção do menor dos funis.

– Menos de dois dias, no máximo. Essa caixa caiu no regato ontem, no mínimo, e no máximo no dia do assassinato de Morval, digamos. Estou me baseando na chuva que caiu no dia 17 de maio. As aluviões deslocadas durante o temporal são típicas. Elas vêm de cima, e desde então não choveu. Calculo uma margem de cinco dias antes e cinco depois.

Sylvio chega mais perto da

margem. A descoberta agora o
intriga. A caixa de tintas está
portanto enterrada na areia do regato
há no máximo dez dias. A data
poderia
corresponder
ao
assassinato. Sérénac também se
adiantou. Ambos estão a menos de 1
metro da caixa de madeira.

– Por favor, Sylvio – diz

Sérénac. – Queira ter a honra...

Você merece ser o primeiro a abrir
este tesouro – acrescenta, com uma
piscadela para o assistente. – Mas
vamos dividir os despojos em cinco
partes iguais.

– Feito os piratas?

– Isso mesmo.

Atrás deles, Ludovic Maury acha
graça. O inspetor Bénavides não
espera o chefe insistir e ergue a
caixa
de

tintas

até

poucos

centímetros dos olhos. A madeira é
antiga, laqueada e está curiosamente
muito pouco danificada apesar do
tempo
passado
dentro
d'água.

Apenas as dobradiças de ferro
parecem
enferrujadas.

Sylvio
decifra, um pouco apagada, algo que
lhe parece uma marca, *WINSOR &
NEWTON*, inscrita em maiúsculas
abaixo de um logo que representa
uma espécie de dragão alado. Em
letras
menores,
um
subtítulo
e s p e c i f i c a *The World's Finest*

Artists' Materials . Bénavides não entende nada daquilo, mas imagina que aquele seja um belo objeto, prestigioso, americano, antigo; será preciso checar.

– Então, vai abrir seu cofre ou não?

–

pergunta

Sérénac,

impaciente. – Queremos saber o que encontramos. Moedas de ouro, joias, um mapa do Eldorado...

Ludovic

Maury

dá

outra

gargalhada. Não é fácil saber se o agente aprecia de fato o humor do chefe ou se está exagerando. Sylvio, sem pressa, aciona as dobradiças enferrujadas. A caixa se abre como se fosse nova, como se houvesse sido usada na véspera mesmo.

Sylvio imagina encontrar pincéis,
tubos de tinta encharcados, uma
paleta,
uma
esponja.

Nada
especial...

Meu Deus do céu!

O inspetor Bénavides quase
larga a caixa dentro do regato. Meu
Deus...

Seus
pensamentos
se

entrechocam. E se ele estivesse
enganado desde o início e quem
tivesse razão fosse Sérénac?

Ele retesa os dedos sobre a
madeira e grita:

– Pelo amor de Deus, chefe,
venha ver isto! Rápido, venha ver
isto!

Sérénac dá um passo mais para
perto. Maury e Louvel fazem o

mesmo. O estupor do inspetor
Bénavides os pegou de surpresa.
Sylvio Bénavides segura a caixa
aberta para todos verem. Os
policiais encaram as folhas de
madeira com o respeito temeroso de
cristãos ortodoxos diante de um
ícone bizantino.

Todos leem a mesma frase,
gravada a faca na madeira clara da
caixa: *Ela é minha aqui, agora e
para sempre.*

O texto gravado é seguido por
dois entalhes cruzados. Uma cruz.
Uma ameaça de morte.

– Puta que pariu! – berra o
inspetor Sérénac. – Alguém jogou
esta caixa no regato menos de dez
dias atrás! Talvez no mesmo dia em
que Morval foi assassinado!

Limpa com a manga o suor que
lhe brota na testa e prossegue:

– Sylvio, vá arrumar agora
mesmo

um

especialista

em

grafologia e compare esta frase

gravada na madeira com a caligrafia

de todos os cornos de Giverny. E

ponha Jacques Dupain no alto da

lista!

Sérénac olha para o relógio de

pulso. São onze e meia da manhã.

– E quero isso antes de hoje à

noite!

Encara longamente o lavadouro

bem à sua frente. Deixa a animação

arrefecer, em seguida lança um

sorriso sincero para os quatro

homens em volta.

– Muito bem, rapazes! Vamos

terminar depressa a busca aqui no

regato e liberar o local. Acho que já

pescamos o maior peixe escondido

aí dentro.

Ele ergue um dos polegares na

direção do agente Maury.

– Que ideia incrível essa sua,
Ludo. Dragar o regato. Nós temos
uma prova, rapazes. Até que enfim!
Maury não se aguenta mais.
Sorri como uma criança que tirou
uma nota boa. Por sua vez, Sylvio
Bénavides, por força do hábito,
desconfia
dos
entusiasmos
excessivamente precipitados. Para
seu chefe, o “ela” da frase “Ela é
minha aqui, agora e para sempre” só
pode estar se referindo a uma única
mulher,
e
a
ameaça
foi
obrigatoriamente redigida por um
marido ciumento... de preferência
Jacques Dupain. No entanto, para
Sylvio, o “ela” da frase poderia,
pelo contrário, se referir a qualquer

coisa,

a

qualquer

um.

Não

necessariamente a uma mulher. “Ela

é minha” poderia também fazer

referência a uma criança de 11 anos

ou ainda a qualquer objeto do

gênero feminino. Uma pintura, por

exemplo.

Os policiais prosseguem a busca

metódica do regato com cada vez

menos convicção. Tudo o que

desenterram agora são uns raros

detritos. Aos poucos, o sol vai

girando e a sombra da torre de

menagem

do

moinho

de

Chennevières encobre a cena do

crime que os policiais começam a

abandonar. Antes de ir embora,

Sylvio Bénavides ergue diversas vezes os olhos em direção à torre; poderia jurar ter visto uma cortina se agitar lá em cima, no quarto andar. No instante seguinte, já esqueceu. Tem muito mais coisas com que se preocupar.

48

– CLAUDE MONET TEM algum herdeiro? Vivo, quero dizer?

A
pergunta
do
delegado

Laurentin deixa Achille Guillotin espantado. O delegado aposentado não fez nenhum rodeio, segundo lhe contou a secretária do Museu de Belas-Artes de Rouen. Ligou para o museu e pediu para falar com o melhor especialista em Claude Monet. Em outras palavras, com ele, Achille Guillotin! A secretária o contatou com urgência, pelo celular.

Ele estava em uma reunião com o departamento cultural do conselho geral sobre a operação “Normandia impressionista”. Mais uma reunião interminável. Foi quase com prazer que saiu para o corredor.

– Claude Monet, herdeiros...

Bem, delegado, é difícil dizer.

– Como assim, “difícil”?

– Bom... vou tentar ser o mais claro possível: Claude Monet teve dois filhos com a primeira mulher, Camille Doncieux: Jean e Michel. Jean se casou com Blanche, filha da segunda esposa, Alice Hoschedé.

Ele morreu em 1914 e Blanche em 1947; o casal não teve filhos.

Michel Monet, o último herdeiro de Claude, morreu em 1966. Alguns anos antes, em testamento, havia nomeado como seu legatário

universal o Museu Marmottan, ou seja, a Academia de Belas-Artes.

Esse museu de Paris até hoje abriga a coleção Monet e Seus Amigos, que contém mais de 120 telas. A mais importante coleção de...

– Não sobrou nenhum herdeiro, portanto – interrompe Laurentin. – A descendência de Claude Monet se extinguiu em uma única geração.

– Não exatamente – precisa Guillotin com um júbilo evidente. Laurentin tosse no fone.

– Como é? Guillotin deixa perdurar um curto suspense, então diz:

– Michel Monet teve uma filha ilegítima com a amante, Gabrielle Bonaventure, mulher lindíssima que exercia a profissão de manequim. Acabou oficializando a relação e se casando com ela em Paris, em 1931, depois da morte do pai.

O delegado Laurentin explode ao

telefone:

– Nesse caso, então a última herdeira é essa filha ilegítima! Ela é neta de Claude Monet.

– Não – responde Guillotin com calma. – Não. Curiosamente, Michel Monet jamais reconheceu a filha ilegítima, nem depois do casamento. Portanto, ela nunca recebeu um só centavo da fabulosa herança do avô. A voz do delegado Laurentin se torna fria:

– E como se chamava essa filha ilegítima?

Guillotin suspira.

– Qualquer livro sobre Monet cita o nome dela.

Henriette.

Henriette Bonaventure. Aliás, não sei por que estou falando no passado. Ainda deve estar viva,

pelo menos acho que sim.

49

16H31. EM PONTO.

Ao sair da escola, Fanette não
perde um segundo. Desce correndo a
Rue Blanche-Hoschedé-Monet e
corre direto para o Hotel Baudy.

Sabe que é lá que dormiam os
pintores americanos na época de
Monet: Robinson, Butler, Stanton
Young. Conhece a história, sua
professora lhe contou. Com certeza é
lá que um pintor americano deve
dormir hoje em dia. Lança um olhar
rápido para as mesas e cadeiras
verdes na varanda em frente, do
outro lado da rua, em seguida entra
desabalada no hotel-restaurant.

As paredes estão cobertas de
pinturas, telas e desenhos. Parece
um museu! Fanette se dá conta de
que é a primeira vez que entra no
Hotel Baudy. Gostaria de ter um
pouco mais de tempo para examinar

em

detalhe

as

prestigiosas

assinaturas no canto dos cartazes,
mas um garçom a espia de trás do
seu balcão. Fanette se aproxima. É
um balcão de carvalho claro bem
alto e Fanette precisa ficar na ponta
dos pés para que sua cabeça o
ultrapasse. Ela se suspende em
frente ao garçom usando as duas
mãos. Ele tem uma barba preta
comprida, um pouco parecida com
os retratos de Renoir pintados por
Monet.

Ele não parece nada divertido!

Fanette fala depressa, se enrola,
gagueja, mas Renoir parece acabar
entendendo que a menina está em
busca de um pintor americano,
“James”, e não, ela não sabe o
sobrenome. Um velho, de barba
branca. Com quatro cavaletes.

Renoir adota um ar de quem

lamenta.

– Não, senhorita. Não estamos hospedando ninguém que se pareça com o seu James.

A barba esconde sua boca; não é fácil distinguir se ele está se divertindo ou se está irritado.

– Já faz muito tempo que não se veem tantos americanos quanto na época de Monet, sabe, senhorita?

Babaca! Renoir, você não passa de um babaca!

Fanette torna a sair para a Rue Claude-Monet.

Paul

a

está

esperando lá fora; ela lhe contou tudo durante o recreio.

– E aí?

– Nada, ninguém!

– O que você vai fazer? Tentar nos outros hotéis?

– Não sei. De toda forma, não sei nem o sobrenome dele. Além do mais, tenho a impressão de que James dormia ao ar livre na maior parte do tempo.

– A gente poderia falar com os outros. Vincent, Camille, Mary. Se todo mundo procurar, a gente pode...

– Não!

Fanette quase gritou. Alguns clientes

do

Hotel

Baudy,

acomodados na varanda em frente, chegaram a se virar.

– Não, Paul. Já faz muitos dias que não suporto Vincent, com aquela cara de sonso dele... E se você contar para Camille, ele vai citar todos os pintores americanos que vieram para Giverny desde a pré-história. Não vai adiantar nada.

Paul ri.

– E Mary é pior ainda: primeiro, vai chorar, depois, vai correr para contar tudo à polícia. Você quer que a minha mãe arranque os meus olhos?

– Então o que a gente vai fazer?

Fanette observa o parque em frente ao Hotel Baudy, que vai até o Chemin du Roy: os rolos de feno a lançar um pouco de sombra sobre o gramado cortado rente, a pradaria a se estender mais atrás até a confluência do Epte com o Sena, a famosa ilha das Urtigas.

São as paisagens que fazem

James sonhar... Foi por causa das paisagens que ele abandonou tudo.

Seu Connecticut natal, a mulher e os filhos. Ele me contou.

– Não sei, Paul. Você acha que estou louca, não é?

– Não.

– Ele estava morto, eu juro.

– Onde, exatamente?

–

No

trigal,

depois

do

lavadouro, depois do moinho da

bruxa.

– Vamos.

Eles descem a Rue des Grands-

Jardins. A altura dos muros de pedra

das fachadas das casas parece ter

sido calculada exatamente para que

um máximo de sombra inunde a

ruela. O frescor teria quase bastado

para fazer Fanette tremer.

Paul tenta reconfortar a amiga:

– Você disse que James montava

quatro cavaletes para pintar. E tinha

também todos os seus instrumentos,

paletas, facas, sua caixa de tintas.

Com certeza ficou algum rastro, com

certeza ainda tem algum rastro por

lá.

Fanette e Paul passam mais de uma hora no trigal. Tudo o que encontram são as espigas de trigo amassadas, como se alguém houvesse morrido ali.

Pelo menos com esse caixão de palha eu não sonhei.

Ou então, segundo Paul, como se alguém tivesse se deitado ali por alguns minutos. Como saber qual dos dois?

Paul e Fanette acabam também identificando espigas manchadas de tinta. Algumas estão pintadas de vermelho, talvez seja sangue, eles não sabem. Como diferenciar uma gota de sangue de uma gota de tinta vermelha? Há também pedaços de tubos de tinta amassados. Só que isso não prova nada, nada mesmo. A não ser que alguém pintava aqui com frequência. Mas isso Fanette já sabe.

Eu não estou louca.

– Quem mais poderia ter visto o seu pintor? – indaga Paul.

– Não sei. Vincent?

– E sem ser Vincent? Algum adulto?

Fanette olha na direção do moinho.

– Sei lá, algum vizinho... A bruxa do moinho, talvez. Ela deve ver tudo do alto daquela sua torre!

– Vamos lá!

Me dê a mão, Paul. Me dê a mão!

50

NÃO TENHO COMO NÃO as ver.

Reparo quando elas se aproximam, as duas crianças! Elas passam pela ponte do regato e dão apenas uma olhada na direção das margens. No lugar exato em que os policiais acabaram de recolher a caixa de tintas coberta de areia.

Agora não resta mais um só policial, nenhuma fita amarela, nenhum cara de óculos com seus funis. Restam apenas o Ru, os

choupos e o trigal. Como se nada
fosse, como se a natureza não
estivesse nem aí.

E aquelas duas crianças que vão
chegando perto sem desconfiar de
nada. Inocentes. Se soubessem o
perigo que correm, pobres loucas.
Cheguem mais perto, crianças,
cheguem mais perto, não tenham
medo, atrevam-se a entrar na casa da
bruxa. Como nas histórias infantis,
como em *Branca de Neve*. Mas
desconfiem mesmo assim: não é a
minha maçã que está envenenada.
São as cerejas.

Questão de gosto.

Afasto-me da janela devagar. Já vi o
suficiente.

De fora, ninguém consegue me
ver, ninguém consegue saber se
estou aqui ou não. Se meu moinho
está deserto ou habitado. Nenhuma
luz me denuncia. A escuridão não
me incomoda, muito pelo contrário.

Viro-me para minhas *Ninfeias*

negras. Agora, gosto cada vez mais
de observá-las assim, no escuro.

Com a penumbra do recinto, a água
representada na tela parece quase
desaparecer. Os raros reflexos na
superfície do laguinho se apagam e
tudo o que podemos distinguir são as
flores amarelas dos nenúfares na
noite, como estrelas perdidas numa
galáxia distante.

51

– NÃO TEM NINGUÉM, estou falando
– diz Fanette.

A menina observa com atenção o
pátio do moinho. Pás de madeira
apodrecida mergulham na água do
regato. No peitoril do poço de pedra
está pousado um balde enferrujado,
corroído pelo musgo. A sombra da
grande cerejeira paira sobre quase
todo o pátio.

Paul insiste:

– É o que a gente vai descobrir.

Ele bate na pesada porta de
madeira. Por sua vez, demora-se
olhando para as sombras que
dançam no pátio de terra batida,
como se os objetos, as paredes e as
pedras houvessem sido abandonados
ali, ao sol, para secar por toda a
eternidade.

– Tem razão, este moinho dá
medo – diz.

– Na verdade, não – responde
Fanette. – Na verdade, acho que
adoraria morar num lugar assim
mais tarde. Deve ser muito legal
morar numa casa diferente das
outras.

*Às vezes, Paul deve me achar
esquisita.*

Paul contorna o moinho e tenta
olhar por uma das janelas do
primeiro andar. Ergue os olhos na
direção da torre de menagem, em
seguida torna a se virar para Fanette
e imita com gestos canhestros uma

boca torta e dedos curvos feito

garras.

– Tenho certeeeeeza de que aqui
mora uma bruuuuxa, Faneette... e
ela deteeesssta pintura, e vai pegar a
geeeente para...

– Pare com isso!

*Ele está com medo. Dá para
ver. Está bancando o valente, mas
está apavorado!*

De repente, um cão começa a
latir do outro lado do moinho.

– Merda, vamos embora!

Paul segura Fanette pela mão,
mas a menina dá uma gargalhada.

– Seu idiota! É Netuno, ele
dorme sempre aqui, à sombra da
cerejeira.

Fanette tem razão. Segundos
depois, Netuno chega mais perto,
late uma última vez e começa a se
esfregar nas suas pernas. Ela se
abaixa na direção do pastor-alemão.

– Você conhecia bem o James,

não é, Netuno? Você o viu ontem na
plantação.

Foi

você

quem

o

encontrou. Sentiu que ele estava lá.

Onde ele foi parar agora?

Pelo menos você sabe, Netuno,

que eu não estou louca!

Netuno se senta. Passa um tempo

observando Fanette. Seu olhar

acompanha por alguns segundos uma

borboleta que passa e então, com

uma espécie de preguiça igual à de

um lagarto sobre uma parede de

pedra, ele se arrasta até a sombra da

cerejeira. Fanette o segue com os

olhos. Percebe, estupefata, que Paul

trepou na árvore.

– Ficou maluco, Paul? O que

está fazendo?

Ele

não

responde.

Fanette

insiste:

– Essas cerejas não estão

maduras. Você está louco!

– Não, não é isso – sussurra

Paul.

No instante seguinte, o menino já
desceu. Na sua mão direita, brilham
duas fitas prateadas.

*Paul às vezes é mesmo um
idiota. Se acha que precisa bancar
o Tarzan para eu gostar dele...*

– É... – começa a explicar Paul
enquanto tenta recuperar o fôlego. –
É para afastar os passarinhos que
ficam rondando os frutos muito
bonitos!

Ele pula sobre os dois pés e
levanta uma nuvem de poeira, então
avança, leva um dos joelhos ao chão
e estica os braços, numa pose de
cavaleiro medieval.

– Para você, minha princesa,

prata para fazer seus cabelos
brilharem, para protegê-la sempre
dos abutres maus quando você ficar
famosa e for embora para longe,
para o outro lado do mundo.

Fanette tenta conter as lágrimas.

Impossível! É demais, aquilo é
demais para uma menina como ela: o
sumiço de James, as brigas com a
mãe por causa da pintura, do seu
pai, aquele concurso da Fundação
Robinson,

as

suas *Ninfeias* e,
principalmente, Paul, aquele idiota,
e suas ideias românticas esquisitas.

*Você é bobo demais, Paul! Bobo
demais, mesmo!*

Fanette

desenrola

as

fitas

prateadas dentro da mão e, com a
outra, acaricia o rosto de Paul.

– Levante, seu bobo.

Mas é ela quem se abaixa até a boca dele e ali deposita um beijo.

Um beijo demorado, demorado.

Como se fosse para sempre.

Ela agora está chorando sem se conter.

– Bobo. Três vezes bobo. Agora vai ter de suportar estas fitas prateadas nos meus cabelos a vida inteira. Já disse que a gente ia se casar!

Paul se levanta devagar e envolve Fanette nos braços.

– Venha, vamos embora daqui.

Nós estamos malucos. Ontem uma p e s s o a morreu. E tem também aquele outro, o cara que foi assassinado uns dias atrás. Melhor deixar a polícia cuidar disso. É perigoso, a gente não deve ficar aqui.

– E James? Tenho de...

– Aqui não, ele não está aqui...

aqui não tem ninguém. Fanette, se
você tem certeza, acho que é melhor
avisar a polícia! Nunca se sabe.

Talvez a morte de James tenha
alguma relação com o outro cara que
encontraram assassinado, entende o
que estou dizendo? O assassinato de
que todo mundo no vilarejo está
falando.

A
resposta
de
Fanette
é
categórica:

– Não!

*Não! Não! Não venha pôr
dúvidas na minha cabeça, Paul.*

Não!

– Mas então quem vai acreditar
em você, Fanette? Ninguém! James
vivia como um mendigo. Ninguém
prestava atenção nele.

Eles param um instante diante do

Chemin du Roy, esperam a estrada se liberar e atravessam. Algumas raras nuvens começam a se prender ao cume das encostas às margens do Sena. Os dois vão subindo sem pressa em direção a Giverny. De repente, Paul para.

– E a professora? Por que não falar com a professora? Ela gosta de pintura. Foi ela quem deu a ideia do concurso de jovens pintores, aquele da Fundação Robinson sei lá o quê. Talvez ela tenha visto James... Em todo caso, ela vai entender. Vai saber o que fazer.

– Você acha?

Vários pedestres ultrapassam as duas crianças na rua. Paul se vira para trás.

– Tenho certeza! É a melhor ideia.

Ele se inclina para junto de Fanette como quem vai fazer uma confidência.

– Vou lhe contar um segredo,
Fanette. Reparei que a professora
também usa fitas prateadas nos
cabelos. Na verdade, acho que é
assim
que
as
princesas
se
reconhecem nas ruas de Giverny.

Fanette segura sua mão.

Queria que o tempo parasse.

Que Paul e eu não saíssemos mais

do lugar, que só o cenário

desfilasse à nossa volta, sem parar,

como no cinema.

– Você tem de me prometer uma
coisa, Fanette.

As mãos deles se torcem como
cipós.

– Precisa terminar seu quadro.

Aconteça o que acontecer, você tem
de
ganhar

esse

concurso

da

Fundação Robinson! Isso é o mais importante.

– Não sei...

– É o que James teria dito, Fanette, e você sabe. É o que ele teria querido.

52

AS CRIANÇAS VÃO VIRAR na Rue du Château-d'Eau, vou perdê-las de vista. Pela cortina aberta, as silhuetas já estão meio embaçadas. Netuno, por sua vez, não liga para nada disso. Está dormindo debaixo da cerejeira.

Essa pobre menina acha que vai conseguir escapar. Faz-me rir! Acha que está pintando uma obra-prima, aquela que escondeu debaixo do lavadouro, e acha que pode voar acima do laguinho de Monet. Acima de Giverny. Desafiar a gravidade

com o simples poder da sua arte, do
geniozinho que os outros vivem
repetindo que é.

Ninfeias

cor
de
arco-íris!

Coitadinha da Fanette.

Que ridículo!

Viro-me para as minhas *Ninfeias*
negras. As corolas amarelas reluzem
entre os tons de luto depositados
pelo
pincel
de
um
pintor
desesperado.

Quanta vaidade!

Uma queda livre no laguinho, é
só isso que aguarda a pequena
Fanette. Afogada, presa sob a
superfície
de

nenúfares

como

debaixo da camada de gelo da água

de um lago no inverno.

Em breve, muito em breve agora.

Um de cada vez.

DÉCIMO PRIMEIRO

DIA

23 de maio de 2010, Moinho de

Chennevières

Insistência

53

DESTA VEZ, NÃO ESTOU na janela

espionando. Isso mostra, vejam

vocês, que, apesar das aparências,

não passo o dia só vigiando o

entorno. Enfim, não só.

Hoje de manhã, aliás, o barulho

das motosserras do lado de fora

estava insuportável. Fiquei sabendo

disso há pouco tempo. Ao que

parece, decidiram serrar 14 hectares

de choupos. Sim, abater os choupos!

Aqui, em Giverny! Pelo que entendi,

essas árvores foram plantadas no
início da década de 1980, umas
arvorezinhas de nada na época, sem
dúvida para tornar a paisagem ainda
mais impressionista. Só que os
especialistas, outros especialistas
decerto,
explicaram
que
esses
choupos não existiam na época de
Monet, que a paisagem da pradaria
que o pintor admirava da janela de
casa era aberta e que, quanto mais
os choupos crescem, mais sua
sombra cobre o jardim, o laguinho,
os nenúfares. E menos o fundo que
aparece nos quadros de Monet pode
ser reconhecido no horizonte pelos
turistas. Portanto, ao que parece,
ficou decidido que, depois de serem
plantados, agora os choupos vão ser
cortados! Por que não, afinal, se isso
os diverte? Alguns moradores de

Giverny reclamam, outros aplaudem.

Hoje, não estou nem aí, vou lhes
dizer.

Tenho muitas outras coisas para
cuidar. Hoje de manhã, estou
guardando
antigas
recordações,
coisas de antes da guerra, fotos em
preto e branco, esse tipo de relíquia
que só interessa aos velhos como eu.

Vocês

entenderam:

acabei

resolvendo esvaziar minha garagem
para encontrar a tal caixa de papelão
amassada e fechada por um barbante
de linho. Ela estava escondida
debaixo de três camadas de fitas
VHS, uma camada de vinis e 10
centímetros de extratos bancários do
Crédit Agricole. Dobrei a toalha de
mesa em quatro e espalhei as fotos
em cima.

Após
os
motores
das
motosserras, uma hora atrás, desta
vez o que me trouxe de volta
bruscamente à realidade foi a sirene,
como o toque de um despertador que
dispersa
os
sonhos
matinais,
entendem?

A sirene da polícia, esgoelando-
se pelo Chemin du Roy.

No segundo anterior, eu estava
molhando com minhas lágrimas a
única fotografia importante, no
fundo, uma fotografia de escola.

Giverny. Ano escolar 1936-1937.

Admito que a foto é bem antiga!

Estava examinando o retrato de uns
vinte alunos, todos com a bunda
obedientemente pousada sobre os

três níveis de uma arquibancada de madeira. Os nomes das crianças estão escritos no verso, mas não precisei virar a foto.

No banco, Albert Rosalba está sentado ao meu lado. Claro.

Passei muito tempo olhando para o rosto de Albert. A foto deve ter sido tirada pouco depois da volta às aulas, no feriado de Finados, ou nas semanas em torno.

Antes do drama.

Foi nessa hora que a sirene da polícia me arrombou os ouvidos. Levantei-me, claro. Como se um vigia de prisão, mesmo distraído, não corresse para a janela do seu mirante quando soa o alarme! Corri para minha janela, portanto. Enfim, “corri” é modo de dizer. Peguei minha bengala e, com dificuldade, fui em direção à vidraça e afastei discretamente a cortina com o auxílio do objeto.

Não perdi nadinha. Impossível
não ver os policiais! Toda a
cavalaria estava lá. Três viaturas.
Sirenes e giroscópios.

Não se pode negar que o
inspetor Sérénac faz as coisas com
vontade!

54

SYLVIO BÉNAVIDES ERGUE OS olhos
em direção à torre do moinho, que
desfila na velocidade máxima à sua
direita.

– Então – diz ele entre dois
suspiros. – Passei lá no moinho,
sabe, chefe? O senhor tinha me dito
para
não
descartar
nenhuma
testemunha,
principalmente
os
vizinhos.

– E?

– É estranho. O moinho parece deserto. Abandonado, se preferir.

– Tem certeza? O jardim tem um aspecto cuidado, a fachada também.

Em
várias
ocasiões,
quando
estávamos na cena do crime junto ao regato,
pensei
ter
visto
um
movimento lá, principalmente no alto, no último andar da torre. Uma cortina se mexendo na janela, algo assim.

– Também tive a mesma impressão, chefe. Eu também. Só que ninguém me atendeu e os vizinhos afirmam que ninguém mora lá há meses.

– Que estranho... Não venha me

falar outra vez numa *omertà* do vilarejo, numa mentira coletiva de todos os moradores, como naquela história da criança de 11 anos.

– Não.

Sylvio hesita um instante.

– Para dizer a verdade, os moradores apelidaram esse lugar de moinho da bruxa.

Sérénac sorri enquanto vê o reflexo da torre sumir no seu retrovisor.

– No caso, estaria mais para moinho do fantasma, não? Vamos, Sylvio, deixe isso para lá. Por enquanto temos outros assuntos urgentes.

Sérénac acelera ainda mais. Os jardins de Monet desfilam à sua esquerda em meio segundo. Jamais um passageiro terá uma visão tão impressionista assim do lugar.

– Aliás – acrescenta Laurenç –, falando em *omertà* do vilarejo...

Sabe o que Stéphanie Dupain me
contou ontem sobre a casa de Monet
e os ateliês?

– Não.

– Que procurando um pouco
seria possível encontrar, quase sem
estar escondidas, dezenas de telas
de
mestres.

Renoir,

Sisley,

Pissarro... além, é claro, de

Ninfeias inéditas de Monet.

– O senhor as viu?

– Um pastel de Renoir. Quem
sabe se...

– Ela estava tirando sarro com a
sua cara, chefe.

– Claro. Mas por que me contar
uma história assim? Ela disse
inclusive que isso era uma espécie
de segredo conhecido por todos de
Giverny.

Sylvio torna a pensar por um

breve instante na conversa que teve
com Achille Guillotin sobre as telas
perdidas de Monet. Uma tela
perdida e encontrada por um
desconhecido, por que não? Como
as famosas *Ninfeias* negras. Mas
dezenas delas, nossa!

– Ela está brincando com o
senhor, chefe. Isso é história para
boi dormir. Estou falando isso desde
o começo... E tenho a impressão de
que ela não é a única neste vilarejo
a estar fazendo isso.

Sérénac

deixa

passar

o

comentário e se concentra outra vez
na estrada, sem desacelerar. Sylvio
debruça o rosto lívido pela janela
aberta. Suas narinas tentam aspirar
arremedos de ar fresco.

– Tudo bem, Sylvio? – pergunta

Sérénac, preocupado.

- Mais ou menos... Tive de tomar uns dez cafés durante a noite para aguentar. Hoje de manhã, por outro lado, os médicos decidiram manter Béatrice no hospital até chegar a hora.
- Achei que você só tomasse chá sem açúcar.
- Eu também achava.
- O que está fazendo aqui, então, se a sua mulher está na maternidade?
- Eles vão me ligar se houver alguma novidade. O obstetra ainda vai passar lá. O neném continua no quentinho dentro do seu casulo, quietinho. Segundo eles, pode ser que ainda demore dias.
- E então você passou a noite inteira no caso outra vez?
- Isso... Preciso cuidar do caso, afinal, não? Béatrice, por sua vez, ficou o resto da noite no quarto roncando feito uma porquinha. Sérénac faz uma curva fechada

em direção à parte alta de Giverny,
pela Rue Blanche-Hoschedé-Monet.
Sylvio dá uma olhada no retrovisor.
Os dois carros de polícia estão atrás
deles. Maury e Louvel seguram
firme.

Sylvio

reprime

com

dificuldade uma golfada.

– Não se preocupe – continua

Sérénac. – O caso Morval agora

será resolvido em menos de meia

hora. Você vai poder armar uma

cama de campanha no hospital! Dia

e noite. Os especialistas em

grafologia foram bem claros: aquela

porra de mensagem gravada na caixa

de pintura, “Ela é minha aqui, agora

e para sempre”, corresponde à

caligrafia

de

Jacques

Dupain.

Admita que eu estava certo, Sylvio.

Era óbvio!

Sylvio sorve o ar de fora em

longas

inspirações.

A

estrada

Hoschedé-Monet sobe serpenteando

pela encosta e Sérénac continua a

dirigir feito um louco. Bénavides se

pergunta se vai conseguir aguentar a

subida toda. Obriga-se a ficar vários

segundos sem respirar, depois volta

com a cabeça para dentro do carro.

– Só dois especialistas em três,

chefe. E as conclusões deles são

mais do que nuançadas. Pelo que

disseram,

com

certeza

há

semelhanças entre as palavras

gravadas na madeira e a caligrafia

de Dupain, mas há também muitos

critérios

divergentes.

Minha

impressão

é

mais

que

os

especialistas não estão entendendo

bulhufas.

Os dedos de Sérénac tamborilam

o volante, nervosos.

– Escute, Sylvio. Assim como

você, eu também sei ler os

relatórios. Existe uma semelhança

com a caligrafia de Dupain, é esse o

parecer dos peritos, não é? Quanto

ao resto, as divergências, acho só

que gravar na madeira com uma

lâmina é um pouco diferente de

assinar um cheque. Está tudo

encadeado, Sylvio, não adianta

complicar as coisas. Dupain é um

ciumento

louco

desvairado.

Primeiro ameaça Morval com o texto do postal, a citação de Aragon tirada do poema “Ninfeu”: “O crime de sonhar eu consinto que seja instaurado”; segundo, confirma as ameaças pela mensagem da caixa de tintas; terceiro, mata o rival.

A

estrada

Hoschedé-Monet

agora se reduz a uma faixa de asfalto com 2 metros de largura que continua a virar antes de dar no platô do Vexin. Sylvio hesita novamente em contradizer Sérénac, em precisar que, diante das incoerências da perícia grafológica, Pelissier, o perito do tribunal de

Rouen, evocou a possibilidade de
uma tentativa canhestra de imitação.

Uma
curva
breve
para
a
esquerda.

Sérénac, que estava dirigindo no
meio da estrada, evita por um triz
um trator que vem descendo no outro
sentido. O agricultor apavorado
freia precipitadamente e vai parar
no acostamento. Faz bem. Sem
acreditar, vê mais dois bólidos azuis
infringirem sua prioridade.

– Pelo amor de Deus! – berra
Sylvio, olhando no retrovisor com
os olhos vesgos.

Ele inspira longamente, em
seguida se vira para Laurenç
Sérénac.

– Mas, chefe, o que a caixa de
tintas tem a ver com esta história

toda? Segundo as análises, essa caixa tem pelo menos oitenta anos. É uma peça de colecionador! Uma *Winsor & Newton*, a marca mais conhecida do mundo, ao que parece, que abastece os pintores há mais de 150 anos. A quem essa porra de caixa poderia ter pertencido?

Sérénac

continua

prestando

atenção nas curvas estreitas. As ovelhas distraídas na grama da encosta mal viram a cabeça ao ver passar os veículos ruidosos.

– Morval era um colecionador – diz Sérénac. – Gostava de objetos bonitos.

– Ninguém jamais o viu com a tal caixa de tintas! Patricia Morval, a viúva, foi categórica. Sem esquecer que a ligação com o crime não foi estabelecida. Essa caixa de tintas pode ter sido jogada no rio

por qualquer um, inclusive vários dias depois do assassinato de Morval.

– Encontraram sangue na caixa.

– Ainda é muito cedo, chefe!

Não temos resultado nenhum das análises. Nenhuma certeza de que se trate do sangue de Morval. Me desculpe, mas acho que o senhor está se precipitando.

Como em resposta, o inspetor Sérénac desliga por fim a sirene e para usando o freio de mão em um pequeno estacionamento de terra batida.

– Escute, Sylvio. Tenho uma motivação, uma ameaça à vítima escrita na caligrafia de Dupain, que não tem álibi e, muito pelo contrário, nos contou uma história grotesca de botas roubadas. Para mim isso basta! Quando as peças do seu quebra-cabeça se encaixarem de outra forma, aquelas suas porras de

três colunas, é só me avisar. Além
do mais, mesmo que você não
concorde, temos contra Dupain a
minha mais íntima convicção!

Sérénac desce do carro sem
esperar resposta. Quando Sylvio
coloca por sua vez o pé para fora,
sente o chão girar ao seu redor.

Pensa que decididamente o café,
assim como os excessos em geral,
não lhe cai muito bem e que seria
capaz de ir vomitar atrás dos
pinheiros

no

final

do

estacionamento.

Só que isso não seria muito

discreto. Três vans da Polícia

Militar estão estacionadas em cada

um dos cantos do estacionamento e

uma dezena de agentes desce delas

se

espreguiçando.

No

instante

seguinte, Louvel e Maury se acham
eles também obrigados a travar as
rodas dianteiras e derrapar no
cascalho.

Babacas!

O chefe trouxe artilharia pesada.

No mínimo uns quinze homens, boa
parte da delegacia de Vernon, além
dos policiais militares de Pacy-sur-
Eure e Ecos. Ele se esmerou mesmo,
pensa Sylvio, mascando o chiclete
de clorofila que Louvel acaba de lhe
oferecer. E está demonstrando um
gosto pela encenação talvez um
pouco supérfluo.

Tudo isso por causa de um
homem só.

Tudo bem, decerto armado!

Mas que não temos sequer
certeza de ser culpado.

O coelho ruivo sai correndo
desesperado em zigue-zagues pelo

gramado calcário, como se alguém
tivesse
lhe
ensinado
que
os
compridos tubos de aço empunhados
pelos três homens na sua frente
tivessem a capacidade de lhe tirar a
vida em meio a uma explosão
branca.

– Aquele dali é seu, Jacques.

Jacques Dupain nem levanta a
arma. Titou o observa, espantado,
antes de mirar o próprio fuzil. Tarde
demais. A lebre já sumiu entre dois
arbustos.

Cada um com sua magia.

Resta na sua frente apenas a
grama nua onde pastam os rebanhos
de
ovelhas
recentemente
reintroduzidos. Eles continuam a

descer na direção de Giverny pela
trilha da Astragale.

– Porra, Jacques, você não está
em boa forma – comenta Patrick. –
Acho que você não acertaria nem
uma ovelha.

Titou,

o

terceiro

caçador,

meneia a cabeça para confirmar.

Titou é um atirador bastante bom. Se
não tivesse deixado a lebre para
Jacques, esta não teria andado nem 2
metros. Fino de mira, como dizem
com frequência os amigos. Porque
em relação ao resto ele não é nada
fino.

– É por causa da investigação do
assassinato de Morval, não é? –
comenta
ele,
virando-se
para

Jacques Dupain. – Está com medo
de o policial meter você em cana só
para roubar Stéphanie?

Titou começa a rir sozinho.

Jacques Dupain olha para ele com
uma

irritação

contida.

Patrick

suspira. Titou insiste:

– É bem verdade que você não
dá sorte com Stéphanie. Logo depois
de Morval, agora é um policial que
está correndo atrás dela...

Seus pés deslocam o cascalho da
trilha da Astragale. Mais atrás, no
gramado da encosta, surgem duas
orelhas brancas e pretas.

Quando Titou começa...

– Vou dizer uma coisa: se você
não fosse meu amigo, Sté...

... a voz de Patrick troveja no
silêncio:

– Cale essa boca, Titou!

Titou deixa o final da frase
morrer na boca. Eles continuam a
descer a trilha; mais derrapam do
que caminham. Titou parece ruminar
alguma coisa na cabeça, então
começa a rir antes mesmo de dizer:

– Falando nisso, Jacques, minhas
botas não estão machucando seus
pés?

Titou não consegue se conter. Ri
desbragadamente e chega a ficar
com os olhos molhados. Patrick o
observa com incredulidade. Jacques
Dupain não esboça uma reação
sequer. Titou seca as pálpebras com
a manga da roupa.

– Estou de sacanagem, gente.

Jacques,

é

sério,

estou

de

sacanagem. Sei muito bem que você
não apagou Morval!

– Puta que pariu, Titou, pare com...

Dessa vez, é o fim da frase de Patrick que se perde no fundo da sua garganta.

À sua frente, o estacionamento onde eles haviam deixado seu furgão se transformou no Forte Álamo. Eles contam seis carros com giroscópios e quase duas dezenas de policiais.

Agentes civis e militares os encaram posicionados em um semicírculo, com a mão no quadril e os dedos no coldre de couro branco do revólver.

O inspetor Sérénac está parado logo à frente dos caçadores. Por instinto, Patrick dá um passo de lado. Sua mão se fecha em volta do tubo frio do cano do fuzil de Jacques Dupain.

– Calma, Jacques. Calma.

O inspetor Sérénac avança.

– Jacques Dupain, o senhor está preso pelo assassinato de Jérôme Morval. Queira vir conosco sem resistir.

Titou morde os lábios, joga o fuzil no chão e ergue duas mãos trêmulas. Como viu no cinema.

– Calma, Jacques – repete Patrick. – Não faça nenhuma besteira.

Patrick conhece bem o amigo.

Faz anos que eles saem, caminham e caçam juntos. Não está gostando, não está gostando nada mesmo daquele semblante de mármore, daquela ausência de expressão, quase

como

se

Jacques

não

respirasse mais.

Sérénac avança mais um pouco.

Sozinho. Desarmado.

Dois metros.

– Não! – grita Sylvio Bénavides.

O inspetor rompe o semicírculo de policiais e se posta quase ao lado de Sérénac. Talvez seja algo simbólico, mas Bénavides tem a impressão de quebrar com isso uma espécie de simetria; como se, ao atravessar a rua na hora errada, esperasse perturbar a mecânica implacável de um duelo de faroeste. Jacques Dupain leva a mão ao pulso de Patrick. Sem dizer nada. Patrick entende: não tem outra escolha senão largar o cano de aço.

Espera não se arrepender disso.

Por toda a vida.

Com temor, vê a mão de Jacques se retesar no gatilho e o cano do fuzil se erguer de leve.

Em condições normais, a mira de Jacques é ainda melhor do que a de Titou.

– Laurenç, pare – murmura

Sylvio, pálido.

– Jacques, não vá fazer besteira

– sussurra Patrick.

Sérénac avança mais um passo.

Menos de 10 metros o separam de Jacques Dupain. O inspetor ergue a mão devagar e encara o suspeito.

Sylvio Bénavides observa com temor um sorriso de desafio surgir no canto dos lábios de seu chefe.

– Jacques Dupain, o senhor...

O cano do fuzil de Jacques Dupain está agora apontado para Sérénac. Um silêncio impressionante tomou conta da trilha da Astragale. Titou, Patrick, os agentes Louvel e Maury, o inspetor Sylvio Bénavides, os quinze policiais, até mesmo os menos inteligentes, até mesmo os menos hábeis para adivinhar o que pode se esconder atrás de um cérebro... todos leem a mesma coisa no olhar frio de Jacques Dupain. Ódio.

A MOÇA ATRÁS DO guichê do
arquivo da prefeitura de Evreux
começa sempre suas frases com as
mesmas palavras: “O senhor checou
direito se...”. Ela imita com
aplicação a atitude da funcionária
soterrada de trabalho atrás da tela
dupla do computador e dos óculos
dourados, depois acaba olhando
para o velho, que agora está lhe
solicitando exemplares do saudoso
Républicain de Vernon , semanário
da região que, depois da Segunda
Guerra
Mundial,
virou
o *Le*
Démocrate. Todos os números,
entre janeiro e setembro de 1937.
– O senhor checou direito se
eles não tinham arquivos lá em
Vernon, na sede do *Le Démocrate*?
O delegado Laurentin mantém a

calma. Faz duas horas que está ali,
assombrando
aquele
arquivo,
tentando simular com humildade a
atitude do velhinho encantador,
atencioso com mulheres bem mais
jovens do que ele. Em geral, dá
certo.

Mas ali não.

A moça atrás do guichê não está
nem aí para suas gracinhas. É bem
verdade que, em volta das mesas de
madeira da sala de consulta do
arquivo, os dez presentes são todos
homens com mais de 60 anos,
historiadores
amadores
septuagenários
ou
então
genealogistas
arqueólogos
pesquisando as próprias raízes... e

todos usam a mesma estratégia do

delegado

Laurentin:

um

cavalheirismo um pouco fora de

moda. Laurentin suspira. Tudo era

mais simples quando ele podia

simplesmente colar seu distintivo da

polícia no nariz de um funcionário

entediado. É claro que a moça atrás

do guichê não tem como saber que

está lidando com um delegado de

polícia.

– Já chequei, senhorita –

esclarece o delegado Laurentin com

um sorriso forçado. – Eles não têm

nada anterior a 1960 no arquivo da

sede do *Le Démocrate*.

A moça recita sua litania de

sempre:

– O senhor checkou direito no

arquivo municipal de Vernon?

Checou direito o anexo das revistas

em Versalhes, no Arquivo Nacional?

Checou se...

Será que essa menina recebe

dinheiro dos concorrentes?

O delegado Laurentin se refugia

na

resignação

paciente

do

aposentado que dispõe de todo o

tempo do mundo.

– Chequei, sim! Sim! Sim!

Por enquanto, suas pesquisas

relacionadas

a

Henriette

Bonaventure,

misteriosa

última

herdeira em potencial de Claude

Monet, não tiveram absolutamente

nenhum resultado. Isso não tem

muita importância. O que ele quer

seguir é outra pista, uma pista em

princípio sem qualquer relação.

Para isso, sabe que basta aguentar até a hora em que a moça do guichê entenderá que vai perder mais tempo tentando se livrar daquele velhinho teimoso do que acatando o seu pedido.

Sua tenacidade acaba rendendo frutos. Mais de meia hora depois, o delegado Laurentin está com o semanário na sua frente.

Le Républicain de Vernon.

Um velho número amarelado que ele deve ser a primeira pessoa a exumar: edição de sábado, 5 de junho de 1937. Ele se demora alguns instantes nas manchetes da publicação, que misturam notícias nacionais com outras da região. Lê na diagonal um editorial comovente sobre a

Europa

em

chamas:

Mussolini comemora seu pacto com

Hitler, os bens dos judeus são

confiscados

na

Alemanha,

os

franquistas derrotam os republicanos

na Catalunha. Abaixo do editorial

dramático

explodem

em

uma

fotografia fora de foco o penteado

louro-platinado e os lábios negros

de Jean Harlow, estrela norte-

americana falecida dias antes, aos

26 anos. A parte inferior da primeira

página é dedicada a assuntos mais

regionais: a inauguração próxima, a

menos de 100 quilômetros de

Vernon, do aeroporto de Bourget; a

morte de um trabalhador agrícola espanhol encontrado pela manhã, com a garganta cortada, numa balsa atracada em Port-Villez, quase em frente a Giverny.

O delegado Laurentin abre por fim a página 2. A matéria que está procurando ocupa meia página: “Acidente mortal em Giverny”.

O jornalista anônimo detalha em uma dezena de linhas, dispostas em duas

colunas,

as

trágicas

circunstâncias

da

morte

por

afogamento de um menino de 11 anos, Albert Rosalba, na localidade conhecida como La Prairie, perto do lavadouro doado por Claude Monet e do moinho de Chennevières, no

canal secundário escavado a partir
do rio Epte. O menino estava
sozinho. A Polícia Militar concluiu
que foi um acidente: a criança teria
escorregado e batido com a cabeça
em
uma
pedra
na
margem.

Inconsciente, Albert Rosalba, por
sinal exímio nadador, afogou-se em
20 centímetros de água. A matéria
cita a seguir a dor da família
Rosalba e dos coleguinhas de turma
do pequeno Albert. Inclui até mesmo
algumas linhas sobre a polêmica que
não cessa de aumentar: já faz mais
de dez anos que Claude Monet
morreu, não seria melhor cortar
aquele braço de rio artificial e secar
aquele
laguinho
de

nenúfares

insalubre

e

praticamente

abandonado?

Uma fotografia fora de foco

acompanha a notícia. Albert Rosalba

está posando com uma camisa preta

abotoada até o pescoço, os cabelos

cortados curtos, sorrindo atrás da

sua carteira na escola. Uma imagem

comovente

de

menino

bem-

comportado.

É ele mesmo, pensa o delegado

Laurentin.

Pega uma foto da turma na

sacola junto a seus pés. Data e local

estão indicados em um quadro-negro

pendurado em uma árvore no pátio

da escola: “Escola Municipal de

Giverny – 1936-1937”.

Foi Liliane Lelièvre que, em três cliques, desencavou aquela imagem de arquivo no site Copains d'Avant, exatamente como Patricia Morval tinha lhe dito ao telefone. De acordo com o que Liliane lhe falou, trata-se de um site onde é possível visitar as turmas das quais você fez parte desde o maternal, encontrar os rostos de pessoas com quem se conviveu a vida inteira, e não só nas carteiras escolares: todos aqueles com quem se frequentou uma fábrica, um regimento, uma colônia de férias, uma academia esportiva, uma escola de música... ou então de pintura.

Chega a ser surrealista, pensa o delegado Laurentin. É como se não houvesse mais necessidade de a pessoa se lembrar sozinha. Adeus, Alzheimer. É como se a vida inteira ficasse arquivada,

classificada,

desvendada, e até disponível para ser compartilhada... Enfim, quase.

A maioria das fotos do site é de dez anos atrás; vinte ou trinta no máximo. Estranhamente, aquela foto escolar de 1936-1937 é de longe a mais antiga.

Estranho.

Como se Patricia Morval a tivesse posto na internet justamente para ele encontrar. O delegado Laurentin torna a se concentrar nas imagens.

Sim, é ele mesmo.

A foto do *Le Républicain de Vernon* corresponde perfeitamente àquele menininho na foto escolar, sentado no meio da segunda fileira.

Albert Rosalba.

Por outro lado, não há nenhum nome de criança na fotografia escolar tirada do site Copains d'Avant. Os nomes deviam estar

anotados no verso do original...

Paciência. Laurentin fecha o *Le*

Républicain de Vernon de 5 de

junho de 1937 e abre os números

seguintes. Demora-se lendo as

páginas

de

notícias

locais,

examinando os detalhes. Na edição

de 12 de junho de 1937 há uma

notícia sobre o velório de Albert

Rosalba na igreja de Sainte-

Radegonde, em Giverny. Sobre a

dor de seus familiares.

A notícia tem três linhas.

Laurentin continua a abrir e

fechar as publicações, que vão se

acumulando em uma pilha sob o

olhar preocupado da moça do

guichê.

15 de agosto de 1937.

O delegado Laurentin encontra

enfim o que estava procurando. Uma

matéria pequena, quase nada, umas poucas linhas, sem fotografia, mas cujo título não deixa margem para dúvidas:

A FAMÍLIA ROSALBA SE MUDA DE GIVERNY.

ELA NUNCA ACREDITOU NA TESE DO ACIDENTE.

Hugues e Louise Rosalba, operários há mais de quinze anos nas fundições de Vernon, tomaram a decisão de se mudar do vilarejo de Giverny. Lembremos que eles foram atingidos, dois meses atrás, por um acontecimento trágico: após uma queda inexplicável, seu filho único, Albert, afogou-se acidentalmente no Ru, que margeia o Chemin du Roy. O afogamento provocou uma breve polêmica no conselho municipal em relação a secar esse braço do Epte e os jardins de Monet. Para explicar sua partida, o casal Rosalba

*mencionou a impossibilidade de
seguir morando no cenário em que
seu filho encontrou a morte. Mas o
detalhe mais estranho é que Louise
Rosalba afirma que o que a motiva
em primeiro lugar a se mudar é o
silêncio*

perturbador

dos

*moradores. Segundo ela, seu filho
Albert nunca passeava sozinho pelo
vilarejo. Assim como afirmou
diversas vezes à polícia, ela me
reiterou: na sua opinião, “Albert
não estava sozinho na beira do
regato.*

Com

certeza

há

testemunhas.

Com

certeza

há

pessoas que sabem”. Ainda de

acordo com Louise Rosalba: “Esse acidente convém a todo mundo. Ninguém quer um escândalo em Giverny. Ninguém quer encarar a realidade.”

Comovente convicção de uma mãe ferida... Vamos desejar boa sorte ao casal Rosalba para reconstruir sua vida longe dessas lembranças macabras.

O delegado Laurentin relê várias vezes a matéria, fecha a publicação, em seguida examina longamente todos os outros números do *Le Républicain de Vernon* do ano de 1937, mas não encontra nenhum artigo dedicado ao caso Rosalba. Permanece um bom tempo parado. Por um segundo, pergunta-se o que está fazendo ali. Será que sua existência ficou vazia a tal ponto para que passe os dias a perseguir a primeira quimera que aparece? Seu olhar abarca a sala e a dezena de

outros amadores de arquivos, todos
concentrados
nas
pilhas
de

documentos amarelados. Cada qual
com a sua busca. A caneta do
delegado desliza pelo bloco de
anotações. $2010 - 1937 = 73$.

Ele faz um cálculo rápido. O
pequeno Albert tinha 11 anos em
1937, tendo portanto nascido em
1925 ou 1926. O casal Rosalba
poderia ter hoje pouco mais de 100
anos. Uma centelha passa diante dos
olhos do delegado Laurentin.

Talvez eles ainda estejam vivos.

A moça atrás do guichê observa o
delegado se aproximar com a
expressão do funcionário que vê um
cliente surgir bem na hora de fechar.
Só que são mais ou menos onze da
manhã e o arquivo fica aberto o dia
inteiro. O delegado Laurentin arrisca

um número de charme à moda dos
velhos atores da era de ouro de
Hollywood,
daqueles
que
não
saberíamos dizer se ainda estão
vivos ou não. Um misto de Tony
Curtis e Henry Fonda.

– A senhorita teria uma lista
telefônica virtual? Estou procurando
um endereço, é bastante urgente...

A moça leva uma eternidade
para levantar a cabeça e soltar:

– O senhor checkou direito se...

O
delegado
explode,
literalmente, colando sua identidade
sobre o nariz dela:

–

Delegado

Laurentin!

Da

delegacia de Vernon! Aposentado,
admito, mas isso não me impede de
continuar fazendo o meu trabalho.

Então, mocinha, se desse para
acelerar um pouco as coisas...

A moça suspira. Sem pânico ou
raiva aparentes. Como se estivesse
acostumada com as excentricidades
dos anciãos que vêm vasculhar o
arquivo e que de vez em quando,
sabe-se lá por quê, dão um chilique.

Mesmo

assim,

acelera

ostensivamente o ritmo dos dedos
sobre o teclado.

– Qual nome está procurando?

– Hugues e Louise Rosalba.

A moça digita. *Allegro*.

– Quer um endereço? – indaga
ele.

– No caso de Hugues Rosalba
não vai ser preciso – diz a moça em
tom sóbrio. – Sempre checo antes de

mobilizar a Interpol. Questão de hábito! Hugues Rosalba morreu em 1981, em Vascoeil.

Laurentin absorve o golpe. Não há nada a dizer. A moça do guichê é mesmo organizada.

– E a mulher dele, Louise?

A moça torna a digitar.

– Nenhuma menção de óbito.

Nenhum
endereço
conhecido
tampouco.

Beco sem saída!

Laurentin examina o cômodo branco em volta à procura de uma ideia. Só para ver o que acontece, tenta lançar para a moça um olhar de cachorro carente *à la* Sean Connery.

A resposta é um suspiro de exasperação do outro lado do guichê.

– Em geral, para encontrar pessoas a partir de uma certa idade,

melhor do que a lista telefônica é
procurar entre os residentes das
casas de repouso – diz a moça com
uma voz cansada. – Tem um montão
delas aqui no Eure, mas, se a sua
Louise
morava
em
Vasœuil,
podemos
começar
pelas
mais
próximas de lá.

Sean Connery torna a sorrir. Por
pouco, a moça poderia achar que é
Ursula Andress. Ela agora metralha
o teclado com os dedos. Os minutos
passam.

– Consultei os estabelecimentos
pelo Google Maps – diz ela por fim.
– O mais próximo de Vasœuil, sem
dúvida nenhuma, é o Les Jardins, em
Lyons-la-Forêt. Deve ser possível

encontrar informações sobre os
residentes. Qual nome o senhor
disse mesmo?

– Louise Rosalba.

As teclas crepitam.

– Eles devem ter um site,
afinal... Ah, achei.

Laurentin

torce

o

pescoço

tentando espiar uma parte da tela do
computador. Mais alguns minutos
passam. A moça levanta a cabeça,
triunfante.

– Bingo! Consegui a lista
completa de residentes. Viu, não foi
tão complicado assim. Achei a tal
pessoa
que
o
senhor
está
procurando. Louise Rosalba. Entrou

há quinze anos na casa de repouso
de Lyons-la-Forêt e, pelo visto,
continua lá... Tem 102 anos! Vou
logo
avisando,
delegado:
não
garanto a assistência técnica.

Laurentin sente o coração se
acelerar perigosamente. Repouso,
repouso, não para de lhe repetir seu
cardiologista. Meu Deus! Será
possível? Será que ainda existe uma
testemunha?

Uma última testemunha?

E viva?!

56

AS TRÊS VIATURAS DA Polícia

Militar descem a estrada Hoschedé-
Monet com todas as sirenes aos
berros. Não se dão sequer ao
trabalho de contornar o vilarejo e
cortam pelo caminho mais curto:
Rue Blanche-Hoschedé-Monet, Rue

Claude Monet, Chemin du Roy.

Giverny desfila.

A prefeitura.

A escola.

Ao ouvir as sirenes, todas as
crianças da turma viram a cabeça e
têm uma só vontade: correr até a
janela. Stéphanie Dupain as contém
com um gesto calmo. Nenhuma das
crianças reparou como ela está
abalada. Para manter o equilíbrio, a
professora põe a mão sobre a mesa.

– Crianças... crianças... Calma!

Vamos voltar para a lição.

Ela pigarreia para limpar a voz.

As sirenes da polícia continuam a
ecoar dentro da sua cabeça.

– Então, crianças, eu estava

falando

sobre

o

Desafio

Internacional

Jovens

Pintores,

organizado pela Fundação Robinson.

Lembro a vocês que só faltam mais dois dias para entregar seus quadros. Espero que este ano muitos de vocês aproveitem essa chance.

Stéphanie não consegue afastar a imagem do marido lhe sorrindo naquela manhã, quando ela ainda estava na cama, dando-lhe um beijo e pousando uma das mãos no seu ombro: “Bom dia para você, meu amor.”

Continua a recitar uma lição tantas vezes repetida:

– Sei muito bem que nenhuma criança de Giverny jamais ganhou o concurso, mas tenho certeza também de que, quando o júri internacional vir que uma das candidaturas veio da escola de Giverny, isso vai ser uma tremenda vantagem para vocês!

Stéphanie

revê

Jacques

colocando a cartucheira... Jacques
soltando da parede o fuzil de caça...
– Crianças, Giverny é um nome
que faz sonhar pintores do mundo
inteiro.

Mais

dois

bóldos

azuis

atravessam o vilarejo. Sem querer,
Stéphanie se sobressalta, em pânico.

Impotente.

Os

carros

sequer

diminuíram

a

velocidade

para

atravessar o vilarejo, por assim
dizer.

Laurenç?

Ela tenta se concentrar outra vez.

Olha para os alunos e passa em revista um a um os rostos à sua frente. Sabe que, entre aqueles alunos, alguns são particularmente talentosos.

– Observei que entre vocês existem alguns e algumas com muito talento.

Fanette baixa os olhos. Não gosta muito quando a professora olha para ela desse jeito. Fica encabulada.

Sinto que ela vai falar de mim.

– Estou pensando em você, Fanette.

Estou pensando particularmente em você. Conto com você!

O que foi que eu disse?

A menina fica vermelha até as orelhas. No instante seguinte, a professora se vira para o quadro-negro. No fundo da sala, Paul pisca

o olho para Fanette. O menino se estica sobre a carteira em frente a Vincent, sentado ao seu lado, e estica o pescoço para se aproximar um pouco mais da menina.

– A professora tem razão, Fanette! É você quem vai ganhar esse concurso.

Você e mais ninguém!

Mary está sentada logo na frente deles, dividindo a carteira com Camille. Vira-se para eles.

– Shh...

Todas as cabeças se imobilizam de repente.

Alguém bate à porta.

Stéphanie vai abrir, nervosa.

Depara com o

semblante

transtornado de Patricia Morval.

– Stéphanie... Preciso falar com
você. É... é importante.

– C-crianças, me esperem aqui.

Mais uma vez, a professora tenta
fazer com que nenhum de seus gestos
traia, na frente das crianças, o
terrível pânico que a domina.

– Vou demorar só um instante.

Stéphanie sai. Fecha a porta
atrás de si e avança até o pátio da
prefeitura,
debaixo
das
tílias.

Patricia Morval não disfarça a
agitação.

Veste

uma

jaqueta

amarrotada que não combina com a
saia

verde-garrafa.

Stéphanie

observa que o coque da mulher, em geral impecável, foi feito às pressas.

Por pouco ela não saiu para a rua de roupão.

– Foram Titou e Patrick que me avisaram – sai falando Patricia de uma vez só. – Jacques foi preso ao pé da trilha da Astragale quando eles estavam voltando da caça.

Stéphanie leva a mão ao tronco

da

tília

mais

próxima.

Não

compreende.

– O quê? Que história é essa?

– O inspetor Sérénac... ele prendeu Jacques. Ele o acusa de ter assassinado Jérôme!

– Lau... Laurenç...

Patricia

Morval

encara

Stéphanie com um ar estranho.

– Sim, Laurenç Sérénac. Aquele policial.

– Meu Deus.. E Jacques não...

– Não, não, fique tranquila, seu marido não teve nada. Pelo que me disseram, ainda bem que Patrick estava lá. O assistente de Sérénac também, o inspetor Bénavides. Eles impediram por um triz que a coisa não virasse uma carnificina. Dá para acreditar

numa

coisa

dessas,

Stéphanie? Sérénac, aquele louco, acha que foi Jacques quem matou meu Jérôme.

Stéphanie sente que as pernas têm dificuldade para sustentá-la e deixa o corpo desabar contra o tronco claro da árvore. Precisa respirar. Precisa pensar com calma.

Precisa voltar para sua turma; seus
alunos estão esperando. Precisa
correr até a delegacia. Precisa...

As mãos de Patricia Morval
torcem a gola de sua jaqueta
amarrotada.

– Foi um acidente, Stéphanie.

Desde o começo quis acreditar que
foi um acidente. Mas e se eu estiver
errada? Se estiver errada e alguém
tiver de fato matado Jérôme? Diga
para mim, Stéphanie: não pode ser
Jacques? Me diga que não pode ser
Jacques...

Stéphanie

encara

Patricia

Morval com seu olhar de ninfeias.

Olhos assim não podem mentir.

– É claro que não, Patricia. É
claro que não.

57

ESTOU

ESPIONANDO

AS

DUAS

mulheres. Enfim, espionar é uma
palavra meio forte. Estou apenas
sentada em frente, do outro lado da
rua, a poucos metros da Art Gallery
Academy, sem nem por isso ficar
muito
perto
da
escola.

Não

totalmente

invisível,

apenas

discreta. Apenas no lugar certo para
não perder nada da cena. Tenho
bastante talento para isso, acho que
vocês já perceberam. Na verdade,
não é muito difícil. Patricia e
Stéphanie estão falando alto. Netuno
está deitado a meus pés. Como todos
os dias, espera as crianças saírem.

Esse cachorro tem umas manias... E

eu, como uma velha gagá, cedo ao desejo dele e venho até aqui quase todos os dias, esperar junto com ele o fim das aulas.

Enquanto isso, Netuno precisa se contentar com uma saída de escola que lhe dá muito menos vontade de abanar o rabo: a saída dos pintores da Art Gallery Academy. Uma quinzena de artistas tão promissores quanto uma bancada de senadores. É claro

que

todos

puxam

seus

carrinhos de pintura e exibem seus

crachás vermelhos para não se

perderem. É o fim das aulas da

terceira idade! Turma internacional:

canadenses, americanos, japoneses.

Tento me concentrar na conversa

entre Stéphanie Dupain e Patricia

Morval. Não falta muito para o

desfecho, em breve teremos o último
ato da antiga tragédia. O sacrifício
sublime.

Você não tem mais escolha,
minha pobre Stéphanie.

Vai ter de...

Não acredito!

Um pintor estaca bem na minha
frente: um octogenário americano
típico, com o boné de Yale enfiado
na cabeça e meias por dentro das
sandálias de couro.

O que ele quer comigo?

– Mil perdões, *miss*.

Ele pronuncia todas as palavras
com um sotaque sulista. Deixa um
intervalo de três segundos entre cada
sílabas, o que significa menos de uma
frase por minuto.

– Com certeza é daqui, não,
miss? Com certeza conhece algum
lugar original para pintar.

Sou quase grosseira:

– Ali em cima, a 50 metros, tem

uma placa! Um mapa com todas as trilhas e todas as vistas.

Dez segundos por frase, bati o recorde! Praticamente o mandei pastar, mas o americano continua a sorrir.

– Muito obrigado, *miss*. Tenha um ótimo dia.

Ele se afasta. Fico reclamando sozinha daquela maldita invasão. O texano me fez perder o desenrolar da cena. Patricia Morval está agora sozinha na praça da prefeitura; Stéphanie já voltou para dentro da sala de aula. Com certeza muito abalada. Obviamente dilacerada pelo maior dos dilemas.

Seu dedicado marido preso pelo seu belo inspetor.

Minha pobre querida, se você soubesse... se soubesse que na verdade está escorregando em uma prancha que já foi ensaboada para você. Inexoravelmente.

Mais uma vez, hesito. Não vou
lhes
esconder:
também
estou
dilacerada pelo dilema. Calar-me ou
pegar o ônibus e ir contar tudo na
delegacia de Vernon?

Se não decidir agora, depois não
vou ter mais coragem. Estou
consciente disso. A polícia está
empacada.

Não
interrogou
as
testemunhas certas, não desenterrou
os cadáveres certos. Nunca vão
descobrir a verdade se continuarem
a agir sozinhos. Nunca vão sequer
desconfiar da verdade. Não se
iludam: nenhum policial, por mais
genial que fosse, poderia agora
impedir o funcionamento dessa
engrenagem maldita.

Os americanos se dispersam pelo
vilarejo
como
representantes
comerciais em um condomínio. Sem
rancor algum, o boné de Yale chega
a me dar um leve aceno. Patricia
Morval passa um longo tempo
pensativa na praça da prefeitura, em
seguida torna a descer em direção à
sua casa.

É claro que passa na minha
frente.

Que cara feia!

Patricia tem o semblante fechado
da mulher resignada a nunca mais
conhecer outro amor a não ser
aquele que acaba de lhe ser tirado.
Com certeza deve pensar na nossa
conversa de alguns dias atrás. Nas
minhas confidências. No nome do
assassino do seu marido. O que terá
feito?

Será

que

pelo

menos

acreditou em mim? Uma coisa é

certa: não falou com a polícia.

Nesse caso, eu já saberia.

Forço-me a lhe dizer alguma

coisa. Não sou mais de falar muito,

vocês devem ter reparado, nem

quando os americanos me paqueram.

– Tudo bem, Patricia?

– Tudo, tudo bem... Tudo bem,

sim.

A viúva Morval também não é

de falar muito.

58

– ONDE ESTÁ MEU marido?

– Detido na prisão de Evreux –

responde Sylvio Bénavides. – Não

se preocupe, madame Dupain. É só

uma acusação. O juiz vai rever o

caso todo.

Stéphanie Dupain encara um de

cada vez os dois homens na sua

frente,

os

inspetores

Sylvio

Bénavides e Laurenç Sérénac. Mais

do que falar, ela grita:

– Vocês não têm o direito!

Sérénac ergue os olhos para as

paredes da sala e se demora

observando as telhas penduradas:

seu olhar se perde nos meandros dos

jogos de luz das costas nuas da ruiva

pintada por Toulouse-Lautrec. Ele

deixa

Sylvio responder.

Seu

assistente fará isso melhor ainda

devido ao fato de que vai tentar

convencer a si mesmo.

– Madame Dupain. É preciso

encarar a realidade de frente. A

acumulação

de

indícios

convergentes que acusam o seu
marido. Primeiro o par de botas
desaparecido...

– Elas foram roubadas!

– A caixa de tintas encontrada na
cena do crime – continua Bénavides,
impassível.

–

Com

ameaças

gravadas

dentro,

redigidas

na

caligrafia do seu marido, fato

confirmado

pela

maioria

dos

peritos...

Esse argumento deixa Stéphanie

Dupain abalada. Pelo visto, é a

primeira vez que ouve falar naquela

história de caixa de tintas e parece

mergulhar nas sombras da própria
memória. Ela também vira a cabeça
e examina os cartazes pregados na
parede. Imobiliza-se por vários
segundos

na
reprodução
do

Arlequim de Cézanne, com seu
chapéu de lua na cabeça, como quem
procura naquele rosto sem lábios a
força para se recusar a ceder.

– Devo ter passeado com Jérôme
Morval duas vezes. Três, talvez.
Nós conversamos, só isso. O gesto
mais ousado que ele tentou foi
segurar a minha mão. Esclareci a
situação e nunca mais estive com ele
a sós. Além do mais, Patricia
Morval, que é minha amiga de
infância,
pode
confirmar
isso.

Inspetores, tudo isso é ridículo, os senhores não têm motivo...

– E o seu marido não tem álibi!

Dessa vez, quem respondeu foi Laurenç Sérénac. Uma resposta direta, que passa na frente das longas explicações de Sylvio.

Stéphanie hesita por vários segundos. Desde o início do encontro, Laurenç evita cruzar olhares com ela. Ela tosse, contrai as duas mãos sobre o tecido da saia, em seguida diz, com uma voz miúda:

– Meu marido não pode ter assassinado Jérôme Morval. Ele estava dormindo comigo naquele dia de manhã.

Os inspetores Bénavides e Sérénac se imobilizam na mesma atitude embasbacada. Bénavides mantém uma das mãos no ar, a que segura a caneta. Sérénac mantém o cotovelo em cima da mesa e a palma aberta, a sustentar o peso de um

queixo mal barbeado e de uma
cabeça subitamente pesada. Um
silêncio de museu toma conta da sala

33. Stéphanie decide aproveitar

ainda mais sua vantagem:

– Se quiserem mais detalhes,
inspetores, Jacques e eu fizemos
amor

nesse dia de manhã. Por
iniciativa minha. Quero ter um filho.

Na manhã em que Jérôme Morval foi
assassinado,

nós

estávamos

transando.

É

materialmente

impossível meu marido ser culpado.

Sérénac se levanta. A resposta

estala como um chicote:

– Stéphanie, alguns dias atrás a
senhora me disse outra coisa. Me
afirmou que seu marido tinha ido
caçar, como toda terça de manhã.

– Pensei bem desde então. Eu...

eu estava abalada na ocasião. Me enganei de dia.

Sylvio Bénavides se levanta por sua vez e toma a iniciativa de apoiar o chefe:

– Sua declaração diferente não muda nada, madame Dupain. O testemunho de uma mulher a favor do marido não é válido.

Stéphanie Dupain levanta a voz:

– Que babaquice! Qualquer advogado...

Por sua vez, o timbre da voz de Sérénac se acalma:

– Sylvio, deixe-nos a sós.

Bénavides

demonstra

ostensivamente sua decepção, mas sabe que não tem escolha. Ajeita um maço de papéis, coloca-o debaixo do braço e sai da sala 33 fechando a porta atrás de si.

– O senhor... o senhor está

estragando

tudo!

—

explode

Stéphanie Dupain na mesma hora.

Laurenç Sérénac mantém a

calma. Está sentado na cadeira de

rodinhas e se deixa rolar lentamente

com os pés esticados.

— Por que está fazendo isso?

— Isso o quê?

—

Prestando

esse

falso

testemunho.

Stéphanie não responde. Seus

olhos

erguidos

escorregam

de

Cézanne para as costas nuas da

mulher ruiva.

—

Detesto

Toulouse-Lautrec.

Detesto essa espécie de voyeurismo
hipócrita.

Ela baixa os olhos. Pela
primeira vez ali na sala, seu olhar
cruza com o de Laurenç Sérénac.

– E o senhor, por que está
fazendo isso?

– Isso o quê?

– Se concentrando nessa única
pista. Perseguindo meu marido como
se ele fosse um assassino. Ele não é
culpado, eu sei disso. Solte o meu
marido!

– E as provas?

– Jacques não tinha motivo. É
ridículo! Quantas vezes vou precisar
dizer? Nunca fui para a cama com
Morval. Nenhum motivo, e, por
outro lado, ele tem um álibi. Eu...

– Não acredito na senhora,
Stéphanie.

O tempo na sala 33 para.

– Então o que vamos fazer?

Stéphanie anda pelo recinto com
passinhos nervosos. Laurenç a
observa adotando de novo sua
postura falsamente descontraída,
com a cabeça inclinada e o queixo
sustentado
pela
mão
aberta.

Stéphanie sorve uma inspiração
profunda, como se estivesse se
perdendo na espiral do coque ruivo
nas costas da modelo pintada por
Toulouse-Lautrec, então se vira de
repente.

– Inspetor, que escolha resta a
uma mulher desesperada? Até onde
ela pode ir para salvar o marido?
De quanto tempo precisa para
entender o recado? O senhor
conhece aqueles romances policiais
americanos, inspetor, com aqueles
policiais capazes de acusar um

pobre sujeito só para lhe roubar a mulher?

– Não, Stéphanie.

Stéphanie Dupain caminha em direção à mesa. Lentamente, remove as duas fitas prateadas que prendem seus longos cabelos castanhos.

Despenteia-os com delicadeza ao mesmo tempo que se senta sobre a mesa do inspetor. Está a menos de 1 metro dele, mas ele permanece sentado e precisa erguer os olhos para encará-la.

– Era isto que o senhor estava esperando, não é, inspetor? Não sou tão boba assim, sabe? Se me entregar ao senhor, vai estar tudo terminado, é isso?

– Pare, Stéphanie.

– Qual é o problema, inspetor?

Está com medo de dar o último passo?

Não

fique

pensando

demais...

O

senhor

conseguiu

capturar a mulher fatal na sua rede.

Ela está presa, o marido está atrás

das grades, ela está encurralada. Ela

lhe pertence...

Stéphanie

ergue

as

pernas

devagar, de modo a fazer a saia

descer por sua pele nua. Um dos

botões da blusa branca desaparece

entre

seus

dedos. As

sardas

explodem no início da curva do

busto até o algodão da parte

superior do sutiã agora exposto.

– Stéph...

– A menos que seja ela, a mulher fatal, quem esteja puxando as cordinhas desde o início. Por que não, afinal?

Os olhos de Stéphanie se estreitam.

Laurenç

Sérénac

se

surpreende ao detectar ali o mistério oriental de um sol nascente azul-escuro. Precisa se recompor. Não tem tempo de continuar o raciocínio, pois a professora segue falando:

– Ou então os dois. O marido e a mulher, cúmplices. Dois diabólicos.

O casal infernal. O senhor seria apenas o brinquedo, inspetor...

Ainda sentada, Stéphanie agora está com os dois pés em cima da mesa, e a saia de sarja bege escorrega e se embola em volta da cintura. Um segundo botão da blusa se abre. É possível adivinhar os

mamilos dos seios da professora sob
a renda fina de sua roupa de baixo.
Gotas de suor escorrem para dentro
do seu decote.

Gotas

de

medo?

Ou

de

excitação?

– Pare, Stéphanie. Pare com esse
joguinho ridículo. Vou tomar o seu
depoimento.

Ele se levanta e vai buscar uma
folha de papel. Bem devagar,
Stéphanie Dupain reabotoa a blusa,
alisa a saia, que torna a lhe cobrir as
pernas, e as cruza.

– Vou logo avisando, inspetor,
não vou mudar de opinião. Não vou
modificar sequer uma linha do que
já afirmei. Naquela manhã, na manhã
em
que

Jérôme

Morval

foi

assassinado, Jacques estava na cama
comigo.

O inspetor vai escrevendo
devagar.

– Estou anotando, Stéphanie.

Mesmo que não acredite.

– Quer outros detalhes, inspetor?

Quer testar a credibilidade das
minhas informações? Quer saber se
nós transamos? Em que posição? Se
eu gozei?

– O juiz com certeza vai lhe
perguntar essas coisas.

– Então anote. Anote aí, Laurenç.

Não, eu não gozei. Foi uma transa
rápida. Eu fiquei por cima. Quero
ter um filho. Parece que ajoelhada
por cima do homem é uma das
melhores posições para conceber.

O inspetor continua com os
olhos baixos, anotando em silêncio.

– Quer mais algum detalhe,
inspetor? Sinto muito, não tenho
nenhuma foto, nenhuma prova, mas
posso descrever.

Laurenç Sérénac se levanta
devagar.

– A senhora está mentindo,
Stéphanie.

O inspetor contorna a mesa, abre
a primeira gaveta e pega um livro de
capa mole. *Aureliano*.

– Estou convencido de que está
mentindo.

Ele abre o livro em uma página
com o canto dobrado.

– Lembre-se de que foi a
senhora quem me pediu para ler este
livro de Aragon por causa daquela
frase estranha encontrada no bolso
de Jérôme Morval. A que começa
com “O crime de sonhar”... Posso
refrescar sua memória, Stéphanie?

Capítulo 64. Aureliano encontra
Bérénice nos jardins de Monet e ela

foge por uma trilha baixa de
Giverny, como se quisesse escapar
ao próprio destino. Aureliano a
persegue e a encontra, ofegante,
apoiada na sebe. Perdoe-me, acho
que não consigo me lembrar do texto
todo, vou ler a cena para a senhora.
Dessa vez, quase a primeira,
Laurenç Sérénac sustenta o olhar
púrpura de Stéphanie.

– “Aureliano avançava na sua
direção, via seu peito erguido, a
cabeça caída para trás com os
cabelos louros esparramados todos
para o mesmo lado. Pálpebras
abaixadas, olheiras que tornavam os
olhos ainda mais perturbadores e
aquela boca trêmula, os dentes bem
juntinhos, felinos, tão brancos...”

O inspetor avança. Está agora
em pé diante de Stéphanie. Ela não
pode recuar; está presa contra a
mesa. Laurenç avança mais ainda; o
joelho da professora agora toca o

tecido de seu jeans. Ela sente o
quadril do inspetor exatamente na
altura do baixo-ventre. Bastaria ela
descruzar as pernas...

Sérénac continua a ler:

– “Aureliano parou. Estava na
frente dela, muito perto, dominava-a.

Nunca a tinha visto assim...”

Ele solta o livro por um instante.

– É a senhora quem está
estragando tudo, Stéphanie.

Laurenç pousa uma das mãos no
joelho nu dela. A carne estremece;
Stéphanie não consegue se conter.
Não consegue impedir o tremor das
duas pernas enroscadas como um pé
de glicínia em uma estaca. Sua voz
já não está tão firme:

– O senhor é um homem
engraçado, inspetor. Um policial.
Amante da pintura. Amante da
poesia.

Sérénac não responde. Vira
algumas páginas com a mão.

– Ainda o famoso capítulo 64,
algumas linhas mais adiante, está
lembrada? “Vou levá-la para um
lugar onde ninguém a conheça, nem
mesmo os motoqueiros... Onde você
terá liberdade para escolher... Onde
nós vamos decidir nossa vida...”

O livro cai ao mesmo tempo que
seu braço, junto à cintura, como se
pesasse uma tonelada. Ele deixa a
outra mão pousada sobre a pele lisa
da parte inferior da coxa que ainda
treme, por muito tempo, como quem
tenta acalmar o coração disparado
de um bebê.

Eles permanecem assim, em
silêncio.

Sérénac é o primeiro a quebrar o
feitiço. Recua. Fecha a mão em
torno da folha onde anotou o
depoimento da professora.

– Sinto muito, Stéphanie. Foi a
senhora quem me pediu para ler este
romance.

Stéphanie Dupain passa a mão
diante dos olhos, entre lágrimas,
emoção e cansaço.

– Não confunda as coisas todas.

Também li Aragon. Estou livre para
escolher, já entendi. Fique tranquilo,
vou decidir minha vida. Se quiser
mesmo saber, Laurenç, já lhe disse.
Não, não amo meu marido. Vou até
lhe dar outro furo de reportagem:
acho que vou deixá-lo. Isso traçou
seu caminho dentro de mim, como
um rio comprido, como se as ondas
desses últimos dias só pudessem ser
o prenúncio de uma cascata. Entende
o que quero dizer? Mas isso não
muda nada o fato de ele ser inocente.
Uma mulher não abandona um
homem na prisão. Uma mulher só
abandona um homem livre. Entende
isso, Laurenç? Não retiro nada do
meu depoimento. Naquela manhã, eu
estava fazendo sexo com meu
marido. Meu marido não matou

Jérôme Morval.

Sem dizer nada, Laurenç Sérénac
lhe estende a folha de papel e uma
caneta. Ela assina sem reler. Então
sai da sala. Sérénac desvia os olhos
para as últimas linhas do capítulo 64
de *Aureliano*.

*“Ele a observou fugir. Seus
ombros estavam curvados, ela
fingia não andar depressa... Ele
ficou
imobilizado
com
essa
inacreditável confissão. Ela estava
mentindo, ora! Não. Ela não estava
mentindo.”*

Quanto tempo transcorre antes de
Sylvio Bénavides bater à porta?

Longos minutos? Uma hora?

– Pode entrar, Sylvio.

– E aí?

– Ela mantém sua versão. Está
protegendo o marido.

Sylvio Bénavides morde os

lábios.

– Talvez seja melhor assim, no

fim das contas...

Ele desliza por cima da mesa um

maço de papéis.

– Acabou de chegar. Pellissier,

o grafologista de Rouen, modificou

seu parecer. Depois de aprofundar a

análise, chegou à conclusão de que a

frase gravada na caixa de tintas

encontrada no regato não pode ter

sido escrita por Dupain.

Um

suspense

exasperador

perdura por um tempo, e então:

– Prepare-se, chefe. De acordo

com ele, a frase foi gravada por uma

criança! Uma criança de uns 10

anos! Ele foi categórico.

– Puta que pariu – murmura

Sérénac. – Que porra é essa agora?

Seu cérebro parece se recusar a

refletir. Mas Bénavides ainda não

terminou:

– E não é só isso, chefe.

Recebemos também as primeiras análises do sangue encontrado na caixa de tintas. Segundo elas, uma coisa é certa: não é nem o sangue de Morval nem o de Jacques Dupain.

Eles ainda estão pesquisando.

Sérénac se levanta e titubeia.

– Outro assassinato, é isso que está tentando me dizer?

– Não sabemos, chefe. Na verdade, não estamos entendendo mais nada.

Laurenç Sérénac dá voltas pela sala.

– Tá, tá bom. Já entendi o recado, Sylvio. Não tenho outra escolha senão liberar Jacques Dupain. O juiz vai protestar...

menos de cinco horas detido.

– Ele vai preferir isso a um erro judicial.

– Não, Sylvio. Não. Estou vendo muito bem o que você está pensando, que me enganei de cabo a rabo, que fiz aquela presepada toda no final da trilha da Astragale para prender um cara e, no fim das contas, nossas provas escorrem por entre nossos dedos poucas horas mais tarde. Precisamos soltá-lo.

Mas isso não muda em nada a minha convicção.

Em

nada!

Jacques

Dupain é culpado!

Sylvio Bénavides não responde.

Entende agora que, no terreno minado das intuições de seu chefe, não é possível ter nenhuma conversa sensata. Bénavides, porém, torna a pensar na soma de elementos

contraditórios que se acumulam nas
colunas da folha dobrada que não
sai mais do seu bolso. Impossível
haver uma resposta simples para
todos esses indícios delirantes e
contraditórios, impossível. Quanto
mais a investigação progride, mais
Sylvio tem a impressão de que
alguém está brincando com eles,
puxando as cordinhas, divertindo-se
ao multiplicar falsas pistas para tirá-
los
do
caminho,
para
poder
prosseguir, com toda a impunidade,
seu plano perfeitamente orquestrado.
– Entre.

Laurenç Sérénac ergue os olhos,
surpreso por estarem batendo à
porta da sua sala a uma hora tão
avançada. Pensava estar sozinho na
delegacia, ou quase. A porta da sala

não está fechada. Sylvio está parado na soleira; seus olhos exibem uma expressão estranha. Não é apenas cansaço; tem alguma outra coisa.

– Sylvio, você ainda está aqui?

Sérénac consulta o relógio de parede da sala.

– Já passa das seis! Porra, você deveria

estar

na

maternidade

segurando a mão da sua Béatrice. E deveria dormir também...

– Consegui, chefe!

– Conseguiu o quê?

Sérénac tem quase a impressão de que até os personagens dos quadros se viraram: o arlequim de Cézanne, a ruiva de Toulouse-Lautrec.

– Consegui, chefe. Caramba, consegui.

O SOL ACABA DE se esconder atrás
da última cortina de choupos. Para
qualquer pintor, a penumbra que
passa a dominar tudo significaria
que está na hora de fechar seu
cavelete, colocá-lo debaixo do
braço e ir para casa. Paul avança
pela ponte e observa Fanette pintar
com frenesi, como se a sua vida
inteira dependesse daqueles últimos
minutos de luminosidade.

– Sabia que iria encontrar você
aqui.

Fanette o cumprimenta com um
gesto, sem parar de pintar.

– Posso ver?

– Pode. Estou com pressa. Com
as aulas que não acabam nunca,
minha mãe que não para de encher
meu saco e o sol que some cedo
demais,
nunca
vou
conseguir

terminar

meu

quadro.

Preciso

entregar depois de amanhã.

Paul tenta ser o mais discreto

possível, como se o próprio ar que

respira

pudesse

perturbar

o

equilíbrio

da

composição.

No

entanto, teria mil perguntas para

fazer a Fanette.

Sem se virar para o menino, ela

antecipa suas interrogações:

– Eu sei, Paul, que não há

ninfeias no regato... Mas não estou

nem aí para a realidade. Já pintei as

Ninfeias outro dia, nos jardins de Monet. Quanto ao resto, impossível;

não estava chegando a lugar nenhum

com aquela água parada. Precisava
colocar meus nenúfares num rio,
numa água viva, algo que dançasse.
Uma linha de fuga de verdade, sabe?
Algo que se mexesse.

Paul está fascinado.

– Como você consegue, Fanette?

Como é capaz de transmitir a
impressão de que o seu quadro está
vivo, de que a água está correndo, e
até mesmo o vento agitando as
flores? Desse jeito, apenas com tinta
sobre uma tela...

Gosto quando Paul me elogia.

– É mais forte do que eu, sabe?

Como dizia Monet, não sou eu, é só
o meu olho. Eu me contento em
reproduzir na tela o que meu olho
vê.

– Você é incr...

– Cale a boca, bobo! Vou lhe
dizer uma coisa: na minha idade,
Claude Monet já era um pintor
conhecido na cidade de Le Havre

por causa das caricaturas que fazia dos passantes. Além do mais, não chego a ser... Por exemplo, olhe aquela árvore ali em frente, o choupo. Sabe o que Monet pediu a um camponês um dia?

– Não.

– Ele tinha começado a pintar uma árvore no inverno, um carvalho velho. Quando voltou, três meses depois, ela estava coberta de folhas. Então ele pagou o dono da árvore, um camponês, para tirar todas elas, uma por uma.

– Você conta cada história...

– Não! Foi preciso dois homens durante um dia inteiro para despir o modelo! E Monet escreveu para a mulher que estava muito orgulhoso de poder pintar uma paisagem invernal em pleno mês de maio! Paul se contenta em encarar as folhas que dançam ao vento.

– Eu faria isso por você, Fanette.

Mudaria a cor das árvores. Se você me pedisse, faria isso por você.

Eu sei, Paul. Eu sei.

Fanette ainda passa vários minutos pintando. Paul fica parado atrás dela, em silêncio. A claridade diminui mais ainda. A menina acaba desistindo.

– Não adianta mais nada.

Amanhã eu termino. Espero que...

Paul avança até a beira do regato e observa a água que corre a seus pés.

– Ainda sem notícias de James?

A voz de Fanette parece se fissurar. Paul tem a impressão de que pintar tinha lhe permitido esquecer e de que agora a realidade a alcançou outra vez. Pensa que é um idiota, que não deveria ter feito aquela pergunta.

– Não – murmura Fanette. –

Nenhuma notícia. É como se James nunca tivesse existido! Acho que

estou ficando louca, Paul. Até

Vincent me disse que não se lembra dele. Apesar de ter nos visto, de ter nos espionado todas as tardes. Não foi um sonho!

– Vincent é esquisito.

Paul procura o sorriso mais reconfortante do seu repertório.

– Garanto, se de vocês dois houver um que não bate bem da bola, você é que não é! Tentou falar sobre James com a professora?

Fanette se aproxima da sua tela para ver se está seca.

– Não, ainda não. Não é fácil, entende? Vou tentar amanhã.

– E por que não fala com outros pintores do vilarejo?

– Não sei, não tenho coragem.

James andava sempre sozinho.

Tenho a impressão de que, tirando eu, não gostava de muita gente.

Sabe, Paul, sinto um pouco de vergonha. Muita, na verdade. Às

vezes penso que deveria esquecer

James, fingir que ele nunca existiu.

Fanette segura com firmeza sua tela, quase maior do que ela, e a pousa sobre uma grande folha de papel pardo que usa para protegê-la.

Seus olhos se voltam para o moinho de Chennevières. A torre do moinho se destaca num céu que vai ficando rosa-alaranjado. A visão é ao mesmo tempo bela e assustadora.

Fanette se arrepende na mesma hora de ter guardado seu material.

– Sabe o que penso às vezes,

Paul?

A menina está curvada sobre a folha de papel pardo que vai dobrando com delicadeza.

– Não.

– Acho que inventei James. Que ele não existia de verdade. Que ele é , como dizer, uma espécie de personagem de um quadro. Que eu o imaginei. É, James na verdade é o

pai Trognon do quadro de Theodore

Robinson. Desceu do seu cavalo

para falar comigo, para me contar

sobre Monet, me dar vontade de

pintar, dizer que eu tinha talento, e depois voltou para o lugar de onde

tinha vindo, dentro do seu quadro,

em cima do seu cavalo, no regato, ao

pé do moinho.

Você me acha louca, não é?

Paul se inclina por sua vez e

ajuda Fanette a carregar a tela.

– Você não pode ficar com essas

ideias na cabeça, Fanette. Não pode.

Não mesmo. Para onde vamos levar

sua obra-prima?

– Espere, vou lhe mostrar meu

esconderijo secreto. Não a levo para

casa porque minha mãe me acha uma

louca por causa do James e não quer

mais nem ouvir falar em pintura,

menos ainda nesse tal concurso...

Toda vez é um drama!

Fanette escala a ponte e pula

para trás do lavadouro.

– Só é preciso cuidado para não
escorregar nos degraus e cair na
água. Dê aqui o quadro.

A tela passa de uma mão a outra.

– Olhe, o meu esconderijo fica
ali, debaixo do lavadouro. Tem um
oco, um espaço exato, como se
tivesse sido inventado para esconder
um quadro!

Fanette vasculha os arredores
com ar de conspiradora: a pradaria
que se estende à sua frente, o
contorno do moinho que vai se
apagando aos poucos no céu.

– Você é o único a saber, Paul.

Além de mim.

Paul

sorri.

Adora

essa

cumplicidade, a confiança que

Fanette deposita nele. De repente, as
duas crianças se sobressaltam.

Alguém está andando, correndo

perto delas. Com um pulo, Fanette
torna a atravessar a ponte. Uma
sombra indistinta avança.

*Por um instante, pensei que
fosse James.*

– Seu idiota, você assustou a
gente! – grita Fanette.

Netuno começa a se esfregar nas
suas
pernas.

O
pastor-alemão
ronrona feito um gato grande.

– Uma correção, Paul. São só
dois a conhecer meu esconderijo:
Netuno e você!

60

SÉRÉNAC

LANÇA

UM

OLHAR

espantado

para

seu

assistente.

Sylvio tem os olhos brilhantes de cansaço, como um cão que houvesse atravessado o país para encontrar seus donos.

– O que foi que você descobriu, porra?

Sylvio avança, puxa uma cadeira de rodinhas e se deixa cair nela. Põe uma folha de papel debaixo do nariz do chefe.

– Olhe. São os números no verso das fotos das amantes de Morval.

Sérénac abaixa a cabeça e lê.

23-02. Fabienne Gonçalves, no consultório de oftalmologia de Morval.

15-03. Aline Malétras, no clube Zed, na Rue des Anglais.

21-02. Alysson Murer, na praia de Sark.

17-03. A desconhecida de jaleco azul, na sala de Morval.

03-01. Stéphanie Dupain, na

trilha da Astragale, acima de

Giverny.

– A coisa me veio assim, de uma vez, quando estava passando minhas anotações a limpo. Lembra-se do que Stéphanie Dupain nos disse mais cedo sobre Morval?

– Ela disse várias coisas.

Sérénac morde a língua. Seu assistente brande uma folha na qual sem dúvida alguma anotou as palavras de Stéphanie.

– Vou ler para o senhor exatamente o que ela disse: “Devo ter passeado com Jérôme Morval duas vezes. Três, talvez. Nós conversamos, só isso. O gesto mais ousado que ele tentou foi segurar a minha mão. Esclareci a situação e nunca mais estive com ele a sós.”

– E daí?

– Tá. Agora, chefe, lembra-se do que eu disse anteontem à noite, quando liguei lá do hospital? Sobre

Aline Malétras, a garota de Boston?

– Em relação a quê?

– Em relação a Morval!

– Que ela engravidou.

– E antes disso?

– Que quando ela saía com

Morval tinha 22 anos e muitos

predicados, e Morval dez a mais e

muito dinheiro.

Sylvio Bénavides crava em

Sérénac uns olhos de sonâmbulo

despertado no susto.

– Isso, exatamente, mas ela

especificou também que tinha saído

com Morval umas quinze vezes!

Sérénac encara as linhas que se

embaçam em cima da sua mesa.

15-03. Aline Malétras no clube

Zed, na Rue des Anglais.

03-01. Stéphanie Dupain na

trilha da Astragale, acima de

Giverny.

Seu assistente não lhe dá tempo

para respirar:

– Então agora o senhor entendeu.

Stéphanie

Dupain,

03;

Aline

Malétras, 15. É o código mais idiota que pode haver: o número de vezes que o casal adúltero se encontrou está anotado no verso de cada foto.

O

detetive

particular,

ou

o

paparazzo, deve ter escolhido a imagem mais representativa da relação dentre todas aquelas de que dispunha.

Laurenç Sérénac observa seu assistente com admiração genuína.

– E imagino que, se você veio me procurar, é porque já verificou o caso das outras moças.

– Exato – responde Bénavides. –

Acabo de falar ao telefone com Fabienne Gonçalves. Ela não sabe me dizer exatamente quantas vezes saiu com o patrão, mas insisti tanto que ela acabou me dando uma ordem de grandeza, entre vinte e trinta.

Sérénac dá um assobio.

– E Alysson Murer?

– Nossa inglesinha corajosa anota tudo numa pequena agenda e guarda todas as suas pequenas agendas dos anos anteriores dentro de uma gaveta. Ela contou junto comigo ao telefone, porque nunca tinha pensado nisso.

– E o resultado?

– Bingo: ela contou exatamente 21 encontros!

– Incrível! Adoro as pessoas meticolosas que anotam tudo.

Sérénac lança uma piscadela cúmplice para seu assistente. Sylvio não dá atenção à indireta e continua:

– Estamos, portanto, diante de

um detetive particular igualmente meticoloso. Para ser capaz de contabilizar cada encontro...

– Mais ou menos. Com exceção de Alysson Murer, nada indica que se trate do número exato. É uma ordem de grandeza. Imagino que seja isso que se perguntaria a um detetive particular que estivesse investigando as infidelidades do marido: uma faixa aproximada do número de ocorrências fora do leito conjugal.

Para resumir, Sylvio, a boa notícia é que não vamos mais perder tempo com esse código. A má notícia é que ele não nos informa absolutamente nada.

– Só que ainda tem os segundos números: 01, 02, 03.

Sérénac franze o cenho.

– Você tem alguma ideia em relação a isso?

Bénavides dá uma de modesto.

– Quanto se puxa um fio, o resto

vem naturalmente. Sabemos que o primeiro algarismo não é uma data, mas que diz respeito à natureza do relacionamento entre Morval e suas amantes. É uma informação que o fotógrafo está dando ao seu cliente. Além do número de encontros, que outro detalhe poderia ser interessante fornecer?

– Puta merda! – explode

Sérénac. – Mas claro! A natureza da relação. Morval transava com essas moças ou não? Sylvio, você é...

Sylvio Bénavides interrompe o chefe para ter o privilégio de concluir sua demonstração:

– Aline Malétras engravidou de Morval. O fotógrafo anotou 15-03.

Podemos portanto supor,

sem

grandes riscos, que 03 significa que
a moça em questão fazia sexo com
Jérôme Morval.

Um grande sorriso se estampa no
rosto de Laurenç Sérénac.

– E o que lhe responderam agora
há pouco Fabienne Gonçalves e
Alysson

Murer?

Porque

você

perguntou, claro. Ambas levam a
indicação “02”.

Sylvio Bénavides enrubesce de
leve.

– Fiz o que pude, chefe. Insistir
com uma garota em relação a esse
tipo de coisa não faz muito o meu
estilo. Enfim, nossa inglesinha
Alysson Murer me jurou pela cabeça
da rainha da Inglaterra que nunca fez
sexo
com

seu
belo
amigo
oftalmologista. A coitada devia
acreditar num casamento em Notre-
Dame ou Canterbury... Quanto a
Fabienne Gonçalves, ela quase
desligou na minha cara, ainda mais
que dava para ouvir os filhos
gritando ao fundo, mas, para que eu
a deixasse em paz, acabou me
confirmando que ela também sempre
se recusou a fazer sexo. Segundo
ela, foram só uns beijos e carícias
com o patrão – diz Sylvio, agitando
a folha de papel diante do nariz
como se fosse um leque. –

Resumindo,

então,

o

último

algarismo do código é portanto, em
certo sentido, a escala Richter das
relações sexuais de Morval: 03 é o

máximo, ele faz sexo; 02, ele flerta;

01... podemos deduzir que nada acontece. Ele corteja as moças, mas, por mais que o detetive particular espione com sua zoom, nada!

Nenhum adultério.

– Tá bom, Sylvio, estamos de acordo então. Trata-se de um sujeito encarregado de espionar Morval e de prestar contas sobre suas aventuras extraconjugais.

A frequência das relações, a natureza das relações e, para provar, fotos. Podemos além disso pensar que esses números no verso na verdade não são um código destinado a nos enganar, mas apenas uma espécie de abreviação usada por um profissional. Mas vou refazer a

pergunta: em que isso nos ajuda?

A folha de papel se retorce entre os dedos de Sylvio.

– Já pensei nisso tudo, chefe.

Para mim, esse código, contanto que confiemos nele, claro, nos dá duas informações importantes. A primeira é que Stéphanie Dupain não está mentindo: ela não era amante de Jérôme Morval. E a pessoa que encomendou essas fotos para um detetive particular sabia disso!

– Patricia Morval?

– Pode ser. Ou Jacques Dupain, por que não?

– Já entendi, Sylvio, já entendi.

Estou começando a decorar esse refrão. Não temos o motivo! E, se Jacques Dupain não tem motivo, ele não precisa de um álibi.

– Só que ele tem um álibi –
interrompe Sylvio.

Sérénac suspira.

– Que saco isso tudo. Já entendi.

Já liguei para o juiz duas horas atrás
para mandar soltá-lo da prisão de
Evreux. Hoje à noite Jacques Dupain
vai dormir na casa dele em Giverny.

Antes de Sérénac se aventurar
pelo terreno de suas convicções
íntimas,

Sylvio

Bénavides

se

apressa em continuar:

– Mas o código nos dá uma

segunda

informação

importante,

chefe. Segundo ele, das cinco

mulheres fotografadas, só duas

foram para a cama com Morval:

Aline Malétras e a famosa moça não

identificada, a de jaleco azul na

sala. 17-03.

– Concordo – confirma Sérénac.

– Dezessete encontros, e Morval

trepava com essa garota ajoelhada

na sua frente. Aonde você quer chegar?

– Se partirmos da hipótese de que Jérôme Morval teve um filho há, digamos, uns dez anos, bom, essa moça é a única entre as amantes dele que poderia ser a mãe.

61

A VARANDA DO RESTAURANTE

L'Esquisse

Normande,

aninhada

entre valerianas, campânulas e peônias, proporciona uma bela vista do vilarejo de Giverny. Quando a noite cai, os postes posicionados com harmonia entre as plantas em flor reforçam mais ainda o efeito de oásis impressionista.

Jacques não tocou na entrada, um *carpaccio* de *foie gras* com flor de sal. Stéphanie pediu a mesma coisa e prova a comida com parcimônia, ajustando o apetite ao do marido.

Jacques chegou faz mais ou menos uma hora, devia ser pouco mais de nove da noite, ladeado por dois agentes da Polícia Militar que o deixaram lá, na Rue Blanche-Hoschedé-Monet, entre a escola e sua casa.

Ele não disse nada, nenhuma palavra sequer. Assinou o papel da soltura sem olhar, pegou Stéphanie pela mão e apertou com força.

Desde então não a largou mais, ou quase. Só para jantar. Sozinha sobre a toalha, sua mão treme, órfã, e se entretém mexendo nas migalhas.

– Vai ficar tudo bem –
tranquiliza Stéphanie.

Ela havia reservado uma mesa no L'Esquisse Normande, sem deixar escolha para o marido. Teria sido uma boa ideia, pensa agora? Será que ainda existem boas ou más ideias? Não, apenas a sensação de que é assim que se deve fazer as

coisas, assim e nesse momento. A sensação de que, no L'Esquisse Normande, seria melhor do que em casa. De que o cenário ajudaria. De que era necessária uma espécie de protocolo. A esperança de que na varanda, em público, Jacques não fosse fazer escândalo nem desabar e se mantivesse digno e entendesse.

– Acabou, senhor?

O garçom leva embora o *carpaccio*. Jacques não disse uma só palavra. Stéphanie conversa pelos dois, fala das crianças da escola, de sua turma, do concurso da Fundação Robinson, dos quadros a serem entregues dali a dois dias. Jacques escuta com o mesmo olhar suave de sempre.

Stéphanie

se

sente

compreendida. Sempre se sentiu

compreendida por Jacques. Sempre

teve a impressão de que ele a
conhecia feito a palma da própria
mão. Exatamente isso. Sempre
gostou de que ela falasse das
crianças da escola. Como se fosse
uma evasão que ele tolerasse... Os
carcereiros
devem
mesmo
se
refestelar quando os prisioneiros
lhes falem sobre os pássaros no céu.
O garçom põe diante deles dois
pratos de escalope de *magret* de
pato ao molho de cinco pimentas.
Jacques abre um sorriso e prova.
Faz algumas perguntas evasivas
sobre a escola. Interessa-se pelos
alunos, seus temperamentos, seus
gostos. Com exceção daquela prisão
ridícula, Stéphanie é obrigada a
reconhecer que a vida com Jacques
é
simples.

Tão

calma.

Tão

reconfortante.

O que não muda nada.

Sua decisão está tomada.

Mesmo

que

Jacques

a

compreenda melhor do que ninguém,

mesmo que a proteja e que seja

incapaz de lhe fazer mal, mesmo que

Jacques a ame mais do que tudo e

que ela jamais tenha duvidado desse

amor um único segundo de sua

vida...

Sua decisão está tomada.

Ela precisa ir embora.

Jacques serve vinho para a

esposa e, em seguida, meia taça para

si. Um Bourgogne, pensa ela. Lê o

nome na etiqueta: um Mersault. Não

sabe grande coisa sobre vinhos;

Jacques tampouco: nunca foi de beber, ou quase. É praticamente o único entre seus amigos caçadores. Agora está comendo. Curiosamente, isso tranquiliza um pouco Stéphanie. Ela tem a impressão de se preocupar com o marido como alguém poderia se preocupar com a saúde de um parente. Por afeto.

Jacques se descontraí um pouco, fala de uma casa que encontrou nos arredores, um bom negócio, segundo ele. Stéphanie sabe que Jacques trabalha muito, demais até, que carrega sua agência nas costas, que até agora não teve muita sorte e não conseguiu fazer nenhum grande negócio, mas a sorte de uma pessoa pode mudar, a sorte obrigatoriamente vai mudar um dia. Jacques

é

obstinado.

Jacques

merece. No fundo, para ela, tudo

aquilo é totalmente indiferente.

Mudar de casa. Viver com um

homem mais rico.

A mão de Jacques rasteja pelo

algodão branco bordado e busca

mais uma vez os dedos de Stéphanie.

A professora hesita. Seria tão

mais fácil fazê-lo entender tudo sem

dizer nada, com uma simples

acumulação

de

gestos

sem

importância, a mão que ninguém

segura, a carícia não retribuída, o

olhar que se desvia. Mas sabe que

Jacques não iria entender. Ou

melhor, iria, sim, mas isso nada

mudaria. Ele a amaria mesmo assim.

Mais, até.

Os dedos de Stéphanie fogem,
perdem-se em meio aos cabelos,
estalam ao tocar uma fita prateada.

O corpo inteiro da professora
estremece. Ela se sente ridícula.

Por quê?

Por que está sentindo aquela
necessidade
insuportável
de

abandonar tudo?

Stéphanie esvazia a taça de
vinho e sorri para si mesma. Jacques
continua a falar naquela casa às
margens do Eure, nos vendedores de
antiguidades do vale que seria
preciso visitar para mobiliá-la.

Stéphanie escuta, distraída. Por que
fugir?

A
resposta
para
suas

perguntas é tão banal. Tão antiga

quanto o mundo. A doença das
moças que sonham em ser outra
pessoa: a mesma sede de amor da
Bérénice de Aragon. O tédio
insuportável
da
mulher
que,
entretanto, nada tem a reclamar do
homem que vive ao seu lado.
Nenhuma desculpa, nenhum álibi.
Apenas o tédio, essa certeza de que
a vida está em outro lugar. De que
alhures existe uma cumplicidade
perfeita. De que, sim, essas fantasias
não são detalhes, mas o essencial...
De que tudo o que importa é poder
compartilhar a mesma emoção
diante de um quadro de Monet ou
dos versos de Aragon.
O garçom leva embora seus pratos
com uma discrição profissional.
– Não – diz Jacques. – Não
vamos querer mais vinho. Só as

sobremesas.

A mão de Stéphanie acaba indo
parar em cima da mesa e, na mesma
hora, é interceptada pela de Jacques.

As moças sempre se conformam,
pensa a professora, sempre ficam e
seguem vivendo mesmo assim,
felizes sem dúvida, ou não; tornam-
se progressivamente incapazes de
perceber a diferença. No fim das
contas, claro, é mais simples assim.

Renunciar.

E no entanto... no entanto...
aquela sensação se incrusta em
Stéphanie, muito tenaz, insistente: a
sensação de que o que ela sente é
único. Inédito. Diferente.

Duas taças de sorvete de frutas
cremoso decoradas com folhas de
hortelã aterrissam na sua frente.

Jacques se cala outra vez. Stéphanie
decidiu que vai falar depois da
sobremesa. Pensando bem, ir jantar
no L'Esquisse Normande não foi

uma boa ideia. Aquela espera

sinistra

parece

se

estender

longamente, como que filmada em

câmera lenta. Jacques deve estar

pensando em outra coisa, na

detenção, na prisão, no inspetor

Sérénac. Deve estar ruminando sua

vergonha. E com razão.

Será que ele desconfia? Sim,

deve desconfiar. Jacques a conhece

muito bem.

Stéphanie devora o sorvete de maçã

com ruibarbo. Precisa de força. De

muita força. Será ela um monstro tão

grande que não é sequer capaz de

esperar outra noite?

Jacques acabou de sair da

prisão, está abalado, humilhado

como nunca.

Por que lhe dizer nesta noite?

Para mergulhar na sua brecha;

para
se
esgueirar,
meio
envergonhada, até o campo de
batalha,
entre
os
cadáveres;
aproveitar que a casa está pegando
fogo para salvar a própria pele. Será
ela a esposa mais sádica que existe?
Precisa de força.

Seus pensamentos se voltam
para Laurenç, claro. A cumplicidade
perfeita tão esperada. Será aquilo
um engodo, aquela certeza quase
instantânea de que aquele que está
na sua frente era quem você
precisava encontrar, que vai ser
feliz com ele e com mais ninguém,
que somente os seus braços podem
protegê-la, somente a sua voz pode
fazê-la vibrar, somente o seu riso

pode fazê-la esquecer tudo, somente
o seu sexo pode fazê-la gozar tanto
assim?

Será essa certeza mais uma das
armadilhas da vida?

Não.

Ela sabe que não.

Ela se atira.

O mergulho no vazio.

O desconhecido.

A queda sem fim, como em
Alice, de Lewis Carroll. Fechar os
olhos e acreditar no país das
maravilhas.

– Jacques, vou deixar você.

DÉCIMO SEGUNDO

DIA

24 de maio de 2010, Museu de
Vernon

Desvario

62

AS RIQUEZAS DO MUSEU de Vernon
são muito subestimadas, sem dúvida
alguma devido à sombra sufocante

das de Giverny. A inauguração do Museu dos Impressionistas, em 2009, não ajudou em nada. Por minha parte, prefiro de longe a calma desta suntuosa construção normanda situada no cais do Sena, em Vernon, ao tumulto dos museus da Rue Claude-Monet. Questão de idade, dirão vocês. Depois de atravessar com dificuldade o pátio calçado de pedras, ofego no corredor e chego à entrada curvada sobre a bengala.

Ergo os olhos. O famoso *tondo* de Claude Monet reina no hall de entrada. Foi posicionado deste modo evidente na ocasião da operação “Normandia impressionista”: é um *Ninfeias*, um quadro redondo com quase 1 metro de diâmetro. Com sua moldura dourada um pouco *démodé*, é como se fosse um espelho de vovó. Parece que é um dos três *tondi* de Monet expostos no mundo!

Foi doado ao Museu de Vernon pelo
próprio artista em 1925, um ano
antes de morrer.

Uma classe absurda, não?

Imaginem! Vernon não cabe em
si de tanto orgulho. É o único museu
do Eure a possuir uma tela de
Monet, e não qualquer tela. Ainda
que a moldura do *tondo* seja meio *kitsch*, desafio qualquer um a não
ser atraído por seus matizes claros
de leite e giz, como uma escotilha a
se abrir para um Éden em tons
pastel. Quando penso nos turistas se
extasiando feito ovelhas no vilarejo
ao lado e se exibindo diante de
reproduções...

Enfim,

não

vou

ficar

reclamando.

Se

as

multidões

resolvessem vir também para cá,
para Vernon, seria a primeira a ficar
contrariada. Avanço alguns passos
pelas lajotas de terracota do
corredor. Pascal Poussin passa por
mim depressa; reconheço na mesma
hora o diretor do museu. Dizem que
é um dos maiores especialistas da
França em Monet e nas *Ninfeias*, ao
lado do eterno Achille Guillotin, o
cara do Museu de Rouen. Li em
algum lugar que é um dos pilares da
operação

“Normandia
impressionista”. Um dos grandes...
literalmente. Mas, enfim, vocês não
são obrigados a sorrir.

Poussin me cumprimenta sem
diminuir o passo. Sem dúvida se
lembra vagamente do meu rosto;
caso se concentrasse, faria a ligação
entre essa velha com quem cruza
agora e aquela que em tempos idos
vinha conversar com ele sobre as

Ninfeias.

Faz muito tempo.

– Não quero ser incomodado! –

lança

Pascal

Poussin

para

a

secretária na recepção. – Tenho

reunião com dois policiais da

delegacia de Vernon. Não vou

demorar muito.

O diretor para e inspeciona o

corredor de seu museu como se

fosse um autômato. No chão,

joaninhas pintadas indicam o trajeto

pelas salas. Ao pé da escada,

esculturas disformes se amontoam

por falta de outro espaço. Pascal

Poussin franze a testa, irritado, em

seguida fecha atrás de si a porta de

sua sala. Pelo vidro da entrada,

observo em frente ao museu a Tiger

Triumph T100 do inspetor Sérénac.

A moto está estacionada nas pedras
do calçamento do pátio interno.

Decididamente,

o
mundo

das

Ninfeias é pequeno, do tamanho de
um laguinho.

Suspiro. Vou fazer como os
outros: vou seguir as joaninhas do
chão. A arqueologia da região, tema
de todo o andar térreo do museu, me
entedia. Observo a escada que
conduz aos andares superiores, onde
estão expostas as coleções dos
paisagistas

e
dos
artistas

contemporâneos.

A
escadaria
monumental é outro orgulho do
museu; é preciso dizer que não falta

nenhum elemento. Esculturas de
mármore do tipo cavalos empinados
e arqueiros de tiro armado estão
dispostas aleatoriamente, a cada
quatro degraus, abaixo de imensos
retratos
de
arquiduques,
condestáveis e príncipes esquecidos
que ninguém iria querer ter em casa.
Fico preocupada. Eles têm tanto
orgulho daquela escada naquele
museu do esquecimento que talvez o
elevador nem funcione.

63

ENQUANTO

PASCAL

POUSSIN

EXAMINA com atenção cada ângulo
da caixa de tintas Winsor & Newton,
Sérénac e Bénavides espiam seus
mínimos gestos. Tendo em vista o
ponto morto em que se encontram na
investigação, estão

mobilizando
todos os especialistas possíveis.
Pascal Poussin lhes foi apresentado
como
o
outro
especialista
obrigatório de tudo o que diz
respeito à pintura impressionista, em
especial na Normandia. O diretor do
museu fez o tipo homem ocupado,
mas mesmo assim aceitou dedicar
alguns
minutos
à
polícia.
O
personagem
na
sua
frente
corresponde exatamente ao perfil
que Bénavides tinha imaginado ao
telefone: alto, esbelto, terno cinza e

gravata em tom pastel; o tipo de executivo da arte que vai acabar diretor do Louvre... Nada menos que isso!

– Um belo objeto, senhores. Uma peça bem conservada, mas que tem uma boa centena de anos. Não vale nenhuma fortuna, longe disso, mas poderia interessar colecionadores.

Corresponde ao modelo que deviam usar os pintores americanos no início do século, mas desde então

Winsor & Newton, a marca do dragão,

tornou-se

referência

mundial. Qualquer pintor um pouco esnobe ou nostálgico sonha em guardar seus pincéis numa delas.

Bénavides e Sérénac estão

acomodados em duas poltronas de época

estofadas

de

veludo

vermelho, menos confortáveis do
que seu brilho poderia fazer
imaginar. Os pés de madeira
laqueada de preto ameaçam ceder ao
mais leve movimento em falso.

– Monsieur Poussin, o senhor
acha que ainda poderia haver telas
de Monet no mercado? – pergunta
Laurenç Sérénac. – Alguma *Ninfeia*,
em especial?

O diretor do museu já largou a
caixa.

– O que está querendo dizer
exatamente, inspetor?

– Bem, por exemplo, seria
possível imaginar que um morador
da região de Vernon pode ter sido
beneficiário de um quadro doado
por Monet? Por que não uma das
272 Ninfeias?

A resposta é rápida:

– Quando Claude Monet foi
morar em Giverny, já era um pintor

célebre. Todas as suas obras já
pertenciam ao patrimônio nacional.
Monet raramente doava quadros, que
valiam uma pequena fortuna.

Com todos os seus dentes
brancos, especifica:

– Ele abriu uma raríssima
exceção no caso do Museu de
Vernon. Aliás, é por isso que o
no s s o *tondo* tem um valor tão
excepcional.

A resposta parece satisfazer
Sérénac. Mas não Sylvio Bénavides,
que torna a pensar nos comentários
exaltados do curador do Museu de
Belas-Artes de Rouen.

– Me desculpe insistir, mas
Monet
teve
de
negociar
constantemente com seus vizinhos
moradores de Giverny para construir
seu

laguinho

e

conservar

as

paisagens da forma como queria

pintá-las. Seria impossível pensar

que ele possa ter comprado o acordo

de algum deles... em troca da

promessa de uma tela?

Poussin não esconde a irritação.

Consulta o relógio de pulso de modo

ostensivo.

– Escute, inspetor. O período

impressionista não é a pré-história!

No início do século havia jornais,

registros em cartório, prestações de

contas dos conselhos municipais...

Todos esses documentos foram

examinados

por

dezenas

de

historiadores da arte. Nenhuma,

absolutamente nenhuma troca desse

tipo jamais foi descoberta. Dito
isso, cada um sempre pode pensar o
que quiser!

O diretor faz menção de se
levantar. Essa pressa para abreviar
a conversa quase poderia acabar
irritando Bénavides. Ele aguarda em
vão ser socorrido por Laurenc
Sérénac.

– E um roubo? – indaga.

Pascal Poussin dá um suspiro.

– Não estou entendendo aonde o
senhor quer chegar. Claude Monet
foi um homem organizado e lúcido
até o fim da vida. Seus quadros eram
identificados,
classificados,
anotados. Depois que ele morreu,
seu filho Michel nunca declarou a
falta de uma tela sequer.

Os dedos do diretor do museu
fazem uma dancinha nervosa sobre a
caixa de tintas.

– Inspetor, se os senhores não

são capazes de solucionar um crime
ocorrido há uma semana, duvido que
consigam encontrar a explicação
para um roubo hipotético que teria
acontecido antes de 1926.

Gancho de direita. Bénavides
absorve o golpe. É a vez de Sérénac
subir ao ringue:

– Monsieur Poussin... Imagino
que o senhor já tenha ouvido falar na
Fundação Theodore Robinson.

O diretor do museu parece
desconcertado por um instante pela
chegada desse reforço. Torce o nó
da gravata.

– Claro. É uma das três ou
quatro principais fundações de
promoção da arte no mundo.

– E qual é sua opinião a
respeito?

– Como assim, minha opinião?

– O senhor já lidou com essa
fundação?

– É claro que sim. Que pergunta!

A Fundação Robinson é uma parada obrigatória para tudo o que tenha a ver com o Impressionismo. Os três “pro”, como diz o seu slogan: prospecção, proteção, promoção. Bénavides meneia a cabeça.

Poussin continua:

– Um bom terço das telas que um dia foram expostas mundo afora deve ter passado por essa fundação. Uma instituição dessas não dá importância alguma para o Museu de Vernon, como os senhores podem imaginar, apenas para operações de maior envergadura. Por exemplo, quinze dias atrás estive em Tóquio para a exposição internacional “Montanhas e trilhas sagradas”.

Quem era o principal patrocinador?

– A Fundação Robinson – diz Sérénac, como quem responde à pergunta de um quiz na TV. – Essa fundação é meio um polvo, não? O diretor do museu sufoca com a

gravata.

– Como assim, “polvo”?

Quem prossegue é Bénavides:

– Bom, alguém que não entende

muito de pintura pode ter a

impressão de que essa fundação,

pela qual passam milhões, se

interessa

mais

pelos

negócios

lucrativos do que pela defesa nobre

e desinteressada da arte.

Bénavides se empertiga e sorri

com uma expressão fingida de

ingenuidade. Constata com prazer

que a parceria que forma com

Sérénac está ficando mais afiada,

como parceiros no tênis que

adquirem mais experiência. Vencer

pela insistência. Pascal Poussin

começa a perder a tranquilidade.

Olha de relance para o relógio e

responde com irritação:

– Bom, para alguém como eu,
que entende de pintura, a Fundação
Theodore
Robinson
é
uma
instituição antiga e respeitável que
não apenas soube se adaptar de
modo
notável
ao
mercado
internacional de arte, como também
sempre conservou sua ambição
original, ou seja, a prospecção de
novos talentos, e isso desde a mais tenra idade.

– Está se referindo ao Desafio
Jovens Pintores? – interrompe
Sérénac.

– Entre outras coisas. O senhor
não faz ideia de quantos talentos
hoje em dia reconhecidos no mundo
foram descobertos pela fundação!

– E assim o círculo se fecha –

conclui Sérénac. – Para resumir, a
Fundação Robinson domina tanto
sua
poupança
quanto
seus
investimentos.

– Exato, inspetor. Algum mal
nisso?

Sérénac e Bénavides aquiescem
em um movimento de sincronia
perfeita. Poussin torna a consultar o
relógio e se levanta.

– Bem – diz ele, e estende a
caixa de tintas. – Como disse,
inspetores, não pude fornecer grande
coisa que os senhores já não
soubessem.

É agora! Sylvio Bénavides tenta
disparar sua última flecha:

–
Uma
última
pergunta.

Monsieur Poussin, o senhor poderia
nos falar sobre as *Ninfeias* negras?
O último quadro que Monet teria
pintado poucos dias antes de morrer.
Que refletia as cores da sua própria
morte.

Pascal Poussin o encara com
uma expressão desolada, como quem
escuta uma criança contar que viu
duendes no jardim.

– Inspetor, a arte não é uma
questão de contos e lendas. A arte se
tornou um negócio, simples assim.

Esse boato sobre um autorretrato
fúnebre

não

tem

o

menor

fundamento, não existe um indício
sequer que ateste a sua existência, a
não ser a imaginação de alguns
fanáticos que também acreditam no
fantasma

que
assombra
os
corredores do Louvre ou que a
verdadeira
Mona
Lisa
está
escondida na Agulha Oca de Étretat!
Em cheio no queixo! Bénavides
fica tonto. Sérénac hesita por um
segundo quanto a ficar quieto atrás
das cordas. Paciência, acaba se
lançando no ringue:
– Imagino que a presença nos
ateliês e na casa de Monet de várias
dezenas de telas de grandes mestres,
adormecidas em meio à poeira dos
sótãos ou dos armários, também seja
uma lenda de vilarejo.
Os olhos de Pascal Poussin
adquirem um brilho estranho, como
se Sérénac houvesse profanado um
segredo perigoso.

– Quem lhe contou isso?

– O senhor não respondeu à minha pergunta, monsieur Poussin.

– Não, é verdade. A casa e os ateliês de Monet são locais privados. Ainda que os tenha visitado muitas vezes como especialista, o senhor há de entender facilmente que uma resposta à sua pergunta entra no âmbito do sigilo profissional.

Por outro lado, permita-me insistir também: quem lhe contou uma coisa dessas?

Sérénac sorri com todos os

dentes.

– Monsieur Poussin, o senhor há de entender facilmente que isso também pertence ao âmbito do sigilo profissional.

Um silêncio pesado se abate sobre o recinto por alguns segundos.

Os dois inspetores acabam se levantando e as poltronas de época gemem

de alívio. O diretor do museu os acompanha até a porta com uma atenção apressada e a fecha depois que eles saem.

– O diretor não é de falar muito – comenta Bénavides no corredor, erguendo os olhos para o *tondo* das *Ninfeias*.

– Mais para apressado, eu acrescentaria. Ora, Sylvio, não me leve a mal pelo que vou dizer, mas você parece ter evoluído bastante em relação aos conhecimentos artísticos... Parece que seus focos

de interesse não se resumem mais
apenas às churrasqueiras.

Bénavides opta por considerar
isso um elogio.

– Estou me documentando, chefe.

Tentando

cruzar

minhas

informações, obtidas das melhores

fontes. Mas nem por isso a situação está mais clara. Pelo contrário!

Eles saem e vão andando pelo

pátio de pedras do museu. Diante

deles, algumas balsas sobem o Sena.

Na margem direita, a estranha casa

da Ponte Velha, equilibrada há

séculos acima do rio entre dois

pilares abandonados, parece prestes

a desabar na água cinzenta.

– Você ainda tem aquele seu

papel com as três colunas? –

pergunta Sérénac.

Sylvio enrubesce e tira do bolso

uma folha.

– Ahn, chefe, ontem à noite tentei

outra coisa, outro jeito de encadear todos os indícios. É só um rascunho,

mas...

– Me mostre isso aí! – ordena

Sérénac.

O inspetor mal dá tempo de o assistente desdobrar o papel antes de arrancá-lo das suas mãos. Baixa os olhos e descobre um triângulo rabiscado com diferentes nomes.

Perplexo, passa a mão pelos cabelos.

– Que diabo é isto, Sylvio? Esta porra de pirâmide?

– Eu... não sei – gagueja

Bénavides. – Só outro jeito de pensar o caso, talvez. Desde o início desta história toda, estamos diante de três séries de indícios que seguem em três direções diferentes: as *Ninfeias*, as amantes de Morval e as crianças. É um método, digamos, diferente para formalizar tudo. Por que não imaginar que quanto mais nos aproximamos do centro do

triângulo, maior o índice de culpa...

Sérénac se apoia no pedestal da
estátua que domina a entrada do
museu. Um cavalo de bronze.

– Formalizar tudo. Que loucura.

Você

acha

mesmo

que

vai

solucionar este caso com esta porra
de método cartesiano?

Sérénac pousa a mão suada na
anca de bronze do cavalo.

– Se entendi direito, então, no
centro você poria a Fundação
Theodore Robinson e aquela moça
de Boston, Aline Malétras. Tá... O
único problema é que o diretor do
museu acaba de esfriar seriamente a
pista de um caso no mundo da arte
envolvendo *Ninfeias* ou qualquer
outro quadro de Monet, mesmo
pintado *ante mortem*.

– Eu sei. Apesar de tudo, achei aquela história de sigilo profissional meio esquisita.

– Eu também. Mas tenho ainda mais dificuldade para acreditar nessa história surrealista de dezenas de quadros impressionistas esquecidos desde a morte de Monet nos sótãos da casa rosa.

– Entendo. Em todo caso, o casal Dupain em princípio não tem nada a ver com as crianças nem com o tráfico de obras de arte, principalmente o marido. Pus os dois num ponto cego. Assim como Amadou Kandy.

Sérénac continua a observar o desenho

com

espanto.

Sylvio

Bénavides expira aliviado com
discrição. Numa versão anterior do
triângulo, havia escrito o nome de
Laurenç Sérénac a meio caminho
entre o vértice “Amantes” e o
vértice “Ninfeias”.

Sérénac levanta a cabeça de
repente e o encara de um jeito
estranho. Sylvio leva um dedo ao
seu triângulo.

– Resta a moça de jaleco azul, a
que não foi identificada. No meu
triângulo, eu a situo em algum lugar
entre as amantes e as crianças.

– Essa sua história de criança
está virando uma obsessão. Você é
mesmo perseverante, Sylvio. Isso
não se pode negar.

– Do que mais o senhor precisa,
chefe? Um postal de aniversário
escrito para uma criança de 11 anos

com uma estranha citação de
Aragon... E agora uma caligrafia de
criança na caixa de tintas. Uma
criança de 11 anos morta em 1937
segundo
o
mesmo
ritual
que
Morval...
Várias
amantes
de
Morval,
das
quais
uma,
não
identificada, poderia, por que não?,
ter tido com ele um filho de cerca de
10 anos, não reconhecido pelo pai...
– É... Em todo caso, não foi uma
criança de 11 anos que levantou a
pedra de 20 quilos que esmagou o

crânio de Morval. E o que você faz com todos esses indícios?

– Não sei. Não consigo tirar da cabeça que uma criança de Giverny e s t á correndo perigo. Sei que é ridículo, não podemos isolar todas as crianças da cidade, mas...

Laurenç Sérénac lhe dá um tapinha afetuoso nas costas.

– Já falamos sobre isso: é a síndrome do homem “papai ou quase”. Aliás, nada ainda lá na maternidade?

– Nadinha. Estamos chegando ao final da gestação. Tenho tentado passar lá com a maior frequência possível, com uma pilha de revistas que Béatrice invariavelmente joga na minha cara. “Está tudo bem, é preciso aguardar, o colo não dilatou, está cedo demais para uma cesárea, é o bebê quem decide, o que mais vocês querem que eu diga?”: é esse o refrão das parteiras o dia inteiro.

– Vai voltar para lá agora?

– Vou, ora.

– Não tenho dúvida, Sylvio.

Todos os outros homens gastariam suas últimas noites de celibato com álcool, haxixe ou pôquer. Mas você não! Diga a Béatrice que mandei um beijo. Ela é uma moça legal, você a merece.

Passa a mão no ombro do assistente.

– Posso garantir que você é um dos últimos sábios deste planeta. Quanto a mim, vou voltar para o inferno.

Laurenç Sérénac confere o relógio: 16h25.

Põe o capacete e sobe na Triumph.

– Cada um com sua linha de fuga...

Sylvio Bénavides observa seu

superior se afastar. Na hora em que
a Triumph desaparece após a
esquina das casas na beira do Sena,
pensa se, no fim das contas, teve
razão em riscar o nome de Laurenç
Sérénac da lista de suspeitos.

64

NO PRIMEIRO ANDAR DO Museu de
Vernon, a janela da sala 6 parece
mais um quadro. A encosta da
margem direita do Sena, que se pode
adivinhar
através
da
vidraça,
prolonga de modo admirável as
paisagens emolduradas de Pourville,
o pôr do sol em Veules-les-Roses, o
castelo Gaillard, a praça de Petit-
Andelys, o Sena em Rolleboise.
Quando a Tiger Triumph do
inspetor Sérénac atravessa o quadro,
confesso que isso destoa um pouco
do cenário impressionista. Vejo a

moto passar de uma margem a outra
pela ponte de Vernon, dobrar à
direita e margear o Sena em direção
a Giverny, bem no ponto em que o
meandro desaparece.

O inspetor idiota está voando em
direção à sua bela, claro.

Imprudente. Inconsciente.

Entro em outra sala, a que tem as
paredes revestidas de madeira: o
gabinete de desenhos. Confesso que
é a minha preferida! Com o tempo,
quase acabei preferindo os desenhos
de Steinlen aos quadros dos grandes
mestres. Adoro essas caricaturas,
esses retratos de operários ou
mendigos feitos de uma sarjeta,
essas cenas de vida banais de gente
anônima capturadas em pastel em
poucos instantes. Não me apresso,
demoro-me muito tempo em cada
esboço, degusto cada traço de lápis
como uma bala que se deixa derreter
na língua. Como é a última vez,

minha derradeira visita, meu adeus a
Steinlen, mais vale saborear cada
detalhe.

Depois que meu olhar se detém
com emoção em cada desenho
exposto, de acordo com um ritual de
velha doida, coisa que sou há mais
de cinquenta anos, sempre que subo
ao primeiro andar do Museu de
Vernon, paro em frente a *O Beijo*.

É claro que não estou me
referindo àquele abraço cheio de
paetês de Klimt, aquela espécie de
cartaz de perfume inebriante. Não.
Estou me referindo a *O Beijo*, de
Steinlen.

Trata-se de um simples esboço a
carvão, apenas alguns traços: um
homem, de costas, vestido com uma
roupa justa, músculos salientes,
estreita contra o peito uma mulher
completamente entregue. Ela está na
ponta dos pés e tem o rosto virado e
encostado no ombro dele; seu braço

tímido não se atreve a enlaçar a
cintura grossa.

Ele a quer. Ela se entrega,
incapaz de resistir.

Os
amantes
se
mostram

indiferentes às sombras que se
agigantam ao fundo, como um sem-
fim de ameaças.

É o desenho mais bonito de
Steinlen. Podem acreditar. É essa a
verdadeira obra-prima do Museu de
Vernon.

65

NA RUE CLAUDE-MLAUDE-MONET,
NA hora do fim das aulas, a Tiger
Triumph provoca um furor entre as
crianças. As que estão correndo
diminuem o passo ao ver a moto e
viram a cabeça, impressionadas.
Têm entre 5 e 12 anos de idade. É o
que diria Laurenç Sérénac. Não

pode evitar pensar nas hipóteses de
Sylvio Bénavides, naquela história
de criança em perigo. Os rostos
desfilam diante dele. Uma dezena,
vinte
talvez.

Sorridentes.

Descontraídos.

Qual
daquelas
crianças seria preciso interrogar?

Qual
dos
meninos,
qual
das
meninas? Para perguntar o quê? Para
revelar um bem guardado segredo de
família?

Para
procurar
uma
semelhança, um ponto em comum
com Jérôme Morval? Por onde

começar?

O

inspetor

Laurenç

Sérénac

estaciona sua Tiger Triumph T100

debaixo da tília que oferece mais

sombra. Netuno dorme ao pé da

árvore, como se a vigiasse. Levanta-

se com preguiça para pedir um

carinho, que o inspetor não recusa.

Quando Laurenç entra na sala,

Stéphanie está de costas para ele.

Está levemente curvada, ocupada

arrumando papéis em caixas de

madeira. Sérénac não diz nada.

Hesita. Sua respiração se acelera.

Será que ela o escutou? Será que

está bancando a indiferente? Ele

avança mais um pouco e leva as

mãos aos quadris da professora.

Stéphanie estremece. Não diz

nada. Nem seu corpo nem sua

cabeça se viram. Ela não precisa

disso; já o reconheceu.

Pelo barulho do motor?

Pelo simples cheiro?

Contenta-se em pousar as mãos
espalmadas sobre o púlpito de
madeira à sua frente. As mãos do
inspetor seguram com mais força a
cintura fina da professora. Seu corpo
chega ainda mais perto; ele sente o
hálito da jovem. Não consegue
desgrudar os olhos das finas gotas
de suor que brotam entre a orelha e
o pescoço.

Suas mãos vão subindo. Uma
delas desliza pelas costas curvadas,
enquanto a outra se aventura,
espalmada,
pela
barriga
de
Stéphanie,
acompanhando
sua
respiração curta. As duas mãos

sobem mais. Quase se juntam ao
tocarem os seios da jovem. Os
dedos passam vários segundos
alisando aquelas formas pesadas,
como se quisessem memorizar seu
contorno, antes de se fechar em
torno delas.

O rosto de Laurenç vai se colar
ao perfil úmido da professora. Uma
orelha e uma nuca, ambas úmidas.
Os dois agora formam uma coisa só.
O jeans do inspetor está colado ao
vestido de linho de Stéphanie.

Esticado de desejo. Ela está sem ar.

Os dois passam muito tempo
desse jeito. Apenas as mãos dele
estão vivas e, sem se darem sequer
ao trabalho de se introduzir entre o
tecido e a pele, continuam a
massagear o busto dela.

Stéphanie inclina a cabeça, só
um pouco, o suficiente para a de
Laurent deslizar até sua boca. E
murmura, sussurra mais do que diz:

– Estou livre, Laurenç. Estou

livre. Me leve embora.

Devagar, as mãos do inspetor tornam a descer, se abrem, se estendem como que para não esquecer nenhum milímetro de pele. Chegam à cintura, mas não se detêm, e continuam a descer.

Por um segundo, um segundo apenas, o corpo curvado de Laurenç se afasta do de Stéphanie. Apenas tempo suficiente para as duas mãos ávidas segurarem a saia do vestido e a levantarem até a cintura, antes de o seu quadril esmagar outra vez a base das costas da professora, prendendo o pano amarfanhado entre os dois corpos e dando às mãos de Laurenç total desenvoltura para acariciar as coxas nuas e afastá-las delicadamente.

– Me leve embora, Laurenç –

murmura de novo a voz trêmula de
Stéphanie. – Estou livre. Me leve
embora.

– E aí? – pergunta Paul a Fanette. –
O que ela disse?

Fanette fecha atrás de si a porta
da sala na escola. Tem o semblante
lívido. Paul imagina que isso não
seja bom sinal.

– Ué, nem demorou. O que foi
que

a
professora
disse?

Ela
acreditou quando você falou de
James? Não deu bronca em você,
deu?

Nenhuma resposta.

Paul nunca tinha visto tamanha
aflição no rosto de Fanette. De
repente, sem nem mesmo lhe dirigir
a palavra, ela foge correndo. Netuno

se levanta bruscamente de baixo de sua tília e sai galopando ao lado dela.

Paul hesita em fazer o mesmo.

Antes de Fanette desaparecer, ele grita:

– Você falou com ela?

– Nããããõ...

É a única palavra pronunciada pela menina, em meio a uma enxurrada de lágrimas que bastaria para inundar o declive da Rue Blanche-Hoschedé-Monet.

66

O ÔNIBUS DO CONSELHO geral deixa o delegado Laurentin na praça central de Lyons-la-Forêt. Durante todo o trajeto, o para-brisa do veículo proporcionou ao delegado uma vista panorâmica da fascinante floresta que cerca a cidade, depois da sequência de casas normandas de enxaimel que conferem ao lugar uma nostalgia de século passado, como

se o vilarejo só tivesse sido
conservado daquele jeito para servir
de locação às adaptações das
novelas de Maupassant ou dos
romances de Flaubert.

O olhar do comissário Laurentin
se detém por um instante no chafariz
da praça central, bem ao lado do
imponente mercado. O belo chafariz
de pedra não parece ter a idade que
tem. E com razão: foi inteiramente
construído uns vinte anos antes para
as filmagens do longa de Chabrol
sobre Emma Bovary.

O chafariz é falso! De mentira!
Mesmo assim, o delegado não
pode evitar fazer a associação entre
o destino trágico de Emma Bovary,
aquele sentimento de tédio banal,
aquela impressão de outra vida
possível que lhe estaria sendo
negada, e todas as informações que
recolheu nos últimos dias sobre
Stéphanie Dupain. Enquanto se

afasta da praça central do vilarejo, o delegado Laurentin chama a si mesmo de volta à realidade. Essa comparação é ridícula; ele já passou da idade das elucubrações românticas. O delegado Laurentin avança a bom ritmo. A casa de repouso Les Jardins fica um pouco acima de Lyons, e chega-se até lá por um aclive acentuado que margeia a floresta.

O linóleo azul do hall de entrada brilha como se fosse escovado a cada hora. A maioria dos internos passa o fim de tarde, e sem dúvida o resto do tempo, em uma grande sala à sua esquerda. Uma imensa tela de plasma parece ligada dia e noite diante de uns trinta residentes imóveis.

Adormecidos. Perdidos

nos próprios pensamentos. Os mais ativos mastigam sem energia os biscoitos de um lanche servido há uma hora, antes da refeição da noite.

Uma ode à lentidão.

Uma enfermeira meio gordinha atravessa o recinto com a mesma elasticidade de um gerente de loja de porcelana e vem na sua direção.

– Pois não?

– Delegado Laurentin. Liguei hoje de manhã. Gostaria de falar com Louise Rosalba.

A enfermeira sorri. Um pequeno broche dourado informa seu nome: Sophie.

– Sim, estou lembrada. Louise Rosalba já foi avisada. Está esperando o senhor. Faz alguns anos que Louise tem muita dificuldade para se expressar, mas não se deixe enganar: ainda tem uma cabeça ótima e entende perfeitamente tudo o que se pergunta. Quarto 117. Não

seja muito brusco, delegado...

Louise tem 102 anos e faz muito tempo que não recebe uma visita.

O delegado empurra a porta do quarto 117. Louise Rosalba está virada de perfil, observando o estacionamento

de

sua

janela.

Observando fixamente. Um Audi 80

para, um casal salta do carro. A

mulher traz na mão um buquê de

flores e duas crianças pequenas

tagarelam enquanto fecham a porta.

Laurentin tem a impressão de que o

fluxo de visitas para os outros

internos dita o ritmo do cotidiano da

centenária.

– Louise Rosalba?

A velha mulher vira o rosto

enrugado. Laurentin sorri.

– Sou o delegado Laurentin. A

enfermeira Sophie deve ter lhe

falado sobre a minha visita hoje de
manhã. Eu... eu sinto muito, vim
recorrer
às
suas
lembranças.

Lembranças muito antigas, e sem
dúvida nada agradáveis. Vim lhe
falar sobre a morte de seu filho, seu
filho único Albert. Foi em... 1937.

As mãos que parecem uma renda
tremem entre as dobras da manta
pousada sobre os joelhos de Louise.

Os olhos claros ficam úmidos. Ela
abre a boca, mas nenhum som sai.

Nas paredes não há nenhum
crucifixo pendurado, nenhuma foto
de netos em traje de batismo ou de
primeira comunhão, nenhum cortejo
matrimonial. As paredes nuas estão
decoradas apenas com a bela
reprodução de uma tela de Monet,
Senhorita com sombrinha: uma
elegante mãe de família passeia com

o filho num campo onde explode o
vermelho de uma chuva de papoulas,
em algum lugar nos arredores de
Argenteuil.

– Eu... – continua o delegado

Laurentin

–...

tenho

perguntas

específicas a lhe fazer. Não se
afobe, vou... vou ajudar sua
memória.

O delegado se abaixa e tira da
bolsa uma fotografia escolar em
preto e branco: “Escola de Giverny
– 1936-1937”.

Ele deposita a imagem sobre os
joelhos de Louise. Os olhos da
centenária parecem fascinados pela
reprodução.

– Este era Albert? – pergunta o
delegado, apontando para o menino
sentado na segunda fileira. – Era
este aqui mesmo?

Louise confirma com um meneio
de
cabeça.

Algumas
lágrimas
pingam na fotografia, como se
houvesse começado a chover no
pátio da escola, mas as crianças,
obedientes, não se atrevessem a
mexer nem o dedo mindinho,
pacientes diante da lente de um
fotógrafo meticoloso.

– A senhora nunca acreditou que
tivesse sido acidente? É isso
mesmo?

– N... não – articula Louise.

Ela
engole
em
seco
demoradamente.

– Ele não... não estava sozinho.
Não estava sozinho... perto do... do
rio.

O delegado tenta controlar a
agitação interna. Torna a pensar nos
conselhos da enfermeira: não forçar
Louise!

– A senhora sabe quem estava
com o seu filho?

Louise aquiesce suavemente.

Uma
tensão
extrema
parece
preencher o espaço do minúsculo
quarto, como se abrir o baú
daquelas
velhas

lembranças
liberasse um gás inflamável capaz
de fazer o cómodo explodir ao
primeiro descuido. A voz do
delegado se faz mais hesitante:

– Foi... foi essa pessoa, a que
estava com Albert perto do regato,
foi ela quem matou seu filho?

Louise se concentra nas palavras

pronunciadas

pelo

delegado

e

acquiesce outra vez. Um movimento

lento do pescoço, inequívoco.

– Por que a senhora não disse

nada? Por que não a acusou na

época?

Agora chove a cântaros no pátio

da escola de Giverny. O papel

começa a se envergar. As crianças

da turma, ainda obedientes como

santinhos, não se movem.

–

Nin...

ninguém...

ac...

acreditava em mim... nem... nem o

meu mar... marido.

A centenária parece ter feito um

esforço desmedido para pronunciar

essas poucas palavras. A pele

flácida que pende abaixo do seu

pescoço treme feito o papo de uma
ave
doméstica.

O
delegado
Laurentin
entende
que
precisa
poupá-la, fazer as perguntas e
sugerir as respostas, para que ela só
precise confirmar ou negar as
hipóteses que ele lhe apresentar,
com um gesto ou uma sílaba.

– E depois disso vocês se
mudaram? Não dava mais para ficar
lá... Depois seu marido morreu. A
senhora ficou sozinha?

Louise move a cabeça devagar
para dizer sim. O delegado se
inclina em direção à centenária, tira
um lenço do bolso e enxuga com
delicadeza a fotografia escolar.

– E depois? – prossegue

Laurentin com uma voz que a duras
penas
consegue
disfarçar
sua

emoção. – Essa pessoa, a que estava
com seu filho na beira do rio... Essa
pessoa depois cometeu outro crime,
foi isso? Ou vários, talvez? Essa
pessoa tornou a matar? Vai matar
outra vez?

De repente, Louise Rosalba
parece respirar melhor, como se o
delegado houvesse acabado de lhe
tirar um peso que lhe comprimia o
peito havia uma eternidade.

Ela faz que sim com a cabeça.

Meu Deus...

Arrepios percorrem os braços
do delegado Laurentin. Para ele
tampouco
aquelas
bruscas
acelerações

cardíacas

são

recomendadas, mas no presente

momento não está nem aí para os

conselhos do cardiologista. Tudo o

que importa são aquelas revelações

estorrecedoras

enterradas

na

memória de uma mulher há quase 75

anos. Ele aproxima a foto um pouco

mais dos dedos de Louise.

– Essa... essa pessoa de quem

estamos falando, ela também está

sentada nos bancos da escola, não é?

A senhora poderia... poderia me

mostrar quem é?

Os dedos de Louise tremem

ainda mais. Laurentin pousa com

delicadeza a palma da mão no pulso

da centenária, tomando cuidado para

não acentuar a pressão, para não a

dirigir nem para um lado nem para

outro. Os dedos enrugados se

deslocam sobre a foto escolar e
então, lentamente, seu indicador
encosta em um rosto.

O delegado sente o coração se
acelerar.

Meu Deus, meu Deus...

Uma imensa onda de calor o
envolve. Aperta com mais força
ainda a mão de Louise. Seu coração
desembesta, ele precisa se acalmar.

– Obrigado. Obrigado.

Laurentin respira devagar e a
empolgação arrefece um pouco. O
delegado se deixa invadir por um
sentimento estranho: a contradição
entre a dimensão irracional daquela
revelação,
daquele
testemunho,
daquela acusação, e sua lógica no
entanto implacável. Ele agora sabe
quem assassinou o pequeno Albert
Rosalba. Consequentemente, sabe
também quem matou Jérôme Morval.

Quem e por quê.

Seu coração retoma aos poucos
o ritmo normal, mas ele não
consegue afastar aquela satisfação
derrisória, aquele orgulho inútil de
ter enfim a prova de que não estava
errado, de que não se deixou
enganar.

De ter razão antes dos outros.
Seu olhar se perde pela janela,
para além do estacionamento, na
direção da floresta escura da qual se
distingue o limiar.

O que fazer agora?

Voltar para Giverny?

Voltar

para

Giverny

e

reencontrar

Stéphanie

Dupain?

Antes que seja tarde demais?

Basta esse último pensamento

para seu coração recomeçar a bater
feito um louco. Seu cardiologista
ficaria uma fera.

67

22H53. ESTOU OLHANDO PARA a lua.

Vista da janela da torre do
moinho de Chennevières, ela parece
imensa, quase ao alcance da mão.
Podem ficar tranquilos, não
estou maluca. Não se trata de uma
ilusão de ótica. Falaram sobre isso
na rádio France Bleu Haute-
Normandie e até na televisão
regional; explicaram que a lua cheia
de hoje é a maior do ano. Que está
no perigeu, foi o que disseram. Ou
seja, pelo que entendi, hoje à noite a
Lua está no ponto mais próximo da
Terra. De tudo o que foi explicado,
absorvi que a Lua não tem uma
órbita circular em volta da Terra,
mas sim elíptica. Existe, portanto,
um dia em que a Lua está mais
distante do nosso planeta e um dia

em que está mais próxima.

É hoje à noite! Segundo eles, a
olho nu, vista da Terra, a Lua fica
maior. É o que afirmaram logo
depois da previsão do tempo,
quando estavam falando sobre o
santo do dia. O perigeu. Uma vez
por ano.

A claridade da noite banha os
telhados de Giverny com uma
atmosfera estranha. Um artista
motivado quase poderia montar seu
caveleto e passar a noite inteira
pintando, sem luz artificial. Quantos
somos, neste mesmo instante, a
observar o mesmo luar? Quantos
escutaram o rádio, assistiram à TV e
obedeceram? Um espetáculo que não
se deve perder, pelo que disseram.

Milhares de pessoas, dezenas de
milhares, decerto.

Decididamente, estou bastante
nostálgica hoje. Depois da minha
peregrinação ao Museu de Vernon,

eis que passo a noite debaixo da
minha janela. Neste ritmo, não vou
aguentar muito tempo.

Dito isso, não é essa minha
intenção.

Acreditem,

é

um

verdadeiro privilégio poder saber a
data do fim, e poder assim saborear
as últimas horas, a última noite, a
última lua.

Amanhã

vai

estar

tudo

terminado.

Já está decidido. Falta apenas
escolher o método.

Veneno? Arma branca? Arma de
fogo? Afogamento? Asfixia?

Possibilidades não faltam.

Nem

coragem.

Tampouco

determinação. Ou motivação.

Continuo observando o vilarejo

adormecido. Os postes e as últimas

janelas iluminadas, em meio à noite

pálida, me lembram as flores

amarelas

das

minhas *Ninfeias*

negras, como inúmeros faróis frágeis

perdidos em um oceano de trevas.

A

polícia

fracassou,

não

entendeu nada. Pior para eles.

Amanhã à noite tudo vai acabar

com um último cadáver, como um

parêntese que se fecha de forma

definitiva.

Ponto final.

É a primeira vez que Fanette

contempla uma lua tão grande assim.

Parece um planeta ou uma espécie

de disco voador que vai pousar ali,
no meio das árvores, na encosta do
morro. Sua professora tinha razão
quando lhes disse para ficarem
acordados até tarde. Ela explicou a
elipse, o perigeu, fez desenhos
complicados no quadro, com flechas
e números.

Fanette não sabe as horas, mas
parece-lhe que devem ser pelo
menos onze da noite. Vincent voltou
para casa faz uma hora mais ou
menos, pelos seus cálculos.

*Achei que fosse passar a noite
debaixo da minha janela, me
escutando, sem querer largar a
minha mão.*

Foi embora, finalmente.

Ufa!

Fanette queria ficar sozinha,
sozinha com aquela lua gigante,
como se fosse uma irmã mais velha.
Uma irmã mais velha que mora
longe e que vai convidá-la para uma

visita à sua casa.

Nesta noite, Fanette acabou de pintar seu quadro. Em geral, não gosta de se gabar, no fundo não acredita muito quando todo mundo lhe diz que o que ela desenha é genial, mas desta vez... Sim, sim, para a lua ela pode dizer: está orgulhosa das cores que depositou na tela, daquele movimento da água do regato atravessando o quadro, das linhas de fuga que seguem em vários sentidos. Tinha tudo na cabeça havia muito tempo, mas jamais teria se achado capaz de traduzir isso em pintura. Escondeu o quadro debaixo do lavadouro. No dia seguinte Paul vai buscá-lo e entregá-lo para a professora.

Posso confiar em Paul. Só em Paul. De jeito nenhum nos outros, no pretensioso Camille, na deduro Mary, nem em Vincent...

Vincent. O cachorrinho que não

larga do meu pé.

*De jeito nenhum em mamãe,
tampouco. Ela anda me vigiando
ultimamente, me leva à escola de
manhã e me deixa em frente à
grade antes de subir para o
casarão dos parisienses. Mesma
coisa na saída. Como se estivesse
me espionando! Acho isso estranho,
às vezes. Como se mamãe tivesse
medo de eu contar minha história
para todo mundo.*

James. Desaparecido. Morto.

Morto lá na plantação.

*Como se tivesse medo de as
pessoas acharem sua filha louca.*

James...

*Fanette estende a mão. Tem a
impressão de que, debruçando-se
mais um pouco no peitoril da janela,
poderia tocar as crateras da Lua,
passar os dedos nos sulcos.*

James...

Será que o inventei?

Será que simplesmente não
encontrei lá na plantação alguns
pincéis esquecidos por um pintor,
algumas gotas de tinta na margem
do rio... Minha imaginação cuidou
do resto. Mamãe sempre diz que
vivo num mundo imaginário, que
invento
coisas,
deformo
a
realidade. Para torná-la como eu
gostaria que fosse.

Agora, quanto mais penso no
assunto, mais me parece que James
nunca existiu. Eu o inventei porque
precisava
dele,
precisava
de
alguém para me dizer que tinha
talento para a pintura, que devia
perseverar, que era um gênio, que
devia pensar em mim e seguir

trabalhando,

trabalhando,

trabalhando nos meus quadros.

Ser egoísta.

Mamãe nunca diz isso. James

falou tudo o que um pai deveria ter

me aconselhado, tudo o que eu

queria que meu pai me dissesse.

Um pai artista. Um pai pintor.

Um pai que tivesse orgulho de mim.

Um pai que, um dia, do outro lado

do mundo, vai ler meu nome no

canto de um quadro exposto na

mais extraordinária das galerias e

que vai pensar apenas: “Eu a

reconheço, é minha filha. Minha

filhinha. A mais talentosa de

todas.”

Fanette observa as fachadas das

casas escuras.

Não! Não! Não! Meu pai não é

um cara do vilarejo na casa de

quem minha mãe faz faxina. Um

gordo, feio e velho, que fede e sua.

Impossível.

Além do mais, não estou nem aí.

*Não tenho pai. Inventei James
no lugar do meu pai. Graças a ele,
pintei meu quadro, as minhas
Ninfeias. E amanhã elas vão ser
despachadas para o concurso. São
a minha garrafa lançada ao mar.*

Amanhã.

Fanette sorri.

Aquela lua imensa talvez seja
mais um bom presságio.

Amanhã é meu aniversário!

À luz da lua, o pátio da escola de Giverny adquire um tom prateado.

Uma lua desmedida. Stéphanie
tentou explicar esse fenômeno do
perigeu da elipse da Lua para as
crianças da turma com a ajuda de
alguns
desenhos
simples.

Recomendou
que
ficassem

acordadas até um pouco mais tarde
do que o normal, para aproveitar o
espetáculo. Anotou tudo no quadro,
uma lua catorze por cento maior e
trinta por cento mais luminosa.

A lua tem o mesmo formato
circular da janelinha redonda do seu
quarto no forro, como se um pedaço

de janela tivesse se soltado e saído voando pelo céu. A Rue Blanche-
Hoschedé-Monet está deserta. As

folhas das tílias na praça da
prefeitura dançam suavemente ao
vento. Parece que uma chuva de
prata caiu sobre o vilarejo.

Jacques está deitado ao seu lado
na cama. Sem precisar se virar,
Stéphanie sente que ele não está
dormindo. Sente que a observa, que
não vai dizer nada, que vai respeitar
seu silêncio. A intimidade com
Jacques se tornou para ela cada vez
mais insuportável. Ele não mudou
nenhum de seus hábitos. Os dois
continuam a dormir juntos, nus e
quase

encostados,

mesmo

que

Jacques não tenha tentado tocá-la

nem tentado reconquistá-la. Pelo

menos não fisicamente.

Na véspera, os dois passaram

horas conversando.

Com calma.

Jacques diz que entendeu, que

vai tentar mudar.

Mudar o quê?

Stéphanie não o condena por

nada. Ou simplesmente, talvez, por

ele não ser outro homem.

Jacques diz que vai virar outro

homem.

Ninguém vira outra pessoa.

Stéphanie sabe muito bem que essas

conversas não levam a nada. Sua

decisão está tomada. Ela vai deixá-

lo. Vai embora.

Jacques

é

um

homem

equilibrado. Com certeza acha que ter paciência é o método certo para fazer Stéphanie duvidar de si mesma. Deixar a tempestade passar.

Esperar, ficar parado de guarda-chuva na mão. Nunca se sabe...

Pronto para estender aquele grande guarda-chuva para dois assim que ela voltar.

Ele está enganado.

Stéphanie observa por muito tempo o pátio daquela escola onde leciona há anos, as amarelinhas desenhadas no asfalto do chão, o trepa-trepa. Na sua cabeça ecoam os gritos das crianças durante o recreio.

Stéphanie marcou um encontro com Laurenç no dia seguinte à tarde. Não no vilarejo, claro, não em frente à escola nem no regato. Mais longe, num lugar mais discreto. A ideia foi

sua: a ilha das Urtigas, famosa campina na confluência do Epte com o Sena comprada por Claude Monet, onde ele guardava suas telas, onde atracava seu ateliê-barco. Um belo lugar isolado a pouco mais de 1 quilômetro de Giverny. Quanto mais ela pensa, mais se convence de que a ilha das Urtigas é uma boa ideia.

Laurenç vai saber apreciar a escolha. Laurenç tem um instinto surpreendente para tudo o que diz respeito à arte. Na casa de Monet, ele não sentiu na hora que o quadro de

Renoir, *A moça de chapéu branco*, não era uma reprodução?

Mesmo que a razão o pressionasse a não admitir tal coisa, Laurenç pressentiu que aquilo era uma obra-prima autêntica. Como as dezenas de outras esquecidas na casa de Monet: Renoir, Pissarro, Sisley, Boudin... e *Ninfeias* desconhecidas também.

Meu Deus, se eles tivessem tempo,
se fossem livres, Stéphanie gostaria
tanto de mostrá-las a Laurenç.

Compartilhar com ele uma emoção
dessas...

Jacques apagou a luz e virou de
lado, como se estivesse dormindo. O
lunar empresta ao quarto ares de gruta
feérica. Os olhos de Stéphanie
recaem sobre o criado-mudo, sobre
o livro que ali repousa.

Está no mesmo lugar.

Aureliano.

Louis Aragon.

Invariavelmente, aquela frase volta
para

assombrá-la. *O crime de*

sonhar eu consinto que seja

instaurado. A mensagem do postal
de aniversário encontrado no bolso
de Jérôme Morval.

O crime de sonhar...

Como se a frase houvesse sido
escrita para ela.

O crime de sonhar...

Todos aqueles que não leram os
versos seguintes, todos os que não
conhecem a continuação daquele
longo poema de Aragon, “Ninfeu”,
estão errados. Não, é claro que
Aragon não condena os sonhos.

Que contrassenso!

Muito

pelo

contrário,

evidentemente o que o poeta está
exprimindo é a ideia oposta.

Ela recita baixinho aqueles
versos que ensina todos os anos às
crianças do vilarejo.

*O crime de sonhar eu consinto que
seja instaurado.*

*Se eu sonho, é com aquilo que
me proíbem.*

Vou me declarar culpado.

Gosto de estar errado.

*Aos olhos da razão o sonho é
um bandido.*

Stéphanie repete em silêncio os
quatro versos da estrofe, com o
mesmo fervor de uma prece profana
indecente.

*Se sonho, é com aquilo que me
proíbem...*

Sim, o sonho é algo fora da lei.

Sim, ser uma mulher cruel
agrada a Stéphanie.

Não, ela não tem remorso algum.

Sim, aos olhos da razão, seu
sonho é um crime.

Que amanhã Laurenç Sérénac a
tome nos braços, que eles façam
amor na ilha das Urtigas e que ele a
leve embora, que a leve embora...
Amanhã.

DÉCIMO TERCEIRO

DIA

25 de maio de 2010, Caminho da
ilha das Urtigas

Desfecho

LENTAMENTE

PELA

TRILHA de terra que, logo atrás do moinho de Chennevières, parte em linha reta na direção das campinas da pradaria: uma trilha em mau estado em que as rodas dos tratores escavam sulcos ano após ano.

O inspetor Sérénac não deve ter se divertido muito com sua Tiger Triumph mais cedo. Não preciso entrar em detalhes; não acho que a antiguidade da moto seja muito adaptada ao motocross. Vi-o passar faz alguns minutos, virar atrás do moinho, em seguida mergulhar nas plantações em meio a uma nuvem de terra seca.

Há várias trilhas para sair de Giverny e entrar na pradaria, mas todas acabam dando num mesmo beco sem saída: a ilha das Urtigas. Em frente, logo em frente, não há nada além dos rios Epte e Sena. A

trilha conduz diretamente para lá e
chega a parar alguns metros antes da
confluência, nas margens do Epte, ao
pé de um pequeno bosque de
choupos que Monet conheceu; essas
árvores são tão protegidas pelos
fanáticos
pelo

Impressionismo

quanto as pirâmides do Egito.

Quem quiser chegar ao Sena
precisa prosseguir a pé.

Netuno galopa na minha frente.

Conhece aquele caminho de cor e
agora já não espera por mim.

Entendeu que percorro cada vez
mais

devagar

aquele

pequeno

quilômetro que separa o moinho de
Chennevières da ilha das Urtigas.

Esses sulcos são um inferno. Mesmo
com a ajuda da bengala, quase caio

pelo menos uma vez a cada 3 metros.

Felizmente, é a última vez que vou lá, a essa maldita ilha das Urtigas. Este tipo de caminhada por trilhas rurais não é coisa para a minha idade. Para completar, um calor feroz nos sufoca nesta tarde. É o dia mais bonito de maio e não há um ponto de sombra do meu moinho até o Epte, a não ser talvez, no meio do caminho, junto às paredes de telha corrugada onde se capta a água potável. Pelo menos, meu lenço me protege do sol. Exposta na planície amarelada, tenho a impressão de caminhar feito uma mulher árabe no deserto.

Meu Deus, vocês não imaginam a eternidade que vou levar para chegar a essa confluência do Epte com o Sena, a essa porcaria de ilha das Urtigas.

Quando penso que Netuno já

deve estar lá!

69

16H17. A T IGER TRIUMPH T100 de

Laurenç Sérénac está encostada ao

pé de um choupo. O inspetor chegou

um pouco antes da hora à ilha das

Urtigas; sabe que Stéphanie só

termina as aulas às quatro e meia.

Depois disso, precisa percorrer um

bom quilômetro para encontrá-lo.

Laurenç avança por baixo das

árvores. A paisagem é estranha: o

Epte, cercado por aquelas árvores

retas

enfileiradas

como

um

regimento

em

posição

de

continência, mais parece um canal

do que um rio natural. A confluência

dele com o Sena reforça mais ainda

essa impressão: o imenso leito do
rio corre com calma, sem ligar a
mínima para o ridículo fluxo trazido
por aquele braço d'água. Enquanto
as margens do Epte parecem
imobilizadas em uma eternidade
imutável, na direção do Sena, pelo
contrário, pode-se adivinhar uma
profusão de vida, a cidade, as
fábricas, as balsas, a via férrea, os
comércios. Como se o Sena fosse
uma
autoestrada
ruidosa
que
atravessa a zona rural, e o Epte, um
itinerário
alternativo
por
uma
estrada secundária esquecida, que se
perde.

Alguém está andando atrás dele.

Stéphanie, já?

Ele se vira, sorri.

É Netuno! O pastor-alemão
reconhece o inspetor e começa a se
esfregar nele.

– Netuno! Quanta gentileza vir
me fazer companhia... Mas, sabe,
grandão, isto aqui é um encontro
amoroso, um encontro discreto,
entende? Você vai ter de nos deixar
a sós.

Um galho se parte atrás dele. Folhas
são amassadas.

Netuno não está sozinho!

Laurenç Sérénac percebe o
perigo no mesmo instante, sem nem
ao menos raciocinar. O instinto do
policial.

Ergue os olhos.

O cano do fuzil está apontado
para ele.

Por um segundo, pensa que vai
acabar tudo assim, sem nenhuma
outra explicação. Que vai morrer
abatido como uma presa vulgar, que

uma bala vai explodir seu coração e
que seu cadáver vai flutuar pelo
Epte, depois pelo Sena, antes de dar
na margem bem mais adiante, mais
abaixo no vale.

Os dedos não puxam o gatilho.

Uma

suspensão

de

pena?

Sérénac

mergulha

na

brecha,

aparentando segurança:

– O que o senhor está fazendo
aqui?

Jacques Dupain abaixa a arma
ostensivamente.

– Era eu quem deveria lhe
perguntar isso... não acha?

A raiva que aumenta nele faz

Laurenç Sérénac mudar de atitude:

– Como o senhor sabia?

Netuno sentou a poucos metros
deles, debaixo de um raio de sol que
atravessa os choupos, e parece não
se interessar pela conversa. O fuzil
de Jacques Dupain está agora
apontado para o chão. Dupain exhibe
um esgar de desprezo.

– Você é burro mesmo, Sérénac.

Assim que o vi chegar no vilarejo,
com essa cara de salvador, essa
jaqueta de couro e a moto, entendi.
Você é tão previsível...

–

Ninguém
podia
saber.

Ninguém, a não ser Stéphanie. Ela
não pode ter lhe confessado nada.
Você me seguiu, foi isso?

Dupain se vira na direção da
pradaria.

Ao
longe,
pode-se

discernir o vilarejo de Giverny em
meio a uma bruma de calor que
deforma o horizonte. Dupain ri antes
de responder:

– Você não consegue entender.

Há coisas que ultrapassam a sua
compreensão. Nasci aqui, Sérénac.

Assim
como
Stéphanie.

Neste
vilarejo.

Ninguém
conhece

Stéphanie melhor do que eu. Desde
que você começou a virar a cabeça
dela, percebi. Um mínimo detalhe,
um livro que falta numa estante, um olhar dela em direção ao céu, um
silêncio... Aprendi a interpretar
todos esses sinais. Uma dobra numa
blusa, uma saia amarrotada, uma
roupa de baixo que ela em geral não
usa, uma ínfima nuance no jeito de
se maquiar, uma simples expressão

do seu rosto que muda. Se Stéphanie
marcasse um encontro com você,
Sérénac,
eu
saberia.

Saberia

quando... e saberia onde.

Laurenç Sérénac exibe uma
espécie de cansaço irritado e se vira
para o Epte. No fim das contas, o
longo monólogo de Dupain o
reconforta. Está diante de um marido
ciumento. Já era de esperar, afinal.
É o preço a pagar. O preço da
liberdade de Stéphanie. O preço do
seu amor.

– Bom – diz o inspetor. – O que
vai acontecer agora? Vamos esperar
Stéphanie chegar e conversar nós
três?

Outra

careta

de

desprezo

deforma o rosto de Jacques Dupain.

Como se uma certeza o habitasse.

– Acho que não. O senhor teve razão de chegar cedo, Sérénac. Eis o que vai fazer. Vai escrever uma carta curta, um bilhete de despedida, o senhor deve saber como fazer isso, deve ter bastante talento. Caso contrário, posso ajudar. Vai deixar essa carta no pé de uma árvore, bem à vista, vai subir na sua moto e sumir.

– Está brincando?

– Inspetor... O senhor já conseguiu o que queria. Stéphanie se entregou ao senhor ontem, na sala de aula de Giverny. Seu objetivo foi alcançado. Tiro meu chapéu. Muitos sonhavam com isso, e o senhor foi o primeiro. Vamos parar por aqui! Agora vai desaparecer da nossa vida. Não vou fazer escândalo nenhum nem chamar um advogado para

dizer
que
o
inspetor
encarregado do caso Morval está
transando com a esposa de um
suspeito, de um suspeito que ele até
se deu ao trabalho de jogar na prisão
na véspera. Em outras palavras, não
vou ferrar a sua carreira. Estamos
quites. Sou bom jogador, não acha,
para um sujeito conhecido em
Giverny como um louco ciumento?
Sérénac explode de tanto rir. O
vento agita em cadência as folhas
dos
choupos,
aveleiras
e
castanheiras.

– Acho que o senhor não
entendeu nada, Dupain. Não se trata
nem de mim nem da minha carreira.
Não se trata tampouco do senhor

nem do seu orgulho de marido
corno. Trata-se de Stéphanie. Ela é
livre. Entende isso? Nem o senhor
nem eu temos nada a conversar. Não
temos nada a decidir por ela.
Entendeu? Ela é livre. É ela quem
decide.

Dupain contrai as duas mãos em
volta do fuzil.

– Não vim aqui para conversar,
Sérénac. O senhor está perdendo um
tempo precioso. As palavras de
adeus que vai escolher talvez sejam
importantes para Stéphanie, que
depois vai ter de viver com elas.

Laurenç percebe uma irritação
profunda brotar dentro dele. Essa
situação lhe desagrada. Esse sujeito
lhe dá nojo.

Atrás dele, os campos de urtigas
se estendem até a confluência dos
rios. O lugar está deserto. Ninguém
vai aparecer, ninguém a não ser
Stéphanie. É preciso acabar com

isso.

– Escute, Dupain, não me brigue
a ser cruel.

– O senhor continua perdendo
tempo, eu já...

– O senhor é um medíocre,
Dupain

–
interrompe

Laurenç

Sérénac. – Abra os olhos! Não
merece Stéphanie. Ela merece coisa
muito melhor do que um cotidiano
ao seu lado. Ela vai embora,
Dupain, mais cedo ou mais tarde.

Comigo ou com outro.

Jacques Dupain se contenta em
dar de ombros. O ataque de Laurenç
Sérénac parece escorregar sobre ele
como gotas de chuva sobre um
telhado de ardósia.

– Inspetor, foi com esse tipo de
clichê grotesco que o senhor virou a
cabeça dela?

Sérénac dá um passo à frente. É mais alto do que Jacques Dupain pelo menos 20 centímetros. De repente, ele sobe o tom:

– Vamos parar com esse joguinho, Dupain. Agora mesmo. Vou ser bem claro: não vou escrever bilhete nenhum. Não estou nem aí para essa sua chantagem mesquinha ou para o que o senhor pode dizer para o seu advogado em relação à minha suposta carreira.

Pela primeira vez, Jacques Dupain hesita e observa Sérénac com uma atenção renovada. O inspetor desvia os olhos e percebe, ao longe, o campanário da igreja de Sainte-Radegonde, com os telhados das casas de Giverny a toda volta, como no vilarejo idealizado de uma maquete de trenzinho de brinquedo.

– *Mea culpa*, inspetor – prossegue Dupain. – Será que o subestimei? Será que, do seu jeito, o

senhor é sincero?

O rosto do homem se contrai em sulcos enrugados.

– O senhor não me deixa escolha: vou ter de recorrer a argumentos mais convincentes.

Bem devagar, Dupain levanta o cano do fuzil em direção à testa do i n s p e t o r . Laurenç

Sérénac

permanece parado, o olhar fixo. O suor escorre por seus cabelos. Com uma voz de serpente, ele sibila:

– Até que enfim, Dupain. A máscara caiu. O verdadeiro rosto se revela. O do assassino de Morval.

O cano do fuzil desce até a altura dos olhos. Impossível não ficar vesgo olhando para o orifício escuro do tubo de metal.

– Isso não tem nada a ver com a história, inspetor! – grita Dupain. – Pelo menos desta vez, não misture tudo! Estamos aqui para resolver

uma
questão
entre
nós
três:

Stéphanie, o senhor e eu. Morval
não tem nada a ver com isso.
Com a empolgação, o eixo do
cano se deslocou de leve em direção
à orelha do policial. Sérénac sabe
que é preciso parlamentar, ganhar
tempo, encontrar a brecha.

– Então o que o senhor vai
fazer? Me matar, é isso? Aqui,
debaixo dos choupos? Não vai ser
difícil encontrar o atirador... Um
fuzil de caça. O amante da sua
mulher abatido à queima-roupa. Um
encontro marcado na ilha das
Urtigas. Todo mundo me viu
atravessar o vilarejo na Tiger
Triumph. Acabar a vida na prisão,
mesmo tendo me eliminado, não vai
ser o melhor jeito de manter

Stéphanie ao seu lado.

O fuzil se aproxima um pouco mais, o cano se abaixa até a altura da boca. Sérénac hesita em tentar alguma coisa. Seria mais simples intervir agora, arrancar aquela arma e acabar com aquilo. Ele é mais forte, mais ágil do que Dupain. É a hora certa. Apesar disso, o inspetor aguarda.

– O senhor é um espertinho – responde Dupain com um esgar. – Nesse ponto tem razão. Só nesse. Não seria muito inteligente da minha parte matá-lo aqui friamente. O crime estaria assinado. Mas o tempo está passando, então agora vamos acelerar: escreva logo essa carta de adeus.

O fuzil desce até o pescoço do inspetor. Sérénac sobe com uma lentidão infinita a mão direita pela cintura e então, de repente, a estende.

Sua mão se fecha no vazio.

Atento, Jacques Dupain recuou,
ainda com o fuzil apontado.

– Nada de bancar o caubói,
inspetor. Está desperdiçando seu
tempo. Quantas vezes vou ter de
repetir? Redija uma bela carta de
despedida para mim.

Sérénac dá de ombros com uma
atitude desdenhosa.

– Não conte com isso, Dupain.

Já chega desse circo.

– O que foi que o senhor disse?

– Que já chega desse circo!

– Circo?

Dupain encara Sérénac com os
olhos
esbugalhados.

Todo

o

cinismo,

todo

o

desdém

desapareceram da sua expressão facial.

– Circo? Foi isso mesmo que o senhor disse? Será que não entendeu nada? Não quer encarar a realidade? Tem um... um detalhe do qual o senhor não faz a menor ideia.

O cano frio da arma de caça encosta no coração do inspetor. Pela primeira vez, Laurenç Sérénac não consegue articular uma resposta.

– O senhor não pode nem imaginar quanto sou apegado a Stéphanie. Quanto sou capaz de tudo por ela. Pode ser que o senhor ame Stéphanie, Sérénac, talvez até de modo sincero... mas acho que não se dá conta a que ponto o afeto ridículo que tem por ela não chega aos pés da minha...

Sérénac engole em seco, com repulsa. Dupain continua:

– Da minha... Pode chamar como quiser, Sérénac. Loucura,

obsessão... amor absoluto.

O dedo se curva no gatilho.

– Mas o senhor vai redigir esse

bilhete de adeus, inspetor, e

desaparecer para sempre!

70

STÉPHANIE DUPAIN NÃO CONSEGUE

evitar lançar um olhar para o relógio

de parede acima do quadro-negro.

16h20.

Dez minutos ainda! Dali a dez

minutos, vai deixar as crianças em

Giverny e correr ao encontro de

Laurenç. A ilha das Urtigas. Sente a

mesma

excitação

de

uma

adolescente cujo namorado cheio de

espinhas a aguarda na saída da

escola, no ponto de ônibus.

Sente-se um pouco ridícula,

também. Sim, claro. Mas há quanto

tempo não tinha coragem de escutar

o chamado de seu coração, de erguer
os olhos para aquele céu azul que
não a faz pensar em outra coisa
senão uma felicidade sem nuvens, de
deixar crescer dentro de si aquela
vontade de largar as crianças ali,
naquele instante, dar em cada uma
delas um grande beijo na bochecha e
dizer que vai embora, dar a volta ao
mundo, que, quando voltar, elas
estarão todas crescidas.

De gargalhar diante da cara
assustada dos pais dos alunos.
Ridícula, sim. Deliciosamente
ridícula. Aliás, não está com
disposição para dar aula e ri feito
uma boba de cada besteira dos
alunos. Sequer encheu seus ouvidos
com lições de moral quando nenhum
deles entregou um quadro para o
concurso da Fundação Robinson.
Nem mesmo os mais talentosos. Em
outro dia, teria dado um grande
sermão sobre a oportunidade que

não se deve deixar passar, sobre os
pequenos brotos de talento que é
preciso cultivar, os desejos que não
se pode deixar morrer, as cinzas que
não se deve deixar se apagar, todos
aqueles conselhos que passa o ano
inteiro repetindo e que, na verdade,
se destinavam apenas a ela mesma.

Ela ouviu os próprios conselhos!

Faltam nove minutos agora para
sua fuga!

As crianças precisam resolver um
problema de matemática. Para variar
um pouco de Aragon e da pintura.

Alguns pais de alunos acham que ela
não ensina problemas suficientes,
matemática, ciências.

O crime de sonhar...

O olhar de ninfeias de Stéphanie
se perde pela janela da sala, bem
longe, acima dos choupos de Monet.

– Você não entregou seu quadro? –
murmura Paul virando-se para
Fanette.

A menina não ouve nada. A professora está olhando para outra coisa.

Vou lá!

Ela se esgueira até a carteira de Paul.

– O quê?

– Seu quadro, para o concurso?

Vincent os observa com um ar estranho. Mary parece estar com a mão coçando, como se fosse levantar o dedo e chamar a professora assim que esta virasse a cabeça.

– Hoje de manhã não consegui, é minha mãe quem está me trazendo à escola agora. Ela teria dado outro chique! Venha me buscar daqui a pouco, na saída.

Fanette verifica com o rabo do olho que a professora não está olhando na sua direção. Com o outro, vigia Mary. A menina faz justamente menção de se levantar.

No mesmo instante, como se houvesse previsto o movimento, Camille se inclina em direção ao caderno de Mary para lhe explicar o exercício.

O gordo Camille está sendo legal comigo nisso, como se tivesse entendido tudo. Mary não tem mesmo o menor talento para a matemática. Não tem o menor talento para nada. Já Camille é o oposto: seu jeito de paquerar é bancando o pretensioso. Com Mary, vai acabar dando certo.

Fanette se agacha em frente à carteira de Paul.

– Paul – sussurra –, você pode ir buscar meu quadro? No nosso esconderijo, sabe? E trazer para a professora logo depois da escola?

– Pode contar comigo. É só o tempo de ir e voltar. Se correr, levo menos de cinco minutos.

Fanette torna a deslizar entre as

carteiras para voltar ao seu lugar e se senta. Discreta. Só que aquele idiota do Pierre deixou a mochila no chão outra vez. Fanette tropeça nela e a chuta no pé da cadeira. Alguma coisa estranha de ferro lá dentro retine pela sala como se fosse um sino.

Que idiota!

Stéphanie Dupain se vira para os alunos.

– Fanette – diz a professora –, o que está fazendo em pé? Volte agora mesmo para o seu lugar!

71

O CANO DO FUZIL apontado por Jacques Dupain continua encostado na jaqueta de couro do inspetor Laurenç Sérénac. Exatamente sobre o coração. A clareira parece um templo antigo; seus choupos

enfileirados, as colunas. Silencioso
e sagrado. Por trás da cortina de
árvores, dá para adivinhar a
efervescência do corredor do Sena,
como um eco distante.

Sérénac tenta raciocinar depressa.
Com método. Quem é aquele
indivíduo na sua frente? Aquele cara
com o fuzil apontado para ele? Será
Jacques Dupain o assassino de
Jérôme Morval? Se for, trata-se
então de um criminoso meticuloso,
organizado e calculista. Um cara
desses não atiraria em um policial
assim, em plena luz do dia. Ele está
blefando.

O rosto de Jacques Dupain não
lhe revela indício algum. Sua
expressão é a mesma que se
estivesse apontando a arma para um
coelho ou uma perdiz na encosta da
Astragale:
concentrado,
cenho

franzido, mãos levemente trêmulas e úmidas. A postura de qualquer caçador que tem na mira do fuzil uma presa um pouco maior do que de costume. Sérénac se obriga a inverter seu raciocínio. Talvez, no fundo, Jacques Dupain seja apenas um marido ciumento, enganado, humilhado. Nesse caso, é só um pobre coitado, que não vai abater um homem a sangue-frio.

É óbvio. Criminoso ou não, Dupain está blefando!

Sérénac se esforça para adotar uma voz firme:

– O senhor está blefando. Louco ou não, não vai atirar.

Jacques Dupain empalidece ainda mais, como se as batidas do seu coração houvessem se tornado tão lentas que não irrigam mais as artérias acima do pescoço. Uma das mãos se contrai em volta do cano de aço, a outra no gatilho.

– Não brinque com isso,

Sérénac, não tente bancar o herói.

Pare com esses cálculos de merda.

Ainda não entendeu? Quer uma

carnificina

pesando

na

sua

consciência, é isso? Prefere uma

carnificina a ceder...

Tudo começa a se confundir na

cabeça de Sérénac. O inspetor tem

consciência de que precisa avaliar a

situação em alguns segundos. Reagir

com o instinto. Gostaria, porém, de

ter mais tempo, de pensar melhor, de

poder conversar sobre todos os

detalhes com Sylvio Bénavides e

suas famosas três colunas, de

procurar a relação entre Jérôme

Morval

e

todos

os

fatores

desconhecidos daquele caso, as
Ninfeias, a pintura, as crianças, o
ritual, 1937... A cada respiração,
sente o tubo gelado da arma se
afundar na própria carne.

Meio metro os separa. O
comprimento de um fuzil.

– O senhor é louco – murmura
Sérénac. – Um louco perigoso. Vou
indiciá-lo ou algum outro o fará.

Netuno se sacode debaixo do
choupo, como se as vozes altas dos
dois homens o tivessem acordado.

Indiferente à sua loucura, ergue uns
olhos sonhadores. Empina as orelhas
ao escutar o grito de Jacques

Dupain:

– Sérénac, pelo amor de Deus,
vai me ouvir ou não? O senhor não
pode fazer nada. Não vou deixar
Stéphanie ir embora. Se a polícia
chegar perto, se o senhor tentar
qualquer coisa que seja, se me

encurralar, juro que a mato e depois
me mato. O senhor diz que ama
Stéphanie, então prove. Desista
dela. Ela vai viver feliz, o senhor
também, vai ficar tudo bem.

– Que chantagem mais ridícula,
Dupain.

O outro urra ainda mais alto:

– Não é chantagem, Sérénac.

Não estou negociando nada! Estou
só dizendo o que vai acontecer se o
senhor não der o fora daqui. Se eu
não tiver mais nada a perder, sou
capaz de explodir tudo, incluindo eu
mesmo. Entendeu? Pode chamar
todos os policiais do mundo, mas
não vai conseguir impedir um banho
de sangue.

O cano pressiona seu coração
com mais força ainda. Sérénac tem
consciência de que agora é tarde
demais para esboçar qualquer gesto.
Dupain está alerta; seu dedo no
gatilho seria mais veloz. Palavras

são tudo o que resta ao inspetor para
convencer seu agressor:

– Se atirar em mim, vai perder

Stéphanie. De toda forma.

Jacques Dupain o encara por um
momento. Recua a passos lentos,
sem deixar de apontar a arma para o
inspetor.

– Vamos. Já desperdiçamos
muito tempo. Vou pedir pela última
vez, inspetor: rabisque três palavras
em uma folha e suma daqui. Não é
tão difícil. Esqueça tudo. Não volte
nunca mais. Só o senhor ainda tem o
poder de impedir a carnificina.

De repente, os lábios de Jacques
Dupain se retorcem e deixam
escapar um assobio. Netuno corre
até ele, alegre.

– Pense, Sérénac. Rápido.

Sérénac não diz nada. Sua mão
se move por instinto para a pelagem
sedosa do cachorro que se esfrega
nele.

– Suponho que o senhor conheça
Netuno, inspetor. Todo mundo
conhece Netuno em Giverny. Esse
cachorro alegre que corre atrás das
crianças. Quem não adora Netuno?
Quem não adoraria esse cão
inocente? Eu também o adoro, sou o
primeiro, ele já me acompanhou cem
vezes na caça...

Em um lampejo, o cano do fuzil
se abaixa até a altura dos joelhos do
inspetor Sérénac, a 20 centímetros
da cara de Netuno. Pela última vez,
o cachorro observa os dois adultos
com uma confiança cega. Um bebê a
sorrir para os pais.

O tiro rasga o silêncio sob os
choupos.

À queima-roupa.

A cara de Netuno explode,
estraçalhada.

O cão desaba como uma massa
fulminada. A mão de Sérénac se
fecha em torno de uma bola de pelos

grudenta de sangue pegajoso. Pelo
punho da manga e pela barra de sua
calça escorrem farrapos de pele,
vísceras, restos de um olho e de uma
orelha.

Ele sente crescer dentro de si um
pânico intenso que aniquila qualquer
tentativa de reflexão lúcida. O cano
do fuzil que Dupain segura se
levantou em uma fração de segundo
e encosta outra vez no torso do
inspetor.

Esmaga um coração que nunca
bateu tão depressa.

– Pense, Sérénac. Rápido.

72

COM UM SOL DE maio desses, a
escola é uma prisão.

16h29.

As crianças saem da sala aos
gritos. Como numa brincadeira de
pique, algumas são interceptadas em
pleno voo por pais reunidos na
praça da prefeitura, enquanto a

maioria se esgueira entre as mãos
estendidas e as tílias e desce
correndo a Rue Blanche-Hoschedé-
Monet.

Stéphanie atravessa a porta da
sala poucos segundos depois de a
última criança sair, não mais do que
isso. Tomara que nenhuma delas
tenha perguntas a lhe fazer. Tomara
que nenhum pai, justamente hoje, a
detenha para conversar.

Mais alguns minutos e vai poder
se abandonar aos braços de Laurenç.

Ele já deve ter chegado à ilha das Urtigas. Apenas algumas centenas
de

metros os separam. No corredor, ela
hesita um segundo em pegar seu
casaco preso no cabide. Por fim, sai
sem ele. Nessa manhã, pôs o vestido
leve de algodão que estava usando
na primeira vez em que encontrou
Laurenç, dez dias antes.

Na praça da prefeitura, um sol
travesso devora com delícia seus
braços e coxas nus.

Como se brilhasse só para mim.

Stéphanie se surpreende ao se embriagar com esses pensamentos de garota, com esse romantismo vagabundo.

A janela da prefeitura lhe devolve a imagem da própria silhueta. Ela se espanta também ao se achar bonita, sensual, com aquele vestidinho de nada que Laurenç vai jogar longe em meio às urtigas da ilha. Resiste à vontade de descer a Rue

Blanche-Hoschedé-Monet correndo feito as crianças. Pelo contrário, dá três passos em direção à vidraça para observar o próprio rosto, para desalinhar os cabelos e torná-los menos comportados, para esticar as fitas prateadas e fazê-las desafiar o sol. Pensa até que poderia perder mais alguns segundos, voltar para a sala de aula ou passar em casa, despir o vestido, tirar as

roupas íntimas e tornar a pôr o vestido sobre a pele inteiramente nua. E atravessar Giverny assim. Nunca sequer imaginou uma coisa dessas... Por que não? Ela hesita. O desejo de reencontrar Laurenç quanto antes leva a melhor. Ela pisca os grandes olhos lilases no reflexo indistinto da vidraça. Nessa manhã, enfeitou as pálpebras com uma leve camada de maquiagem. Justo a quantidade necessária. Sim, se ela pedir para Laurenç com aqueles olhos que tanto brilham, que ao mesmo tempo imploram, riem e despem... Sim, vai ser salva. Laurenç vai levá-la embora. Não, sua vida nunca mais será a mesma. Stéphanie acelera o passo, desce quase trotando a Rue Blanche-Hoschedé-Monet. Chegando ao

Chemin

du

Roy,

decide

não

contornar o moinho de Chennevières

pela trilha e prefere cortar caminho

e seguir reto pelo milharal à sua

frente, como fazem as crianças.

Para as crianças, um milharal,

com tantos corredores entre as

espigas,

é

como

um

imenso

labirinto. Ela nem liga; não tem

medo de se perder ali. Vai pegar o

caminho mais curto. Segue reto.

Sempre reto agora.

73

PAUL PASSA COM PRECAUÇÃO por

cima da ponte do Ru. Sem saber por

quê, está desconfiado. Talvez por

causa dos mistérios que Fanette
esconde, aquele jeito de lhe dizer
que só ele conhece o esconderijo do
fabuloso quadro das ninfeias que ela
pintou. Fanette gosta disso, de
segredos e promessas, de coisas
estranhas. Talvez esteja desconfiado
também por causa daquela história
do pintor assassinado, James, o tal
americano.

Será que Fanette viu mesmo o
cadáver dele na plantação? Será que
inventou aquilo tudo? E tem também
a polícia, claro, a polícia que
interroga todo mundo no vilarejo por
causa do assassinato daquele outro
sujeito há alguns dias.

Tudo isso mete medo em Paul.

Ele não diz nada na frente de
Fanette, banca um pouco o corajoso,
brinca de ser cavalheiro, mas na
verdade tudo aquilo o amedronta,
como aquele moinho ali ao lado,
com a roda dentro d'água e a torre

alta que parece a de um castelo
assombrado.

Ele ouve um barulho atrás de si.

Vira-se bruscamente. Não vê
nada.

Precisa prestar atenção. Fanette
o incumbiu de uma missão. Ele e
mais ninguém. Ele é o único em
quem ela confia. Bom, verdade que
é uma missão bem simples: pegar o
quadro debaixo do lavadouro, levá-
lo para a professora, explicar que é
para o concurso da Fundação
Robinson. Uma missão de nada;
mesmo andando, o lavadouro fica a
cinco minutos da escola. Dez
minutos para ir e voltar.

Paul examina mais uma vez os
arredores. Verifica que não há
ninguém na ponte, no pátio do
moinho, no trigal mais atrás, em
seguida se abaixa junto aos degraus
do lavadouro e enfia a mão dentro
do espaço.

De repente, sente medo.

Sua mão tateia no escuro. Ele entra em pânico quando não encontra nada. Nada a não ser o vazio.

As ideias se confundem no seu cérebro. Alguém esteve ali. Alguém roubou o quadro. Alguém quis se vingar, fazer mal a Fanette. Ou então alguém adivinhou o verdadeiro valor da primeira pintura dela, pois é certo que um dia os quadros de Fanette vão valer dinheiro, muito dinheiro, tanto quanto um Monet. É por isso, com certeza. Sua mão agarra teias de aranha, se fecha em torno do ar. Não é possível! Onde o quadro pode ter ido parar? Ele viu Fanette guardá-lo ali na véspera.

Alguma coisa se mexe atrás dele!

Agora é certo: alguém está andando pelo caminho. Paul tenta se acalmar.

Decerto

é

alguém

passando; muita gente passa pela ponte o tempo todo, não é nada de mais. Paul não consegue se virar, não ainda. O mais importante é achar o quadro. Ele se contorce de bruços no chão. Enfia ainda mais longe o segundo braço no buraco estreito debaixo do lavadouro. Agita as mãos, vasculha.

Um calor imenso o domina. Ele não vai fracassar assim, de um jeito tão bobo. Não vai voltar para procurar Fanette e dizer, feito um idiota, que o quadro não estava mais lá. Paul percebe que agora já não ouve nenhum passo no caminho. Como se alguém tivesse parado. Está quente demais. Paul sente calor demais.

De repente, seus braços ficam eletrizados como se ele tivesse tocado fios desencapados. Bem lá

no fundo, no escuro, seus dedos se fecharam em volta de uma cartolina. Paul puxa. Suas mãos exploram mais um pouco, acompanhando às cegas o contorno do embrulho chato, os ângulos retos.

Não há dúvida. É o quadro!

Ele sente o coração explodir de alegria. O quadro está ali, só um pouco mais para o fundo. Como ele é bobo! Ficou com medo por nada. Quem poderia ter roubado aquela pintura? O menino se ajoelha e puxa mais o embrulho. Por fim, este sai para a luz do dia.

É mesmo o quadro, Paul o reconhece. O mesmo formato de aproximadamente

40

por

60

centímetros, a mesma cor marrom do papel que o protege. Vai abri-lo para verificar, vai abri-lo para ver o

quadro mais uma vez, para que as
cores em cascata explodam na sua
cara...

– O que está fazendo?

A voz congela seu sangue.

Alguém está parado atrás dele!

Alguém está falando com ele.

Uma voz que Paul conhece bem,
bem demais até.

Uma voz tão fria que é como se
houvesse visto a morte.

74

A SOMBRA DAS TELHAS corrugadas
da captação de água me protege um
pouco do sol. É uma espécie de
grande reservatório. Amaldiçoo a
mim mesma, amaldiçoo minhas
pobres
pernas.

Atravessar

a

pradaria do moinho até o Epte vem
se tornando tão difícil quanto cruzar
o círculo polar. Uma verdadeira

expedição.

Um

quilômetro

de

caminho, se tanto. Que lástima!

Quando penso que Netuno já está me

esperando lá há meia hora, na ilha

das Urtigas, à sombra dos choupos.

Vamos, preciso agilizar.

Descanso

por

mais

alguns

instantes e retomo a caminhada.

Não venham me dar lições de

moral, sei muito bem que sou apenas

uma velha teimosa. Mas preciso ir à

ilha das Urtigas uma última vez.

Para uma última peregrinação. É lá,

e em nenhum outro lugar, que vou

escolher a arma.

É claro que, exatamente quando

vou recomeçar a andar, Richard

surge de trás das telhas corrugadas

da captação de água. Eu deveria ter
reconhecido sua 4L azul parada
atrás
da
barreira.

Richard

Paternoster, o último agricultor de
Giverny, dono de três quartos da
pradaria, camponês com cara e
nome de padre que em trinta anos
nunca esqueceu de me cumprimentar
com um gesto, mesmo quando estava
me asfixiando lá do alto do seu
trator e enchendo nossos pulmões,
os meus e os de Netuno, com todo
tipo de inseticida ao dirigir seus
equipamentos de tortura, imitando
uma perseguição mortal a cada vez
que eu atravessava a pradaria.

É lógico que ele me segura para
me contar sua vida de dar dó e
dividir comigo a miséria do mundo.
Como se eu fosse sentir pena dele,
com seus 50 hectares classificados

como monumento histórico nacional!

Impossível evitá-lo. Com o
braço, ele me convida a entrar no
pátio para aproveitar um pouco a
sombra das telhas corrugadas.
Sem alternativa, avanço na sua
direção. Tenho apenas tempo de
perceber ao longe a nuvem de
fumaça que se aproxima pelo
caminho, como o rastro dos trens
antigos nas planícies do Velho
Oeste. A moto passa em frente à
fazenda sem diminuir a velocidade.
Mas não tão rápido para que eu não
consiga reconhecê-la.
Uma Tiger Triumph T100.

75

STÉPHANIE CHEGA OFEGANTE À ilha
das Urtigas. Atravessou o milharal
correndo, em linha reta, como uma
adolescente incapaz de esperar.
Como se cada segundo que a
separasse do seu encontro amoroso
fosse da maior importância.

Laurenç está à sua espera, sabe
disso.

Ela afasta as últimas folhas de
mato na altura da cintura e adentra a
clareira.

Sob os choupos da ilha das Urtigas
reina o mesmo silêncio de uma
catedral.

Laurenç não está ali.

Não está escondido, não está
brincando com ela. Não está lá,
simples assim. A moto estaria
parada em algum lugar.

Ela não quis escutar quando
estava atravessando o milharal, não
quis olhar, mas ouviu distintamente
o barulho daquele motor que tinha
aprendido a reconhecer, o da
Triumph de Laurenç. Viu a fumaça
se erguer ao longe. Quis acreditar
que estava enganada. Quis acreditar
que

Laurenç
estava

chegando,
mesmo que o som parecesse estar se
afastando, que era o vento, apenas o
vento o responsável por essa ilusão.
Impossível pensar que a Triumph
estava indo embora, que Laurenç
estava fugindo.

Por que ele teria fugido antes
mesmo de ela chegar?

Laurenç não está aqui.

Seus olhos não podem deixar de
ver a folha espetada à sua frente no
tronco do primeiro choupo. Uma
simples folha de papel branco na
qual estão rabiscadas algumas
palavras.

Ela chega mais perto. Já sabe
que não vai gostar do que vai ler,
que aquelas palavras vão ser como
um aviso de falecimento.

Stéphanie avança, sonâmbula.

Uma
caligrafia
picotada,

nervosa.

Quatro linhas.

Não existe amor feliz...

Exceto

aqueles

que

nossa

memória cultiva.

Eternamente, para sempre,

Laurenç

Stéphanie sente que as pernas já não

a sustentam. Suas mãos agarram

desesperadamente

a

casca

do

choupo, que se rompe sob os seus

dedos. Ela cai. Os troncos verticais

dançam à sua volta como gigantes

em uma ciranda satânica.

Não existe amor feliz...

Só Laurenç poderia ter escrito

aquelas palavras, ela sabe. Uma

lembrança. Uma bela lembrança: é

só isso, então, que o inspetor estava procurando.

Seu vestido claro de algodão se agarra em uma mistura de terra úmida e pedrinhas. Seus braços e pernas estão sujos. Stéphanie chora, recusa a realidade.

Que boba!

Uma lembrança.

Eternamente, para sempre.

Vai ter de se contentar com uma lembrança. Por toda a vida. Voltar para Giverny, para a sala de aula, para casa. Retomar o curso das coisas como antes. Tornar a fechar ela própria a gaiola.

Que idiota!

O que ela pensou?

Agora está tremendo, tremendo de frio à sombra das árvores. Seu vestido está molhado. Por que molhado? Seus pensamentos se embaralham. Ela não entende; o mato da pradaria lhe parecia

queimado pelo sol. Pouco importa.
Sente-se tão suja... Passa a mão nos
olhos e tenta desajeitadamente
enxugar as lágrimas que escorrem.

Meu Deus!

As
pupilas
nauseadas
de
Stéphanie
não
conseguem
se
desgrudar das duas palmas de suas
mãos: estão vermelhas. Vermelhas
de sangue.

Ela se sente desfalecer, não
entende mais nada. Levanta os
braços: eles também estão cobertos
de sangue. Baixa os olhos. Seu
vestido está cheio de manchas
púrpura que o algodão claro
absorveu.

Ela está mergulhada numa poça

de sangue!

Um sangue vermelho. Vivo.

Fresco.

De repente, as folhas das árvores
vibram atrás dela.

Alguém está chegando.

76

– O QUE VOCÊ está escondendo? O

que

está

escondendo

nesse

embrulho?

Paul se vira e solta um imenso

suspiro de alívio. É Vincent!

Deveria ter imaginado; aquele dali

vive a espioná-los. Mas, bom, é só

Vincent. Mesmo que seu amigo

esteja com uma voz esquisita e um

olhar estranho.

– Nada...

– Como assim, “nada”?

Fanette tem razão. Vincent é uma

praga!

– Está bem, então, se quer saber.

Olhe!

Paul se curva em direção à tela
embrulhada e abre o papel pardo.

Vincent chegou mais perto.

*Prepare-se para um choque, seu
curioso!*

Paul afasta a embalagem. As
cores

do *Ninfeias* pintado por

Fanette explodem à luz do sol. Na
tela, as flores de nenúfar vibram
com o movimento da água e flutuam
como ilhas tropicais sem amarras.

Vincent não diz nada. Parece não
conseguir desgrudar os olhos da
tela.

– Vamos lá, mexa-se – continua

Paul com voz enérgica. – Me ajude a
fechar a embalagem. Preciso levar a
tela para a professora. É para o
Desafio Jovens Pintores, como você
pode imaginar.

Ele encara Vincent com olhos

cheios de orgulho.

– O que achou? Ela é um gênio,
nossa Fanette, não é? A mais
talentosa de todas. Difícil para ela
vai ser escolher. Tóquio, Nova
York, Madri: todas as escolas de
pintura do mundo vão brigar por ela.

Vincent se levanta. Titubeia
como se estivesse embriagado.

Paul fica preocupado.

– Tudo bem com você?

– Vo... você não vai fazer isso,
vai? – balbucia o outro menino.

– Isso o quê?

Paul começa a dobrar de novo o
papel pardo em volta da tela.

– En... entregar esse quadro
para
a
professora.

Para

ser

despachado para o outro lado do
mundo. Para eles roubarem Fanette

da gente.

– Que história é essa? Venha, me ajude aqui.

Vincent dá um passo à frente.

Sua sombra encobre a de Paul, ainda agachado. De repente, a voz de

Vincent se torna autoritária, como

Paul nunca a escutou sair da boca do amigo:

– Jogue esse quadro no rio!

Paul levanta a cabeça e se

pergunta, por um segundo apenas, se

Vincent está falando sério ou não.

Então começa a rir.

– Não fale bobagem. Venha me ajudar, isso sim.

Vincent não responde. Fica

imóvel por alguns instantes e então,

de repente, avança mais um passo

pelo asfalto, levanta o pé direito e

empurra a tela apoiada nos degraus.

A tela escorrega. O regato está a

apenas alguns centímetros.

A mão de Paul contém o

embrulho. *In extremis*. Ele o segura com firmeza com uma das mãos e se levanta, furioso.

– Ficou maluco? Podia ter caído na água...

Paul sabe que Vincent não é páreo para ele. Ele é mais forte. Se Vincent insistir, vai entender isso.

– Me dê licença. Saia daí. Vou levar esta tela para a professora. Depois a gente se acerta, nós dois.

Vincent recua 2 metros debaixo do chorão cujos galhos descem até a água do regato. Remexe no bolso da calça.

– Não vou deixar, Paul. Não vou deixar você tirar a Fanette da gente.

– Você está doido! Saia daí.

Paul começa a andar. Com um pulo, Vincent corre até a sua frente. Está segurando uma faca.

– O que é que...

A
surpresa

deixa

Paul

paralisado.

– Você vai me dar esse quadro,

Paul. Vou só estragar ele um pouco.

Só o suficiente...

Paul não está mais escutando os

delírios

de

Vincent.

Está

concentrado na faca brandida por

ele. Uma faca chata e larga. A

mesma que Fanette usa quando pinta.

A mesma que os pintores usam para

limpar a paleta.

Onde será que Vincent achou

essa ferramenta?

De que pintor será que ele a

roubou?

– Me dê esse quadro, Paul –

insiste Vincent. – Não estou

brincando.

Por instinto, Paul procura ajuda,

alguém que esteja passando, um
vizinho, qualquer um. Seus olhos se
viram para a janela da torre do
moinho de Chennevières. Ninguém.
Nenhum gato. Nenhum cachorro.
Nem mesmo Netuno.

O rio parece rodar à sua volta.
Um nome rodopia na sua cabeça,
irreal, surrealista.

James.

Paul continua a encarar a faca na
mão de Vincent. Uma faca suja. Um
pintor limparia sua faca.

Mas não Vincent.

A lâmina da sua faca está
vermelha.

Vermelho-sangue.

77

AS PERNAS NUAS DE Stéphanie
escorregam na terra misturada com
sangue e buscam um apoio na lama
púrpura.

Alguém está vindo.

Suas mãos tentam agarrar o

tronco do choupo na sua frente,
enlaçam-no como se fosse o corpo
de um homem aos pés de quem ela
estivesse deitada. Stéphanie se
levanta com dificuldade. Tem a
impressão de estar coberta de
excrementos, de farrapos humanos,
de ter sido jogada dentro de uma
cova coletiva e ter de rastejar entre
os cadáveres para sair.

Alguém está vindo.

Ela se agarra ao choupo, se
esfrega nele, se contorce como se
tentasse limpar a casca, como se
quisesse absorver sua força.

Alguém está vindo.

Alguém margeia o Epte. Ela
ouve distintamente um barulho de
passos que fazem farfalhar as
samambaias ao longo da confluência
do Sena, passos que se aproximam.
À contraluz, um corpo se destaca da
cortina de choupos.

Laurenç?

Por um breve instante, Stéphanie
pensa no amante. Não há mais poça
de sangue. Não há mais imundície
alguma. Ela vai rasgar aquele
vestido sujo e se atirar nos braços
de Laurenç.

Ele voltou. Vai levá-la embora.
Seu coração nunca bateu tão
depressa.

– Eu... eu o encontrei assim.

Jacques. É a voz de Jacques.

Gélida.

As mãos de Stéphanie arranham a
madeira. As unhas se quebram no
tronco, uma por uma, dor após dor,
como
que
para
explodir
em
pedacinhos
aquele
sofrimento
insuportável.

A sombra avança sob o sol.

Jacques.

Seu marido.

Stéphanie não tem mais forças

sequer

para

pensar,

para

se

perguntar o que ele está fazendo ali,

na ilha das Urtigas, ou tentar

reordenar os acontecimentos que se

sucedem.

Contenta-se

em

se

submeter a eles, em andar feito uma

sonâmbula e se chocar naquela

sucessão de obstáculos que se

atiram em cima dela.

Os olhos de Stéphanie não

conseguem se desgrudar daquela

forma escura que Jacques vem

trazendo nos braços. Um cão, um

cão morto com metade da cara
arrancada e cujo sangue ainda
escorre pelas coxas de Jacques.

Netuno.

– Eu o encontrei assim –

murmura Jacques Dupain com uma
voz sem entonação. – Com certeza
um acidente de caça na planície.

Alguém o abateu. Uma bala perdida.

Ou um filho da mãe. Ele... ele não
sofreu, Stéphanie. Morreu na hora.

Stéphanie se deixa escorregar
devagarinho tronco abaixo. A casca
da árvore lacera seus braços e as
pernas. Ela não sente mais a dor.

Não sente mais dor nenhuma.

Jacques sorri. Jacques é forte.

Jacques está calmo.

Com delicadeza, ele deposita o
cadáver de Netuno sobre um leito
feito de mato.

– Vai ficar tudo bem, Stéphanie.

Ela sente qualquer resistência
dentro de si ceder. Felizmente,

Jacques está ali. O que seria dela
sem ele? O que faria ela sem ele?

Ele

sempre

esteve

ali.

Sem

reclamar, sem julgá-la, sem nada lhe
pedir. Apenas ali. Como aquele
choupo ao qual ela se agarra.

Jacques é uma árvore que foi
plantada ao seu lado, que não se
mexe quando ela se afasta, que sabe
que ela sempre vai voltar para se
proteger à sua sombra.

Jacques lhe estende a mão.

Stéphanie a segura.

Confia nele. Só nele. Ele é o
único homem que nunca a traiu. Ela
desaba contra o ombro dele, aos
prantos.

– Venha, Stéphanie. Venha. Parei
o carro um pouco mais adiante.

Vamos colocar Netuno no porta-

malas. Venha, Stéphanie, vamos para casa.

78

O INSPETOR LAURENÇ SÉRÉNAC apoia sua Triumph sem cuidado na parede branca da delegacia. Não levou nem cinco minutos para percorrer os 5 quilômetros que separam Giverny de Vernon. Entra pisando firme. Maury está na recepção, lidando com três garotas, das quais uma, quase histérica, repete que sua bolsa sumiu no terraço da praça da estação. As duas amigas aquiescem.

– Você viu Sylvio?

Maury levanta a cabeça.

– Lá embaixo. No arquivo.

Sérénac não diminui o passo. Desce a escada correndo e empurra a porta vermelha. Sylvio Bénavides está curvado sobre um bloco de papel, rabiscando anotações.

Espalhou

sobre a mesa o conteúdo da caixa-

arquivo: as fotografias das amantes

de Jérôme Morval e da cena do

crime, a lista de crianças da escola de Giverny, a autópsia, as perícias

grafológicas, as fotocópias das

Ninfeias, as anotações manuscritas.

– Chefe! Chegou bem na hora.

Acho que avancei aqui...

Sérénac não dá tempo de seu

assistente dizer mais nada:

– Deixe para lá, Sylvio. Vamos

desistir.

Bénavides o encara com espanto

e continua a falar:

– Então, como estava dizendo,

tenho novidades. Em primeiro lugar,

graças aos recibos de pagamento da

família Morval, encontrei finalmente

a quinta amante, a famosa garota de jaleco

azul.

Dei

dezenas

de

telefonemas. Ela se chama Jeanne Thibaut. Estava mesmo transando com Morval, segundo ela, para manter o emprego. Mas calculou mal: Patricia a mandou embora depois de dois meses. Desde então, ela se mudou para a região de Paris. Vive com um carteiro. Tem dois filhos, de 3 e 5 anos. Enfim, como o senhor pode ver, chefe, nada de suspeito. Em relação a isso estamos outra vez num beco sem saída.

Sérénac encara seu assistente com um olhar sem emoção.

– Beco sem saída. Então estamos de acordo, é um...

– Exceto que... – interrompe

Bénavides, cada vez mais animado.

– Exceto que dei um pulinho no arquivo da prefeitura de Evreux, passei um bom tempo lá... e acabei encontrando os exemplares do *Le Républicain de Vernon* de 1937. As publicações evocam a morte do tal

menino, Albert Rosalba. Tem até
uma espécie de entrevista com a mãe
do menino afogado, Louise Rosalba.
Ela não acreditava que tivesse sido
um acidente. Ela...

Sérénac sobe o tom:

– Sylvio, você não me entendeu.

Nós vamos desistir! Esta nossa
investigação não tem pé nem cabeça,
esta loucura toda em relação a
Ninfeias esquecidas, escondidas nos
sótãos de Giverny, ou ao acidente de
um menino antes da guerra! Esta
história
de
maridos
cornos...

Estamos nos afogando no ridículo!

Bénavides levanta enfim a
caneta do papel onde está anotando.

– Me desculpe, chefe, mas agora
quem não está entendendo mais sou
eu. O que significa exatamente “nós
vamos desistir”?

Com as costas da mão, Sérénac

faz voar pelos ares os papéis

espalhados sobre a mesa e se senta

onde eles antes estavam.

– Vou dizer de outra forma,

Sylvio. Você tinha razão, de A a Z.

Misturar investigação criminal com

sentimentos pessoais nesta história

foi a pior das loucuras. Entendi isso

meio tarde, mas mesmo assim

entendi.

– Está falando de Stéphanie

Dupain?

– Em outras palavras.

Sylvio Bénavides abre um

sorriso

cúmplice

e

junta

pacientemente as folhas espalhadas.

– Quer dizer que Jacques Dupain

não é mais o inimigo público

número um?

– Parece que não.

– Mas e as...

Sérénac volta a subir o tom de

voz e insiste:

– Escute aqui, Sylvio. Vou ligar para o juiz e explicar que não estou conseguindo avançar nesta história, que sou a pessoa mais incompetente do planeta e que, se ele quiser, pode passar a investigação para outro.

– Mas...

Sylvio Bénavides abarca com o olhar as provas espalhadas sobre a mesa e fita de relance as anotações que fez.

– Eu... eu entendo o senhor, chefe. Com certeza essa é até a decisão certa, mas...

Seus olhos recaem em Laurenç.

– Meu Deus do céu, o que aconteceu com o senhor?

– Como assim?

– Suas mangas, sua jaqueta! Por acaso carregou um cadáver?

Laurenç dá um suspiro.

– Depois eu explico... depois.

Esse seu “mas” queria sugerir o
quê?

Sylvio hesita em insistir. Por
fim, desvia os olhos das roupas
sujas de sangue.

– Mas... mas quanto mais tento
ordenar todas as peças do quebra-
cabeça, mais volto àquela história
de uma criança em perigo, uma
criança de 11 anos. Se desistirmos
agora, corremos o risco de...

Sylvio Bénavides não tem tempo
de concluir a frase. Depois de ter
descido de quatro em quatro os
degraus da escada, o agente Maury
aparece na sala do arquivo.

–

Sylvio!

Ligaram

da

maternidade. É a sua mulher!

Chegou a hora, amigo... Acho que
entendi que a bolsa tinha estourado, mas a parteira não me deu mais
detalhes, só disse que o pai tinha de

ir para lá quanto antes.

Bénavides se levanta com um
pulo. Laurenç Sérénac lhe dá um
tapinha

simpático

nas

costas

enquanto ele pega o paletó.

– Corra lá, Sylvio... Esqueça o
resto.

– Bom... bem...

– Corra, seu idiota!

– Obrigado, Laur... Ahn, chefe...

Ahn, Laurenç, eu...

Ele hesita por um breve instante,
o

suficiente

para

enfiar

desajeitadamente os braços nas
mangas do paletó. Sérénac o
apressa:

– O que foi? Está esperando o
quê? Vá lá!

– Ahn, chefe, antes de ir eu só...

Será que posso chamá-lo de você só
esta vez?

– Já estava na hora, babaca.

Ambos sorriem. O inspetor

Bénavides lança um último olhar na
direção dos papéis sobre a mesa, em
especial da fotografia de Stéphanie
Dupain misturada às outras imagens,
então diz, ao sair:

– Pensando bem, acho que você
fez bem em desistir da investigação.

Laurenç Sérénac ouve o assistente
correr na escada. Os passos pesados
se distanciam, uma porta bate,
depois mais nada. Ele vai juntando
devagar todos os elementos do
dossiê na caixa-arquivo vermelha.
Fotos, relatórios, anotações. Corre
os olhos pela ordem alfabética das
letras na estante, em seguida guarda
a caixa vermelha no lugar.

M... M de Morval.

Sérénac recua. O caso Morval agora

não passa de um dossiê entre
algumas centenas de outros não
resolvidos. Mesmo sem querer, não
consegue deixar de pensar no último
comentário de Sylvio.

Uma criança em perigo.

Uma criança que morre. Outra
que nasce.

Sylvio vai esquecer.

Em um dos cantos da sala, Laurenç
Sérénac repara, e quase acha graça,
em algumas botas que seus donos de
Giverny nunca vieram buscar, sem
dúvida porque estavam velhas ou
gastas demais. Mais acima, sobre
uma mesa, a impressão da sola em
gesso
continua
exposta.

Decididamente, aquela investigação
não tinha sentido algum, ele se força
a
ironizar.

Seus

pensamentos

seguintes voam na direção de
Stéphanie e do cadáver de Netuno.

Sim, ele tomou a decisão certa.

Já houve mortes suficientes.

Quanto ao resto, o olhar de
ninfeias lilases de Stéphanie, sua
pele de porcelana, os lábios de giz e
as fitas prateadas nos cabelos...

Ele vai esquecer.

Pelo menos assim espera.

79

– ME DÊ ESSE quadro aqui – repete
Vincent.

A faca de pintor que o menino
segura lhe empresta uma postura
nova, como se ele tivesse alguns
anos a mais, a idade e a experiência
de um adolescente acostumado a
brigas de rua. Paul segura com mais
firmeza ainda contra a cintura a tela
de Fanette.

Está uma fera.

– Onde você arrumou essa faca,

Vincent?

– Eu achei! Foda-se onde
arrumei. Me dê o quadro. Você sabe
muito bem que tenho razão. Se gosta
mesmo de Fanette...

As pupilas de Vincent se
dilatam.

Nervuras
vermelhas
aparecem no canto dos seus olhos.
Olhos de louco. Paul nunca o viu
assim.

– Você não respondeu. Onde
achou essa faca?

– Não mude de assunto!

– Por que tem sangue na sua
faca?

O braço de Vincent agora treme
um pouco. As nervuras vermelhas
das íris aumentam de tamanho e se
reúnem em círculo ao redor das
pupilas.

– Vá cuidar da sua vida!

Paul tem a impressão de ver o

amigo se metamorfosear diante dos
seus olhos, transformar-se em uma
espécie de louco histérico capaz de
qualquer coisa. Leva a mão à borda
do lavadouro.

– Não foi... não foi... não me
diga que foi você que...

– Ande logo, Paul. Me dê esse
quadro. A gente está do mesmo lado!
Se você gosta de Fanette, a gente
está do mesmo lado.

A faca de pintor se agita no ar
em movimentos desordenados. Paul
recua.

– Puta que pariu... Você...
você... Foi você quem matou o
pintor
americano. *James*. Uma
facada no coração, Fanette me disse.
Foi... foi você?

– Cale a boca! Que importância
tem para você um pintor americano?
Quem importa é a Fanette, não é?
Escolha o seu lado, já falei! Me dê o

quadro ou então atire dentro
d'água... É a última vez que eu falo!
O braço de Vincent se retesa
como se ele estivesse segurando
uma espada e fosse atacar alguém.
– Pela última vez.

Paul esboça um sorriso e se
abaixa para depositar o embrulho
sobre o asfalto da borda do
lavadouro.

– Tá bom, Vincent. Vamos ficar
calmos.

Então, de repente, Paul se
levanta. Pego de surpresa, Vincent
não tem tempo de esboçar nenhum
gesto. A mão de Paul se fecha em
volta do seu pulso. E aperta, com
força, ao mesmo tempo que lhe torce
o antebraço. Vincent é obrigado a se
ajoelhar. Ele cospe palavrões, mas
Paul aperta com mais força ainda.
Vincent não tem mais escolha. Seus
olhos avermelhados ficam molhados
de lágrimas. De dor. De humilhação.

Sua mão se abre. Quando a faca de pintor cai no chão, Paul, com um chute, a faz escorregar pelo mato até debaixo do chorão, a 3 metros de onde eles estão. Sua mão não alivia a torção: com uma rotação, ele força o braço de Vincent até as costas, em seguida levanta o pulso. O outro menino urra:

– Meu ombro, puta que pariu, você vai arrancar meu ombro!

Paul levanta ainda mais o braço de Vincent. Paul é o mais forte. Sempre foi.

– Você é um doente, cara. Um doido. A gente vai mandar você para o hospício. O que está pensando?

Vou falar com seus pais, com a polícia, com todo mundo. Eu já desconfiava mesmo de que você não batia bem. Mas a esse ponto...

Vincent berra. Paul já brigou uma vez ou outra, no pátio durante o recreio, mas nunca foi tão longe

assim. Por quanto tempo ainda pode
massacrar aquele pulso? Até que
altura pode torcer aquele braço
antes que o ombro de Vincent se
rasgue? Tem a impressão de ouvir
as cartilagens se rompendo.

Vincent parou de gritar. Agora
está chorando; seu corpo vai
perdendo
progressivamente

a
resistência, como se todos os seus
músculos relaxassem. Por fim, Paul
abre a mão e dá um empurrão no
outro menino, que rola pelo chão
feito um trapo embolado.

Inerte. Domado.

– Estou de olho em você –
ameaça Paul.

Assegura-se com um olhar de
que a faca de pintor está longe
demais para o outro poder pegá-la.

Vincent continua prostrado em
posição fetal. Sem parar de vigiá-lo,

Paul se inclina na borda do
lavadouro para pegar a tela. Sua
mão toca o papel pardo.

Talvez desvie os olhos por meio
segundo para se certificar de que
está segurando firme.

Nem isso.

Mas é muito tempo.

Vincent se levanta com um pulo
e sai correndo em linha reta, com os
cotovelos na frente do corpo. Paul
tenta um gesto de lado, na direção
do lavadouro. Mais uma vez é mais
rápido do que Vincent e os
cotovelos do outro batem no seu
torso, mas quase sem tocá-lo, sem
causar
dor.

Vincent

desaba

pesadamente por cima das urtigas
bem em frente.

Que doente!

Paul não tem tempo de pensar

em outra coisa: no instante seguinte,
uma fina película de terra escorrega
sob seu pé. Ele sente que está
perdendo o equilíbrio na margem
instável. Sua perna se agita no vazio,
entre a margem e o regato. Sua mão
busca um apoio, qualquer coisa, o
teto do lavadouro, uma viga, um
galho...

Tarde demais.

Ele cai para trás. Encolhe-se por
instinto.

Suas costas batem primeiro na
parede de pedra do lavadouro. A
dor é brutal e intensa. Ele continua a
rolar e escorrega para o lado. Não
por muito tempo.

Sua têmpora bate na base da
viga. Seus olhos se abrem na
direção do céu. Um imenso flash,
como um relâmpago.

Ele escorrega mais e mais, vê
tudo, está consciente, é só seu corpo
que não reage mais, que não quer

mais obedecer.

A água fria toca seus cabelos.

Paul entende que está rolando
para dentro do regato, de pouco em
pouco. Seus olhos agora só veem o
céu sem nuvens lá em cima e alguns
galhos de chorão, como arranhões
feitos por garras em uma tela azul.

A água fria devora sua orelha,
seu pescoço, sua nuca.

Ele afunda.

O rosto de Vincent surge na tela
azul.

Paul lhe estende a mão; pelo
menos é o que pensa fazer, o que
gostaria de fazer. Não sabe se sua
mão se levanta, ele não a sente, não
a vê no quadro azul. Vincent sorri.

Paul se pergunta o que isso quer
dizer. Que tudo aquilo era para rir?
Que era uma piada? Que Vincent vai
tirá-lo dali e lhe dar um tapinha no
ombro?

Ou então que Vincent é louco

mesmo?

Vincent se aproxima.

Paul agora sabe a resposta. Não é um sorriso que deforma a boca de Vincent, é um esgar sádico. Paul finalmente vê uma mão, depois duas surgirem na tela azul e chegarem mais perto. Elas desaparecem, mas ele sente que lhe tocam os ombros. E empurram.

Paul quer se debater, agitar os pés, virar-se, jogar longe aquele doente, é mais forte, mais forte do que ele. Muito mais forte.

Qualquer gesto lhe é impossível.

Ele está paralisado. Entendeu isso.

As duas mãos empurram mais.

A água gelada lhe devora a boca, as narinas, os olhos.

A última imagem de que Paul tem consciência são as poças cor-de-rosa lá em cima, na superfície, debaixo da água agitada.

Elas o fazem pensar na tela de

Fanette.

É seu último pensamento.

80

CONTINUO

A

AVANÇAR

COM

dificuldade

pelo

caminho

que

conduz à ilha das Urtigas. Richard

Paternoster,

o

camponês

da

pradaria, acabou me deixando ir,

não sem antes ter me desfiado uma

litania de conselhos. “Na sua idade,

pobrezinha, não é mais razoável

fazer um passeio desses até o Epte.

Com um sol desses... O que vai

fazer lá, na confluência? Tem

certeza de que não quer que a leve?

Tome cuidado, hein? Mesmo na
estrada de terra muitas vezes tem
gente que dirige depressa demais.
Turistas perdidos, ou então nada
perdidos, fãs de Monet à procura da
famosa ilha das Urtigas. Veja só,
agora há pouco, a velocidade com
que aquela moto atravessou a
pradaria. Olhe, não estou mentindo,
veja aquele carro ali...”

Uma nuvem de terra ocre se
levantou no caminho.

Um Ford Break azul passou em
frente à fazenda.

É o Ford dos Dupain. No halo de
poeira que se forma, tenho tempo
apenas de distinguir os passageiros.

Jacques Dupain ao volante, com
o olhar vazio.

Stéphanie Dupain ao seu lado,
em prantos.

Está chorando, querida?

Pode chorar, minha linda, pode
chorar. Confie em mim, isso é só o

começo.

O maldito caminho me parece
interminável. Sigo em frente no meu
ritmo, tentando perceber os sulcos
com a bengala; restam apenas
algumas centenas de metros para
chegar à ilha. Queria poder acelerar
o passo. Estou com pressa para
encontrar Netuno, não o vejo desde
que saí do moinho. Sei que aquele
cachorro idiota está acostumado a
longas fugas na companhia das
crianças do vilarejo, de passantes ou
de coelhos da pradaria.

Mas aqui...

Uma angústia estúpida me sobe
pela garganta.

– Netuno?

Chego enfim à ilha das Urtigas.

Curiosamente,

aquele

lugar

espremido entre dois rios sempre me
fez pensar num fim de mundo. Não

chega a ser uma ilha, sem exageros,
por favor, mas é uma península, sim.
O vento agita as folhas dos choupos
como se soprasse do mar aberto,
como se aquele regato ridículo, o
Epte, aquele fosso de menos de 2
metros, fosse mais intransponível do
que um oceano. Em outras palavras,
é como se aquele campo de urtigas
banal na verdade se estendesse pela
borda do mundo inteiro e apenas
Monet houvesse entendido isso.

– Netuno!

Gosto de ficar aqui muito tempo,
olhando lá para o outro lado da
água. Gosto deste lugar. Vou sentir
saudades.

– Netuno!

Grito mais alto agora. O
cachorro continua sem aparecer.
Minha angústia começa a se
transformar em medo de verdade.

Onde ele pode ter ido parar? Dou
um assobio. Ainda sei assobiar.
Netuno sempre vem quando assobio.

Espero.

Sozinha.

Nenhum ruído. Nenhum sinal.

Nenhum vestígio de Netuno.

Tento me acalmar; sei muito bem
que meus temores são ridículos.

Estou inventando coisas por causa
daquele lugar. Já faz muito tempo
que não acredito mais em maldições,
na história que se reproduz, nesse
tipo de baboseira. O acaso não
existe. Existe apenas...

Meu Deus... Esse cachorro que
não volta.

– Netuno!

Grito a ponto de rasgar a
garganta.

Repito sem parar, aos berros:

– Netuno! Netuno!

Os choupos parecem mudos por
toda a eternidade.

– Netuno!

Ah...

Eis que meu cão aparece do
nada, afastando a vegetação baixa à
minha direita, e vem se encostar no
meu vestido. Seus olhos travessos
brilham de malícia, como que para
se fazer perdoar por uma fuga um
pouco demorada demais.

– Vamos, Netuno. Vamos para
casa.

QUADRO DOIS

Exposição

DÉCIMO TERCEIRO

DIA

25 de maio de 2010, Pradaria de
Giverny

Renúncia

81

VOLTO DA ILHA DAS Urtigas. Desta
vez, depois da fazenda de Richard
Paternoster, em vez de voltar para o
moinho de Chennevières, dobro à
direita,

em
direção
aos
três
estacionamentos que parecem as
pétalas de uma flor. Netuno trota ao
meu redor. Os carros e ônibus
começam a liberar suas vagas.
Várias vezes, babacas que dão ré
sem olhar no retrovisor por pouco
não
me
derrubam.
Dou
uma
bengalada no para-choque do carro
ou então na parte inferior da
carroceria. Eles não se atrevem a
dizer nada para uma velha como eu.
Pedem desculpas, até.
Me perdoem, cada um se diverte
como pode.
– Venha, Netuno.
Esses babacas seriam capazes

de atropelar meu cachorro.

Chego finalmente ao Chemin du Roy. Continuo por mais alguns metros, até os jardins de Monet. Há muita gente entre as rosas e as ninfeias. Verdade que é um belo dia de primavera e que falta menos de uma hora para o jardim fechar. Os turistas querem fazer jus aos quilômetros percorridos e esperam pacientemente em fila indiana nos caminhos do jardim, com seus carrinhos de bebê uns ao lado dos outros. Giverny às cinco da tarde é isso. Movimentada como um trem de subúrbio.

Meu olhar se perde na multidão.

Em pouco tempo, não consigo ver nada além dela.

Fanette.

Está de costas para mim.

Sentada na borda do laguinho de ninfeias, em frente ao seu quadro posicionado sobre as glicínias.

Adivinho que está chorando.

– O que você quer com ela?

O gordo Camille está em pé na
outra ponta do laguinho de ninfeias,
na pequena ponte verde acima da
qual pendem os galhos do chorão.

Tem um ar meio idiota. Retorce nas
mãos uma folha de cartolina.

– O que você quer com Fanette?

– repete Vincent.

Constrangido, Camille gagueja:

– É... é que... para consolar

Fanette, pensei... em um postal de
aniversário pelos seus 11 anos.

Vincent arranca o postal das
mãos de Camille e o examina
rapidamente. É um cartão-postal
simples,

uma

reprodução

das

Ninfeias em lilás, a mais banal que
existe. No verso está escrito apenas:

ONZE ANOS. FELIZ ANIVERSÁRIO.

– Tá. Eu entrego para ela. Agora
deixe ela em paz. Fanette precisa ser
deixada em paz.

Os dois meninos observam, do
outro lado do laguinho, a menina
curvada sobre sua tela, ocupada em
manejar os pincéis com um furor
desordenado.

– Ela... Como ela está? –
articula Camille.

– O que você acha? – responde
Vincent. – Está como todos nós.
Atordoada. O afogamento de Paul. O
enterro debaixo da chuva. Mas vai
se recuperar, não é? Acidentes
acontecem. Acontecem. É a vida.

O gordo Camille começa a
chorar. Vincent nem se dá ao
trabalho de reconfortá-lo. Já está
margeando o laguinho e acrescenta
apenas, enquanto se afasta:

– Fique tranquilo, eu entrego a
ela o seu postal.

O caminho que rodeia o laguinho

vira à esquerda e desaparece numa
selva de glicínias. Assim que sai do
campo de visão de Camille, Vincent
enfia o postal no bolso. Segue em
direção à ponte japonesa, afastando
com as costas da mão as borboletas
que
se
demoram
um
pouco
excessivamente no seu caminho.

Ali está Fanette, de costas; ela
funga. Mergulha o pincel, o maior de
todos, quase uma ferramenta de
pintor de parede, numa paleta em
que misturou todas as cores mais
escuras que existem.

Marrom intenso. Cinza antracita.

Roxo-escuro.

Preto.

Fanette cobre a tela cor de arco-
íris com pinceladas anárquicas, sem
tentar reproduzir nada além dos

tormentos de seu espírito. Como se
em poucos minutos as trevas fossem
baixar sobre o laguinho, sobre a
água agitada, sobre a luminosidade
da tela. Fanette poupa apenas
algumas ninfeias, que ilumina com
um ponto amarelo-vivo usando um
pincel mais fino.

Estrelas esparsas na noite.

Com voz suave, Vincent diz:

– Camille queria vir, mas falei
que você queria ficar sozinha. Ele...
ele mandou parabéns.

A mão do menino encosta no
bolso, mas não pega o postal que
guardou ali. Fanette não responde.

Esvazia sobre a paleta mais um tubo
de tinta cor de ébano.

– Por que está fazendo isso,
Fanette? É...

Por fim, ela se vira. Seus olhos
estão vermelhos de tanto chorar.

Sem dúvida, com o mesmo trapo que
lhe serve para pintar ela enxugou

apressadamente as faces. Estão sujas
de preto.

—

Acabou

tudo,

Vincent.

Acabaram as cores. Acabou a
pintura.

Vincent

permanece

calado.

Fanette explode:

— Acabou, Vincent! Você não
entende? Paul morreu por minha
causa, escorregou no degrau do
lavadouro quando foi buscar esta
maldita tela. Fui eu que o mandei lá,
fui eu que disse para ele andar
logo... Fui eu que... que... fui eu
que o matei.

Vincent pousa com delicadeza a
mão no ombro da menina.

— Não, Fanette. Foi um acidente
e você sabe. Paul escorregou e se

afogou no regato. Ninguém pode

fazer nada...

Fanette funga.

– Bondade sua dizer isso,

Vincent.

Ela pousa o pincel sobre a
paleta e inclina a cabeça até
encostá-la no ombro do menino.

Começa a chorar.

– Todo mundo disse que eu era a
mais talentosa. Que precisava ser
egoísta. Que a pintura me daria
tudo... Eles mentiram, Vincent, todo
mundo mentiu. Todo mundo morreu.

James, Paul...

– Nem todo mundo, Fanette. Eu
não morri. Além do mais, Paul...

– Shh.

Vincent entende que Fanette está
pedindo silêncio. Não se atreve a
dizer nada. Aguarda. Só as fungadas
da menina perturbam a calma
assustadora
das

margens

do

laguinho, bem como, de tempos em
tempos,

o

estalo muito

leve

provocado pelas folhas de chorão ou
de glicínia que caem dentro do
regato. Por fim, a voz trêmula de
Fanette se aproxima da orelha de
Vincent:

– Essa... essa brincadeira toda
acabou, também. Acabaram aqueles
apelidos de pintores impressionistas
que eu dava a todos vocês para me
fazer de interessante. Os nomes
falsos. Nada disso tem mais sentido.

– Se você preferir assim...

O braço de Vincent está agora
em volta da menina e ele a aperta
contra si. Ela poderia adormecer ali
mesmo.

– Estou aqui – murmura Vincent.

– Vou sempre estar aqui, Fanette.

– Isso também acabou. Não me chamo mais Fanette. Ninguém mais vai me chamar de Fanette. Nem você nem ninguém. A menina que todo mundo chamava de Fanette, a menina com tanto talento para a pintura, a pequena gênio, essa menina também morreu lá perto do lavadouro, junto ao trigal. Fanette não existe mais.

O menino hesita. Sua mão sobe em direção ao ombro da menina, acaricia o alto do seu braço.

– Eu entendo... Sou o único a entender, você sabe disso, vou estar sempre aqui... Fanet...

Vincent tosse. Sua mão sobe mais um pouco pelo braço da menina.

– Vou estar sempre aqui, Stéphanie.

A pulseira no pulso do menino desliza por seu braço. Ele não pode evitar baixar os olhos para a joia.

Entendeu que a partir de agora
Stéphanie nunca mais vai chamá-lo
por aquele nome de pintor que tinha
escolhido para ele. *Vincent.*

Vai usar seu nome de verdade.
Seu nome de batismo, de
comunhão, o que está gravado em
prata na pulseira.

Jacques.

A água escorre pelo corpo nu de
Stéphanie.

Ela

se

esfrega

histericamente sob o jato de água
fervente. Seu vestido cor de palha
cheio de manchas vermelhas está
jogado sobre os azulejos ali ao lado,
todo embolado. A água cai sobre ela
em cascata há vários minutos, mas
ela ainda sente na pele a poça do
sangue de Netuno na qual se molhou.

O cheiro horrível. A sujeira.

Não existe amor feliz.

Não pode evitar pensar naqueles
instantes de loucura que acaba de
viver na ilha das Urtigas.

Seu cachorro, Netuno, abatido.

O bilhete de adeus de Laurenç.

Não existe amor feliz.

Jacques está sentado no cômodo
ao lado, na cama. No criado-mudo,
o rádio cospe um sucesso que gruda
na cabeça e não para de tocar, *Le
Temps de l'amour* , “tempo de
amar”, de Françoise Hardy. Jacques
fala alto para Stéphanie escutá-lo
debaixo do chuveiro:

– Ninguém mais vai lhe fazer
mal, Stéphanie. Ninguém mais.

Vamos ficar aqui, nós dois. Ninguém
mais vai se intrometer.

Não existe amor feliz...

Exceto

aqueles

que

nossa

memória cultivada.

Stéphanie chora mais algumas gotas
sob o jato fervente.

Jacques continua seu monólogo
sentado na cama:

– Você vai ver, Stéphanie. Tudo
vai mudar. Vou achar uma casa para
você, outra casa, uma de verdade,
uma casa da qual você vai gostar.

Jacques a conhece tão bem. Ele
sempre encontra as palavras.

– Chore, querida. Chore, pode
chorar, você tem razão. Amanhã nós
vamos à fazenda de Autheuil adotar
outro cachorrinho. Foi um acidente o
que aconteceu com Netuno, um
acidente

idiota,

essas

coisas

acontecem aqui no campo. Mas ele
não sofreu. Nós vamos amanhã,
Stéphanie. Amanhã tudo vai estar
melhor.

O jato cessou. Stéphanie se enrolou

numa grande toalha cor de lavanda.

Entra no quarto no forro do telhado
descalça, com água a escorrer dos
cabelos. Linda, tão linda. Tão linda
aos olhos de Jacques.

*Será possível amar uma mulher
tanto assim?*

Jacques se levanta, abraça a mulher,
se molha nela.

– Estou aqui, Stéphanie. Você
sabe muito bem que vou estar
sempre
aqui,
com
você,
nos
momentos difíceis.

O corpo de Stéphanie se enrijece
por um instante, um curto instante,
antes de se abandonar por completo.
Jacques beija a mulher no pescoço e
murmura:

– Tudo vai recomeçar, minha
linda. Amanhã vamos adotar outro

filhote. Isso vai ajudar você a esquecer. Eu a conheço. Um novo filhote de cachorro para batizar! A toalha molhada escorrega até o chão. Com uma pressão suave, Jacques faz sua mulher se deitar na cama de casal. Nua. Stéphanie não resiste.

Ela entendeu. Não luta mais. O destino decidiu por ela. Sabe que os anos que vão passar agora não vão contar, que ela vai envelhecer assim, presa numa armadilha, ao lado de um homem atencioso que não ama. A lembrança de sua tentativa de fuga vai se apagar aos poucos, com o tempo.

Stéphanie se contenta em fechar os olhos, a única resistência da qual se sente capaz agora. Os últimos acordes de violão de *Le Temps de l'amour* no rádio se misturam aos gemidos roucos de Jacques.

Stéphanie gostaria também de

tapar os ouvidos.

Após

uma

breve

identificação

radiofônica, a voz jovial de um

apresentador indica o santo a ser

comemorado no dia seguinte. Vai

fazer

tempo

bom,

um

calor

excepcional para a época. Será o dia

de Santa Diana. O sol vai nascer às

5h49, alguns minutos a mais do que

na véspera. Amanhã vai ser 9 de

junho de 1963.

Não existe amor feliz...

Exceto

aqueles

que

nossa

memória cultiva.

Eternamente, para sempre.

Laurenç

Sacudo-me.

Vou

acabar

me

queimando com o sol de tanto ficar
parada na beira do Chemin du Roy,
perdida em meus pensamentos de
velha doida.

Preciso me mexer. Preciso

fechar o círculo. A única coisa que
falta aparecer nesta história é a
palavra “fim”.

Belo romance, não? Espero que
tenham apreciado o final feliz.

Eles se casaram, ou pelo menos
continuaram casados, e não tiveram
filhos.

Ele foi feliz.

Ela acreditava que era. A pessoa
se acostuma.

Ela

teve

tempo...

quase

cinquenta anos. De 1963 a 2010,
mais exatamente. O tempo de uma
vida, simplesmente.

Decido caminhar mais um pouco e
margeio o Chemin du Roy até o
moinho. Atravesso o Ru pela ponte e
paro em frente ao portão. Na mesma
hora, observo que minha caixa de
correio está abarrotada de folhetos
promocionais

idiotas

do

hipermercado mais próximo, no qual
jamaís pus os pés. Praguejo. Jogo os
papéis na lixeira na entrada do
pátio, que deixei ali de propósito.

Ela está longe de transbordar. De
repente, solto um palavrão.

No meio dos folhetos há um
envelope que, por pouco, não teve a
mesma
sorte.

Um

envelope

endereçado a mim, pequeno, de
cartolina. Viro-o para ler o endereço
do remetente. “Dr. Berger. Rue
Bourbon-Penthièvre, 13. Vernon.”

O Dr. Berger.

Aquele comedor de carniça seria
bem capaz de me mandar uma conta
para me extorquir mais algum
dinheiro. Avalio o tamanho do
envelope. A menos que esteja me
dando os pêsames com certo atraso.
Afinal, foi quase o último a ver meu
marido vivo. Isso faz... exatamente
treze dias.

Meus dedos canhestros rasgam o
envelope. Encontro lá dentro um
pequeno
cartão
cinza-claro
escurecido por uma cruz preta no
canto esquerdo.

Berger

rabiscou

algumas

palavras quase ilegíveis.

Cara amiga,

Soube com tristeza do

falecimento do seu marido

no dia 15 de maio de 2010.

Como havia lhe anunciado

alguns dias antes de minha

última visita, esse desfecho

infelizmente era inevitável.

É óbvio que vocês dois

formavam um casal sólido e

unido. Desde sempre. Isso é

uma coisa rara e preciosa.

Com

meus

sinceros

pêsames,

Hervé Berger

Reviro com irritação o cartão

entre

os

dedos.

Sem

querer,

relembro a última consulta. Treze dias atrás. Uma eternidade. Outra vida. Mais uma vez, meu passado ressurge.

Foi no dia 13 de maio de 2010, o dia em que tudo mudou, o dia em que um velho se confessou em seu leito de morte.

Só algumas confissões antes de morrer.

Durou uma hora, nem isso. Uma hora para escutar, depois treze dias para recordar.

Resisto à vontade de rasgar o cartão.

Antes de me perder mais ainda no labirinto da minha memória, meus olhos recaem sobre o envelope.

Leio o endereço. Meu endereço.

Stéphanie Dupain

Moinho de Chennevières

Chemin du Roy

27620 Giverny

PRIMEIRO DIA

13 de maio de 2010, Moinho de
Chennevières

Testamento

82

AGUARDO NA SALA DO moinho de
Chennevières. O médico está no
cômodo ao lado, o quarto, junto com
Jacques. Chamei-o com urgência por
volta das quatro da manhã. Jacques
se contorcia de dor debaixo das
cobertas, como se seu coração
estivesse perdendo a força qual um
motor sem combustível que engasga
antes de parar, como se o sangue
fosse deixar de circular. Quando
acendi o abajur do quarto, seus
braços estavam brancos, estriados
de veias azul-claras. O Dr. Berger
chegou alguns minutos depois. Ele
pode

fazer

isso:

abriu

seu

consultório em Vernon, na Rue

Bourbon-Penthièvre, mas comprou

um dos mais belos casarões às

margens do Sena, um pouco depois

de Giverny.

O Dr. Berger sai do quarto uma boa

meia hora mais tarde. Estou sentada

em uma cadeira. Sem fazer nada, só

esperando. O Dr. Berger não é do

tipo que doura a pílula. É um babaca

que construiu sua varanda e cavou

sua piscina à custa de todos os

velhos das redondezas, mas sua

franqueza pelo menos é uma

qualidade que ninguém pode lhe

tirar. É por isso que há anos ele é

nosso médico de família. Ele ou

outro qualquer, não faz diferença.

– É o fim. Jacques já entendeu.

Ele sabe que lhe restam... no

máximo alguns dias. Apliquei uma
injeção intravenosa. Ele vai se sentir
melhor por algumas horas. Liguei
para o hospital de Vernon e eles
reservaram um quarto. Vão mandar
uma ambulância.

Ele torna a pegar sua pequena
maleta de couro e parece hesitar.

– Ele... ele pediu para falar com
a senhora. Quis lhe dar alguma coisa
para dormir, mas insistiu para falar
com a senhora.

Devo estar com uma cara
espantada. Mais espantada do que
abalada.

Berger

se

considera

obrigado a acrescentar:

– E a senhora, tudo bem? Vai
aguentar o tranco? Quer que lhe
receite alguma coisa?

– Está tudo bem, tudo bem,
obrigada.

Só tenho pressa de uma coisa
agora: que ele vá embora. O médico
torna a correr os olhos pelo recinto
escuro, então põe um pé fora da
casa. Vira-se uma última vez, com
um ar afetado. Parece quase sincero.
Talvez o fato de perder um bom
cliente não o deixe muito feliz.

—

Sinto
muito.

Coragem,
Stéphanie.

Fui lentamente até o quarto de
Jacques, sem imaginar por um
segundo o que me esperava: a
confissão de meu marido. A
verdade, depois de tantos anos.
A história, na verdade, era muito
simples.

Um único assassino, um único
motivo, um único lugar, um punhado
de testemunhas.

O assassino matou duas vezes,

em 1937 e em 1963. Seu único
objetivo era conservar seu bem, seu
tesouro: a vida de uma mulher, do
nascimento até a morte.

A minha vida.

Um único assassino. Jacques.

Jacques me deu todas as
explicações. Nada ficou por dizer.

Nesses

últimos

dias,

minhas

lembranças passaram de uma época

a outra da minha vida como um

caleidoscópio incompreensível. No

entanto, cada um desses detalhes era

apenas o dente de uma engrenagem

precisa,

de

um

destino

minuciosamente traçado por um

monstro.

Treze dias atrás.

Nesta manhã, empurrei a porta
do quarto de Jacques sem saber que
estava deixando do outro lado as
sombras do meu destino.

Para sempre.

– Venha cá, Stéphanie. Chegue mais
perto da cama.

O Dr. Berger colocara dois
grandes travesseiros debaixo das
costas de Jacques. Ele está mais
sentado do que deitado. O sangue
que lhe colore as faces contrasta
com a palidez de seus braços.

– Chegue mais perto, Stéphanie.

Berger falou com você, imagino...

Vamos ter de nos separar. Em breve.

É... é que... preciso dizer uma
coisa. Preciso falar com você
enquanto ainda tenho forças. Pedi a
Berger para me dar algo que me
ajudasse a segurar as pontas até a
ambulância chegar.

Sento-me na borda da cama. Ele
faz deslizar a mão enrugada pelas

dobras do lençol. No seu braço, 10

centímetros

dos

pelos

estão

raspados em volta de um grosso

curativo bege. Seguro sua mão.

– Lá na garagem, na despensa,

tem uma porção de objetos nos quais

não mexemos há anos. Meus

apetrechos de caça, por exemplo,

casacos velhos, uma bolsa, munição

molhada, minhas botas também.

Umas velharias mofadas. Você vai

pegar essas coisas. Vai tirar tudo de

lá. Em seguida, vai afastar com os

pés o cascalho do chão. Bem ali

debaixo, você vai ver, tem uma

espécie de alçapão, como um vão

debaixo do piso. Não dá para ver

sem tirar tudo o que está por cima.

Você vai abrir o alçapão. Não tem

como não ver. Dentro do vão vai

encontrar um pequeno cofre, um

cofre de alumínio do tamanho de uma caixa de sapatos. Vai me trazer essa caixa, Stéphanie.

Jacques aperta minha mão com bastante força, em seguida solta. Não entendo tudo, mas me levanto. Acho aquilo estranho, os mistérios e os joguinhos de detetive não fazem o estilo de Jacques. Jacques é um homem simples, liso, sem surpresas. Pergunto-me até se o Dr. Berger não pegou um pouco pesado com os remédios.

Retorno alguns minutos mais tarde. Todas as indicações do meu marido estavam rigorosamente exatas.

Encontrei o pequeno cofre de alumínio. As dobradiças estão enferrujadas. O metal brilhante está quase todo salpicado de manchas escuras.

Ponho o cofre em cima da cama.

– Está... está fechado com um
cadeado – digo.

– Sim... eu sei. Obrigado.

Stéphanie, preciso perguntar uma
coisa. Uma coisa importante. Não
sou muito bom com discursos, você
me conhece, mas precisa me dizer.
Durante todos esses anos, você foi
feliz ao meu lado?

O que responder a uma pergunta
dessas? O que responder a um
homem a quem só restam alguns dias
de vida? Um homem com quem você
dividiu a vida por mais de cinquenta
anos, talvez sessenta? O que
responder exceto “Sim... Sim,
Jacques, claro, fui feliz por todos
esses anos... ao seu lado”?

Isso não parece lhe bastar.

– Agora estamos no fim da
estrada, Stéphanie. Podemos dizer
tudo um ao outro. Você tem... como
dizer...
algum

arrependimento?

Acha, não sei, que a sua vida
poderia ter sido melhor se tivesse
sido diferente... em outro lugar...
com out...

Ele hesita, engole em seco.

– Com outra pessoa?

Tenho a estranha impressão de
que Jacques pensou e repensou essas
perguntas milhares de vezes, durante
anos, e que estava só esperando o
momento certo, o dia certo para
fazê-las. Eu não. Não que não tenha
me feito essas perguntas, meu Deus,
muito pelo contrário. Mas agora sou
uma velha. Não me preparei para
isso ao me levantar hoje de manhã.

A névoa agora se dispersa aos
poucos na minha mente cansada.

Também

tranquei

pacientemente

esse tipo de pergunta dentro de um
cofre e esforcei-me para nunca mais

abri-lo. Perdi a chave. Teria de

procurar. Ela está tão longe...

– Não sei – respondo. – Não sei,

Jacques. Não estou entendendo essa

sua conversa.

– Está, sim, Stéphanie. É claro

que está entendendo. Stéphanie,

you precisa me responder, é

importante: you teria preferido

outra vida?

Jacques me sorri. Um sangue

rosado agora colore seu rosto inteiro

até

o

alto

dos

braços.

Os

comprimidos

de

Berger

são

eficazes. E não só para a circulação

sanguínea. Jacques nunca me fez

esse tipo de pergunta em cinquenta anos. Que coisa mais sem pé nem cabeça. Não é a cara dele, não faz sentido. Será um jeito de terminar a vida? Com mais de 80 anos de idade, perguntar ao outro, ao que fica, se toda a sua vida poderia ser jogada no lixo? Quem seria capaz de responder “sim” a essa pergunta, quem seria capaz de responder “sim” a um cônjuge à beira da morte, mesmo a resposta sendo sim, principalmente a resposta sendo sim? Pressinto a armadilha, mas ainda não sei por quê. Sinto que toda aquela encenação cheira a armadilha.

– Que outra vida, Jacques? De que outra vida você está falando?

– Você não me respondeu, Stéphanie. Teria preferido...

Os

eflúvios

venenosos

da

armadilha se tornam ainda mais

evidentes, como um perfume distante

que retorna, um cheiro opressivo e

conhecido há muito desaparecido

mas jamais esquecido. Não tenho

outra escolha senão responder, com

uma ternura de enfermeira:

– Eu tive a vida que escolhi,

Jacques, se é isso que você quer

ouvir. A vida que mereci ter. Graças

a você, Jacques. Graças a você.

Jacques expira como se São

Pedro em pessoa tivesse acabado de

anunciar que o seu nome fazia parte

da lista dos que iriam adentrar o

paraíso. Como se, agora, ele

pudesse ter uma partida serena. Fico

preocupada com ele. Sua mão se

levanta e tateia sobre o criado-mudo

em busca de não sei qual objeto. Ele

esbarra no copo sobre a mesinha,
que cai no chão e se quebra. Um fino
filete de água escorre pelas tábuas
corridas.

Levanto-me para enxugá-la e
recolher os cacos de vidro quando a
mão dele torna a se erguer.

– Espere, Stéphanie. É só um
copo quebrado, nada grave. Me
ajude, olhe dentro da minha carteira,
ali, em cima do criado-mudo.

Dou alguns passos. Os cacos de
vidro estalam sob meus chinelos.

– Abra a carteira – insiste
Jacques. – Do lado do meu cartão da
previdência social tem uma foto sua,
está vendo? Passe o dedo embaixo
da foto...

Faz uma eternidade que não abro
a carteira de Jacques. Minha imagem
explode na minha cara. A fotografia
deve ter sido tirada pelo menos
quarenta anos atrás. Serei mesmo
eu? Aqueles imensos olhos lilases

eram meus? Aquele sorriso em
forma de coração? Aquela pele de
nácar sob o sol de um dia bonito em
Giverny? Terei me esquecido de
quanto era bonita? Será preciso
esperar ser uma octogenária cheia
de rugas para finalmente ousar dizer
isso a si mesma?

Meu

indicador

se

insinua

debaixo da foto. Faz escorregar uma
pequena chave chata.

—

Agora

estou

tranquilo,

Stéphanie. Posso morrer em paz.

Agora posso dizer: duvidei, duvidei
muito. Fiz o que pude, Stéphanie.

Pode abrir o cadeado do cofre com
a chave, essa chave que nunca saiu
de perto de mim durante todos esses

anos... Você... você vai entender,
acho. Mas espero poder aguentar
para lhe explicar eu mesmo.

Meus

dedos

agora

estão

tremendo, muito mais do que os de
Jacques. Um sentimento terrível me
oprime. Tenho dificuldade para
inserir a chave no cadeado, para
girá-la. Preciso de vários segundos
antes de o cadeado e a chave caírem
sobre o lençol da cama. Jacques
pousa a mão suavemente no meu
braço outra vez, como para indicar
que eu espere mais um pouco.

– Você merecia um anjo da
guarda, Stéphanie. Por acaso fui eu.
Tentei fazer meu trabalho da melhor
maneira possível. Nem sempre foi
fácil, acredite. Às vezes tive medo
de não conseguir. Mas, no fim das
contas,

veja

só...

Você

me

tranquilizou. Não me saí tão mal

assim. Você... você se lembra,

minha Stéphanie...

Os olhos de Jacques se fecham

por um instante demorado.

– Minha Fanette... Depois de

todos esses anos, posso chamá-la de

Fanette uma última vez? Nunca me

atrevi, em mais de setenta anos...

desde 1937. Está vendo, me lembro

de tudo, fui um anjo da guarda

obediente, fiel, organizado.

Não respondo nada. Estou com

dificuldade para respirar. Minha

vontade é uma só: abrir aquele cofre

de alumínio e verificar que está

vazio, que todo aquele monólogo de

Jacques é só um delírio provocado

pelos remédios de Berger.

– Nós dois nascemos no mesmo

ano – prossegue Jacques no mesmo
tom. – Em 1926. Você, Fanette, no
dia 4 de junho, seis meses antes da
morte
de
Claude
Monet.

Coincidentemente. E eu, em 7 de
junho, três dias depois. Você, na
Rue du Château-d’Eau; eu, na Rue
du Colombier, a algumas casas de
distância. Sempre soube que nossos
destinos estavam entrelaçados. Que
estava aqui nesta Terra para
proteger você. Que estava aqui para,
como dizer, afastar os galhos à sua
volta, no seu caminho...

Afastar os galhos? Meu Deus,
essas imagens não têm nada a ver
com Jacques. Sou eu quem vai
enlouquecer. Não aguento mais, abro
o cofre. Na mesma hora ele cai das
minhas mãos, como se o alumínio
estivesse incandescente. O conteúdo

se espalha em cima da cama. Meu
passado explode na minha cara.
Estupefata, observo três facas de
pintura da marca Winsor & Newton;
reconheço o dragão alado no cabo,
entre duas manchas vermelhas
ressequidas pelo tempo. Meus olhos
deslizam até pousarem em uma
coletânea de poemas. *Em francês no
texto*, de Louis Aragon. Meu
exemplar nunca saiu da estante do
meu quarto. Como poderia imaginar
que Jacques tivesse um também?
Outro exemplar desse livro cuja
página 146 tantas vezes li para as
crianças na escola de Giverny, o
poema “Ninfeu”. Agarro-me ao livro
como se fosse uma Bíblia, as
páginas voam, paro na 146. O canto
do papel está dobrado. Meus olhos
descem até a parte inferior da
página. *Está cortada*. Com toda a
delicadeza, alguém cortou o papel, 1
centímetro apenas. Um único verso

está faltando, o primeiro da décima
segunda estrofe, um verso tantas
vezes recitado...

*O crime de sonhar eu consinto que
seja instaurado*

Não entendo, não entendo nada.

Não quero entender. Recuso-me a
ordenar todos esses elementos.

A voz sem entonação de Jacques
me faz gelar:

– Você se lembra de Albert

Rosalba? Sim, é claro que se
lembra. Nós andávamos juntos
quando éramos crianças, nós três.

Você nos dava apelidos de pintores,
dos seus pintores impressionistas
preferidos. Ele era Paul; eu, Vincent.

A mão de Jacques agarra o
lençol. Meus olhos hipnotizados
encaram as facas de pintura.

– Foi... foi um acidente. Ele
queria levar seu quadro para a
professora,

as

suas *Ninfeias*,

Fanette, o quadro que está lá no sótão, o que você nunca quis jogar fora. Está lembrada? Mas isso não tem importância. Paul escorregou, quero dizer, Paul não, Albert. Antes disso nós brigamos, sim, mas foi um acidente, ele escorregou perto do lavadouro e bateu com a cabeça na pedra ao lado. Eu não o teria matado, Fanette, não teria matado Paul, mesmo que ele tivesse má influência sobre você, mesmo que na verdade não a amasse.

Ele escorregou... Foi tudo culpa da pintura. Você entendeu muito bem, depois, entendeu muito bem. Meus dedos se fecham em torno do cabo de uma das facas. A lâmina é larga, usada para raspar a paleta.

Nunca mais tornei a pegar em um pincel, nem uma vez desde 1937.

Isso faz parte das lembranças enterradas que parecem afundar no imenso abismo aberto dentro da minha cabeça. Aperto o cabo. Tenho a impressão de que nenhum som é capaz de sair da minha boca.

– E... e James...

Minha voz sai tão fraca quanto a de uma menina de 11 anos.

– Aquele velho maluco? O pintor americano? É dele que você está falando, Fanette?

Se respondo alguma coisa, é inaudível.

– James... – repete Jacques. –

James, isso mesmo. Passei anos tentando lembrar o nome, mas era impossível, ele me fugia. Pensei até em perguntar a você.

Uma risada rouca sacode o corpo de Jacques. Suas costas escorregam

um

pouco

nos

travesseiros.

– Estou brincando, Fanette. Sei muito bem que precisava deixar você de fora disso tudo. Impedir que você soubesse. Os anjos da guarda precisam se manter discretos, não é? Até o fim. É o primeiro princípio a ser respeitado. Em relação a James, não precisa sentir falta dele. Talvez se lembre de ele dizer que você precisava ser egoísta, que precisava abandonar sua família. Todo mundo. E ir embora. Ele enlouquecia você na época, você ainda era influenciável, não tinha

nem

completado 11 anos, ele teria
conseguido alcançar seu objetivo.

Primeiro, o ameacei, gravei uma
mensagem na caixa de tintas
enquanto dormia; ele passava quase
o dia inteiro dormindo, feito um
imenso bicho-da-seda, mas não quis
me escutar. Continuou a torturar
você. Tóquio, Londres, Nova York.

Não tive outra escolha, Fanette,
você teria ido embora, naquela
época não escutava mais ninguém,
nem mesmo a sua mãe. Não tive
escolha, precisava salvar você.

Meus dedos se abrem. Minhas
lembranças não param de cair uma
depois da outra no monstruoso
abismo. Aquela faca. Aquela faca
em cima da cama. Aquela faca
vermelha. É a faca de James.

Jacques a cravou no coração de
James. Era um menino de 11 anos.

Ele continua sua abominável

confissão:

– Eu... eu não tinha previsto que

Netuno fosse encontrar o corpo

daquele maldito pintor no trigal.

Mudei o cadáver de lugar antes que

você voltasse lá com a sua mãe. Só

uns poucos metros, enfim, acho, já

faz tanto tempo. Pensei que não

fosse conseguir, sabe, jamais teria

imaginado

que

aquele

velho

esquelético pesasse tanto. Você não

vai acreditar em mim, mas você e

sua mãe passaram pertinho de onde

eu estava. Era só você virar a

cabeça e pronto. Só que você não

virou. Acho que, na verdade, não

queria saber. Você não me viu, nem

a sua mãe. Foi um milagre, entende?

Um sinal! A partir desse dia, entendi

que nada mais poderia me acontecer.

Que a minha missão devia se

cumprir. Na noite seguinte, enterrei o cadáver no meio da pradaria. Um trabalho louco para um menino, acredite. Depois queimei todo o resto aos poucos: os cavaletes, as telas. Fiquei só com a caixa de tintas dele como prova, como prova do que era capaz de fazer por sua causa. Eu não tinha nem 11 anos, Fanette, pense nisso! Seu anjo da guarda fez um ótimo trabalho, não é? Percebe isso agora?

Jacques não me dá tempo para responder. Tenta desesperadamente erguer as costas nos travesseiros, mas continua a escorregar, milímetro por milímetro.

– Estou brincando, Fanette. Na verdade, não foi muito difícil, nem mesmo para uma criança. O seu James era um velho impotente. Um estrangeiro. Um americano que tinha chegado dez anos atrasado para encontrar Monet. Um mendigo para

quem ninguém ligava a mínima. Em 1937, as pessoas tinham outras preocupações. Além do mais, alguns dias antes tinham encontrado um trabalhador espanhol assassinado numa balsa bem em frente a Giverny.

A Polícia Militar inteira estava investigando o caso e só conseguiu prender o assassino semanas depois, era um marinheiro de Conflans.

A mão enrugada de Jacques procura a minha e se fecha no vazio.

– Falar sobre tudo isso me faz bem, sabe, Fanette? Depois disso nós ficamos tranquilos, os dois.

Durante anos. Lembra? Crescemos juntos, só fomos separados quando você foi fazer o curso normal em Evreux, depois você voltou para Giverny como professora. Na nossa escola! Nós nos casamos na igreja de Sainte-Radegonde, em Giverny, em 1953. Foi tudo perfeito. Seu anjo da guarda estava tranquilo...

Jacques desata a rir outra vez.

Aquela risada que ouço ecoar pela
nossa casa quase todos os dias, em
frente a um programa de TV ou atrás
de um jornal. Aquela risada rouca.
Como não percebi que era o riso de
um monstro?

– Mas o diabo não prega o
olho... não é mesmo, Stéphanie? Foi
preciso que Jérôme Morval viesse
rondar
você.

Lembra?

Jérôme

Morval, nosso colega de turma do
primário, aquele que você apelidava
de Camille, o gordo Camille... o
melhor
aluno
da
turma!

O
pretensioso. Você não gostava dele
na escola, Fanette, mas ele tinha

mudado muito. De tanto insistir, tinha conseguido até levar Patricia, aquela dedo-duro, para a cama. A que você chamava de Mary, como Mary Cassatt... Só que, em pouco tempo, Patricia se tornou pouco para o gordo Camille. Ele tinha mudado muito, com certeza. O dinheiro muda um homem. Tinha comprado a casa mais bonita de Giverny, tinha ficado arrogante, sedutor até, aos olhos de algumas moças. Aliás, traía a mulher sem nem disfarçar. Todo mundo em Giverny sabia, inclusive Patricia, que chegou até a contratar um detetive particular para espionar o marido. Pobre Patricia! E, junto com isso, Morval tinha todo um discurso bem azeitado sobre pintura, sobre o seu dinheiro e sobre as suas coleções de artistas da moda. Mas, principalmente, Stéphanie, ouça bem o que vou dizer, Jérôme Morval, o melhor cirurgião oftalmologista de

Paris, ao que diziam, tinha voltado a
Giverny só para uma coisa, uma só.
Não por causa de Monet nem das
Ninfeias, nada disso... Ele voltou
por causa da bela Fanette, aquela
que durante o primário nunca tinha
sequer olhado para ele. Agora que a
situação havia mudado, o gordo
Camille queria sua vingança.

As palavras se entalam na minha
garganta:

– Você... você...

– Bem sei que você não se sentia
atraída

por

Jérôme

Morval,

Stéphanie... pelo menos, não ainda.

Eu precisava agir antes disso.

Jérôme Morval morava no vilarejo,
tinha todo o tempo do mundo, era
astuto, sabia como atrair você desde
a escola com as *Ninfeias*, as
lembranças

de

Monet,

as

paisagens...

Mais uma vez, o monstro tenta
segurar minha mão. A sua rasteja
pelos lençóis feito um percevejo.

Resisto à ideia de empunhar a faca
de pintura e traspassar aquela mão
como se fosse um inseto daninho.

– Não a estou recriando por
nada, Stéphanie. Sei que nada
aconteceu entre você e Morval.

Você só aceitou passear com ele,
conversar. Mas ele teria seduzido
você, com o tempo teria conseguido.

Não sou um homem mau, Stéphanie.

Não tive vontade alguma de matar
Jérôme Morval, aquele Camille
gordo, coitado. Fui paciente, mais
do que paciente. Tentei fazê-lo
entender,

o

mais

claramente
possível, do que eu era capaz e os
riscos que ele correria caso
continuasse a rondar você. Primeiro
lhe mandei aquele postal, o das
Ninfeias. Morval não era burro;
lembrava muito bem que era o
mesmo
postal
que
tinha
me
entregado para eu dar a você anos
antes, em 1937, nos jardins de
Monet, no dia do seu aniversário de
11 anos, logo depois da morte de
Albert. Colei no postal a frase de
Aragon recortada deste livro, a
poesia que você fazia as crianças da
turma recitarem, a frase que tanto me
agradava e que dizia algo como “O
sonho é um crime que se deve punir
como os outros”. Morval não era
idiota. A mensagem era cristalina:

todo mundo que tentar se aproximar
de você e lhe fazer mal vai estar
correndo perigo.

A mão de Jacques procura com a
ponta dos dedos a coletânea de
poemas de Aragon que está em cima
da cama. Roça no livro, mas não tem
forças para pegá-lo. Não esboço
gesto algum. Jacques torna a tossir
para clarear a voz e prossegue:

– Adivinha qual foi a resposta
de Jérôme Morval? Ele riu na minha
cara! Eu poderia tê-lo matado nessa
hora, se quisesse. Só que, no fundo,
gostava do gordo Camille. Dei-lhe
outra chance. Mandei a tal caixa de
tintas para o seu consultório em
Paris, a de James, ainda gravada
com a ameaça: *Ela é minha aqui,
agora e para sempre*. Seguida por
uma cruz! Se dessa vez Morval não
tivesse entendido... Ele marcou um
encontro comigo naquela manhã em
frente ao lavadouro, perto do

moinho de Chennevières. Pensei que fosse para me dizer que ia desistir, mas não. Foi justamente o contrário.

Na minha frente, ele jogou a caixa de tintas na lama do regato. Ele desprezava você, Stéphanie. Não a amava. Você para ele era só um troféu, um a mais entre tantos. Ele a teria feito sofrer, Stéphanie, teria sido a sua desgraça. O que eu poderia ter feito? Precisava protegê-la. Ele não me levou a sério, disse que eu não tinha estofo, eu com minhas botas de caça, que não era capaz de fazer você feliz, que você nunca tinha me amado. Sempre a mesma conversa.

Sua mão torna a rastejar e se contrai em cima da faca.

– Não tive escolha, Stéphanie.

Matei-o ali mesmo, com a faca de pintura de James, que havia tido o

cuidado de levar. Ele morreu ali, à beira do regato, no mesmo lugar que

Albert anos antes. A encenação

posterior, a pedra na cabeça, o rosto
na água do regato, sei que isso tudo
foi ridículo. Cheguei a acreditar que,
por
causa
disso,
você
fosse
desconfiar
de
alguma
coisa,
principalmente quando a polícia
encontrou a caixa de tintas de James.
Por sorte, você nunca viu a caixa.
Era importante que eu a protegesse
sem que você soubesse de nada, que
corresse todos os riscos no seu
lugar. Você confiava em mim e tinha
razão. Pode confessar agora, minha
Fanette, que jamais desconfiou a que
ponto eu a amava, que jamais
desconfiou até onde eu seria capaz
de ir por você. Lembre-se que,

poucos dias depois da morte de
Morval, você chegou a dizer à
polícia que estávamos juntos na
cama naquela manhã... Com certeza
em algum lugar bem lá no fundo
você sabia a verdade, mas não
queria confessá-la para si mesma.
Todo mundo desconfia de que tem
um anjo da guarda, não é? Não é
preciso lhe agradecer.

Paralisada, observo os dedos
enrugados de Jacques acariciarem o
cabo da faca. Uma obsessão
maníaca, como se o seu corpo de
velho ainda estremecesse com o
prazer de ter apunhalado dois
homens com aquela arma. Não
resisto, não consigo mais. As
palavras
explodem
na
minha
garganta:

– Eu... eu queria abandonar

você, Jacques. Foi por isso que
prestei falso testemunho. Você
estava preso. Eu... eu me sentia
culpada.

Os dedos se torcem ao redor da
faca. Dedos de assassino, de louco.
Com uma lentidão insuportável, os
dedos se abrem. Jacques escorregou
outra vez, está quase deitado agora.
Uma risada rouca o sacode. Aquele
riso demente.

– Claro, Stéphanie. Você se
achava culpada... É claro, estava
tudo confuso na sua cabeça. Na
minha, não. Ninguém conhece você
melhor do que eu. Com Morval
morto, pensei que fôssemos ficar em
paz. Mais ninguém para nos separar,
mais ninguém para afastar você de
mim. Então veio o cúmulo! Quando
penso nisso hoje, é quase cômico.
Eis que o cadáver de Morval atrai
para a beira da sua saia aquele
policial, aquele Laurenç Sérénac, o

pior de todos os perigos! Fiquei
encurralado.

Como

me

livrar

daquele ali? Como matá-lo sem ser
acusado, sem ser preso, sem ser
separado de você para sempre? E
sem que depois algum outro Sérénac
ou algum outro Morval viesse fazer
você sofrer sem que eu pudesse
protegê-la, trancado dentro de uma
cela? Desde o início, aquele policial
desconfiou de mim, como se
soubesse ler minha mente. Ele
estava seguindo a intuição. Era um
bom
policial,
Stéphanie,
nós
escapamos por pouco. Felizmente,
ele nunca conseguiu descobrir a
ligação entre mim e o acidente
daquele menino da nossa turma, em

1937, nem nunca ouviu falar no
sumiço daquele pintor americano.

Na época, em 1963, eles chegaram
perto da verdade, ele e o assistente,
Bénavides. Mas eles nem podiam
imaginar, claro. Quem poderia ter
compreendido?

Enquanto

isso,

aquele filho da mãe do Sérénac
desconfiava de mim, aquele filho da
mãe do Sérénac virava a sua cabeça.

Era ele ou eu. Examinei a questão
sob todos os ângulos...

Discretamente,

minha

mão

desliza por sobre o lençol. Jacques
agora está deitado, não consegue
mais se levantar, não consegue mais
me ver, está falando com o teto.

Minha mão torna a se fechar em
torno da faca. O contato me
proporciona um prazer mórbido.

Como se o sangue seco no cabo
estivesse me penetrando as veias e
as preenchendo com um impulso
assassino.

O riso nervoso de Jacques se
extingue numa tosse rouca. Ele tem
dificuldade para recuperar o fôlego.
Estaria melhor sentado, com certeza.
Mas Jacques não pede nada. Sua voz
enfraquece um pouco, mas ele
continua:

—

Estou
quase
acabando,
Stéphanie. No fim das contas,
Sérénac era igual aos outros.
Bastaram algumas ameaças para
fazê-lo fugir. Algumas ameaças
ilustradas com eficácia...

Ele torna a rir, ou a tossir, ou os
dois. Aproximo a faca devagar das
dobras do meu vestido preto.

— Os homens são muito fracos,

Stéphanie. Todos eles. Sérénac

preferiu a carreirazinha de policial à grande paixão que sentia por você.

Não vamos reclamar, não é? Era o que nós queríamos. Ele tinha razão, no fim das contas. Quem pode saber o que teria acontecido caso ele tivesse insistido? Essa foi a última sombra entre nós dois, Stéphanie, a última nuvem, o último galho a ser afastado... Mais de quarenta anos já se passaram.

Cruzo os braços em frente aos seios; a faca de pintura está colada ao meu coração. Queria falar, queria berrar: “Me diga, Jacques, me diga, meu anjo, já que você se diz um anjo da guarda, é tão fácil assim apunhalar alguém? Enfiar uma faca no coração de um homem?”

– O que sustenta a vida,

Stéphanie? Se eu não tivesse estado lá na hora certa, se não tivesse sabido eliminar os obstáculos uns

após os outros. Se não tivesse
sabido proteger você... Se não
tivesse nascido logo depois de você,
como um irmão gêmeo. Se não
tivesse entendido a minha missão.
Vou embora desta Terra feliz,
Stéphanie. Consegui. Eu a amei
tanto... Você agora tem a prova
disso.

Levanto-me.

Horrorizada.

Seguro a faca entre os braços,
invisível contra o meu peito.

Jacques me olha, parece extenuado,
como se agora tivesse dificuldade
para manter os olhos abertos. Tenta
se levantar, agita os pés. O cofre de
alumínio equilibrado sobre a cama
cai no piso com um barulho
ensurdecedor. Jacques mal pisca.
Dentro da minha cabeça, pelo
contrário, o barulho agudo ressoa
como um eco a se espalhar
vertiginosamente.

Tenho

a

impressão de que o quarto está
girando ao meu redor.

Avanço com dificuldade. Minhas
pernas se recusam a me carregar. Eu
as forço, descruzo os braços.

Jacques não para de me encarar. Ele
ainda não viu a faca. Ainda não. Eu
a levanto devagar.

Netuno late lá fora, logo abaixo da
nossa janela. No instante seguinte, a
sirene de uma ambulância atravessa
o pátio do moinho. Pneus fazem
estalar o cascalho. Duas silhuetas
irreais, brancas e azuis sob o halo
do giroscópio, passam em frente à
janela e batem à porta.

Levaram Jacques embora. Assinei
um monte de papéis sem ler, sem
perguntar o que quer que fosse.

Eram menos de seis da manhã.

Perguntaram se eu queria embarcar
na ambulância, respondi que não,

que pegaria o ônibus ou um táxi dali
a algumas horas. Os enfermeiros não
comentaram nada.

O cofre de alumínio está caído
no chão, aberto. A faca de pintura
está pousada sobre o criado-mudo.

O livro de Aragon se perdeu em
meio às dobras da cama. Não sei
por que, depois que a ambulância
vai embora, a primeira coisa que me
vem à cabeça é subir até o sótão e
vasculhar o forro para encontrar
aquele velho quadro empoeirado, o
que pintei quando tinha 11 anos, as
minhas *Ninfeias*.

O quadro que pintei duas vezes,
a primeira em cores inacreditáveis,
para ganhar o concurso da Fundação
Robinson, a segunda em negro,
depois da morte de Paul.

Tirei da parede o fuzil de caça
de Jacques e no seu lugar pus o
quadro, pendurado no mesmo prego,
em um canto onde ninguém, exceto

eu, conseguirá ver.

Saio de casa. Preciso de ar puro.

Levo Netuno comigo. Não são nem

seis da manhã. Durante algumas

horas, Giverny ainda está deserta.

Vou caminhar à beira do Ru, em

frente ao moinho.

E recordar.

DÉCIMO TERCEIRO

DIA

25 de maio de 2010, Chemin du Roy

Desenrolar

83

FOI EM 13 DE maio, treze dias atrás.

Desde então, passei meus dias

revivendo as poucas horas durante

as quais minha vida foi roubada,

reprisando o filme para tentar

compreender o inimaginável, uma

última vez, antes de acabar com

tudo.

De tanto passear sozinha por

este vilarejo, vocês devem ter

pensado que eu era um fantasma. Na

verdade, é o contrário.

Sou muito real.

Os fantasmas são os outros,
fantasmas das minhas lembranças.

Povoei de fantasmas estes lugares
nos quais sempre vivi, diante de
cada lugar por que passei me
lembrei: o moinho, a pradaria, a
escola, a Rue Claude-Monet, a
varanda

do

Hotel

Baudy,

o

cemitério, o Museu de Vernon, a ilha
das Urtigas.

Também os povoei com as
longas conversas que tive com
Sylvio Bénavides, entre 1963 e
1964, após a investigação sobre o
assassinato de Jérôme Morval ter
sido fechada sem solução. O
inspetor Bénavides se agarrou ao
caso com teimosia, mas nunca

encontrou uma prova sequer, nenhum
indício novo. Nós simpatizamos um
com o outro. Pelo menos Jacques
não tinha ciúmes da minha relação
com esse inspetor. Sylvio era um
marido fiel e um pai dedicado da
filha Carina, que tanta dificuldade
tivera para deixar a barriga da mãe.
Ele me contou todos os detalhes da
investigação que havia conduzido
com Laurenç na delegacia, em
Cocherel, nos museus de Rouen e de
Vernon. Depois, em meados da
década
de
1970,
Sylvio
foi
transferido para La Rochelle. Pouco
mais de dez anos atrás, em setembro
de 1999, para ser exata, vejamos como
minha memória ainda funciona
perfeitamente, recebi uma carta de
Béatrice Bénavides. Uma carta curta

escrita à mão. Com pudor, ela me dizia que Sylvio Bénavides as havia deixado, ela e Carina, num dia de manhã, levado por um infarto. Como todos os dias, Sylvio tinha montado na bicicleta para dar a volta na ilha de Oléron, onde a família alugava uma casa de praia fora de temporada. Saía sorridente. O tempo estava esplendoroso, ventava um pouco. Ele desabou em frente ao mar, no meio de um levíssimo aclave, entre La Brée-les-Bains e Saint-Denis-d’Oléron.

Tinha

71

anos.

Envelhecer é isso: ver os outros morrerem.

Alguns dias atrás, escrevi uma carta curta para Béatrice explicando tudo. Uma espécie de dever da memória em homenagem a Sylvio. A riquíssima Fundação Robinson não

tinha

nada

a

ver

com

os

assassinatos, tampouco os negócios escusos de Amadou Kandy, as telas esquecidas de Monet ou as amantes de Morval. Laurenç Sérénac estava certo desde o princípio: tratava-se de um crime passional. Apenas um detalhe inimaginável o impedira de descobrir a verdade: o criminoso ciumento não tinha se contentado em eliminar os supostos amantes da mulher, mas havia igualmente suprimido os amigos de uma menina de 10 anos por quem já era apaixonado. Ainda não posteï a carta. Acho que, no fim das contas,

não vou postar.

Isso tudo agora importa muito pouco.

Vamos, preciso me mexer!

Com repulsa, jogo na lixeira o envelope do Dr. Berger. Ele vai se juntar aos folhetos sórdidos. Ergo os olhos em direção à torre do moinho. Hesito.

Minhas pernas têm dificuldade para me carregar. Aquele derradeiro passeio até a ilha das Urtigas me exauriu. Hesito entre voltar ao vilarejo uma última vez ou ir direto para casa. Pensei por muito tempo agora há pouco, às margens do Epte. Como terminar, agora que está tudo em ordem?

Tomei uma decisão. Desisti de usar o fuzil de Jacques, meu Deus, acho que vocês agora hão de entender por quê. Também está fora de cogitação engolir remédios que vão me fazer agonizar durante horas

e dias no hospital de Vernon, como Jacques, só que sem ninguém para soltar minha intravenosa. Não, o método mais eficaz para acabar com tudo seria concluir tranquilamente o dia de hoje, como todos os outros, voltar para o moinho, subir até meu quarto no alto da torre, no quarto andar, demorar-me algum tempo arrumando minhas coisas, depois abrir a janela e pular.

Decido voltar para o vilarejo.

No fim das contas, minhas pernas podem suportar mais um quilômetro, um último quilômetro.

– Venha, Netuno!

Se

alguém,

qualquer

um,

passante ou turista, se interessasse por mim, poderia pensar que estou sorrindo. Não estaria totalmente errado. Passar esses últimos dez

dias na companhia de Paul, na
companhia de Laurenç, acabou
aliviando a minha raiva.

Torno a margear o Chemin du
Roy. Alguns segundos mais tarde,
estou no laguinho de ninfas.

Quando Claude Monet morreu, em
1926, os jardins ficaram quase
abandonados. Michel Monet, seu
filho, morou na casa rosa de Giverny
até se casar, em 1931, com a
manequim Gabrielle Bonaventure,
com quem teve uma filha, Henriette.
Quando eu tinha 10 anos, em 1937,
junto com as outras crianças do
vilarejo, tínhamos adquirido o
hábito de entrar nos jardins por um
buraco na cerca, do lado da
pradaria. Eu ficava pintando e os
meninos brincavam de esconde-
esconde em volta do laguinho.
Restavam apenas um jardineiro
cuidando da propriedade, o Sr. Blin,
e Blanche, a enteada de Claude

Monet. Eles nos deixavam em paz; não fazíamos mal nenhum. O Sr. Blin não conseguia dizer não para a pequena Fanette, tão bonita com seus olhos lilases e as fitas prateadas nos cabelos, e tão talentosa para a pintura.

Blanche Monet morreu em 1947.

O último herdeiro, Michel Monet, continuou a abrir excepcionalmente os jardins e a casa para chefes de Estado estrangeiros, artistas ou aniversários particulares. E para as crianças da escola de Giverny! Eu tinha conseguido convencê-lo. Não foi muito complicado. Como resistir à

pequena

Fanette,

agora

transformada na bela Stéphanie, a professora com seu olhar de ninfeias, tão culta em relação a tudo o que tivesse a ver com pintura e

que tentava, ano após ano, despertar
a paixão das crianças do vilarejo
pelo Impressionismo e fazê-las
concorrer ao prêmio artístico da
Fundação
Robinson
com

tanta
energia, tanta sinceridade, como se a
própria vida dependesse da emoção
que transmitia aos alunos? Michel
Monet abria os jardins para a minha
turma uma vez por ano, em maio,
época em que ele está mais bonito.

Viro-me. Passo algum tempo
observando a multidão reunida sob a
catedral de rosas, as dezenas de
rostos aglomerados nas janelas da
casa do pintor. E dizer que
estivemos sozinhos naquela casa,
Laurenç e eu, em junho de 1963...
Na sala, na escada, no quarto. Minha
mais bela lembrança, sem dúvida
alguma. Minha única tentativa de

fuga...

Michel Monet morreu num acidente de carro três anos depois de Blanche, em Vernon. Após a leitura do seu testamento, no início de fevereiro de 1966, uma corrida inacreditável convergiu para a casa de Giverny. Policiais, tabeliães, jornalistas, artistas... Eu também estava lá, assim como os outros moradores de Giverny. Dentro da casa e dos ateliês, os oficiais de justiça encontraram, estarrecidos, mais de 120 telas, das quais oitenta pintadas por Claude Monet, incluindo o *Ninfeias* inéditas, e quarenta quadros pintados por seus amigos Sisley, Manet, Renoir, Boudin... Vocês fazem ideia do que

é isso? Tratava-se de um tesouro incrível, uma fortuna incalculável, quase esquecida desde a morte do pintor. Enfim, esquecida... Muitos moradores de Giverny conheciam antes de 1966 o valor das obras-primas guardadas na casa rosa, abandonadas ali durante quarenta anos por Michel Monet. Todos aqueles que tinham tido oportunidade de entrar na casa as viram. Eu também, claro. Desde 1966, esses 120 quadros podem ser admirados no Museu Marmottan de Paris. A maior coleção de Monet exposta ao mundo.

Quanto a mim, depois de 1966, nunca mais levei as crianças ao jardim de Monet. Este só reabriu para o público bem mais tarde, em 1980. Era muito natural, afinal de

contas, que um tesouro daqueles
fosse dividido com o maior número
de pessoas possível e que a beleza
emocionante
do
lugar
fosse
oferecida a todas as almas capazes
de admirá-la.

Não apenas à de uma menina tão
ofuscada por seu brilho que nele
queimou os próprios sonhos.

Viro à direita e torno a subir em
direção ao vilarejo pela Rue du
Château-d'Eau.

A casa da minha infância não
existe mais.

Após a morte de minha mãe, em
1975,

transformou-se

em

um

pardieiro de verdade. Foi demolida.

Os vizinhos, parisienses, compraram

o terreno e subiram um muro de
pedras brancas com mais de 2
metros. Hoje, no lugar da minha
casa, sem dúvida deve haver um
canteiro de flores, um balanço, um
laguinho... Na verdade, não sei.
Nem jamais saberei. Seria preciso
conseguir olhar por cima do muro.
Chego enfim ao final da Rue du
Château-d'Eau. O mais difícil está
feito! E dizer que, quando tinha 11
anos, corria por esta rua mais
depressa

que

Netuno!

Agora,

coitado, é ele que vive me
esperando. Viro na Rue Claude-
Monet. A autoestrada dos turistas!
Não tenho nem mais vontade de
reclamar da multidão. Giverny vai
continuar vivendo depois de mim,
diferente, eterna, quando todos os
fantasmas

do

passado

tiverem

desaparecido: Amadou Kandy, sua

galeria de arte e seus negócios

escusos; Patricia Morval; eu...

Continuo andando. Não resisto à

vontade de fazer um desvio de 20

metros para passar em frente à

escola. O lugar da prefeitura não

mudou em todos esses anos, nem

suas pedras brancas ou a sombra das

tílias. Mas a escola foi reformada no

início da década de 1980, três anos

antes de eu me aposentar. Uma

escola moderna horrorosa, rosa e

branca. Cor de doce. Em Giverny.

Uma vergonha! Mas havia muito já

que eu não tinha forças para lutar

contra essa monstruosidade. A

escola maternal inaugurada em um

edifício pré-fabricado bem em frente

é pior ainda. Enfim, nada disso me

diz mais respeito. Hoje, diariamente,

as crianças passam correndo por
mim sem me olhar e tenho de
repreender Netuno para que ele as
deixe em paz. Só restam os velhos
pintores americanos para me pedir
informações de vez em quando.

Torno a descer a Rue Blanche-
Hoschedé-Monet. Meu apartamento
funcional, em cima da escola, é hoje
uma loja de antiguidades. Meu
quarto no forro, com sua janelinha
redonda, serve junto com os outros
cômodos de museu antiquado para
cidadãos necessitados de objetos
rurais
supostamente
autênticos.

Talão de cheques na mão. Nunca
mais alguém vai observar daquela
janelinha redonda a lua cheia no
perigeu. Meu Deus, quantos anos,
quantas noites passei em frente a
essa janela... Desde criança. Ontem
mesmo.

Em frente ao antiquário, um grupo de adultos fala japonês, coreano ou javanês. Não entendo mais nada. Sou um dinossauro em um jardim zoológico. Continuo a subir a Rue Claude-Monet. Apenas o Hotel Baudy não mudou.

A decoração belle époque na varanda, na fachada e no interior é mantida cuidadosamente pelos sucessivos proprietários. Theodore Robinson poderia voltar amanhã ao Baudy; o tempo lá parou faz um século.

Rue Claude-Monet, número 71.

Jérôme e Patricia Morval.

Passo depressa em frente à casa.

Entrei lá quatro dias atrás. Precisava falar com Patricia. Junto comigo, ela é a última sobrevivente da Giverny de antigamente. Nunca gostei muito

dela, vocês agora entendem. Acho
que para mim ela sempre vai ser
Mary, a chorona. Mary, a dedo-duro.
Ridículo, admito. Sofreu tanto.
Pelo menos tanto quanto eu. Acabou
cedendo ao gordo Camille, casando-
se com ele, e, por um jogo cruel de
vasos comunicantes, quanto mais o
gordo Camille se transformava em
Jérôme Morval, brilhante estudante
de medicina, mais Jérôme tentava
seduzir outras mulheres e mais ela
se apegava a ele. A vida parou em
1963 naquela casa, o número 71 da
Rue Claude-Monet. Ela era a mais
bonita do vilarejo. Hoje é uma ruína.
A prefeitura não vê a hora de a
viúva Morval morrer para se livrar
daquele estorvo.

Patricia
precisava
saber.

Precisava conhecer o nome do
assassino de seu marido. Eu devia

isso a ela... Essa Patricia dedo-duro
me surpreendeu, no fim das contas.
Imaginei que no dia seguinte já fosse
ver a polícia chegar no meu moinho.
Em 1963, ela não hesitou em enviar
para a delegacia de Vernon fotos
anônimas das supostas amantes de
Jérôme Morval. Entre elas, eu.
Curiosamente, dessa vez não foi
assim que aconteceu. Talvez a vida
mude uma pessoa... Descobri que
ela quase já não sai de casa, desde
que um dos sobrinhos lhe mostrou
como usar a internet. Ela, que nunca
tinha aberto um computador em
todos os seus 70 anos de vida! Nem
por isso tenho vontade de tomar chá
na sua companhia uma última vez,
para
compartilhar
nosso
ódio
comum por um monstro. Antes do
grande salto.

Acelero o passo, quero dizer, no meu caso a expressão é bem pouco adequada. Netuno segue trotando 30 metros à minha frente. A Rue Claude-Monet continua em um aclive suave, como uma escadaria que sobe em direção ao céu.

Stairway to Heaven, costumava tocar uma guitarra duas gerações atrás.

Chego finalmente à igreja. O retrato gigante de Claude Monet me olha do alto de seus 15 metros. A igreja de Sainte-Radegonde

está

sendo

reformada. As obras e os andaimes estão escondidos por um imenso cartaz de lona: uma foto em preto e branco do prefeito, com uma paleta na mão. Não tenho, contudo, coragem de me arrastar até o cemitério; todas as pessoas com quem cruzei na vida, todas as

pessoas importantes estão enterradas

ali. Por estranho que pareça, em
todos os enterros estava chovendo,
como se fosse indecente a luz de

Giverny

brilhar

num

dia

de

sepultamento. Chovia em 1937, o
dia em que foi sepultado meu Paul,

meu

Albert

Rosalba.

Fiquei

arrasada. Chovia também em 1963,

quando

Jérôme

Morval

foi

enterrado.

O

vilarejo

inteiro

compareceu, inclusive o bispo de
Evreux, o coral, os jornalistas e até
Laurenç.

Várias

centenas

de

pessoas. Estranho destino. Uma
semana atrás, fui a única no enterro
de Jacques.

Povoei o cemitério com minhas
lembranças.

Minhas

lembranças

chuvasas.

– Netuno, aqui!

A caminho da última linha reta.

Torno a descer a Rue de la Dîme,
bem na direção do Chemin du Roy.

Ela vai dar bem em frente ao
moinho. Aguardo muito tempo antes
de atravessar: o fluxo de carros que
sai de Giverny pela estrada é quase
ininterrupto.

Netuno

aguarda

obediente

ao

meu

lado.

Um

conversível vermelho, com uma

placa complexa e o volante à

esquerda,

acaba

me

deixando

passar.

Atravesso

a

ponte.

Involuntariamente, paro acima do

Ru: observo pela última vez as

telhas e os tijolos cor-de-rosa do

lavadouro de roupas, a tinta verde

metálica da ponte, os muros do pátio

do moinho à minha direita, atrás dos

quais se pode ver o andar mais alto

da torre de menagem e o cume da

cerejeira. Faz algumas semanas que
o lavadouro está pichado com
caretas pretas e brancas. Talvez por
negligência, talvez não. Afinal, se
existe um lugar onde pegaria mal
limpar com um jato d'água de alta
pressão as manifestações rebeldes
de artistas anônimos, esse lugar com
certeza seria Giverny. Vocês não
acham?

O pequeno filete de água límpida
do regato escorre como se zombasse
da
agitação
dos
homens
nas
margens. Dos monges que um dia
escavaram à mão esse canal, do
pintor iluminado que desviou o
curso d'água para criar um laguinho
e que lá se trancou por trinta anos
para pintar nenúfares, do louco que
assassinou aqui todos os homens que

se aproximaram de mim, todos os
homens que eu poderia ter amado.

A quem isso poderia interessar
hoje? A quem reclamar? Será que
existe uma repartição de vidas
perdidas?

Avanço mais alguns metros. Meu
olhar abarca a pradaria, sem dúvida
pela última vez. O estacionamento
está quase vazio.

Não, pensando bem, a pradaria
não é de modo algum uma paisagem
de hipermercado. Não, claro que
não.

É
uma
paisagem
viva,
cambiante. Depende das estações,
das horas, da luz. E comovente,
também. Será que eu precisava estar
tão certa da hora da minha morte, tão
segura de observá-la pela última vez
para enfim compreendê-la? Para

sentir, no fundo, uma grande dor em perdê-la? Claude Monet, Theodore Robinson, James e tantos outros não pararam aqui por acaso. É claro que não. O fato de ser um lugar da memória não diminui em nada a beleza de uma paisagem.

Muito pelo contrário.

– Não é, Netuno?

Meu cachorro abana o rabo, como se estivesse escutando meus últimos delírios. Na verdade, ele já entendeu a etapa seguinte; com o tempo, já se acostumou. Sabe que é raro eu entrar no pátio do moinho sem passear na clareira que fica logo atrás.

Um

chorão,

dois

pinheiros. A clareira fica hoje protegida dos turistas por uma cerca.

Não dá para vê-la do caminho. Eu

sigio em frente.

Netuno me ultrapassou outra vez.

Está me esperando, deitado na
grama, como se tivesse consciência

do

que

significa

este

lugar.

Finalmente chego, planto minha
bengala na terra mole e me apoio
nela. Observo à minha frente os
cinco pequenos túmulos encimados
por cinco pequenas cruzeiras.

Eu me lembro. Como esquecer?

Tinha 12 anos. Estava abraçando
Netuno com todas as minhas forças;
ele tinha morrido no meu colo. Um
ano depois de Paul se afogar.

Morrido de velho, me dizia mamãe.

– Ele não sofreu, Stéphanie. Foi
só dormir, como um cachorro
velho...

Mesmo

assim,

fiquei

inconsolável. Impossível me separar
do meu cachorro.

– A gente pega outro. Um
filhotinho... Amanhã mesmo.

– Igual! Eu quero um igual.

– Tá bom, Stéphanie. Um igual.

Vamos à fazenda em Authueil.

Que... que nome você vai dar para o
filhote?

– Netuno!

Tive seis cachorros na vida.

Todos pastores-alemães. Batizei
todos de Netuno, por fidelidade a
um capricho de menina solitária e
infeliz que tanto teria querido que
seu cachorro fosse eterno, que pelo
menos ele não morresse!

Torno a erguer os olhos. Viro a
cabeça devagar, da direita para a
esquerda. Debaixo de cada cruz, em
uma pequena tabuleta, está gravado
o mesmo nome. *Netuno*.

A única coisa que varia são os
números abaixo do nome.

1922-1938

1938-1955

1955-1963

1963-1980

1980-1999

Netuno se levanta e vem se

esfregar

em

mim,

como

se

entendesse que, pela primeira vez,

quem vai embora sou eu, não ele.

Será recolhido pela fazenda de

Autheuil. Lá criam cães há muitas

gerações; a mãe dele ainda deve

estar viva. Ele vai ficar bem lá. Vou

deixar uma carta com instruções

precisas em relação às refeições,

para que permitam às crianças

brincar com ele e para que ele,

como os outros, seja enterrado aqui

quando chegar a hora.

Faço carinho nele. Netuno nunca
se encostou tanto em mim. Sinto uma
vontade cada vez maior de chorar.

Preciso me apressar. Se ficar
demorando, não vou ter coragem.

Deixo a bengala plantada ali, em
frente aos cinco túmulos. Agora não
vou mais precisar dela. Ando até o
pátio. Netuno não se afasta de mim
nem 1 centímetro. Essa porra de
sexto sentido que têm os animais!

Normalmente, teria ido se deitar
debaixo da grande cerejeira. Mas
hoje não. Não sai de perto de mim.
Vai acabar me derrubando. Por um
segundo,

arrependo-me

de

ter

largado a bengala.

– Calma, Netuno. Calma.

Ele se afasta um pouco. Há
muito tempo não há mais fitas

prateadas nas folhas da cerejeira. Os passarinhos se esbaldam comendo as frutas. Torno a fazer carinho em Netuno, por muito tempo. Ergo os olhos para a torre de menagem do moinho de Chennevières.

Jacques comprou o moinho em 1971.

Cumpriu

o

que

tinha

prometido. Eu acreditei, meu Deus, na época acreditei. Ele comprou para mim a casa dos meus sonhos, aquele moinho esquisito que tanto me atraía quando eu tinha 11 anos.

Com a chegada dos parisienses à região, a agência imobiliária de

Jacques

acabara

se

tornando

lucrativa. Ele estava atento, esperou

o momento certo. O moinho estava
desocupado havia anos, mas os
donos finalmente tinham decidido
vendê-lo. Ele foi o primeiro a fazer uma oferta. Passou anos
reformando
tudo. A roda, o poço, a torre.

Pensava
que
estivesse
me
fazendo feliz. Tudo tão derrisório...

Como
se
os
carcereiros
se

divertissem decorando as paredes
das
prisões.

O
moinho
de

Chennevières não tinha mais nada a
ver com a velha casa em ruínas que
me fascinava, “o moinho da bruxa”,

como dizíamos na época. Pedras
lavadas. Madeira encerada. Árvores
podadas. Sacadas floridas. Pátio
varrido. Portão lubrificado. Sebes
perfeitas.

Jacques

era

obsessivo.

Obsessivo demais.

Como eu poderia ter imaginado!

Nunca deixei que abatessem a

cerejeira. Ele não o fez. Cedia a

todos os meus caprichos. Sim, sim,

eu acreditava nele de verdade.

Então a maré mudou para os

negócios da agência. Ficou difícil

pagar

as

prestações.

Primeiro

alugamos parte do moinho, depois o

vendemos a um casal jovem do

vilarejo. Ficamos só com a torre.

Alguns anos atrás, o moinho de

Chennevières virou uma pousada.

Parece que tem dado certo. Acho
que eles só estão esperando uma
coisa: que eu suma, para poder ficar
com alguns quartos a mais. Agora há
balanços no pátio, uma grande
churrasqueira, guarda-sóis e móveis
de jardim. Estão até falando em
transformar a campina atrás dele em
jardim zoológico; já começaram a
trazer lhamas, cangurus e avestruzes
ou emus, não sei direito.

Dá para imaginar uma coisa
dessas?

Animais exóticos para divertir
as crianças. Impossível não os ver
quando se chega a Giverny de
Vernon pelo Chemin du Roy.

E pensar que este lugar durante
décadas foi o moinho da bruxa...

Tudo o que restou foi a bruxa.

Eu.

Mas não por muito tempo mais,
fiquem tranquilos. A bruxa vai

aproveitar o dia seguinte à lua cheia
para desaparecer. Vão encontrá-la
de manhã cedo, desconjuntada ao pé
da cerejeira. Quem a encontrar vai
olhar para cima e pensar que ela
deve ter caído da vassoura. Normal.
Era uma bruxa velha.

Seguro uma última vez os pelos de
Netuno, com força, muita força, em
seguida fecho atrás de mim a porta
da torre. Subo a escada depressa
antes de ouvir seus ganidos.

DÉCIMO QUARTO DIA

26 de maio de 2010, Moinho de
Chennevières

Fitas prateadas

84

ABRI A JANELA. PASSA um pouco da
meia-noite. Pensei que seria mais
fácil pular quando a noite caísse.
Arrumei tudo no cômodo feito uma
velha maníaca, como se, com o
tempo, as piores obsessões de
Jacques tivessem acabado por me

contaminar. Deixei sobre a mesa a
carta pedindo que cuidem bem de
Netuno. Não tive coragem de tirar
da
parede
as
minhas *Ninfeias*
negras.
Não
tenho
ilusão:
alguns
antiquários comedores de carniça do
vale do Eure vão vir pegar o que
quiserem. Móveis, louça, bibelôs.
Quem sabe alguns objetos vão voltar
para o antiquário da Rue Blanche-
Hoschedé-Monet ou para meu antigo
apartamento funcional acima da
escola... Mas ficaria surpresa se
eles se dessem ao trabalho de se
interessar por estas *Ninfeias*, por
este
quadro

horroroso

todo

lambuzado de preto. Quem poderia

imaginar que por baixo dele está

escondida outra vida cheia de luz?

Para o lixo com esta porcaria!

Para debaixo da terra, ao lado

de seu bondoso marido, com a velha

que se debruçou perto demais da

janela.

A velha má que não falava mais

com ninguém, que não sorria nunca,

que praticamente não dava bom-dia.

Quem poderia imaginar que debaixo

desta pele enrugada se esconde uma

menininha cheia de talento? Talvez

até uma gênia...

Ninguém jamais vai saber.

Fanette e Stéphanie estão mortas

há muito tempo... assassinadas por

um anjo da guarda zeloso demais.

Observo pela janela o pátio do

moinho. O cascalho cinzento está

iluminado pela lâmpada halógena

em frente à entrada. Não tenho mais
medo, só um arrependimento. Ela
amava tanto a vida, a pequena
Fanette.

Não acho que merecesse morrer
tão amargurada.

85

O CITROËN PICASSO PARA quase
debaixo da minha janela. É um táxi.
Já estou acostumada: táxis aparecem
com frequência para deixar turistas
na pousada ao final da noite. Eles
chegam no último trem de Paris à
estação de Vernon e o porta-malas
vem lotado de bagagens.

Netuno se aproxima, claro. Na
maioria das vezes, as portas
traseiras dos táxis se abrem e deles
salta uma profusão de crianças
animadas com a viagem. Netuno
adora recebê-las!

Desta vez, ele não dá sorte: não
há uma só criança dentro do táxi.
Só um homem, um velho.

Nenhuma bagagem tampouco.

Estranho...

Netuno para diante dele. O velho se

inclina. Demora-se acariciando meu

cão,

como

se

estivesse

reencontrando um velho amigo.

Meu Deus!

Será possível?

Tudo explode: meu coração,

meus olhos, minha cabeça.

Será possível?

Debruço-me mais ainda. Não para

cair, desta vez. Ah, de jeito nenhum!

Uma onda de calor terrível me

invade. Revejo-me na janela de

outra casa, uma casa rosa, a de

Monet. Foi em outra vida. Havia um

homem ao meu lado, um homem

extremamente atraente. Eu tinha lhe

dito palavras estranhas na época,

palavras

que

jamais

pensara

poderem sair da minha boca.

Palavras que pareciam um

poema de Aragon. Versos decorados

para sempre.

– Só me apaixonei foi pela sua

Tiger Triumph!

Depois

de

rir,

eu

havia

arrematado:

– E talvez também pelo seu jeito

de parar para fazer carinho em

Netuno.

Inclino-me mais ainda no peitoril da

janela. A voz sobe pelo pátio. Não

mudou em cinquenta anos ou quase

nada:

– Netuno... Seu grandão, quem

diria que eu fosse encontrar você

aqui, depois de tanto tempo... E

vivo!

Entro no quarto e me colo à parede.

Meu coração parece que vai

estourar de tanto bater. Tento

raciocinar, pensar.

Eternamente, para sempre.

Nunca

mais

revi

Laurenç

Sérénac. O inspetor era um bom

policial, muito bom. Alguns meses

depois do caso Morval, no final de

1963, soube por Sylvio Bénavides

que

Laurenç

havia

pedido

transferência para Québec, como se

precisasse fugir para o outro lado do

mundo. Fugir de mim, pensava eu.

Na verdade, fugir da loucura

assassina de Jacques. Foi no Canadá

que, ao longo dos anos, todos adotaram o costume de chamá-lo pelo apelido, Laurentin. Em Québec, é assim que as pessoas se referem aos moradores do vale do Saint-Laurent, de Montréal a Ottawa. Devia ser uma tentação grande demais para os colegas transformar o provençal Laureç em um Laurentin típico de Québec. Fiquei sabendo pela mídia francesa que ele tinha reassumido o cargo de delegado em Vernon na ocasião do roubo dos quadros de Monet do Museu Marmottan, em 1985. Na época, a imprensa nacional publicou algumas fotos suas. Como não o reconhecer? Laureç Sérénac, para todos agora o delegado Laurentin. Amadou Kandy me contou inclusive

que, mesmo vinte anos depois de se
aposentar, ninguém tinha tirado os
quadros da sua sala na delegacia de
Vernon: o *Arlequim*, de Cézanne, a
Mulher ruiva, de Toulouse-Lautrec.
Tremo feito uma folha. Não me
atrevo a chegar perto da janela outra
vez.

O que Laurenç está fazendo ali?

Não faz sentido...

Preciso

ordenar

meus

pensamentos. Começo a andar de um
lado para outro pela sala.

O que Laurenç está fazendo ali?

Não pode ser coincidência...

Ando até o espelho sem meus pés
terem pedido autorização.

Alguém bate à porta alguns
andares mais abaixo!

Entro em pânico feito uma
adolescente surpreendida em casa
pelo namorado na hora em que está

saindo do banho. Meu Deus, devo
estar ridícula... Por um instante,
penso em Patricia Morval, a
pequena Mary, a dedo-duro, a viúva
de Jérôme, desmoronada nos meus
braços uma semana antes. A vida
muda uma pessoa. Às vezes, para
melhor. Terá sido ela a chamar
Laurenç? A colocá-lo na pista da
verdade, da abominável verdade?
Não tenho tempo de tentar entender.
Estão batendo lá embaixo.

Meu Deus...

Observo no espelho meu rosto
frio
e
enrugado,
os
cabelos
devorados pelo lenço preto que não
largo mais, esta cara de megera
amargurada.
Impossível, impossível pensar
em lhe abrir.

Ouço o barulho da porta da torre.

Alguém a empurra. Não a fechei
depois de entrar. Para facilitar o
trabalho dos que teriam vindo
recolher meu corpo.

Que burra!

A voz na escada em caracol:

– Netuno, grandão, você fica
aqui. Acho que não pode subir.

Meu Deus. Meu Deus.

Arranco o lenço preto. Meus
cabelos caem em cascata pelos
ombros. Quase saio correndo; desta
vez, sou eu que comando minhas
pernas. E é melhor elas obedecerem,
estas bengalas velhas!

Abro a segunda gaveta da
cômoda, espalho velhos botões,
carretéis de linha, um dedal,
agulhas. Nem ligo se estou me
espetando.

Sei que elas estão ali!

Meus dedos trêmulos se fecham
em volta de duas fitas prateadas. As

imagens desfilam diante dos meus
olhos a toda a velocidade. Revejo
Paul trepado na cerejeira no pátio
do moinho, soltando as fitas
prateadas, me dando de presente e
me chamando de sua princesa;
revejo a mim mesma lhe dando um
beijo,
o
primeiro
beijo,
e
prometendo usá-las por toda a vida;
revejo
Laurenç,
anos
depois,
acariciando as fitas nos meus
cabelos de mulher jovem.
Meu
Deus,
preciso
me
concentrar.

Torno a correr até o espelho.

Sim, juro, corro mesmo. Com gestos febris, faço um coque improvisado nos cabelos com as fitas prateadas.

Dou uma risada nervosa.

Um penteado de princesa, sim, era isso que Paul dizia, um penteado de princesa. Que maluca eu pareço!

Os passos chegam mais perto.

Alguém torna a bater à porta, à porta do meu quarto, desta vez.

É cedo demais! Não me viro, não ainda.

Tornam a bater. Com delicadeza.

– Stéphanie?

Reconheço a voz de Laurenç. É quase igual à de antigamente. Um pouco mais grave do que na minha lembrança, talvez. Foi ontem que ele quis me levar embora. Meu Deus, meu corpo inteiro está arrepiado.

Será possível? Será possível ainda?

Aproximo o rosto do espelho com a moldura

folheada

a

ouro

descascada.

Será que ainda sei sorrir? Já faz
tanto tempo...

Tento.

Atravesso o espelho.

O reflexo que vejo não é mais o
de uma velha.

É o sorriso de alegria de

Fanette.

São os olhos de ninfeia de
Stéphanie.

Vivos, muito vivos.

MICHEL

BUSSI

já

escreveu 11 livros, que
foram traduzidos em 33
países. Ganhou 15 prêmios
literários e foi finalista de
outras

premiações,
tornando-se um dos mais
prestigiados
autores
policiais
franceses.

Quando
não
está
escrevendo, atua como
professor de geografia na
Universidade de Rouen e
como

comentarista
político. Dele, a Editora
Arqueiro já publicou *O
voo da libélula. Ninfeias
negras* teve os direitos
vendidos para 14 países.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO
AUTOR

MICHEL BUSSI

Mais de 800 mil livros vendidos



O VOO DA LIBÉLULA

Duas bebês, um trágico acidente de avião,
só uma sobrevive. Qual delas?



MICHEL BUSSI

Mais de 800 mil livros vendidos



O VOO DA LIBÉLULA

Duas bebês, um trágico acidente de avião,
só uma sobrevive. Qual delas?



O voo da libélula

Na noite de 23 de dezembro de
1980, um avião cai na fronteira entre
a França e a Suíça, deixando apenas

uma sobrevivente: uma bebê de 3 meses. Porém, havia duas meninas no voo, e cria-se o embate entre duas famílias, uma rica e uma pobre, pelo reconhecimento da paternidade.

Numa época em que não existiam exames de DNA, o julgamento estende-se por muito tempo, mobilizando todo o país. Seria a menina Lyse-Rose ou Émilie? Mesmo após o veredicto do tribunal,

ainda pairam muitas

dúvidas sobre o caso, e uma das famílias resolve contratar Crédule Grand-Duc, um detetive particular, para descobrir a verdade.

Dezoito anos depois, destroçado pelo fracasso e no limite entre a loucura e a lucidez, Grand-Duc envia o diário das investigações para a sobrevivente Lylie e decide

tirar a própria vida. No momento em que vai puxar o gatilho, o detetive descobre um segredo que muda tudo.

Porém, antes que possa revelar a solução do caso, ele é assassinado.

Após ler o diário, Lylie fica transtornada e desaparece, deixando o caderno com seu irmão, que precisará

usar

toda

a

sua

inteligência

para

resolver

um

mistério cheio de camadas e

viravoltas.

Em *O voo da libélula*, o leitor é

guiado pela escrita do detetive

enquanto acompanha a angustiada

busca de uma garota por sua

identidade.

Agraciado

com

4

prêmios na França, entre os quais o
Prix Maison de la Presse e o Prix du
Roman Populaire, o livro teve seus
direitos vendidos para 25 países e
ganhará uma adaptação para o
cinema.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS

DA EDITORA ARQUEIRO

Não podemos fugir dos nossos segredos

The background of the cover is a photograph of a man and a woman walking on a cobblestone street at night. The man, on the left, is wearing a dark trench coat and is looking towards the woman. The woman, on the right, is wearing a white trench coat and is holding a dark umbrella. They are walking past a stone building with a window. A street lamp is visible between them, casting a glow. The title 'OS IMPOSTORES' is written in large, white, sans-serif capital letters across the middle of the image. Below it, the author's name 'CHRIS PAVONE' is written in smaller, gold-colored, sans-serif capital letters.

OS IMPOSTORES

CHRIS PAVONE

— “Um suspense inteligente
e uma trama bem construída.”

JOHN GRISHAM



Não podemos fugir dos nossos segredos



OS IMPOSTORES

CHRIS PAVONE

“Um suspense inteligente
e uma trama bem construída.”

JOHN GRISHAM



Os impostores, de Chris

Pavone

Kate Moore é uma mãe que
trabalha fora e luta para equilibrar

as despesas e o orçamento, criar os
filhos, manter viva a chama do
casamento... e guardar um segredo
cada vez mais difícil de suportar.
Por isso, quando seu marido, Dexter,
recebe uma proposta de emprego em
Luxemburgo, ela agarra a chance de
deixar para trás sua vida dupla e
recomeçar
do
zero
longe
de
Washington.

Em outro país, Kate se reinventa,
enquanto Dexter trabalha sem parar
num
emprego
que
ela
nunca
entendeu, para um cliente que ela
não pode saber quem é. Em pouco
tempo, a confortável vida europeia

com que sonhava se revela uma
rotina cansativa em que o marido vai
ficando cada vez mais distante e
evasivo e ela, solitária e entediada.

Chega
então
outro
casal
americano, que faz amizade com
Dexter e Kate. Mas ela logo
desconfia que os novos amigos não
sejam exatamente quem dizem ser –
e
fica
apavorada
diante
da
possibilidade
de
estar
sendo
perseguida
por
fantasmas

do

passado.

Assim, Kate começa a investigá-los e acaba descobrindo camadas e mais camadas de mentiras que a cercam e, por trás disso tudo, um golpe extremamente bem elaborado que ameaça sua família, seu casamento e até sua vida.

"Um thriller histórico delicioso, atraente,
insinuante e bem contado." — *Chicago Tribune*

KEN FOLLETT



O HOMEM DE
SÃO PETERSBURGO

"Um thriller histórico delicioso, atraente,
insinuante e bem contado." — *Chicago Tribune*

KEN FOLLETT



O HOMEM DE SÃO PETERSBURGO

O homem de São

Petersburgo, de Ken Follett

A história pode estar prestes a
mudar. 1914: a Alemanha se prepara

para a guerra e os Aliados começam a construir suas defesas. Ambos os lados precisam da Rússia, que enfrenta graves problemas internos e vive na iminência de uma revolução. Na Inglaterra, Winston Churchill arquiteta uma negociação secreta com o príncipe Aleksei Orlov, visando a um acordo com os russos. No entanto, o anarquista Feliks Kschessinsky, um homem sem nada a perder, está disposto a tudo para impedir que seu país envie milhões de rapazes para os campos de batalha de uma guerra que nem sequer compreendem. Para isso, ele se infiltra na Inglaterra com a intenção de assassinar o príncipe e, assim, frustrar a aliança entre russos e britânicos.

Um mestre da manipulação, Feliks tem várias armas a seu dispor, mas precisa enfrentar toda a força policial inglesa, um brilhante e

influente lorde e o próprio Winston
Churchill. Esse poderio reunido
conseguiria
aniquilar
qualquer
homem no mundo – mas será capaz
de
deter
o
homem
de
São
Petersburgo?

Costurando com maestria a
narrativa ficcional à colcha da
História, mais uma vez Ken Follett
fala sobre assuntos universais, como
paixões perdidas e reencontradas,
amores e traições, ao mesmo tempo
que oferece uma visão precisa sobre
os acontecimentos que mudaram o
mundo para sempre.



HARLAN COBEN

60 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

NÃO FALE COM ESTRANHOS



*E se tudo em que você acreditava sobre
sua família fosse mentira?*



HARLAN COBEN

60 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

NÃO FALE COM ESTRANHOS



*E se tudo em que você acreditava sobre
sua família fosse mentira?*

Não fale com estranhos, de

Harlan Coben

O estranho aparece do nada e,
com poucas palavras, destrói o

mundo

de

Adam

Price.

Sua

identidade é desconhecida. Suas

motivações são obscuras. Mas suas

revelações

são

dolorosamente

incontestáveis.

Adam levava uma “vida dos

sonhos” ao lado da esposa, Corinne,

e dos dois filhos. Quando o estranho

o aborda para contar um segredo

estrangeiro sobre sua esposa, ele

percebe a fragilidade do sonho que

construiu: teria sido tudo uma grande

mentira?

Assombrado pela dúvida, Adam

decide confrontar Corinne, e a

imagem de perfeição que criou em

torno dela começa a ruir. Ao

investigar a história por conta

própria, acaba se envolvendo num
universo
sombrio
repleto
de
mentiras, chantagens e assassinatos.

Intrigante e perturbador, *Não
fale com estranhos* é mais que um
suspense de tirar o fôlego. É uma
reflexão sobre o bem e o mal, o
amor e o ódio, o certo e o errado, os
segredos, as mentiras e suas
consequências devastadoras.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA
EDITORIA ARQUEIRO

*Queda de gigantes, Inverno do
mundo e Eternidade por um fio*, de
Ken Follett

*Não conte a ninguém,
Desaparecido para sempre, Confie
em mim, Cilada, Fique comigo e
Seis anos depois*, de Harlan Coben
A cabana e A travessia, de William
P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de

Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen *Inferno, O símbolo perdido, O*

Código Da Vinci, Anjos e demônios,

Ponto de impacto e Fortaleza

digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de

mim, O guardião, Uma curva na

estrada, O casamento, À primeira

vista, O resgate e O milagre, de

Nicholas Sparks

Julietta, de Anne Fortier

As regras da sedução e Lições do

desejo, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim

Edwards

O guia do mochileiro das galáxias;

O restaurante no fim do universo; A

vida, o universo e tudo mais; Até

mais, e obrigado pelos peixes!;

Praticamente inofensiva; O salmão

da dúvida e Agência de

investigações holísticas Dirk

Gently, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do

sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin

Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John

Sack

INFORMAÇÕES SOBRE

A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e
autores

da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site

www.editoraarqueiro.com.br

e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os
próximos lançamentos,

você terá acesso a conteúdos
exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.





www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por
e-mail,

basta se cadastrar diretamente no
nosso site

ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e
54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11)

3862-5818

E-mail:

Sumário

Créditos

QUADRO UM -

Impressões

Primeiro dia

Segundo dia

Terceiro dia

Quinto dia

Sexto dia

Oitavo dia

Nono dia

Décimo dia

Décimo primeiro dia

Décimo segundo dia

Décimo terceiro dia

QUADRO DOIS -

Exposição

Décimo terceiro dia

Primeiro dia

Décimo terceiro dia

Décimo quarto dia

Sobre o autor

Conheça outro título do

autor

Conheça outros títulos da

Editora Arqueiro

Conheça os clássicos da

Editora Arqueiro

Informações sobre a

Arqueiro

Document Outline

- Créditos
- QUADRO UM - Impressões
 - Primeiro dia
 - Segundo dia
 - Terceiro dia
 - Quinto dia
 - Sexto dia
 - Oitavo dia
 - Nono dia
 - Décimo dia
 - Décimo primeiro dia
 - Décimo segundo dia
 - Décimo terceiro dia
- QUADRO DOIS - Exposição
 - Décimo terceiro dia
 - Primeiro dia
 - Décimo terceiro dia
 - Décimo quarto dia
- Sobre o autor
- Conheça outro título do autor
- Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
- Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
- Informações sobre a Arqueiro

Table of Contents

Créditos

QUADRO UM - Impressões

Primeiro dia

Segundo dia

Terceiro dia

Quinto dia

Sexto dia

Oitavo dia

Nono dia

Décimo dia

Décimo primeiro dia

Décimo segundo dia

Décimo terceiro dia

Primeiro dia

Segundo dia

Terceiro dia

Quinto dia

Sexto dia

Oitavo dia

Nono dia

Décimo dia

Décimo primeiro dia

Décimo segundo dia

Décimo terceiro dia

QUADRO DOIS - Exposição

Décimo terceiro dia

Primeiro dia

Décimo terceiro dia

Décimo quarto dia

Décimo terceiro dia

Primeiro dia

Décimo terceiro dia

Décimo quarto dia

Sobre o autor

Conheça outro título do autor

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro